



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“FILHAS DE EVA COMO ANJOS SOBRE A TERRA”**  
**A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945)**

Maria Lucelia de Andrade

Fortaleza  
Outubro, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“FILHAS DE EVA COMO ANJOS SOBRE A TERRA”**  
**A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945)**

Maria Lucelia de Andrade

Adelaide Maria Gonçalves Pereira  
Orientadora

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História Social.

Fortaleza  
Outubro, 2008.

A568f Andrade, Maria Lucélia de  
“Filhas de Eva como anjos sobre a Terra”: a Pia União das Filhas de  
Maria em Limoeiro (1915-1945) / Maria Lucélia de Andrade ; Adelaide  
Maria Gonçalves Pereira (orientadora). 2008.  
232f. : il. ; 30cm

Orientador: Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira.  
Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do  
Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008.

1. Pia União da Filhas de Maria – Limoeiro (CE) – História. 2. Ordem  
religiosas e monásticas para mulheres – Regras - Limoeiro(CE) – História.  
I. Pereira, Adelaide Maria Gonçalves. II. Universidade Federal do Ceará.  
Departamento de História. Mestrado em História Social.

III.Título

CDD 255.97

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“FILHAS DE EVA COMO ANJOS SOBRE A TERRA”**  
**A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945)**

Maria Lucelia de Andrade

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, no dia 31 de outubro de 2008, pela orientadora e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

---

Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira  
(Orientadora – Universidade Federal do Ceará - UFC)

---

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha  
(Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC)

---

Profa. Dra. Kênia Sousa Rios  
(Universidade Federal do Ceará - UFC)

**Fortaleza**  
**Outubro, 2008.**

*À Marcos*

*Companheiro de todas as horas, cuja lente do amor que me dedica o faz enxergar minhas tortuosas e imperfeitas linhas como se fossem “Letra de Chico em Voz de Bethânia”.*

## AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de agradecer, e seria algo exclusivamente prazeroso, não fosse o medo de esquecer pessoas importantes, e cometer injustiças ocasionadas pelas inevitáveis falhas da memória. No entanto, como não é mais possível adiar, vou encarar o desafio de tentar colocar em palavras a gratidão e o sentimento que nutro por cada pessoa aqui mencionada. Cada um, a seu modo, contribuiu e tornou-se parte da trajetória dessa pesquisa.

Agradeço à *Deus*, sempre. Ele é minha luz, meu refúgio e minha fortaleza. Sustentáculo dos meus sonhos e realizações.

Às minhas *entrevistadas* e *entrevistados*, que me acolheram em suas casas, me contaram suas histórias e compartilharam comigo as lembranças de um tempo que lhes despertam saudades e emoções.

À *Adelaide Gonçalves*, pela orientação criteriosa, a leitura cuidadosa e o esforço em tornar este trabalho possível, me ensinando muito sobre o feitiço de uma pesquisa historiográfica.

Professoras *Kênia Rios* e *Irenísia Torres*, que participaram da Banca de Qualificação, apresentando críticas e sugestões valiosas para este trabalho.

À Profa. Dra. *Maria Teresa Santos Cunha*, que sempre se mostrou muito amável e prestativa nos contatos por e-mail, e generosamente aceitou participar da banca examinadora.

Aos professores do Mestrado em História Social da UFC: *Régis Lopes*, *Frederico de Castro Neves*, *Kênia Rios*, *Almir Leal*, *Ernani Furtado*, *Marilda Santana* e *Franck Ribard*, que, durante as disciplinas, colaboraram com ricas reflexões acerca da história e do ofício do historiador.

Um agradecimento muito especial à *Dona Regina Jucá*. Por sua generosidade, seus conselhos e sua ajuda constante e diligente.

À *Sílvia (Silvinha)*, secretária do mestrado, pela torcida sincera, pelo acolhimento e pela ajuda nos momentos de “aperreio”.

À *Ana Isabel* [minha gêmea univitelina] e *Ana Sara* [minha gêmea bivitelina]. Dois seres humanos extraordinários que me ensinaram, com sua infinita generosidade, o significado do carinho, amor e reciprocidade mútua entre amigos. Com elas conheci uma nova dimensão de irmandade e, por isso, tornaram-se parte importante da minha vida. Obrigada por me acolherem, e por me incluírem na irmandade das “Filhas de Mãinha”.

Aos colegas de mestrado (*Ana Amélia, “Ana Paula” Virgínia, Igor, Janote, Karoline, Luciana e Viviane*), “carregadores de pedras”, com quem dividi preocupações, alegrias e momentos de *performance* humorística! À *Kelly*, “primuxa” mineira, com quem aprendi muita coisa da vida e do mundo.

À *Zilda Menezes Lima*. Uma amiga amada, um grande exemplo de mulher e de profissional. Sua torcida e apoio sinceros sempre foram alentadores e primordiais.

Vera, Olivenor, Iza e Fabiano, mestres do tempo de FAFIDAM, que acompanharam este sonho desde o princípio. Valeu a torcida e o incentivo!

À *Ana Luzia Maia Saraiva*. Por mais que eu tente, não encontro palavras à sua altura, menos ainda que possam exprimir de forma satisfatória a gratidão e o amor que sinto por ti. Amiga, irmã, mãe, advogada, anjo da guarda, companheira de pesquisa, sem você e seu apoio, certamente não teria chegado até aqui.

À *Minha Mãe*, que mesmo não compreendendo tamanha obstinação em continuar estudando, apóia minhas decisões, se alegra com minhas vitórias e reza para que eu seja feliz. Pronto mãe, terminei! Agora posso sentar e ouvir suas histórias, sem um computador ligado a me esperar, ou um ônibus prestes a chegar. Matemos então a saudade...

À *Zulmira e Zahra Faheina*, agradeço a generosa hospitalidade, me recebendo em vossa casa e dando suporte em Fortaleza no período do mestrado.

Às amigas e amigos de “fora da academia” (*Marciana Jasna, Pontes Neto, Benilde Brilhante, Neto (JAN), Raimundo ‘Baroli’, Antônio Ronaldo, Lenira Almeida, Cibelle Katiúcia*) sempre me dedicando uma torcida sincera e, impacientemente, me direcionando a angustiante pergunta: “defende quando?”

À *minha família* (*Hermínia, Luci, Henrique, João Henrique, Rita, Célio, Eugênio, Regina*) que aprenderam a tolerar minha falta de tempo, minha ausência, e os meus adiamentos.

À *Marcos*, Meu amor, que soube pacientemente dividir meu tempo com as Filhas de Maria, o vaivém à Fortaleza e os prazos do mestrado, compreendendo meus momentos de angústia e me apoiando incondicionalmente.



Esta pesquisa contou com o apoio da *CAPES*, sem ele, este trabalho não teria se concretizado.

## RESUMO

A presente pesquisa analisa a Pia União das Filhas de Maria, irmandade leigo-religiosa de mulheres solteiras católicas em Limoeiro, Ceará (1915 – 1945). Visando formar modelos femininos de conduta moral, essa irmandade era lugar de disciplina, norma e distinção social. O estudo examina as práticas de leitura das associadas Pia União, articulando dimensões devocional, exemplar, instrutiva, educativa, moralizadora e de entretenimento. Tais práticas são prescritas centralmente no periodismo católico, classificando e distinguindo as leituras entre edificantes e perniciosas. A linguagem do cinema também é abordada no estudo. A Biblioteca da Pia União participa desta pesquisa, formando um corpus documental que inclui desde as obras piedosas e exemplares aos romances. A pesquisa aborda ainda a atuação das Filhas de Maria no campo pedagógico como professoras e no proselitismo católico como catequistas.

Palavras-Chave: Pia União das Filhas de Maria, Limoeiro-CE, História da leitura, História das mulheres.

## **ABSTRACT**

The present research analyzes the Pious Union the Daughters of Mary, religious brotherhood of single women catholics in Limoeiro, Ceara (1915 - 1945). Aiming to form feminine models of moral behavior, this brotherhood was place of disciplines, norm and social distinction. The study examines practical of reading of the associates Pious Union, articulating dimensions: devotional, exemplary, informative, educational, entertainment and moralizing. Such practices are centrally prescribed in Catholic journalism, classifying and distinguishing between the good and the bad readings. The language of cinema is also broached in the study. The Library of the Pious Union participates of this research, forming a documentary corpus that includes pious and exemplary books and novels. The research still considers the performance of the Daughters of Mary in the educational field as teachers and as catechists in the Catholic proselytism.

Keywords: Pious Union of the Daughters of Mary, Limoeiro-CE, History of the reading, History of the women.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
<b>CAPÍTULO 1 - “SIMPLES NA MALÍCIA E PRUDENTES NAS BOAS OBRAS”: A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA.....</b>	<b>10</b>
1.1. “Vinde a mim, filhas diletas, que vos ensinarei o temor de Deus”. .....	11
1.2. Entre o poder da devoção e a devoção ao poder: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro .....	19
1.3. Normas, Disciplina, Danação. ....	42
1.3.1. <i>A sedução das novas modas</i> .....	43
1.3.2. <i>Entre a virtude e a perdição</i> .....	51
<b>CAPÍTULO 2 - LEITURAS SANS E LEITURAS PERNICIOSAS .....</b>	<b>67</b>
2.1. As leituras perniciosas .....	68
2.1.1. <i>Cinema: “um livro que educa ou degenera”</i> .....	108
2.2. No Éden das Leituras, um pomar de frutos “sãos” .....	117
2.2.1. <i>Comprai bons livros...</i> .....	137
<b>CAPÍTULO 3 - DISTINTAS LEITORAS .....</b>	<b>142</b>
3.1 - Do Jardim da Piedade, um ramalhete das mais belas flores: O Manual da Pia União das Filhas de Maria.....	153
3.2. Piedosas Leitoras, professoras e catequistas virtuosas. ....	164
3.3. A Biblioteca da Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro .....	178
3.3.1. <i>Exercitando liberdades: a formação do acervo da Biblioteca da Pia União.....</i>	183
3.3.2. <i>Formando a mulher-esposa-mãe</i> .....	205
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>216</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>222</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>226</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 01 - Anúncios veiculados no Jornal O Nordeste .....	46
FIGURA 02 - Formulário de Flores à Maria.....	60
FIGURA 03 - Capas de Livros Recomendados.....	88
FIGURA 04 - Capa do romance <i>As contas do Terço</i> , de Mario Sette .....	94
FIGURA 05 - Capa do livro <i>Exaltação</i> , de Zélia Villas Boas .....	104
FIGURA 06 - Anúncios do Filme A Filha de Maria .....	115
FIGURA 07 - Anúncio de redes.....	143
FIGURA 08 - Grupo de Filhas de Maria limoeirense reunidas em 1934 .....	151
FIGURA 09 - Manual da Pia União das Filhas de Maria .....	154
FIGURA 10 - Anúncios diversos veiculados n' O Nordeste.....	160
FIGURA 11 - Anúncios diversos veiculados n' O Nordeste.....	161
FIGURA 12 - Carimbo da Biblioteca da Pia União .....	180

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Associadas da Pia União das Filhas de Maria e associadas da Confraria da Immaculada Conceição. ....	21
GRÁFICO 02 – Despesas da festa da Padroeira .....	23
GRÁFICO 03 – Evolução do quadro de associadas da Pia União das Filhas de Maria .....	41
GRÁFICO 04 – Leituras recomendadas nas resenhas do Jornal O Nordeste.....	83
GRÁFICO 05 – Livros desaparecidos da Biblioteca da Pia União.....	203

## ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS

TABELA 01 – Vidas de Santos na Biblioteca da Pia União de Limoeiro..... 196

TABELA 02 - Biografias de Religiosos/Religiosas na Biblioteca da Pia União de Limoeiro..... 197

TABELA 03 – Livros de Formação Feminina – Biblioteca da Pia União de Limoeiro..... 212

QUADRO 01 - Ramalhetes das Flores da Virtude no Manual da Pia União das Filhas de Maria, em quatro “ramalhetes”..... 157

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

- ADLN** - Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte
- ENRL** - Escola Normal Rural de Limoeiro
- JEFC** - Juventude Estudantil Feminina Católica
- LEC** - Liga Eleitoral Católica
- REB** - Revista Eclesiástica Brasileira
- SPERL** - Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro

*Será preciso coragem para fazer o que vou  
fazer: dizer. E me arriscar à enorme surpresa  
que sentirei com a pobreza da coisa dita.*

*Clarice Lispector*

## INTRODUÇÃO

Os papéis propriamente históricos das mulheres podem ser captados nas tensões, mediações, nas relações propriamente sociais que integram mulheres, história, processo social, e podem ser resgatados das entrelinhas, das fissuras e do implícito nos documentos escritos.

Maria Odila Leite da Silva Dias

Toda pesquisa tem suas histórias, dificuldades, sucessos e percalços. Aqui apresento, em traços largos, a trajetória deste trabalho e os caminhos que me trouxeram até aqui.

A possibilidade de estudo da Pia União das Filhas de Maria se apresentou quando desenvolvia minha pesquisa monográfica no curso de história da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. No estudo abordando as procissões católicas em Limoeiro do Norte<sup>1</sup>, objeto da monografia, era recorrente, na fala dos entrevistados, menções à Irmandade das Filhas de Maria. A imagem de jovens trajadas de branco, e com vistosas fitas de cetim azul, ajudando a organizar as procissões, à frente do rito e ao lado dos sacerdotes, em lugar de destaque, despertava questões e hipóteses que inquietavam minha imaginação histórica.

Ao estabelecer contato com ex-associadas da Irmandade, descobri que registravam as atividades do grupo em atas, feitas mensalmente, por ocasião da reunião da Pia União. Começava aí o intrincado caminho da pesquisa.

No Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte (ADLN)<sup>2</sup>, entre papéis empoeirados, documentação dispersa e não catalogada, me deparei com uma

---

<sup>1</sup> A cidade de Limoeiro só passou a chamar-se Limoeiro do Norte em 1943, pelo decreto-lei nº 1.114 de 30 de dezembro. A mudança se deu para diferenciá-la da cidade pernambucana de Limoeiro, que por ser mais antiga, tinha predileção pelo topônimo. Portanto, para evitar anacronismos nos referiremos à cidade das duas formas, de acordo com o ano que estiver sendo abordado.

<sup>2</sup> Denomina-se aqui de ADLN uma pequena parte do Palácio Episcopal de Limoeiro do Norte, onde fica arquivado um grande volume de documentos referentes às paróquias da Diocese. A documentação deste arquivo, no entanto, ainda é reduzida se levarmos em consideração o número de paróquias que abrange. Infelizmente muito da documentação referente a Diocese de Limoeiro do Norte se perdeu, em meio a enchentes, pragas de cupins e extravios.

vasta documentação da Pia União: livros de atas, cadernos de anotações, livros de registro de associadas, cadernos de controle da Biblioteca, cadernos de chamada das associadas, entre outros. A partir da análise desses documentos iniciou-se o estudo da Irmandade que resultou nesta dissertação.

A Pia União das Filhas de Maria, uma Irmandade religiosa formada exclusivamente por mulheres católicas solteiras, sob a orientação espiritual do pároco local, se constituía em lugar de práticas sociais de jovens pacatas, virtuosas, de comportamento e reputação ilibados, reunidas em torno da devoção à Virgem Maria. Como modelos de virtude, elas deviam mostrar pudor com o próprio corpo, cuidando para não deixá-lo exposto. Incentivadas a observarem-se mutuamente, as falhas de comportamento deveriam ser comunicadas ao diretor espiritual da associação, para que esse buscase corrigi-las de imediato, visto que uma das preocupações da Igreja era evitar máculas nesse modelo de irmandade feminina.

Para ingressar na irmandade era necessário a indicação de duas associadas, que se colocariam perante o grupo como “fiadoras” das postulantes. Durante aproximadamente um ano, a aspirante à Filha de Maria era observada pelo grupo e pelo diretor espiritual, que, ao final desse período probatório, aprovavam ou não, seu ingresso na congregação. As associadas da Pia União reuniam-se mensalmente, quando discutiam, juntamente com o diretor espiritual, questões relacionadas à irmandade, planejavam atividades, e mostravam resultados das ações empreendidas. Exemplos dessas ações eram as visitas feitas aos doentes da cidade, quando prestavam “auxílio espiritual” e, por vezes, “auxílio material”, como parte de suas práticas caritativas.

Mesmo sendo uma associação com evidente controle clerical, regida por normas de conduta específicas, a Pia União era um espaço de socialização e convivialidade, e para algumas, as atividades da irmandade representavam um espaço de liberdade, concedido pelos pais, visto que, ao tornarem-se associadas, podiam tomar parte em passeios e festividades organizados pelas Filhas de Maria<sup>3</sup>. As exigências e o zelo em relação ao comportamento das

---

<sup>3</sup> As Filhas de Maria organizavam passeios pelas cidades da região, visitando as associações piás das cidades vizinhas. Esses eventos eram momentos de lazer e sociabilidade muito apreciados pelas associadas da Pia União.

associadas visavam afastá-las dos apelos mundanos, no entanto, ao contrário das religiosas enclausuradas, elas não estavam isoladas do mundo, e, portanto, eram alvos de suas influências.

As normas da Pia União combatiam as modas, os bailes e as danças, como forma de afastar as associadas do pecado, evitando assim, comportamentos impróprios e posturas incompatíveis com o modelo de recato. A presença nos bailes, as danças, os vestidos transparentes, decotados ou sem mangas, os namoricos incoseqüentes, as leituras impróprias, formavam um vasto índice de veto e proibições em suas vidas.

Estimuladas à obediência, por vezes quebravam as regras prescritas, o que acarretava punições, que iam da advertência à expulsão daquelas que infringiam os códigos da Irmandade. Uma vez verificado um desvio, a ação do assistente espiritual era enérgica, como salvaguarda à reputação do grupo.

Com o advento do sufrágio feminino, em 1932, as Filhas de Maria de Limoeiro foram incentivadas pela Igreja a fazer seu alistamento eleitoral, uma vez que o voto feminino era facultativo, para que pudessem apoiar os candidatos da Liga Eleitoral Católica (LEC). A orientação era categórica: a associada da Pia União que não votasse nos candidatos apoiados pela LEC seria expulsa da irmandade. Com isso, combinava-se ao discurso moralizador que regia a associação, uma dimensão política.

Com a análise das fontes descobriu-se uma característica à qual deu-se ênfase nessa pesquisa: o fato das associadas da Pia União das Filhas se constituírem como um grupo de leitoras. Nessa associação a leitura estava presente desde o rito de entrada, quando recebiam a fita de cetim azul, a medalha e um livro, o *Manual da Pia União*. Nesse livro, que deveriam ler diariamente, elas encontravam orientações acerca de seu comportamento, suas obrigações, e sobre o funcionamento da irmandade. O Manual tinha característica de guia e orientava as práticas das associadas. Na irmandade das Filhas de Maria a leitura constituía uma prática devocional, um exercício de formação moral e uma atividade de entretenimento.

A imprensa católica apontava a influência da leitura orientando o público leitor feminino. O Jornal *O Nordeste*, órgão da Arquidiocese de Fortaleza, com circulação em todo o Estado do Ceará, lançava mão de uma

série de estratégias de prescrição da leitura advertindo sobre o perigo do livro pernicioso na moral feminina.

Por outro lado, o periódico católico recomendava as leituras edificantes, uma forma de elevação espiritual e formação moral. Desse modo, a literatura constava da pauta do periódico, ora como um perigo iminente, ora como recurso da boa educação e da moral sã.

Ao público feminino, a imprensa católica recomendava os livros religiosos, de oração, os cânticos, os missais, as vidas de santos e as biografias de religiosas que se notabilizaram como modelos de pureza e da perfeição espiritual. Os romances, mesmo aqueles que não continham narrativas impróprias, eram vistos com ressalva.

No combate às leituras perniciosas, *O Nordeste* estabelecia diferentes critérios de julgamento quanto ao gênero das publicações e quanto às especificidades do público leitor: ao público leitor masculino, quase tudo se permitia. As leituras femininas eram prescritas a partir de critérios morais, já as leituras masculinas, os critérios morais eram relativizados, mesmo as leituras que não deveriam ter “livre circulação”, poderiam ser apropriadas pelos homens, uma forma de tomar conhecimento do mundo. Um conhecimento negado às mulheres, que deveriam manter-se ignorantes do mundo, uma forma de preservar a inocência e a pureza.

Afirmando o propósito de estabelecer critérios, classificar e prescrever, os articulistas do periódico católico abordam avaliam e criticam a palavra impressa em suas diversas apresentações textuais: livros, coleções, brochuras, revistas, assim como levam, na devida conta, a observação minuciosa da forma, estilo e autoria. Desde a capa, as cores, o enredo, o estilo, as ilustrações, tudo passa pelo crivo classificatório, favorecendo a recomendação ou conduzindo ao veto.

A imprensa católica procurava “combater leitura com leitura”, e para isso, apresentava de forma entusiástica os livros recomendados, que se caracterizavam pela ausência do “imoral” e do “pecaminoso”, apresentando narrativas edificantes. A vida dos santos e santas, de religiosas e religiosos católicos, figuravam no lugar de honra desta “biblioteca” prescrita às Filhas de Maria.

Visto como um gênero que agradava às leitoras, o romance tornou-se alvo do discurso católico. Em princípio, condenado sob o argumento de que causariam confusão no espírito feminino, levando-as a confundir realidade e ficção, influenciando-a a imitar as narrativas romanescas em práticas nem sempre recomendáveis.

Para combater a propagação de romances impróprios, começaram a surgir no circuito livreiro, romances escritos por religiosos. Neles, o amor romântico cedia espaço às narrativas exemplares, cujos protagonistas são modelos de conduta. As coleções direcionadas às moças, como a *Biblioteca das Moças* e a *Coleção Menina e moça*, também passaram a ser toleradas como “um mal menor”, pois embora não edificassem, como as obras religiosas, ao menos não pervertiam as jovens marianas, visto que os comportamentos de suas protagonistas estavam de acordo com os preceitos da Igreja, salvo exceções, logo denunciadas, na imprensa católica.

Em sintonia com essa estratégia de difusão da “boa leitura”, o Jornal *O Nordeste* veiculava diariamente anúncios das livrarias católicas de Fortaleza oferecendo “bons livros” ao público leitor da capital. Nesses anúncios percebe-se o poder atribuído à leitura, como fonte de formação, e um esforço de incentivo ao hábito da leitura no público cearense.

Na década de 1930, a documentação pesquisada evidencia o papel do cinema, como estratégia de formação e educação moral. O cinema passa a ser comparado ao livro, no entanto, era visto como mais pernicioso que a leitura devido ao maior alcance de público e da expressividade das cenas. A imagem em movimento causava uma impressão mais viva ao espectador. Assim as películas também passaram a ser julgadas pela crítica católica, e só deveriam ser vistas pelas jovens católicas depois que fossem devidamente aprovadas pela “censura de filmes”.

O Jornal *O Nordeste* era leitura cotidiana das associadas da Pia União, como parte de seu exercício de formação espiritual. Assim, elas tomavam conhecimento da discussão acerca da leitura e seus efeitos. Além disso, durante as reuniões do grupo, o diretor espiritual reiterava as orientações da folha católica.

As Filhas de Maria, em Limoeiro, tinham acesso à educação formal. Quando a Escola Normal do município foi inaugurada, em 1938, várias das

associadas da Pia União ingressaram na primeira turma, favorecendo sua ligação com o ensino na cidade. Muitas se tornaram professoras. Professoras e, logo, catequistas, visto que, em sala de aula, poderiam empreender uma catequese diária, mais eficaz que aquela semanal, oferecida pela paróquia.

Visando oferecer leituras edificantes para as Filhas de Maria, fundou-se, em 1931, a Biblioteca da Pia União de Limoeiro, uma tentativa de afastar as associadas das leituras impróprias. A formação do acervo, em princípio, era uma função do assistente eclesial, no entanto, devido à dificuldade do padre de adquirir um número maior de obras, o diretor espiritual passou a aceitar doações de livros por parte das associadas.

Ao abrir espaço às doações, as associadas da Pia União tiveram uma oportunidade de escolha de livros em sintonia com seus gostos de leitura. Desse modo, passaram a figurar, nas prateleiras da Biblioteca da Pia União, romances e contos, gêneros que o diretor da Pia União desencorajava a leitura. Na escolha dos romances, as Filhas de Maria limoeirenses eram astutas e escolhiam títulos insuspeitos, o que possibilitavam sua aceitação por parte do diretor espiritual que não examinava as obras escolhidas.

De modo geral, o acervo da Pia União era composto de obras piedosas, vidas de santos e religiosos, romances e livros de formação. Esses últimos visavam orientar a Filha de Maria para o papel que se esperava delas no futuro: esposa e mãe. Por outro lado, é preciso levar em consideração que a leitura é uma prática criadora, e como tal, não se pode afirmar que a leitura de livros recomendados suscitava, nas leitoras da Pia União, o desejo de imitar os exemplos santos. Robert Darnton adverte que “a leitura permanece um mistério. Temos dificuldade em compreendê-la hoje e maior dificuldade ainda em nos acercarmos do que era no passado”<sup>4</sup>. Neste trabalho, essa dificuldade foi atenuada pelos documentos deixados pelas Filhas de Maria de Limoeiro, que registraram, nas atas das reuniões, as leituras feitas, mostrando sua ligação com a leitura e a escrita.

As leituras historiográficas realizadas ao longo da pesquisa constituíram referência primordial para pensar os problemas propostos ao objeto de estudo. Perpassando trabalhos de história da Igreja, da religiosidade,

---

<sup>4</sup> DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII. In: *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 143.

história das mulheres, chegando aos historiadores do livro e da leitura, procurou-se perceber as possibilidades de abordagem deste estudo sobre a Irmandade das Filhas de Maria.

Para construir esse trabalho, tivemos que considerar a observação de Robert Darnton para quem “alguns ‘quais’ relativos a leitura podem ser respondidos. Do mesmo modo, muitos dos ‘ondes’ e ‘quandos’. Os ‘porques’ e ‘comos’ entretanto, são diferentes”<sup>5</sup>. Assim, buscou-se responder os ‘ondes’, ‘quandos’, ‘comos’ e ‘porques’ na medida em que foi possível alcançá-los nesta investigação histórica.

Ao pesquisar o Jornal *O Nordeste*, descobri a preocupação da imprensa católica em disciplinar o comportamento feminino, combatendo as influências do tempo: as modas, as danças, o cinema e as leituras ímpias. Partindo dessa descoberta, foi possível observar que a leitura assumia no discurso católico, uma posição de destaque como influência no comportamento feminino.

As orientações da Igreja e as ações dos padres cearenses eram, por vezes, motivos de polêmica na imprensa da capital. Desse modo rastreou-se no jornal *O Ceará*, matérias questionando as orientações da Igreja, e mostrando uma outra imagem da Filha de Maria: a da “beata vitalina”, feia e fora de moda, contradizendo a imagem de donzela ideal veiculada no periódico católico.

Pesquisando referências levassem às orientações recebidas pelo clero acerca da leitura, encontro na *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB) uma fonte valiosa. Escrita “pelo clero e para o clero”, essa revista funcionava como tribuna impressa, onde padres de todas as partes do Brasil discutiam questões práticas do sacerdócio. Entre elas, as orientações quanto ao combate às leituras perniciosas, a ser empreendido por cada um, em suas paróquias.

As memórias orais trouxeram a riqueza das narrativas daqueles que vivenciaram o período em estudo, oferecendo múltiplas visões da Irmandade das Filhas de Maria. O relato de Eliete Saraiva, indicou como as normas da associação podiam ser burladas e trazendo a imagem da Pia União como espaço de liberdade. A memória de Dona Maria Menas da Silva demonstrou a

---

<sup>5</sup> DARNTON, Robert. Entrevista. In: Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, v.8, n. 1-2. p. 13-18, 1995.

alegria, o orgulho e a satisfação de uma jovem de origem humilde tomando parte na Pia União, quando lembra os momentos de distinção nos ritos da Igreja. As histórias de Dona Nôzinha Conrado evidenciaram as relações extra-irmandade influenciando as relações internas da Pia União, enquanto patentearam como a forma de trajar marca a memória feminina de modo significativo. A narrativa de seu Inácio Mendes Guerreiro, relatando os contos da época, evidencia a construção de um imaginário em torno do pecado e da perdição nos bailes, e a idéia da salvação na devoção à Virgem Maria. A narrativa de Dona Raimunda Francisca Andrade, não associada da Pia União, tornou evidente como ser Filha de Maria despertava a atenção e o desejo daquelas que estavam fora da irmandade.

Nas obras dos memorialistas e pesquisadores da história de Limoeiro do Norte, e nos documentos do IBGE (Censo de 1940 e Enciclopédia dos Municípios Cearenses) pude compreender melhor como a cidade se organizava nas primeiras décadas do século XX e o cotidiano de seus moradores.

Estudando a documentação da Biblioteca da Pia União chegou-se aos livros que as Filhas de Maria liam, permitindo perceber como se caracterizavam as obras e os enredos recomendados à elas, dando a conhecer os ensinamentos propostos pelos impressos.

O recorte temporal desta pesquisa compreende o período entre 1915 e os anos 1940. A escolha deste período se justifica em face da formação da Pia União das Filhas de Maria e de sua trajetória no município de Limoeiro, nestas primeiras décadas do século XX. A pesquisa, ao ampliar o seu corpus documental, acolhendo e dialogando com uma diversa tipologia de fontes estendeu o período aos anos 1940 em virtude das mudanças ocorridas no contexto local, em face dos novos equipamentos urbanos, da implantação das escolas, do novo desenho da Igreja em Limoeiro, implantando sua Diocese.

A escrita da dissertação se apresenta em três unidades. No primeiro capítulo, *SIMPLES NA MALÍCIA E PRUDENTES NAS BOAS OBRAS*": A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA, analisa-se esse modelo de irmandade e a política da Igreja Católica para disseminá-lo, principalmente no Brasil. Abordando o contexto local, analisa-se a Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro, Ceará, demonstrando suas formas de atuação enquanto espaço de devoção e de

distinção. Examina-se também as normas da associação, indicando que as práticas de suas associadas nem sempre estavam de acordo com as regras de conduta da Irmandade.

O segundo capítulo, LEITURAS SANS E LEITURAS PERNICIOSAS examina, a partir do discurso católico do jornal *O Nordeste*, a importância atribuída à leitura, bem como os critérios estabelecidos para sua classificação, que determinavam a recomendação e o veto. Evidencia-se as estratégias da imprensa católica, de prescrição de leituras ao público feminino, visando afastá-lo dos maus escritos, enquanto incentivava a busca por livros edificantes. Analisa-se ainda, no periodismo católico, o cinema equiparado ao livro em ação, influenciando comportamentos e hábitos.

No terceiro capítulo, DISTINTAS LEITORAS, analisa-se as práticas de leitura das associadas da Pia União das Filhas de Maria, enfatizando suas leituras específicas, especialmente o *Manual da Pia União*. Examina-se também a Biblioteca da Pia União, perscrutando seu modesto acervo, indicando as preferências e práticas das Filhas de Maria nesse espaço de leitura.

“É o olhar que faz a História. No coração de qualquer relato histórico há vontade de saber”<sup>6</sup>, afirma Michelle Perrot. A vontade de saber, o desejo de contar e de transgredir um mandamento do apóstolo Paulo: “*Que a Mulher conserve seu silêncio*”. Não hoje. Não essas mulheres. Que se possa, através dessa pesquisa, dar a conhecer a irmandade que elas faziam parte, assumindo papéis diversos: catequistas, professoras, leitoras, atuando como protagonistas da história.

---

<sup>6</sup> PERROT, Michelle. *As Mulheres e os silêncios da História*. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru – Sp: EDUSC, 2005. p. 14.

## CAPÍTULO 1

### **“SIMPLES NA MALÍCIA E PRUDENTES NAS BOAS OBRAS”: A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA**

[...] exortamos calorosamente aos revmos. Párcos que nos auxiliam no munus de apascentar as ovelhinhas de Cristo, a que em suas paróquias erijam estas fecundas sementeiras de virtude nas quais as donzelas se formam [...] SIMPLES NA MALÍCIA E PRUDENTES NAS BOAS OBRAS.

*Manual da Pia União das Filhas de Maria*

Nas primeiras décadas do século XX, era comum encontrar nas paróquias das cidades brasileiras diversas associações laicas de caráter devocional. A Pia União das Filhas de Maria era uma dessas associações. Partindo da devoção à Virgem Maria, muito popular entre os católicos, esses grupos assumiam feições diversas nos contextos locais.

A Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro, nas primeiras décadas do século XX, desempenhava papel de destaque na sociedade e na Igreja limoeirenses. Apresentar esse grupo seletivo de mulheres, bem como analisar sua organização, funcionamento e influência no município de Limoeiro é o intuito principal deste capítulo.

A “Pia União das Filhas de Maria sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inez Virgem e Mártir” não teve suas origens no Brasil. Este modelo de confraria religiosa direcionada ao apostolado leigo foi criado em Roma, na Basílica de Santa Inês, *extra muros*, em 30 de setembro de 1864, pelo cônego regular Alberto Passéri. Esta Pia União de Roma foi submetida à apreciação do papa Pio IX e, depois de aprovada, foi elevada à Primária, o que significa que todas as outras Pias Uniões das Filhas de Maria que viessem a surgir ao redor do mundo deveriam estar subordinadas a ela. Para se agregar era necessário enviar o pedido a Roma e, uma vez aprovado, a nova associação se tornava oficialmente uma irmandade reconhecida pela Primária de Roma e, conseqüentemente, pela Igreja Católica Romana. A partir da aprovação, os

benefícios concedidos à Primária romana, estendiam-se também à nova Pia União recém agregada.

Não obstante fosse uma associação Pia recém criada, a Primária romana da Pia União das Filhas de Maria, e suas agregadas, receberam da Sé apostólica grande deferência. Além de ser rapidamente elevada à primária, o Papa tratou se conceder inúmeras indulgências a esta irmandade.

Com isso, pode-se perceber que a intenção principal da Igreja Católica era incentivar a instalação dessa Associação Pia feminina nas paróquias católicas ao redor do mundo. Este modelo deveria trazer às fileiras católicas jovens fiéis devidamente disciplinadas, de acordo com os valores e ensinamentos católicos. De acordo com a própria Sé Romana, esse modelo de associação era uma das formas mais eficazes de cuidar “da virtude do sexo frágil”.

Instruir a juventude do sexo frágil e muni-la desde a mais tenra idade com os auxílios da nossa santa religião, para que, crescendo na virtude, persevere até a senetude no bom caminho uma vez trilhado. Ora, entre tantos meios que se conhecem aptos para este fim, é fora de duvida, que se devem contar os pios Sodalícios [...]<sup>7</sup>

A instituição católica iniciou uma campanha em torno da Pia União das Filhas de Maria visando sua propagação, incentivando o clero, nas paróquias dos mais recônditos lugares, a fundarem Pias Uniões. Estas ações eram incentivadas e elogiadas não só por parte da hierarquia eclesial, mas também pela própria sociedade local, que via nessa irmandade um modelo sadio de comportamento feminino e também uma ferramenta de controle das jovens católicas.

### 1.1. “Vinde a mim, filhas diletas, que vos ensinarei o temor de Deus”.

*Eis, pois, a necessidade de uma advogada poderosa para debelar os embates de uma carne rebelde e os atrativos de um mundo*

---

<sup>7</sup> Decreto URBI ET ORBI da Sagrada Congregação das Indulgências. In: *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Trad.: Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro: 1926. Aprovações. p. XXV. Em todas as citações do *Manual*, manteve-se a grafia original.

*lisonjeiro e mentiroso. E é o que conseguirão essas almas cândidas, agregando-se espontaneamente à Pia União das Filhas de Maria. Porquanto se ela tem sido chamada de escudo, diadema e arrimo da Igreja, não deixará certamente indefesas as suas prediletas filhas.*

*Manual da Pia União das Filhas de Maria*

No Brasil, a expansão das associações Pias de Filhas de Maria começa a se efetivar em inícios do século XX. Rapidamente, foram sendo fundadas, mesmo dentro de um corpo institucional fragilizado, como era a Igreja Católica Romana no Brasil das primeiras décadas do século XX. Nesse período, a Igreja no país ainda estava se reestruturando, buscando se firmar como poder, sem o apoio do Estado.

Com o fim do Padroado Régio, a Igreja se voltou para as orientações de Roma, buscando se fortalecer, no mesmo instante em que enfrentava uma série de mudanças propostas pelo Concílio Vaticano I. Esse processo de transformação ficou conhecido como *Romanização* e deu novas feições à Igreja no Brasil, uma vez que esta, até então, havia se submetido ao poder do Estado e não aos ditames do Papa. Em termos gerais, o processo de Romanização pode ser entendido como sendo

Um movimento reformador da prática católica no século XIX, principalmente na segunda metade, que buscava [...] sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados em irmandades.<sup>8</sup>

A Igreja católica brasileira via nos sodalícios como a Pia União das Filhas de Maria, a possibilidade de arregimentar os membros das irmandades leigas então existentes, e discipliná-los de acordo com seus ensinamentos, normas e dogmas, trazendo para si o potencial representado por essas confrarias.

Durante os séculos XVIII e XIX, as irmandades religiosas ocupavam um lugar de destaque na vida social e religiosa do país. As mais diversas associações formavam-se com feições de órgãos classistas, assim, havia

---

<sup>8</sup> ABREU, Marta. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 312.

irmandades de escravos, de libertos, de profissionais liberais, bem como as irmandades das elites, que desfrutavam de elevada distinção social.

Fundadas com os mais diversos intuitos, desde garantir assistência fúnebre a seus associados até promover caridade para com os mais pobres, essas irmandades estavam diretamente ligadas às manifestações religiosas da maioria da população brasileira. De acordo com Thomas Bruneau,

Algumas tinham finalidade puramente religiosas, como a celebração da festa do santo padroeiro [...] Outras tinham um caráter corporativo, reunindo, por exemplo, todos os sapateiros; outras tinham tonalidade racial, reunindo só negros. Algumas existiam primordialmente para construir igrejas, e outras para uma obra social.<sup>9</sup>

Diante da nova conjuntura, as irmandades passaram a representar, para a Igreja, fortes concorrentes no que diz respeito ao sustento financeiro oferecido pelos fiéis. O dinheiro arrecadado pelas irmandades, ao qual a Igreja não tinha acesso, motivava esta a tecer severas críticas às irmandades leigas, acusando-as de mau uso do dinheiro arrecadado em nome dos santos padroeiros e apontando-as como praticantes de um catolicismo “impuro”, que distorcia a fé católica.

Com isso, a Igreja passou a incentivar a fundação de irmandades em sintonia com o modelo romanizado, ao mesmo tempo em que tolerava algumas práticas do catolicismo popular, evitando, assim, atritos em um momento em que ainda se encontrava fragilizada pois, “para sobreviver sem o apoio do Estado era indispensável ao aparelho religioso reestruturar-se, restabelecendo a articulação entre o aparelho eclesiástico e as grandes massas.”<sup>10</sup>

Visando substituir o modelo de devoção vigente, a Igreja procurava implantar irmandades em sintonia com os preceitos da romanização. Essas associações seguiriam, ao contrário das irmandades então existentes, os ditames da Igreja e teriam à frente um sacerdote. Grosso modo, trata-se do que nesta pesquisa se denomina de “irmandade romanizada”. Com esse novo modelo de irmandade, buscava-se implantar um catolicismo voltado à

---

<sup>9</sup> BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974. p. 40.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1985. Apud STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 231.

valorização dos ritos e sacramentos, tirando das ruas os festejos aos santos e levando-os para os templos, lugar institucional de controle.

A Pia União das Filhas de Maria, exemplo de irmandade romanizada, seguia o modelo europeu e era fruto de um projeto moralizador visando disciplinar o sexo feminino dado como mais suscetível aos apelos da religião católica. Este intuito moralizador estava ancorado nas virtudes: Pureza/castidade, Penitência/obediência e Caridade.

Para tanto, as padroeiras dessa irmandade, principais modelos a serem seguidos pelas associadas, eram os ícones católicos dessas virtudes. Maria, modelo inalcançável de Pureza, Obediência e Caridade, era o principal modelo a ser imitado.

Santa Inês, sob cujo patrocínio foi erigida a Pia União das Filhas de Maria, é um exemplo de jovem virtuosa que “abraçou a morte” para não ter sua pureza maculada, e que durante a vida terrena deu diversos exemplos de caridade e obediência. Sua história era ensinada, contada e recontada às Filhas de Maria, que deveriam aprender, e seguir, o exemplo da jovem mártir. Por isso, o “Hino de Santa Inez”, que contava sua história de virtudes e martírio, era memorizado e cantado em sua glória, pelas associadas da Pia União:

[...]  
 Aos treze anos de idade  
 Já vencias ao tirano,  
 Que te arma embuste e engano  
 Para conquistar-te o amor;  
 Mas amante da pureza  
 E de Jesus protegida,  
 Não deste a menos guarida  
 Aos ardís do tentador.

Aos mentidos simulacros  
 Recusaste o culto indigno, e por isso o algoz maligno  
 Co'a nudez te injuriou;

Mas entre o esplendor e o brilho  
 De uma auréola celeste,  
 Divinal cândida veste  
 Os teus membros adornou.

Entre as chamas da fogueira que p'ra te queimar se acende,  
 Te protege, te defende,  
 Com seu manto um querubim.  
 E logo os fragoas se espalham

Sôbre as turbas violentas,  
E sobre a pira te assentas  
Como em róseo jardim.

Como a flor que nas Campinas  
Desabrocha pura e bela,  
Sem receiar da procela  
Os tufões e vendavais;  
Assim tu robusta e cândida  
Entre os bárbaros tiranos  
Sem temor vences seus danos  
Arrostando os vis punhais.

Qual rochedo entre os marulhos,  
Foste invicta, ó Virgem forte.  
Abraçando a própria morte  
Como um tálamo nupcial!

Qual pombinha sobre a terra;  
Adejaste o vôo sidéreo;  
Foi de luz um raio etéreo  
Tua pureza virginal  
[...]<sup>11</sup>

O exemplo de Santa Inês era constantemente lembrado às Filhas de Maria e a imitação de seus valores, amor à castidade e à religião cristã, era incentivada.

Sob o patrocínio de modelos de pureza e obediência, a Pia União das Filhas de Maria nasceu sinalizando, a partir de suas padroeiras, o modelo de mulher desejado em suas fileiras.

A pureza, diretamente relacionada à castidade, se constitui uma das preocupações principais dos entusiastas desse modelo de irmandade, e transforma suas associadas em “anjos de virtude”. Os ares da liberdade sexual jamais deveriam soprar para as jovens católicas, especialmente, as Filhas de Maria. A pureza feminina, relacionada ao desconhecimento de assuntos e práticas sexuais, era o principal ponto de vigilância em torno das ações destas mulheres e as equiparava a seres angelicais, uma vez que uma boa Filha de Maria deveria abjurar “todos os prazeres mundanos para conservar-se sempre inpolluta sempre pura sempre digna do nome de filha de Maria, como se vê nesta reunião mensal da Pia União de Limoeiro, quando o

---

<sup>11</sup> Hino de Santa Inez. In *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Op. cit. p. 576.

O Revmo. Padre Zacharias Ramalho, fez uma belíssima allocução análogo ao acto, perorando sobre a virtude da pureza, virtude por excelência que ennobrece um ser collocando-o paralelo os anjos; a jovem que acceita com abnegação o lugar de filha de Maria, abjura todos os prazeres mundanos para conservar-se sempre inpolluta sempre pura sempre digna do nome de filha de Maria.<sup>12</sup>

Em seu livro *Minha História das Mulheres*, Michelle Perrot afirma que , “a virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja, que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria, virgem e mãe. [...] Preservar e proteger a virgindade da jovem solteira é uma obsessão familiar e social”<sup>13</sup>

Por isso, para a Igreja Católica, era preferível o martírio, tal como na história de Santa Inês, do que macular a virtude da castidade. Na Pia União de Limoeiro, o mandamento era preciso: “antes morrer que manchar-se”, louvando a pureza, a “alma intacta” e o “coração puro” . .

A seguir, deu por começada a Instrução baseando-se no 6º. e 9º. Mandamento da Lei de Deus – Não pecar contra a castidade; - fazendo-nos compreender em quantas cousas se mostra o mundo grande apreciador da pureza! Para conservar a alma intacta, o coração puro, a consciência isenta da mais leve sombra da impureza, é preciso ter uma vontade apostada a antes quebrar que torcer, e uma Constancia inquebrantavel ao firme proposito de antes morrer que manchar-se.<sup>14</sup>

As manifestações que pudessem colocar essas jovens em contato com um universo do sexo eram combatidas com veemência, por isso a vigilância deveria girar em torno não só das relações homem-mulher, ou dos namoricos inconseqüentes. Era preciso combater tudo que pudesse trazer às jovens católicas algo que as fizesse perder a inocência, tais como imagens, leituras, bailes, e outros apelos profanos.

De acordo com o Manual da Pia União, era a “pureza virginal” a virtude predileta de Maria e de Jesus Cristo, por isso, cuidar desse “precioso tesouro” era de suma importância para uma Filha de Maria, afinal, a pureza era “como um tesouro precioso encerrado num frágil vaso que se quebra ao menor

<sup>12</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 08 de dezembro de 1916. Em todas as citações das atas das Filhas de Maria, manteve-se a grafia original do documento, inclusive com os erros de ortografia.

<sup>13</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007. p. 45

<sup>14</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de setembro de 1933.

choque”. Fazendo o comparativo da virtude casta ao “lírio mimoso” e ao fino cristal

Mas, como esta virtude é tão bela e preciosa, facilmente perde seu brilho. – Ela é como um lírio mimoso que ao menor toque se murcha; é como o cristal que ao menor hálito embacia; é como um tesouro precioso encerrado num frágil vaso que se quebra ao menor choque. Um simples olhar, um brinquedo, uma palavra, um pensamento, podem manchar essa bela virtude. – E desgraçada de vós, se a perdestes! Embora tenhais todas as outras virtudes, - se não sois casta, não podereis agradar a Maria, antes ela vos olhará com horror e indignação.<sup>15</sup>

Um tesouro a ser guardado, um tesouro constantemente ameaçado por todos os sentidos do corpo, ameaçado pela vontade de saber, pela possibilidade de perda da inocência. O amor de Maria, e o respeito da sociedade, segurados apenas por uma tênue linha que separa essas jovens das tentações do mundo.

A virtude da obediência tornaria essas mulheres mais dóceis e passíveis de dominação. Como uma virtude que deveria ser observada e respeitada, trazia para os pais e para a Igreja a sensação de controle sobre o sexo feminino. Uma vez condicionadas a cultivarem a obediência, elas deveriam, na visão da Igreja Católica, tornarem-se mais submissas ao controle clerical, evitando problemas ou constrangimentos sociais.

A virtude da penitência completava o círculo do controle do corpo e mente femininas, incumbindo cada Filha de Maria de vigiar-se cuidadosamente. A autovigilância, eficaz forma de controle, trazia consigo a diligência do pensamento e dos atos astuciosos. Mesmo aqueles que não eram descobertos pela Igreja ou pela família estavam ao alcance da vigília de si. Assim, ao incentivar a penitência, a Igreja procurava estabelecer uma relação de culpa da jovem católica com seu corpo e com o mundo, onde ela, ao penitenciar-se, põe em relevo a eficácia da vigilância de si.

Uma vez observado este tripé virtuoso, a Igreja poderia tranquilizar-se quanto às práticas de suas Filhas. No entanto, esta observação não era posta em prática completamente, e nos desvios e percalços das virtudes, as Filhas de Maria iam traçando sua história.

---

<sup>15</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 448.*

A Igreja sabia que suas estratégias e ensinamentos podiam apresentar falhas, por isso não deixava de ratificar em seus discursos e práticas a obediência aos mandamentos. No discurso da Igreja, a desobediência transformava a existência da associação em algo estéril, desprovido de sentido.

É mil vezes melhor não existir uma Pia União de Filhas de Maria, do que, em lugar dum corpo cheio de vigor e vida espiritual, como ela deve ser, ver-se um frio cadáver, estado a que a levou a tibieza.<sup>16</sup>

A existência de uma Pia União maculada por desvios morais podia acarretar danos à imagem de todas as outras associações e colocar em risco este empreendimento moralizador católico visto que a finalidade da Pia União, de acordo com seu Manual, era construir modelos de mulheres, que soubessem refrear suas paixões, sem “dar largas às suas naturais inclinações”, enfim, mulheres condicionadas a controlar seus impulsos e desejos.

[...] o fim desta Pia União não consiste em encher o mundo de freiras, como a cada passo dizem os inimigos do bem, mas em fazer crescer as jovens na piedade cristã, na honestidade dos costumes, em torna-las obedientes e respeitadas para com seus pais, afim de que um dia, segundo o estatuto a que forem chamadas por Deus, possam ser ou esposas fiéis e ótimas mães de família no século, ou esposa do Senhor no claustro, ou ainda castas donzelas no meio do mundo, no seio das suas famílias, servindo aí como flores ilibadas, de exemplo a todos na piedade e na virtude. [...] Ela deseja se procure conhecer a vocação refreando as paixões e freqüentando os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, e não nos passatempos perigosos, no meio dos desvários [sic] da juventude, dando largas às suas naturais inclinações.<sup>17</sup>

O apelo devocional em torno da Virgem Maria era forte no município de Limoeiro, que tem como padroeira Nossa Senhora da Imaculada Conceição. No entanto, para além do âmbito religioso, a Pia União das Filhas de Maria trazia outros atrativos, que faziam dessa associação um grupo distinto no município.

---

<sup>16</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 43.*

<sup>17</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. Cap. “Fins e Vantagens”. p. 6-7.*

## 1.2. Entre o poder da devoção e a devoção ao poder: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro

*Entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido, sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das Mulheres*

*Michelle Perrot*

Em Limoeiro, a Pia União das Filhas de Maria surgiu discretamente, embora contasse com um grande entusiasmo de seu fundador, o Padre Acelino Vianna Arraes, pároco do município na época. Foi erigida canonicamente, e agregada à Primária romana, no dia 03 de junho de 1915.

Nasceu junto à associação da Immaculada Conceição, confraria existente no município desde anos anteriores, e que contava com um apreciável número de associadas. Durante uma reunião dessa confraria, as primeiras candidatas a Filhas de Maria receberam suas fitas de aspirantes<sup>18</sup>, para seis meses depois, se tornarem associadas da Pia União.

A confraria da Immaculada Conceição trazia consigo um acentuado caráter de distinção social, e em suas atas, são recorrentes as menções de que em suas reuniões estavam presentes as figuras gradas da elite<sup>19</sup> limoeirense.

Achavam-se presentes as Exmas. Snras. Zeladora e Subzeladora da Confraria do Sagrado Coração de Jesus e grande número de associadas e muitas **pessoas gradas da elite limoeirense**.<sup>20</sup> [Grifo meu]

<sup>18</sup> Antes de tornar-se efetivamente uma Filha de Maria, a candidata passava por um período probatório, como aspirante. Este período variava de acordo com o comportamento e influência que a aspirante exercia sobre as integrantes do grupo que, reunido, decidia sobre a admissão definitiva.

<sup>19</sup> A categoria “Elite” é aqui utilizada em seu sentido geral: “A elite em sua significação mais geral, denota um grupo de pessoas que, numa sociedade qualquer, ocupa posições eminentes. Mais especificamente, designa um grupo de pessoas eminentes num determinado campo – principalmente a minoria governante e os círculos onde é recrutada.”. Cf. *Dicionário de Ciências Sociais* / Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedicto Silva, coordenação geral; Antônio Garcia de Miranda Netto.../ et al./ Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

<sup>20</sup> Ata de Reunião da Confraria da Immaculada Conceição de Limoeiro. 01 de junho de 1916. Manteve-se a grafia do documento original.

As jovens de Limoeiro dispunham de um lugar de devoção com um elevado prestígio social, antes mesmo da fundação da Pia União das Filhas de Maria. Ao contrário das Filhas de Maria, as associadas da Confraria da Imaculada Conceição, santa padroeira do município, não tinham grandes obrigações morais e religiosas com a associação. E embora o número de associadas fosse significativo, não tinham um aparato organizacional que as obrigasse ao cumprimento de regras morais ou obrigações pontuais com a confraria.

Até mesmo as reuniões dessa irmandade, que ocorriam esporadicamente, não eram obrigatórias às suas associadas, ficando restritas, na maioria das vezes, ao encontro da diretoria da confraria, ocupantes dos cargos proeminentes, com o sacerdote local, que recebia da confraria um pagamento pela celebração da missa, modelo que lembra as práticas das irmandades do século XIX.

Quando a Pia União das Filhas de Maria foi fundada, contava apenas com sete associadas, contrastando com a Irmandade da Imaculada Conceição, que contava com duzentas e sessenta e seis associadas. Nos primeiros anos de existência da Pia União, o crescimento do número de associadas foi pequeno, o que nos permite inferir que o novo modelo proposto não foi aceito de imediato pelas jovens da cidade, que permaneciam associadas ao modelo anterior de associação religiosa, representado pela Irmandade da Imaculada Conceição.

É possível verificar, conforme demonstra o gráfico 01, como o crescimento da Pia União foi lento em seus primeiros anos, e o seu número de associadas ficava muito abaixo das associadas da Imaculada Conceição. Para que se tenha idéia, em 1915, o número de Filhas de Maria representava menos de 3% do total de associadas da Imaculada Conceição. Seis anos depois, em 1921, essa porcentagem chegava a 12%, percentual que ainda fazia da Pia União uma irmandade pequena em número de associadas. Uma associação *de poucas e para poucas*.

## Número de Associadas

### Confraria da Immaculada Conceição x Pia União das Filhas de Maria

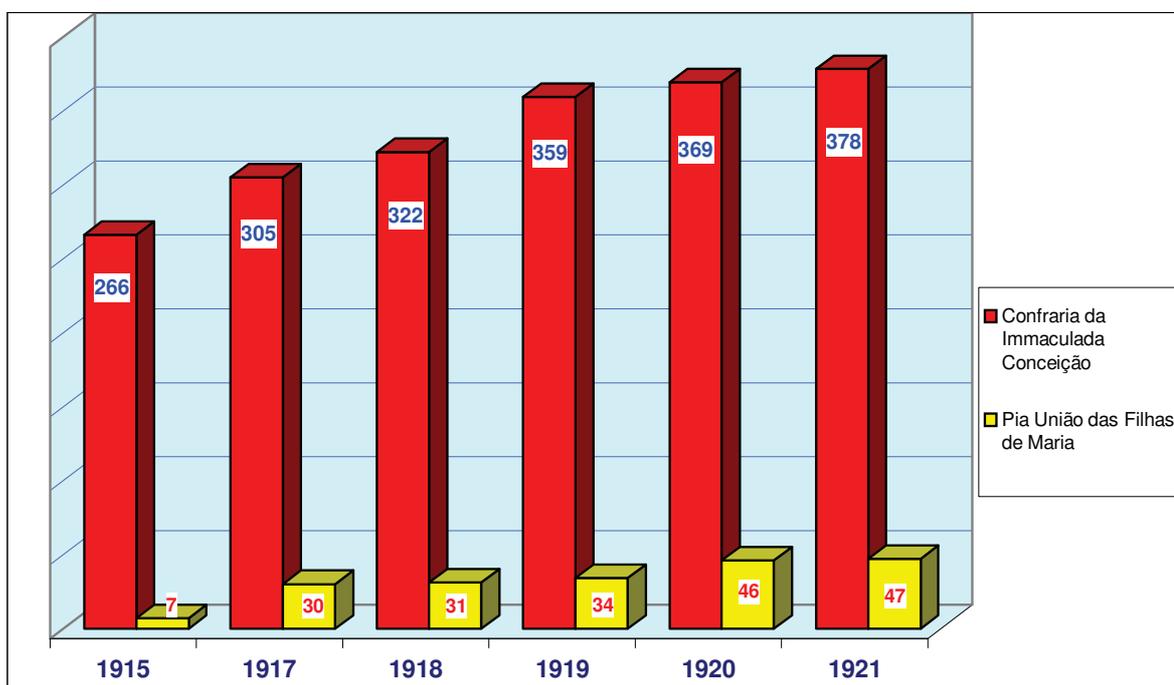


Gráfico 01 – Comparativo do número de associadas da Pia União das Filhas de Maria x Confraria da Imaculada Conceição. Fonte: Livros de Atas da Confraria da Immaculada Conceição e Livro de Registro da Pia União das Filhas de Maria

Foi da Confraria da Immaculada Conceição que saíram as primeiras associadas da Pia União das Filhas de Maria e, junto a essa confraria, a Pia União caminhou durante alguns anos. Reuniam-se conjuntamente na matriz paroquial, compartilhavam as finanças, as ações dentro da Igreja e a devoção à Maria Santíssima.

Mas se já havia no município uma congregação religiosa com um evidente prestígio social, cujas exigências doutrinárias não eram tão rígidas, por que as jovens limoeirenses começaram a engrossar as fileiras da Pia União das Filhas de Maria, muitas deixando a própria Confraria da Immaculada Conceição?

Era evidente o entusiasmo do pároco de Limoeiro, Padre Acelino Vianna Arraes, com a implantação desse modelo ultramontano de confraria feminina.

Finalmente tomou a palavra o Revmo. Pe. Acelino um pouco comovido ou emocionado com a grandesa e sublimidade do acto mas com a alma a transbordar de alegria pelo prazer de ver corado

os seus desejos de parcho com a fundação desta bella instituição que a muito era seus sonhos dourados, congratulava-se com suas digna parochianas que abraçavam tão pia obra com um desprendimento stoico de verdadeiras crentes e neste dia tão solenne em que a igreja commemora o dogma da Immaculada Conceição, elle como parcho pedia a excelsa rainha dos ceos e da terra as benções para esta freguesia de que ella era padroeira. Leu o programma da procissão e esplicou a collocação das Filhas de Maria e aspirantes no trajecto da mesma.<sup>21</sup>

Quando a Pia União das Filhas de Maria foi fundada logo o pároco da cidade tratou de colocá-la em evidência, dando às associadas um lugar de destaque nos ritos da Igreja, especialmente nas procissões, espaços públicos importantes no município. Uma forma de comunicar à cidade que ali estava bem mais que um grupo de simples devotas.

As procissões católicas no município de Limoeiro, para além da dimensão devocional do rito, eram locais privilegiados de projeção social. À elas, comparecia grande parte da população do município, o que as tornava um palco singular para os setores mais elitizados da sociedade projetarem-se. Nas procissões, as pessoas não iam apenas para rezar, também iam para ver e serem vistas. Um lugar de destaque nesses eventos rendia o reconhecimento de toda a sociedade local.<sup>22</sup>

Nos primeiros anos de vida da associação, visando ampliar o número de associadas, a diretoria da Pia União limoieirense, especialmente seu diretor, não seguia rigidamente os ditames do Manual, quanto às regras de admissão na irmandade. Por isso, em princípio, o tom das cobranças era ameno, e os sacerdotes tratavam de exaltar os benefícios morais e espirituais, de fazer parte da Pia União, *“umas das mais bellas instituições dos tempos hodiernos”*.

Em seguida falou o Revmo. Pe. Zacharias Ramalho que com palavras repassadas de unção estimulava as jovens filhas de Maria e aspirantes a se elevarem ao apogeo do aperfeiçoamento moral e religioso, que a confraria das Filhas de Maria eram umas das mais bellas instituições dos tempos hodiernos<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 08 de dezembro de 1915.

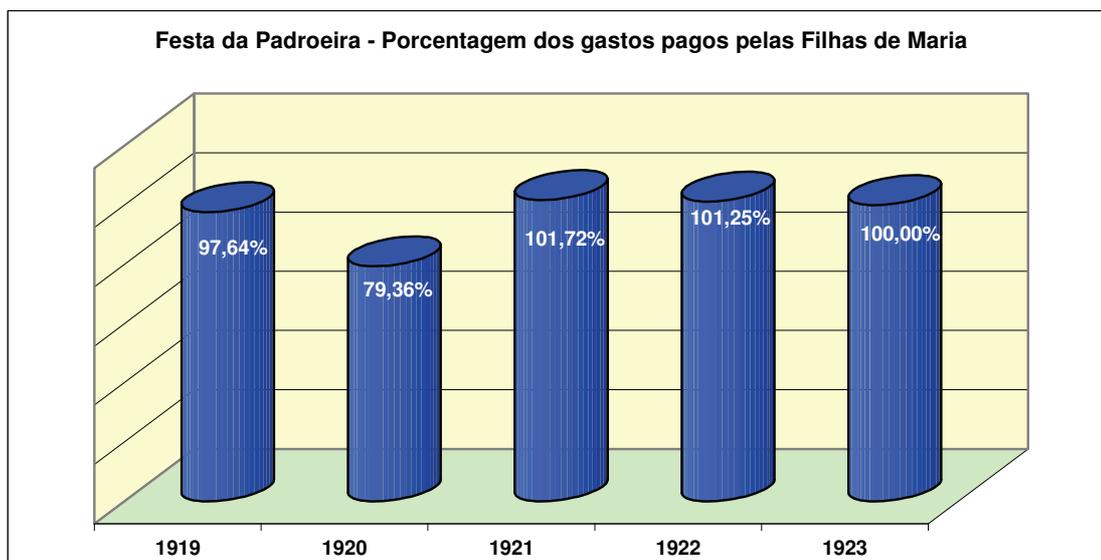
<sup>22</sup> A esse respeito ver: ANDRADE, Maria Lucelia de. *Nuanças de um ritual de fé: As procissões católicas em Limoeiro do Norte (1940-1980)*. Monografia de Graduação em História – FAFIDAM/UECE. Limoeiro do Norte, 2004.

<sup>23</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 08 de dezembro de 1915.

O pequeno número de associadas colaborou para que a Pia União das Filhas de Maria demorasse a ganhar maior autonomia dentro da paróquia de Limoeiro. Até 1924, as reuniões das Filhas de Maria continuaram acontecendo conjuntamente às reuniões da Confraria da Immaculada Conceição.

Lentamente, a Irmandade das Filhas de Maria, como era comumente conhecida no município, foi tomando corpo e crescendo em número de associadas, passando a contar com reuniões exclusivas, caixa e documentações próprias.

No entanto, na análise das atas das reuniões realizadas em conjunto, algo chama a atenção: a capacidade de amearhar donativos que começa a ser demonstrada pelas Filhas de Maria, principalmente nas festividades da Padroeira, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que se constituía na principal festa religiosa da cidade. Essa capacidade fazia frente à Confraria da Immaculada Conceição que, em número de associadas, era muito maior que a Pia União das Filhas de Maria.



*Gráfico 02 – Percentual das despesas da festa da Padroeira pago pelas Filhas de Maria. Fonte: Livros de Atas da Confraria da Immaculada Conceição e da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro*

Os donativos arrecadados pelas associadas da Pia União, eram suficientes para cobrir a maior parte dos gastos feitos para a festa e, por vezes, chegava a ultrapassar as despesas da festa. O gráfico 02 ilustra a participação financeira da Pia União das Filhas de Maria na Festa da Padroeira do

Município. Mesmo quando a quantia arrecadada sofria uma diminuição, como ocorreu em 1920, as Filhas de Maria ainda conseguiam arcar com a maior parte das despesas.

Essa capacidade de arrecadar doações da Pia União das Filhas de Maria não podia ser ignorado pela Igreja local, uma vez que, neste período, havia se iniciado as obras de reforma e ampliação da Igreja Matriz da cidade. Como forma de arrecadar donativos, o Cônego Climério Chaves distribuía listas entre as mulheres das confrarias religiosas, em especial as Filhas de Maria, que saíam pela cidade a recolher assinaturas e doações dos mais abastados para as reformas na Igreja. João Olímpio Castello Branco afirma que durante este período (1922-1925), o cônego Climério Chaves, com a ajuda dessa forma de arrecadação, empreendeu

Grandes melhoramentos na igreja Matriz, destacando-se o piso de mosaicos modernos e bonitos, que substituíram os tijolos do ladrilho primitivo. Foi para tanto que lançou uma inteligente e feliz campanha, muito bem planejada e organizada, com listas de trinta (30) contribuintes. Estas listas foram confiadas às Associações Religiosas [...]<sup>24</sup>

Fazendo um levantamento detalhado das famílias cujas filhas figuravam nas fileiras da Pia União, é possível inferir que as associadas, principalmente a partir da década de 1920, eram filhas dos mais abastados do município. Esses, com o enriquecimento proporcionado pelo algodão e pela cera de carnaúba, se revestiram como os grandes impulsionadores da cidade, principalmente no que diz respeito ao aparelhamento educacional e institucional do município. No entanto, torna-se necessário ressaltar que essas iniciativas não eram motivadas por ideais filantrópicos, afinal, o aparelhamento do município financiado por eles beneficiaria principalmente seus filhos e filhas, que não dispunham, no município, de escolas onde pudessem dar continuidade aos estudos.

Com o destaque social que começou a ser atribuído à irmandade das Filhas de Maria, principalmente devido a sua colaboração nas campanhas de levantamento de fundos para a Igreja, sua projeção social começou a ser evidenciada na cidade. E os momentos mais propícios à projeção eram os

---

<sup>24</sup> BRANCO, João Olímpio C. *O Limoeiro da Igreja: A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos*. Minerva Indústria Gráfica, 1995. p. 136.

rituais da Igreja, especialmente aqueles que tinham um caráter público mais ostensivo, como as procissões, nas quais as Filhas de Maria ganhavam um lugar à frente, com seus estandartes bordados a fios de ouro, o que conferia às suas associadas não apenas um lugar de destaque, mas também uma distinção e um espaço de honra.

Na Igreja Matriz, no ritual da missa, os bancos da frente eram a elas reservados. E, de forma gradual, as mais abastadas do município passavam a figurar nas fileiras da Pia União com suas cintilantes fitas azuis.

O prestígio que as Filhas de Maria começaram a vivenciar na sociedade limoeirense vai ficando evidente tanto nos ritos católicos, como também na atenção que passaram a receber dos “ilustres” do município. Neste sentido, as reuniões mensais das Filhas de Maria começaram a se configurar como um lugar concorrido, onde os convidados do diretor da Pia União faziam uso da palavra dirigindo-se às jovens presentes.

É o caso do advogado José Osterne<sup>25</sup>, cidadão influente na sociedade limoeirense, era tido como: “Talentoso advogado, orador sacro e de admiráveis dotes artísticos. Fundador e Presidente da Associação Santo Antônio dos Pobres de Limoeiro (1900).”<sup>26</sup> José Osterne costumava participar das reuniões das Filhas de Maria, fazendo, sempre que possível, uso da palavra para dirigir-se às jovens associadas, mesmo que fosse apenas para ratificar as palavras dos sacerdotes:

O Revmo. Director falou encarecendo o fiel cumprimento das prescrições do manual da Pia União das Filhas de Maria, e terminou dando a palavra ao Padre Acelino, o qual congratulou-se com suas ex-parochianas, pela nítida compreensão dos deveres inerentes a tão nobre Confraria.

**Usou também a palavra o Sr. Advogado José Osterne que, em breve discurso saudou as Filhas de Maria, concitando-as a**

---

<sup>25</sup> Colaborou com Eusébio de Sousa para confecção do *Álbum do Jaguaribe*, obra publicada em 1922, e que fala dos municípios de Aracaty, Limoeiro, São Bernardo das Russas e União. Foi ele quem ajudou a levantar as informações sobre o município de Limoeiro. No livro, Eusébio de Sousa o chama de “progressista”, “luctador” e possuidor de “uma força de vontade sempre nova”. Ver SOUSA, Eusébio de. (org) *Álbum do Jaguaribe*. Belém-Pará: Empresa Graphica Amazônia, 1922.

<sup>26</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal & OLIVEIRA, Maria Lenira (org.s). *Limoeiro em Fotos e Fatos*. Fortaleza: Edições do Autor, 1997. p. 69.

**serem perseverantes na pratica das virtudes christans.**<sup>27</sup> [Grifo Meu]

Este tipo de visita demonstra como a Pia União também vai se estabelecendo também como espaço de disputa política, onde as relações firmadas pelo diretor com os caciques políticos locais determinavam de quem seriam os “conselhos” ouvidos por essas jovens mulheres. Fundada para se tornar reduto de modelos irretocáveis de comportamento feminino, a irmandade das Filhas de Maria foi assumindo características multifacetadas, onde espaços de disputa e de prestígio foram se instituindo de forma gradual. Essas disputas de poder vão se esquadrinhando sutilmente nas atas das reuniões mensais, principalmente no que se refere à ocupação de cargos na associação.

As disputas políticas intra-irmandade refletiam discretamente as disputas políticas extra-irmandade, nas quais os sacerdotes do município estavam profundamente envolvidos. Isto revela como o modelo de neocrisandade, como em Thomas Bruneau, estava presente no município de Limoeiro e na administração das confrarias religiosas da cidade.

Bruneau, em seu estudo clássico sobre a Igreja Católica brasileira, chama atenção para o conceito de crisandade, como sendo esta relação de dependência entre o Estado e a Igreja, fenômeno presente na história da Igreja católica no Brasil enfraquecido depois da crise desencadeada pela chamada “Questão Religiosa” e pelo fim do padroado régio. Este modelo retorna com o fortalecimento da Igreja, nas primeiras décadas do século XX, apresentando novas nuances e, por isso, Bruneau atribui a essas relações Estado-Igreja no século XX como sendo uma Neocrisandade.<sup>28</sup>

As disputas políticas envolvendo os sacerdotes no município de Limoeiro das primeiras décadas do século XX eram evidentes e pouco disfarçadas. As rixas partidárias eram determinantes na nomeação e permanência de párocos no município e, conseqüentemente, de diretores da Pia União das Filhas de Maria. João Olímpio, em seu livro sobre a história eclesiástica limoeirense, fala das disputas envolvendo as famílias tradicionais

---

<sup>27</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 08 de dezembro de 1923.

<sup>28</sup> Ver: BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. Op. cit.

do município e os sacerdotes da cidade, o que reflete sua dimensão e o grau de acirramento.

A tradição oral recorda tiroteios entre a casa deste Coronel [José Nunes Guerreiro] e o solar do Pe. Acelino [...] José Ferreira Sombra (Mestre Sombra) era amigo e correligionário político do Pe. Acelino. Dona Judite Chaves Saraiva relatou que até os partidos Azul e Vermelho dos festejos da Padroeira eram politicamente divididos e aguerridos! Nas barracas dos Maloqueiros e dos Cafifins, havia sempre pedras amontoadas para serem atiradas nos adversários!<sup>29</sup>

Neste sentido, as indicações e permanências de párocos estavam ligadas às relações de poder com as famílias do município, em especial os Chaves, detentores do poder cartorial, e seus correligionários, que detiveram por muitos anos o monopólio do poder político local. Os padres que ousavam desafiar o poder dos Chaves, sofriam fortes represálias, já que a influência dos desse poder alcançava a alta hierarquia católica cearense, o que podia ocasionar até “suspensão de ordem” para os padres inimigos. Lauro de Oliveira Lima<sup>30</sup> fala dos conflitos entre padres e os detentores do poder político do município:

Além da dominação cartorial, os Chaves controlavam, muitas vezes, através dos vigários da paróquia, o poder eclesiástico. Quando um vigário sem ligações sangüíneas com os Chaves tentava enfrentar seu poderio, abriam contra eles guerra de morte, como fizeram com Pe. Acelino Arraes, que terminou sendo suspenso de ordem, substituído, por pressão dos Chaves, pelo Cônego Climério, tio de Franklin e de Judith. Outro padre perseguido pelos Chaves foi o Pe. Godofredo, que teve de sair de Limoeiro quase às carreiras. O mesmo aconteceu com Pe. Caminha, por ocasião da criação do bispado.<sup>31</sup>

O domínio político agregado ao poder eclesiástico é quase sempre a norma quando se refere ao Ceará das primeiras décadas do século XX. Essa espécie de conúbio entre o Estado e a Igreja era muito valorizado pelos líderes

<sup>29</sup> BRANCO, João Olímpio C. *O Limoeiro da Igreja* [...]. Op. cit. p. 115.

<sup>30</sup> Lauro de Oliveira Lima é um limoeirense, reconhecido por suas obras no campo da educação, especialmente nos métodos piagetianos. Em 1996, lançou um livro sobre a história de Limoeiro do Norte, intitulado *Na Ribeira do Rio das Onças*. Essa obra, resultado de oito anos de pesquisa nas mais diversas entidades e arquivos no Brasil e em Portugal, traz alguns documentos e depoimentos valiosos para aqueles que estudam a história do município. Após a publicação desse primeiro livro, Oliveira Lima publicou um segundo, intitulado *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte*, onde aborda a história da educação no município.

<sup>31</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza: Assis Almeida, 1997. p. 323.

políticos limoeirenses, que controlavam cuidadosamente a indicação dos sacerdotes que ficavam à frente da Igreja local.

As disputas e acordos entre os padres e as famílias pelo poder político local também podiam ser percebidos nas relações internas da Pia União. Cada troca de diretor, mudanças de cargos e pedidos de exoneração aparecem nas atas das reuniões, sem motivos aparentes.

Tendo a Prezidente desta associação enviado um officio pedindo a sua exoneração deste cargo allegando falta de saúde e conjuntamente a Thesoureira pelo mesmo motivo, nosso Director tratando-se de um cazo grave não quis dar as referidas exonerações senão depois de reflexão e de ter consultado a Vontade de Deus pelo que resolvi decidir o cazo nesta sessão. [...] <sup>32</sup>

Entretanto, esses pedidos nem sempre eram bem recebidos pelo diretor, que não hesitava em censurar a decisão daquelas associadas que se recusavam a permanecer ocupando cargos na irmandade. O pedido de exoneração deveria ser analisado por ele, que comunicaria a aceitação ou não do pedido, enquanto escolhia outra associada apta a ocupar o cargo.

Usando da palavra o nosso Director disse-nos que havendo a Presidente e a Thezoureira na sessão passada pedido exonerações dos seus cargos e havendo marcado a sessão prezente para decisão do cazo, aconteceu que a Thesoureira antecipando a qualquer decisão mandou entregar o livro caixa com o saldo e a bolça da mesma associação. Facto este censurável e até incurso nas pennas do Regulamento da nossa Pia União sendo assim motivo de suspensão de fita de Filha de Maria, mas não querendo utilizar-se dessa faculdade e nem usar deste rigor resolveu censurar este acto indigno de uma Filha de Maria e lançar na ata esta censura. Em seguida disse-nos que depois de madura reflexão e haver orado a Deus para decizão deste cazo pode perfeitamente sem engano saber que a vontade de Deus era que fossem ambas demittidas e assim as demittiu immediatamente e nomeou para substituilas Prezidente – Francisca Guimarães Malveira; Thesoureira - Maria de Freitas Pitombeira. <sup>33</sup>

Aborrecido com a atitude da tesoureira, que antecipou-se à sua decisão, mandando lhe entregar “o livro caixa com o saldo e a bolça”, o diretor da Pia União ordenou que se registrasse na ata a “demissão” das associadas. Com o recurso simbólico da retórica, ao invés de admitir que não lhe restava outra alternativa a não ser aceitar o pedido das associadas, o diretor afirmou

<sup>32</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de julho de 1927.

<sup>33</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de julho de 1927.

que, depois de ter refletido e orado, chegara à conclusão que “*a vontade de Deus era que fossem ambas demittidas*”. Com isso, registrava-se o fato, tirando das exoneradas a autonomia de suas decisões na irmandade, deixando ao diretor a palavra final sobre o assunto.

Esse caso é exemplar de como as relações entre o diretor e as Filhas de Maria nem sempre eram amistosas, e aponta para conflitos internos, demonstrando também como as associadas da Pia União, não eram meros receptáculos de ordens do clero, manifestando, vez por outra, suas opiniões e desejos.

O interessante é perceber que os mesmos motivos de saúde que ocasionavam a saída de uma associada não a impedia de continuar a freqüentar as reuniões regularmente, ou até mesmo de vir a aceitar a nomeação imediata para outros cargos. Por motivos políticos e familiares, essas mulheres estabeleciam um limite à sua colaboração com o novo diretor. A estratégia principal era continuar participando da irmandade, fato que trazia distinção social, porém sem auxiliar diretamente o seu administrador.

A secretaria, Maria da Penha Gurgel Guedes e a diretora, Maria do Carmo Pitombeira, pediram demissões dos seus cargos as quais foram aceitas pelo diretor. Em seguida o diretor nomeou a Filha de Maria, Heloiza Sombra como secretaria.

Esta não aceitando tão simples cargo, depois da reunião a ex-diretora assumiu o respectivo cargo, nomeada pelo diretor.

Não foi nomeada nenhuma para diretora, ficando para ser resolvido depois.<sup>34</sup>

Outrossim, um cargo que parecia estar diretamente atrelado às relações desfrutadas com o diretor da Pia União era o de diretora da associação, e àquela que o ocupava desfrutava de destaque e poder na irmandade. À diretora cabia “*presidir a todas as sessões em que não compareça o diretor, nem vice-diretor, se houver nomeado*”<sup>35</sup>.

Essa incumbência do cargo dava àquela que o ocupava, superioridade e influência sobre o grupo, principalmente quando o diretor em exercício costumava faltar às reuniões. É o caso do Cônego Climério Chaves que, tendo substituído, por questões políticas, o primeiro diretor e fundador da Pia União, Pe. Acelino Vianna Arraes, chegava a faltar muitas reuniões seguidas. Neste

<sup>34</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de junho de 1935.

<sup>35</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 60-61.*

caso, as leituras, reflexões e encaminhamentos das reuniões ficavam a cargo da diretora, que presidia a reunião.

Essa ausência do Cônego Climério Chaves sinaliza para um certo desprestígio, por parte da Igreja local, com a Pia União, durante o período em que esteve à frente da irmandade. Isto porque a Pia União era constantemente relacionada como sendo obra do Padre Acelino Viana, um declarado inimigo político da família Chaves. O conflito político entre o fundador da Pia União e a família Chaves culminou com a substituição do padre por um sacerdote dessa família. De acordo com a narrativa de João Olímpio Castello Branco,

O atrito do Pe. Acelino com Getúlio Chaves na calçada da Igreja, quando chegaram às vias de fato, se esbofeteando mutuamente, plantava certamente suas raízes profundas no desafeto político-partidário entre o partido do Padre Acelino [...] e o partido dos Chaves, mestre em eleições a bico de pena! Após a briga com o Padre, os Chaves se armaram para tirar desforra! [...] Neste “affaire” político-pastoral, o arcebispo, Dom Manuel da Silva Gomes, parece ter dado mais ouvidos à Família Chaves (Dr. Leonel, Sindulfo Chaves) que ao Pe. Acelino. Este não foi ouvido mas substituído, sem mais, precisamente por um irmão de Sindulfo e Henrique, o Cônego Climério Chaves.<sup>36</sup>

Depois de um ano à frente da Igreja local, período em que compareceu a apenas quatro reuniões da irmandade<sup>37</sup>, o Cônego Climério Chaves foi modificando sua postura, e passou a presidir as reuniões com mais frequência. O ingresso de novas associadas, pertencentes à família Chaves e seus correligionários, e a posição de prestígio que a Pia União desfrutava dentro da Igreja local podem ser apontados como alguns dos motivos que motivaram essa mudança de atitude do padre com a irmandade.

É interessante perceber que as associadas da Pia União não eram meras expectadoras dos conflitos políticos que nomeavam e suspendiam os sacerdotes locais. A resistência dessas mulheres, sinalizada com as ausências às reuniões mensais, prática que irritava os diretores, também aparecia de forma sutil nos documentos da irmandade.

Por isso, era importante a escolha da secretária da associação como forma de garantir um registro “adequado” dos fatos ocorridos internamente. A

<sup>36</sup> BRANCO, João Olímpio C. *O Limoeiro da Igreja* [...]. Op. cit. p. 115.

<sup>37</sup> Cf. levantamento feito nas Atas de Reunião da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. Período de março de 1923 a março de 1924.

seu cargo ficavam as atas da Pia União, bem como de todos os registros escritos da irmandade, que não deveriam ser mostrados a outrem sem as ordens do diretor.

As atas deveriam ser lidas, discutidas e aprovadas na reunião seguinte, garantindo também um controle e vigilância sobre os registros feitos. No entanto isto não intimidava algumas dessas mulheres que resistiam, aos reveses internos da irmandade provocados pelas disputas políticas locais. É em razão disso que a secretária Maria Ferreira Sombra, cuja família era politicamente ligada ao Pe. Acelino Viana Arrais, por ocasião da saída do mesmo, decidiu registrar na ata da reunião mensal uma exaltação ao trabalho do ex-diretor:

Faço constar na presente acta, que por Ordem Superior, foi dmitido [sic] o Revmo. Pe. Acelino Vianna Arraes ex-director e vigário desta Freguezia de Limoeiro, e nomeado o Revmo. Sr. Cônego Climério Chaves, prezentemente nosso Director e Vigário da mesma Freguezia.

Este, veio nos trazer, por meio da palavra de Deus, o balsamo vivificante e consolador para nossas almas; **aquelle nos deixou muitos exemplos de que jamais esqueceremos. Pois a elle devemos mor parte de nossa adiantação espiritual; a elle nós filhas de Maria devemos a insígnia de nossa Congregação; assim digo porque foi elle que teve a sagrada idéa de instalar nesta Freguezia de Limoeiro, a Pia União das Filhas de Maria a que pertencemos.**

**Finalmente por tudo que fez em pról de nossas almas, devemos muita gratidão.**<sup>38</sup> [Grifo meu]

Essa espécie de desabafo da secretária, exaltando a gratidão das associadas com o ex-diretor e exigindo reconhecimento de seus feitos, pode ser visto como uma forma de protesto, tendo em vista o modo como o padre foi retirado de Limoeiro, por questões políticas.

No que diz respeito à hierarquia interna da irmandade, embora o manual orientasse que as ocupantes dos cargos da Pia União deveriam ser escolhidas sob votação das associadas, o cargo de diretora não obedecia, necessariamente, a esta regra. Os critérios de “merecimento”, “moralidade” e, obviamente, político-pessoais, estabelecidos pelos sacerdotes, definiam as novas diretoras da Pia União.

---

<sup>38</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 04 de janeiro de 1923.

Por vezes, até mesmo os cargos que deveriam obrigatoriamente ser votados pelas associadas, tais como presidente e secretária, eram nomeados pelo diretor. Essas nomeações eram feitas sem discussão com o grupo, sendo apenas mencionadas nas atas.

O que é possível observar nas atas das reuniões mensais das Filhas de Maria é que, a cada novo diretor, a diretora em exercício começava a faltar às reuniões da irmandade. Logo após este súbito e inexplicado afastamento, o padre nomeava uma nova diretora sem mencionar a razão da saída daquela que ocupava o cargo anteriormente.

Os cargos de diretora e vice-diretora eram os únicos que podiam ser ocupados por senhoras casadas, uma vez que a irmandade das Filhas de Maria era constituída exclusivamente por jovens solteiras, e o casamento as excluía automaticamente da irmandade.

Por essa especificidade do cargo, não é raro ver ocupando o posto de Diretora da Pia União das Filhas de Maria as senhoras esposas de políticos ou abastados comerciantes. Isto quando elas próprias não desfrutavam de um certo poder político dentro do município. É o caso de Judite Chaves Saraiva, que ocupou o cargo de diretora da Pia União na década de 1930.

Os cargos da Irmandade traziam para as associadas escolhidas um maior prestígio social. Melhor do que ostentar o título de Filha de Maria era ostentar os cargos de presidente, secretária, tesoureira ou diretora da Pia União das Filhas de Maria.

Judite Chaves Saraiva era conhecida por sua liderança política, fato mencionado pela crônica histórica do município. Dona do cartório local, chegou a ser conhecida como “coronel de saias”, tendo em vista seu poder político na região. De acordo com Francisco de Assis Pitombeira, “na política, Da. Judite foi um “Coronel” vestido de saia. Comandava os chefetes políticos com a eficiência e o autoritarismo de um caporal.”<sup>39</sup> Judite articulava-se com muitos nomes da política e, em anos de eleição, sua casa transformava-se em núcleo de articulação, onde ela recebia a todos como uma espécie de matriarca. Seu prestígio político era maior do que o de muitos “coronéis” e “caciques políticos” da região. A esse respeito, Antônio Pergentino Nunes afirma:

---

<sup>39</sup> PITOMBEIRA, Francisco de Assis. Comentário. apud LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Op. cit. p. 329.

Nos anos em que ocorriam eleições, a casa de dona Judite recebia políticos dos mais diferentes matizes, dependendo é claro, dos acordos realizados pelo deputado Franklin Chaves. Naquela residência estiveram grandes estrelas da política cearense e, porque não dizer da política nacional. Recebia-os como se fosse a matriarca de todos eles.<sup>40</sup>

O regimento da irmandade permitia que mulheres casadas ocupassem o cargo de Diretora. Assim, tendo à frente da congregação sacerdotes que se relacionavam com sua família, Judite Chaves fez parte da Pia União primeiro como vice-diretora e, posteriormente, como diretora.

No início da década de 1930, a Igreja Católica fundou a Liga Eleitoral Católica (LEC), como estratégia para se inserir de forma mais direta nas disputas eleitorais. É com a LEC que a inserção da mulher católica na vida política do Estado assumirá uma nova dimensão.

De acordo com Thomas Bruneau, a LEC não era um partido político e objetivava *“alistar, organizar e instruir o eleitorado católico; e assegurar o voto católico para os candidatos que aceitassem o programa da Igreja e concordassem em defendê-lo”*<sup>41</sup>. A afirmação de Bruneau está em sintonia com o discurso da imprensa católica que se empenhava afastar da LEC a imagem de partido político.

A Liga Eleitoral Catholica não é, de forma alguma arregimentação política. Não possui qualquer veleidade partidária. É e vae ser, com a graça de Deus, a orientadora e a esclarecedora da consciencia catholica brasileira – isto é, da maioria nacional, da quase totalidade do nosso povo – sobre o direito do voto e o dever de votar bem.<sup>42</sup>

O fato de não se declarar como partido, desvinculava a Igreja da imagem negativa das desavenças políticas, e dava à LEC a liberdade de vincular-se a qualquer partido, conforme seus interesses. Entretanto, de acordo com Simone de Souza, no Ceará a LEC se transformou *“em verdadeiro partido político”*<sup>43</sup>.

<sup>40</sup> NUNES, Antônio Pergentino. Atuação Política de Dona Judite. In: FREITAS, Maria das Dores Vidal (org). *Judite: Centenário de Nascimento 1906-2006*. Fortaleza: Premium, 2006. p. 40.

<sup>41</sup> Cf. BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. Op. cit. p. 82.

<sup>42</sup> “O que é e o que quer a Liga Eleitoral Catholica”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza. 04 fev. 1933. p. 04. Em todas as citações do *Jornal O Nordeste*, manteve-se a grafia original do documento, inclusive com seus erros de ortografia.

<sup>43</sup> SOUZA, Simone de. Da ‘Revolução de 30’ ao Estado Novo. In: SOUZA, Simone de (org.). *Uma nova História do Ceará*. 3 ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004. p. 301.

A ligação da LEC com as mulheres católicas e, principalmente, com as Filhas de Maria, proporcionou um fortalecimento da Igreja no que se refere às eleições no Estado do Ceará e também na Constituinte federal. A Igreja, que a princípio não via com simpatia o sufrágio feminino, instituído pelo código eleitoral de 1932, encontrou neste um forte ponto de apoio à seus ideais político-partidários.

A mudança de opinião dos sacerdotes católicos a respeito do voto feminino despertou críticas dos opositores da Igreja, que publicaram no Jornal *A Rua*, um artigo que o renomado Monsenhor Tabosa Braga escrevera anos antes, atacando a busca feminina por direitos políticos. *O Nordeste*, de orientação católica, saiu em defesa do Monsenhor Tabosa e, para justificá-lo, argumentou:

Áquelle tempo, as eleições nada representavam. As mulheres não tinham attribuições eleitoraes. [...] Hoje, o Código concedeu-lhes esse direito, que as senhoras católicas não pediram. [...] A situação é completamente outra. [...] A mulher católica concedeu o Governo o direito de voto. Esse direito é, pois, agora, um dever. Um dever dos mais graves e dos mais instantes. Mons. Tabosa, em eloqüente discurso na sessão de instalação da “L.E.C.”, disse isso mesmo. Tinha combatido o voto feminino, no sentido de que a mulher brasileira não se immiscuisse nas disputas viciadas do partidarismo. Mas, si hoje estava em suas mãos concorrer para livrar o país da ruína que o ameaça, chegara a hora de trabalhar com afinco pelo levantamento moral do Brasil. [...] Ao lado do Cardial Leme e do Episcopado brasileiro em peso, mons. Tabosa chama ao cumprimento dessa imperiosa obrigação cívica a mulher catholica cearense!<sup>44</sup>

Para a Igreja, o voto feminino era, *a priori*, um *dever* com a pátria católica, por isso a eleitora teria obrigação de fazer uso do direito que “não pediu”, lutando pela moralização do país. A mulher católica, que até então estava alijada da vida política, com a instituição do sufrágio feminino, passava a figurar como “cidadã católica”, para quem o voto tornava-se “imperiosa obrigação cívica”.

Com a instituição da Liga Eleitoral Católica no Ceará, a política assumia novas feições e os discursos do passado deveriam ser explicados e reinventados. No discurso da Igreja a LEC “não era um partido político”, embora, na prática, funcionasse como tal. Na verdade, a Liga Católica firmava

---

<sup>44</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 16 mar. 1933. p. 01.

acordos com candidatos e partidos a fim de ver garantidos, nas votações do legislativo e nas ações do executivo, os interesses da Igreja Católica.

Questões como o ensino laicizado, o casamento civil, a educação sexual, entre outras, figuravam entre as preocupações da Igreja. Os candidatos apoiados pela LEC assumiam o compromisso de defender os interesses da Igreja e votar contra as propostas que não estivessem em sintonia com a moral católica.

Por isso, a Igreja iniciou, no Ceará, uma forte campanha para o alistamento eleitoral feminino. Como isso, pretendia conseguir o apoio incondicional do contingente feminino do Estado, cujo voto era facultativo. À frente da campanha estava o veículo católico de comunicação de maior circulação no estado: o Jornal *O Nordeste*. Em suas páginas, os apelos para o alistamento das mulheres católicas eram constantes:

As senhoras catholicas são convidadas não só a se alistarem, mas a se allistarem na L.E.C., na Liga Eleitoral Catholica. O principal é alistar-se, mas já que existe a L.E.C., que tudo facilita, o mais simples, o mais lógico para os catholicos é servir-se della<sup>45</sup>.

Depois de orientar acerca do alistamento eleitoral, restava guiar as mulheres sobre a escolha dos candidatos, para que não houvesse desvio das eleitoras católicas. Vistas como uma nova “força” no processo eleitoral, o jornal católico cearense conclamava as “cidadãs cathólicas” a irem às urnas imbuídas de um sentimento de “responsabilidade para com a pátria e a Religião”. O voto feminino (que era facultativo), tornava-se, no discurso d’*O Nordeste*, uma obrigação daquelas que eram a “sentinella vigilante da Família”, e que, por isso, deveriam, “disciplinadas”, apoiar com “ardor” religioso, os candidatos da LEC.

Ide para as urnas decidida a concorrer, com a força do vosso voto consciente e franco, para a victoria dos candidatos da Liga Eleitoral Católica. Vós, hoje, representaes uma força, e é preciso que essa força não seja inoperante. Cidadã catholica: vede que é grande a vossa responsabilidade para com a pátria e a Religião. Que o vosso civismo – vós que sois a sentinella vigilante da Família – vos dê, também, o direito ao titulo de sentinella vigilante da felicidade do Brasil. Votae com o mesmo ardor, com a mesma dedicação, com o mesmo entusiasmo com que sabeis defender os vossos sentimentos religiosos, pois, votando na L.E.C., não fazeis mais do

---

<sup>45</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 14 fev. 1933. p. 01.

que ainda uma vez defendê-los. Não vos deixeis ficar em casa no dia 3 de maio. Porque, si o fizerdes, para evitar o ligeiro sacrifício de votar, lamentáveis conseqüências poderão advir da vossa abstenção. Disciplinadas e destemidas cumpri o dever que vos chama, exercendo o direito que vos assiste. [...]<sup>46</sup>

Na década de 1930, o número de Filhas de Maria era significativo, não só na cidade de Limoeiro, como também em todo o Estado do Ceará, em especial na capital, onde as associações Pias reuniam centenas de jovens católicas. Por isso, esses grupos eram muito visados e suas associadas, no novo contexto envolvendo o sufrágio feminino, eram peças importantes.

Para alistar-se, os requisitos básicos eram: ser brasileira, ter 21 anos completos, saber ler e escrever. O alistamento era pago e a eleitora precisava também apresentar “retratos”. A exigência que as candidatas a eleitora fossem alfabetizadas e tivessem uma certa disponibilidade de recursos financeiros tornava as Filhas de Maria ainda mais visadas, como um grupo apto ao alistamento eleitoral.

E, como se os apelos ao alistamento eleitoral não estivessem alcançando os resultados esperados, *O Nordeste* enrijece o tom de seu discurso dirigido às Filhas de Maria, apontando o voto como uma obrigação que deveria ser observada, em detrimento a pequenas vaidades, como a compra de um manual luxuoso. As Filhas de Maria deveriam escolher esse título por vontade própria, e para “merecer” o manual, a fita e a medalha, deveriam ser eleitoras, por isso o jornal católico lembrava retoricamente: “Há obrigação de se alistar. Não há obrigação de ser Filha de Maria”.

Minhas senhoras si esse pouco dinheiro que se gasta deve ser um motivo para uma senhora catholica não se alistar, digamos então que ainda não compreendeu ella a gravidade da situação. Eu vejo com a maxima admiração Filhas de Maria pauperrimas darem com gosto 10\$000 para um manual de Filhas de Maria, doirado, quando podiam adquirir um mais barato, de bordas encarnadas. Pois deixae que vos diga: o alistamento vale mais perante Deus que o seu manual, a sua fita e sua medalha, que não os merece.  
Há obrigação de se alistar. Não há obrigação de ser Filha de Maria.<sup>47</sup>

As Filhas de Maria, em Limoeiro, eram alcançadas pelo discurso do Jornal católico cearense, leitura obrigatória do grupo. Os ditames contidos no

<sup>46</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 28 abr. 1933. p. 05.

<sup>47</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 14 fev. 1933. p. 01.

Jornal eram ratificados pelos sacerdotes durante as reuniões da irmandade. Votar nos candidatos apoiados pela LEC era uma obrigação das Filhas de Maria. Essa obrigação ultrapassava o âmbito da consciência religiosa, e sua não observação estava sujeita a retaliações severas, inclusive a expulsão da irmandade.

Leu-nos [o diretor] a seguir no “Nordeste” um artigo sobre os deveres do católico em votar pela Liga Eleitoral Católica, ao terminar disse-nos que se alguma Filha de Maria não votasse na Liga, seria excluída [...]<sup>48</sup>

As ameaças de expulsão que se efetivavam, por vezes chegavam a causar polêmicas nos meios de comunicação. Foi o caso da vizinha cidade de Riacho do Sangue, onde o pároco José de Alencar Santiago, suspendeu duas Filhas de Maria que ousaram não votar nos candidatos da LEC. O exemplo de Riacho do Sangue foi criticado severamente pelo Jornal *O Povo*. A crítica foi comentada pel’*O Nordeste*, que saiu em defesa do padre Santiago, apoiando sua decisão, uma forma de comunicar às associadas das Pia Uniões que as desviantes eram exemplarmente punidas. De acordo com o periódico católico, não havia exagero na decisão do padre, ao contrário, tratava-se apenas de uma “trivial” pena disciplinar:

[...] toda gente vê que o padre não exorbitou da sua coherencia doutrinaria...  
É coisa muito trivial uma pena disciplinar, numa associação religiosa. Assim como freqüentar bailes é acto incompatível com os estatutos de uma congregação Mariana, do mesmo modo votar em maos candidatos, isto é, em gente reconhecidamente inimiga da Igreja deve ser flagrante inobservância da regra social. O vigário que dirige aquella parochia sabe muito bem, naturalmente, o que fez. Cumpriu o seu dever. [...]<sup>49</sup>

Essa dimensão política que a Igreja vai atribuindo à Pia União das Filhas de Maria promove também uma reinvenção de valores dentro da própria associação. A expulsão ou a suspensão de associadas, antes relacionadas apenas a fatores de ordem moral, assumem agora feições políticas. Essa mudança atribui um novo significado às sanções e normas disciplinares na irmandade. De espaço disciplinar e moralizador, a Pia União das Filhas de

<sup>48</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de setembro de 1934.

<sup>49</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 20 nov. 1934. p. 04.

Maria assume também o papel de base de apoio aos projetos político-eleitorais da Igreja Católica.

Em Limoeiro, os candidatos apoiados pela Liga Eleitoral Católica pertenciam ao grupo dos Chaves, detentores do poder cartorial. O compromisso da Pia União das Filhas de Maria com a LEC evidenciava-se pelo fato de sua diretora, Judite Chaves, ter sido nomeada, por intermédio do padre Manoel Caminha Freire de Andrade, para liderar as ações da Liga no município. Outras associadas da Pia União também ocupavam cargos na LEC, é o caso da secretária Consuelo Guedes, que também secretariava a Liga de Limoeiro.

Por ocasião da instalação da LEC no município, preparou-se um evento solene. A ele compareceram as pessoas mais proeminentes da sociedade limoeirense: comerciantes, donos de carnaubais, clero, e “em nome do elemento feminino”, as Filhas de Maria.

Domingo, dia 5 deste mês, em Limoeiro realizou-se a instalação solenne da L.E.C..

No salão do Cinema achavam-se as famílias limoeirenses em peso. O padre Edgard Saraiva Leão, vigário da parochia disse da finalidade daquela reunião, convidando empós os membros da junta social a receberem o cargo que lhes confiara o dever.

Falaram, em seguida, os clérigos Misael Alves e Macário Maia, a senhorinha Consuelo Guedes, em nome do elemento feminino, e para finalizar, o estudante do Collegio Cearense, Sinobilino Pinheiro da Silva Maia. [...] <sup>50</sup>

A medida que os títulos eleitorais iam sendo confeccionados, o Jornal *O Nordeste* publicava listagens, convocando os eleitores a fim de receberem seus títulos. Nestas listagens, a maioria dos convocados era composta de mulheres. Pouco afeitas aos assuntos da política, essas novas eleitoras seguiam, em sua maioria, a orientação sussurrada do confessor e a eloquência do púlpito.

Em boa medida a vitória dos candidatos da LEC no Ceará, portanto em Limoeiro, contou com a participação do contingente feminino. As mulheres católicas, atendendo à convocação da Igreja, demonstraram, através do alistamento eleitoral, da participação na organização da Liga, e dos resultados

---

<sup>50</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 14 fev. 1933. p. 06.

nas urnas, o peso que a participação e o voto feminino poderiam ter na vida política do Estado.

Esse reconhecimento da influência do voto feminino na vida política do Estado veio à tona na campanha eleitoral seguinte, quando o jornal *O Nordeste* publicava, em letras garrafais:

Mulher Católica! Eleitora da LEC, que asseguraste, no pleito memorável de 14 de outubro, a vitória das nossas aspirações vai votar!<sup>51</sup>

Em meio às disputas político-partidárias, o grupo das Filhas de Maria apresentava potencial, em termos de votos. Por isso, o grupo passou também a se envolver nas obras assistenciais, tão ao gosto das práticas políticas clientelistas onde os chefes políticos tomavam a frente das instituições de assistência social, como uma forma de angariar votos e garantir a manutenção do *status quo*.

A partir da década de 1940, as Filhas de Maria iniciaram um trabalho de visitação de doentes nos bairros mais pobres e afastados da cidade, para prestar-lhes “assistência espiritual”, ações no âmbito da caridade, incentivada dentro da irmandade.

A cada mês, um grupo de visitadoras era designado para fazer a visita aos doentes carentes da cidade. Alguns grupos, especialmente aqueles compostos pelas mais abastadas, tratavam de ir além da assistência espiritual, fazendo doações aos mais necessitados...

Consto que nessas visitas, além de conforto espiritual que procurámos fornecer nas medidas de nossas módicas possibilidades, algo de auxílio material prestamos aos doentes visitados.

Consta-se também que estas visitadôras, além do conforto espiritual, forneceram algo de auxílio material aos doentes mais necessitados.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 22 mar. 1936. p. 04.

<sup>52</sup> Trechos dos *Relatórios de Visitação aos Enfermos da Pia União das Filhas de Maria*. Estes relatórios eram elaborados pelo grupo de visitadoras. Cada grupo era formado por quatro Filhas de Maria. A cada mês organizava-se um grupo para fazer visitas aos enfermos, nas casas da cidade. Sobre essas visitas elas deveriam apresentar um relatório detalhado dos bairros, casas e doentes visitados, bem como de toda a assistência prestada. Manteve-se a grafia original do documento.

Praticar caridade, e dar esmolas numa cidade onde as jovens eram conhecidas a partir dos nomes de seus pais, podia ganhar uma dimensão política, e essa assistência material podia despertar sentimentos de gratidão nas famílias assistidas. Num contexto onde as eleições chegavam a ser decididas por menos de duas dezenas de votos, essa gratidão podia ser revertida em alguns votos importantes.

A década de 1930, em Limoeiro, foi marcada por mudanças na economia local. Foi nesta década que as fortunas construídas à base da cera de carnaúba se consolidaram e, com elas, o acirramento das disputas políticas. Os partidos bipolarizados eram os representantes dos segmentos político-sociais nos quais a cidade estava dividida: a elite Cartorial e os comerciantes enriquecidos. Enquanto seu dinheiro trazia símbolos do progresso, os “novos ricos” também desejavam assumir o poder político do município. No entanto, de acordo com Lauro de Oliveira Lima, esse processo foi lento e os Chaves permaneceram, por algum tempo, gerindo o poder político na cidade.

A cera de carnaúba, rapidamente, escorria das palhas cortadas para o comércio, gerando a intensificação dos transportes e das atividades bancárias, processos altamente modernizadores [...] Mas, os novos ricos não tinham tirocínio político para tomar o poder dos burocratas. Teriam que aprender a politizar a duras penas. Assim, embora constituindo uma “nova classe” (novos ricos), não conseguiram logo assumir o poder que continuava a ser gerido pelos Chaves.<sup>53</sup>

Na realidade, não se trata de “aprender a politizar”, mas de iniciar um processo de ampliação de poderes, especialmente no campo político, uma vez que essa pequena parcela de comerciantes detinha o poder econômico local. Para isso, as disputas deveriam ocorrer em todos os espaços da vida social limoeirense e, neste caso, a Igreja era um espaço privilegiado de poder e prestígio junto à população local.

Na Pia União das Filhas de Maria, a década de 1930 também foi determinante para a afirmação da irmandade como um lugar de prestígio social, o que conferia *status* às suas associadas. O primeiro indicativo dessa elevação no prestígio da irmandade é a ampliação do número de associadas da Pia União.

---

<sup>53</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Op. cit. p. 321.

A Pia União das Filhas de Maria nasceu pequena, com apenas sete associadas. Entretanto, nas décadas seguintes à sua fundação teve um crescimento acentuado, terminando a década de 1920 com um número de noventa associadas. Já durante a década de 1930, o número de associadas chega ao patamar de trezentas e nove.

É possível acompanhar, no gráfico 01, o crescimento do número de associadas da Pia União. Durante mais de dez anos a Pia União das Filhas de Maria, em Limoeiro, apresentou um crescimento acanhado. Porém durante a década de 1930 a irmandade mostrou um crescimento elevado, tendo seu número de associadas aumentado em mais de 350%.

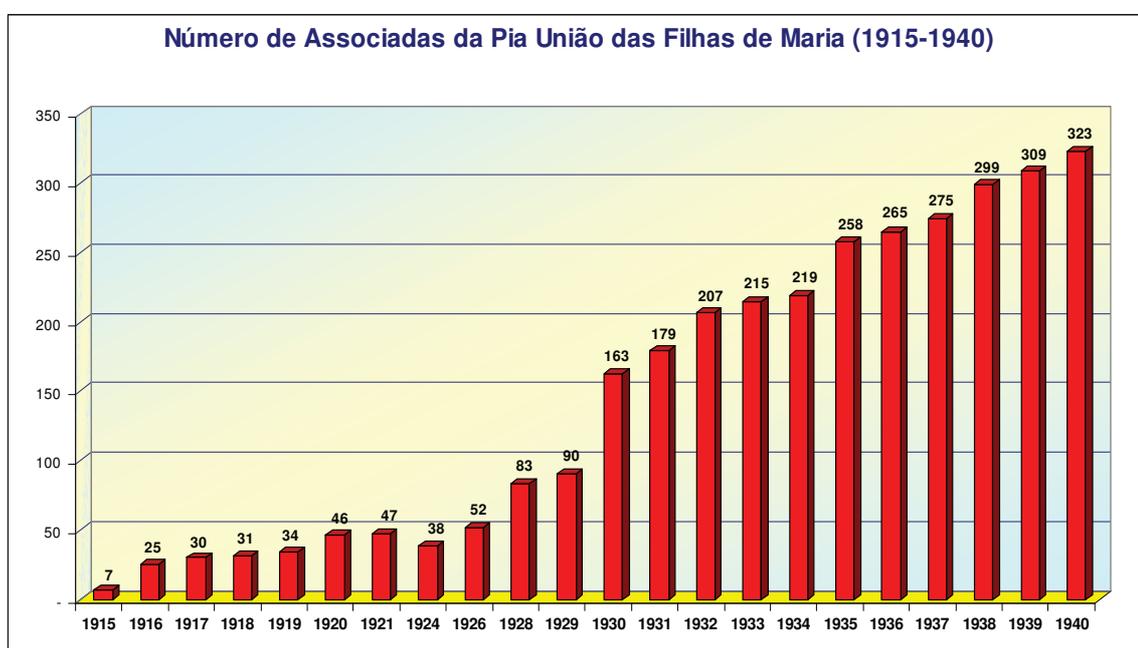


Gráfico 03 - Crescimento do Número de associadas da Pia União das Filhas de Maria. Fonte: Livros de Atas da Pia União das Filhas de Maria

Por outro lado, o crescimento do número de associadas também trouxe uma série de dificuldades para o clero que, vendo as “fecundas sementeiras de virtude” florindo e se multiplicando na cidade de Limoeiro, passou a encontrar mais dificuldades para mantê-las “simples na malícia e prudentes nas boas obras” e assim disciplinar o crescente número de mulheres que adentravam à Pia União.

Vigiar as ações de um número cada vez maior de associadas era uma tarefa trabalhosa. Difícil também era conseguir reunir o grupo para as reuniões mensais, ocasiões onde o padre tratava de repassar preceitos disciplinares às

Filhas de Maria, centrando-se principalmente em suas obrigações. Era necessário que a irmandade crescesse, sem, no entanto comprometer sua imagem de instituição formada por jovens puras e de comportamento ilibado.

Contudo, à medida que a irmandade crescia em número de associadas, percebe-se, nas fontes, pequenos desvios das normas, mostrando que as associadas nem sempre estavam dispostas a cumprir cuidadosamente as regras da irmandade...

### 1.3. Normas, Disciplina, Danação.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo.

Michel Foucault

Numa cidade pequena, onde os espaços de sociabilidade estavam relacionados aos ritos da Igreja, as Filhas de Maria tornaram-se sinônimo de importância e destaque social.

A partir da década de 1930, a Pia União das Filhas de Maria se transformou em sinônimo de modelo de jovem católica idealizado pela Igreja e se tornou também objeto de desejo para aquelas que, vendo a evidente projeção social da irmandade almejavam dela tomar parte.

Assim, quando iam às missas, vestidas de branco, fita de cetim azul ao pescoço, ocupando os bancos da frente da Igreja especialmente reservados para elas, as jovens Filhas de Maria despertavam naquelas que as viam, o desejo de devoção e de visibilidade social desfrutado por elas e evidenciado nos rituais religiosos.

Para além dos conflitos e interesses políticos, as Filhas de Maria lidavam com as normas e vigilância da irmandade. Tidas como modelos de pureza perante a sociedade limoeirense, essas jovens viviam às voltas com os

desejos e tentações mundanas e as normas e preceitos morais estabelecidos pela Igreja Católica.

A norma que regia as Filhas de Maria era vigilante. Na vigilância se baseava a garantia de bom funcionamento da Irmandade. A Pia União era exemplo de pureza, por isso em seu corpo não poderia haver máculas, figuras desviantes que desmerecessem a imagem da associação. Não por acaso, as orientações em torno da vigilância de si e das outras eram constantes, e a eficácia dessa teia variava de acordo com as astúcias e as posições sociais daquelas que burlavam as regras.

Neste sentido, o primeiro objeto de cuidado era a indumentária. Das Filhas de Maria exigia-se que se vestissem adequadamente, o que significava não deixar o corpo à mostra. Decotes, transparências, vestidos curtos ou sem mangas eram reprováveis, por isso, as novas modas eram condenadas pelo discurso católico.

### 1.3.1. A sedução das novas modas

Conheço pessoas respeitáveis e catholicas que acompanham os vestuários da moda actual. Ai! Quantas Filhas de Maria tenho topado de pernas á mostra, por essas avenidas...

Jornal *O Nordeste*

Michelle Perrot afirma que *“a memória feminina é vestida. A roupa é a sua segunda pele, a única de que se ousa falar ou ao menos sonhar”*<sup>54</sup>. A vestimenta bem comportada, de acordo com as orientações da igreja, era o primeiro compromisso público assumido pelas Filhas de Maria. A indumentária era o primeiro fator a ser atentamente vigiado, principalmente por ser a roupa uma espécie de casca entre o corpo e o mundo. Na memória das Filhas de

---

<sup>54</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad.: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005. p. 39.

Maria, as normas da indumentária são as primeiras reminiscências que afloram.

Tudo de branco, nesse tempo se usava véu, mantilha, a fita azul [...] todo mundo ia de branco, Filhas de Maria era de branco, fita azul e seu véu branco, depois deixaram de usar, né, véu, mantilha. Tinha que andar de meia [...] por que era o regime daqui, tudo de meia.<sup>55</sup>

Era também a roupa bem comportada e os adereços de uma filha de Maria que deviam comunicar sua identidade, o seu grau de respeitabilidade e pureza. O corpo, veículo de pecado, portador de sentidos e instintos, deveria ser zelosamente coberto. A exposição do corpo, de partes dele, era uma abertura à tentação e ao pecado. O corpo bem vestido era o símbolo do recato e da pureza de uma jovem donzela zelosa da moral e dos bons costumes, seguindo os preceitos católicos.

Tinha que renunciar a muita coisa... não podia andar de vestido de alça, né? De roupas assim como hoje, semi-nua [...] Não podia calça comprida! Ave Maria! Nessa época nem existia mulher andar de calça comprida, né? [Risos]<sup>56</sup>

A vestimenta tem um caráter ostensivo, por isso era difícil disfarçar, diante da sociedade limoeirense, quando o padrão recatado de vestimenta de uma Filha de Maria era desrespeitado. No entanto, o medo de serem apanhadas usando roupas mais ousadas, decotadas ou transparentes não impedia algumas associadas da Pia União de desrespeitar o regulamento.

[O Revmo. Diretor] Chamou-nos ainda atenção sobre a modéstia no trajar, pelo fato de ter notado algumas infrações neste ponto, às regras dos Estatutos.<sup>57</sup>

Essas infrações podem ser vistas como tentativas, por parte dessas mulheres, de adotar lentamente novos hábitos no trajar. Entretanto, essas tentativas eram combatidas pelos sacerdotes, que temiam o afrouxamento das regras e a conseqüente “desmoralização” da Congregação criada para ser modelo de moral e bons costumes.

<sup>55</sup> Nôzinha Conrado de Souza. 82 anos. Entrevista gravada em 16/06/2005, em Limoeiro do Norte-Ce. A fita azul era o indicativo da Filha de Maria. A aspirante usava uma fita verde. Estas fitas, com medalhas presas à elas, eram usadas de forma ostensiva em todos os rituais da Igreja.

<sup>56</sup> Maria Menas da Silva, 70 anos. Entrevista realizada em 08/01/2004.

<sup>57</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 05 de março de 1933.

O vestido branco com mangas longas, acompanhado de meias grossas e a cabeça coberta pela mantilha apontam para o quão pecaminoso, na visão da Igreja, era a simples visão da pele. Por isso, não só os padres em suas paróquias, mas os órgãos da imprensa católica debatiam, constantemente, a indumentária feminina. No Ceará, a discussão prescritiva do traje feminino ficou principalmente a cargo do Jornal *O Nordeste*.

As modas, cada vez mais ousadas, e indecentes na visão dos conservadores, eram alvos de constantes debates no jornal católico, bem como em outros jornais da capital cearense, onde apareciam como responsáveis por uma projeção negativa de memória, para o historiador do futuro.

Que dirá, por exemplo, o historiador futuro, das mulheres deste século XX, possuídas da estranha mania de exhibir publicamente toda sua plastica, das pernas até os ombros, do seio aos braços, como nunca se viu em outras eras menos civilizadas? A crise se tornou de tal forma aguda que os príncipes e outros maiores da Igreja se empenharam em por um paradeiro a falta de pudor de certas elegantes.<sup>58</sup>

Assim, o comprimento das saias, os decotes dos vestidos, as calças compridas femininas, ocupam constantemente as páginas dos jornais, figurando nos artigos, nas cartas de leitores e nos editoriais dos matutinos da capital cearense. Com veiculação também nas cidades interioranas, esses jornais tinham um discurso conservador e austero acerca dos novos hábitos de vestimenta feminina. Atacando as conquistas das “Filhas de Eva” no campo profissional, acusavam-nas de tentarem igualar-se aos homens na vestimenta.

[...] No Brasil, também, as mulheres já estão querendo igualar-se, na indumentaria, aos homens. Já são eleitoras, medicas, advogadas, “chauffeurs”, empregadas públicas, guarda-livros, fumantes. Agora desejam mais: querem andar, também, de calças de casemira e paletot, á la homme. Os representantes do sexo forte se tomam de alarme. É o cumulo! Dizem. Mas as Filhas de Eva não recuam. [...].<sup>59</sup>

Tida como símbolo da degradação social, e como elemento corruptor da moral, dos bons costumes e da família, a moda era apontada como sinal de degradação da sociedade. Era a roupa que diferenciava as “mulheres respeitáveis” das “audaciosas mulheres perdidas”.

<sup>58</sup> Jornal *O Ceará*, Fortaleza, 29 out. 1926. p. 05. Em todas as citações do Jornal *O Ceará*, manteve-se a grafia do documento original.

<sup>59</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 23 jun. 1933. p. 02.

A moda tem dessas perversidades nas suas seduçções. Obrigada a gente do tom a portar-se, em seus gestos e vestidos, de tal maneira que, quando a policia quer defender a honestidade das familias, prendendo as mulheres que se portam inconvenientemente, ou por actos ou por trajos, vem a offender a dignidade das mesmas familias, por recair em elementos femininos do seu gremio a punição que se desejava impor a audaciosas mulheres perdidas... Que triste philosophia impõe as nossas reflexões [...] Pois então o desbragamento de costumes chegou a tal ponto que não se distinguem as senhoras das que profissionalmente o não são? [...].<sup>60</sup>

Diante de tantos impasses em torno da forma de trajar feminina, os anúncios dos jornais, jogavam com as inovações da moda, ora exaltando as novidades da moda, ora criticando-as. Estando suscetíveis tanto aos ensinamentos católicos quanto às estratégias de propaganda das novas modas, as Filhas de Maria se viam em meio a um campo de tensão, onde o desejo de seguir a moda e a proibição imposta pela Igreja mediam forças.

Esse conflito de valores e costumes estava presente nos anúncios veiculados pelos jornais. Os anúncios colocavam, por vezes, o jornal católico, que também dependia de anunciantes, em uma situação paradoxal. Nos anúncios, era comum a veiculação de textos e imagens contrários ao discurso editorial.



Figura 01 – Anúncios publicitários veiculados no Jornal O Nordeste.

<sup>60</sup> Jornal O Nordeste, Fortaleza, 05 mar. 1927. p. 04.

Por isso, é contraditório que, embora combatesse ferrenhamente as “modas indecentes”, *O Nordeste* trouxesse em suas páginas anúncios de vestidos e roupas da moda, bem como de outros artigos que povoavam o universo da vaidade feminina, sempre tão condenada pela Igreja e por esse jornal.

Os anúncios, não ficavam restritos à textos escritos, e constantemente se apresentavam em versões ilustradas, onde apareciam imagens de mulheres modernas, trajas decotados, rostos maquiados e cabelos *à la garçon*, outro modismo combatido com veemência pelos meios de comunicação católicos.

Mulheres sensuais, em decotes arrojados e vestidos sem mangas podiam ser vistas figurando nos anúncios veiculados pelo periódico católico. Mas essa imagem de mulher e essas modas não eram admitidas às Filhas de Maria. Os decotes, os vestidos sem mangas, as poses sensuais, a maquiagem e a vaidade, eram veementemente combatidos pela Igreja.

Objetos do desejo feminino, os artigos da moda não condiziam com os valores morais exigidos das Filhas de Maria. O fato de serem proibidas de adotarem os modismos da suposta vaidade feminina influenciava na forma como essas jovens eram vistas; colaborando para o estereótipo de “vitalinas” feias e fora de moda, que os opositores da Igreja atribuíam à elas.

Sabbado passado, em certo estabelecimento de modas [...] defrontei-me com um bando de vitalinas que se inculcavam de “Filhas de Maria”. [...] O grupo de vitalinas entrou no estabelecimento referido, e a mais velha falou para o chefe da casa nestes termos: “Vimos, aqui, para o sr. Não publicar annuncios no “O Ceará”.

- Porque, minha senhora?

- Porque é um jornal ex-commungado.

- E se eu continuar a publicar?

- Neste caso, nós, em número de mais de 50 trincas, fazemos boycottage. Não compraremos mais, aqui.

- Muito obrigado, respondeu gravemente o commerciante. Não perco nada com isto. A minha Loja é de modas, as senhorinhas são prohibidas de comprar, de usar modas. Temos conversado.

Logo, depois, as vitalinas sahiam puxadas pela vitalina-mór que tinha o corpo do Mainha e a cara do Agostinho. Era um caso teratológico.<sup>61</sup>

Rotuladas de “beatas” e “vitalinas”, associadas à feiúra, a imagem das Filhas de Maria começava a ser negativada, especialmente pelo sexo oposto.

<sup>61</sup> Jornal *O Ceará*, Fortaleza, 19 out. 1926. p. 08.

Na década de 1930, iniciam, com estardalhaço, os concursos de “misses”. Esses concursos, combatidos com veemência pela Igreja, contrapunham as orientações católicas no que se refere ao pudor e recato femininos.

Vem despertando vivo interesse, nas rodas mundanas, o concurso de beleza que se promove na cidade americana de Galveston. É lamentável que se dê tanta atenção a um acontecimento sem importância e, infelizmente, tão explorado já. Para chegar á meta desejada, os promotores do concurso, [...] incitam a vaidade da mulher, procurando faze-la entender que a verdadeira beleza reside, não na pureza se sentimentos, no recato inerente aa sua condição, mas na ostentação despudorada dos seus ephemeros attractivos. [...]<sup>62</sup>

Desfilando com vestidos justos, decotados e por vezes até de maiôs, as misses, passavam a povoar o imaginário masculino, que se deslumbrava com o novo modelo de mulher representado pela figura da Miss. Esse novo ideal de beleza que se estabelecia, representava o contra-ideal das Filhas de Maria.

A Igreja, vendo seu modelo ameaçado pelos ideais de beleza dos concursos de Miss, empreendeu uma campanha de valorização da imagem da Filha de Maria como o tipo de mulher ideal, não só do ponto de vista religioso, mas também social. Vários são os artigos veiculados n’*O Nordeste*, atribuindo às Filhas de Maria mais do que “pureza espiritual”, conferindo-lhes também valores como beleza, juventude e bons modos. É neste sentido, e comparando-a com um concurso de Miss, que o jornal relata uma solenidade de entrega de fitas às Filhas de Maria, usando do artifício da escrita para descrever as moças lindas e o “excelso” espetáculo da entrega do diploma de “miss Filha de Maria”.

Dahi a pouco entravamos no grande templo catholico, que estava literalmente cheio. Não havia em todo elle logar para uma cabeça. O calor era insupportavel. Mas ninguem arredava pé. Ninguém se queixava. Todos, attentos, contemplavam o bello, o estranho, o excelso espectaculo de centenas de moças lindas, jovens, umas com velas accesas nas mãos, outras com fitas azues no pescoço [...] Uma a uma, aos pares, as moças se approximavam do arcebispo, todo paramentado e recebiam a fita verde ou azul, um manual e um diploma – o diploma de miss Filha de Maria. [...] Miss Filha de Maria é um título que pode ser alcançado por todas as moças cearenses. Não dá renome nem faz reclamo [como nos concursos mundanos]. Mas

---

<sup>62</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 19 jan. 1929. p. 04.

demonstra pureza, virtude, modéstia, sem que deixe de haver graça, encantos e beleza.<sup>63</sup>

A “miss Filha de Maria” era, na realidade, a mulher com quem se devia casar. Longe de representar a feiúra, elas representavam a segurança de um lar ajustado, com valores cristãos sólidos. Contrastando a frivolidade das “melindrosas” (para o *flirt*) e a seriedade das Filhas de Maria, bem compostas em seu papel de guardiãs do lar, o jornal comparava estereótipos de mulher, reforçando o imaginário da *mulher para casar* e da *mulher para “passatempo”*.

[...] E agora dize com franqueza. Entre a melindrosa que veste maillot para todo um populacho contemplar e uma donzella que põe o véu de Filha de Maria e usa mangas compridas, vestidos sérios, tem modos comedidos, qual dellas merecia a tua escolha para companheira, ao lar que sonhas constituir?

-Ah! Nem se discute. Digam o que disser, façam o que fizer, ninguém pode tirar da cabeça do homem que a verdadeira, a boa a digna esposa não pode sair desse meio de frivolidades em que desejam sacudir a mulher. Não, meu amigo, as melindrosas são muito boas para o *flirt*, para o *passatempo*. Mas quando se trata de dar o nó serio do casamento ah! Tem paciência, eu prefiro uma miss Filha de Maria. Pelo menos há mais probabilidades de acertar.<sup>64</sup>

O Jornal *o Nordeste*, diante as mudanças do trajar feminino, trata de empreender também uma campanha acerca do uso do véu, símbolo de recato feminino nos templos católicos. O véu era um adereço simbólico, não um simples enfeite. Seu simbolismo era representado pela cor branca (evocativa da pureza), pelo seu tecido leve e pelo uso exclusivo nos ritos religiosos, o que lhe conferia uma mística própria. Em contraposição ao véu estava o lenço, trazido pela moda, colorido e prático, podia ser usado tanto na Igreja como na praia. A alegria colorida dos lenços, associada aos outros usos que deles se fazia, tornava-os símbolos do mundano e do pagão.

É costume atualmente, entre nós, vindo do sul o uso, pelo elemento feminino, de um grande lenço tricolor, na recepção dos sacramentos. Ou por ser novidade, ou por ser cômodo, a nova moda tomou raízes e é o que vemos agora: meninas, mocinhas, senhoras, modernamente, a carioca, aproximarem-se de Nosso Senhor Jesus Cristo, de lenço à cabeça...

[...]

O véu é caro, só serve a Igreja. O lencinho bonito, e bizarro, é barato.

<sup>63</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 25 abr. 1929. p. 04

<sup>64</sup> *Idem. Ibidem.*

Tanto se presta para o uso a mesa da comunhão, como ao sol vivo das praias de banho...

Nas praias, cobre-se a cabeça por causa do sol da natureza, na comunhão, por causa do sol da justiça.

Acolá, é o mundano, aqui o místico. Lá é o profano, aqui a sacralidade.

Confundir esses dois pólos é confundir-se a si mesmo.

Não! Minhas prezadas irmãs cearenses! Não tragam para a Igreja o perfume das praias mas o perfume da prece e do reconhecimento.

[...]

O Véu branco: é a pureza. O véu é diáfano é a graça. O véu é leve: é a mística. O lenço é policrônico: é a leviandade. O lenço é moderno: é a dissipação. O lenço é prático: é o paganismo.

...Abençoado seja o véu! O véu branco da primeira comunhão! O véu branco da noiva!

O véu branco da donzela–flor perfumosa dos jardins da Igreja!

Minhas senhoras! Usem o véu!”<sup>65</sup>

O abandono do véu, durante as celebrações religiosas em Limoeiro, também começava a ser verificado pelos sacerdotes. Por isso, na Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro, antes mesmo da campanha empreendida pel’*O Nordeste* em prol do uso do véu, as associadas já eram orientadas a continuar usando esta peça da indumentária feminina, que dava ares de pureza às jovens católicas,

À seguir, [o diretor] fêz-nos um apelo, a que conservássemos na Igreja, as cabeças cobertas, pelo menos enquanto (sic!) estivesse o Ssmo. Sacramento exposto.<sup>66</sup>

O véu é uma peça emblemática do ocultamento das mulheres. Símbolo do pudor, da pureza e da submissão, seu uso assumiu significações múltiplas. Sob ele escondia-se a sensualidade e seus símbolos de sedução, como os cabelos, que atribuem à mulher uma sensualidade particular. Para Michelle Perrot, os cabelos das mulheres “são o símbolo da feminilidade, condensando sensualidade e sedução e atizando desejo”<sup>67</sup>

Com a cabeça coberta por seus brancos e diáfanos véus, as Filhas de Maria tomavam feições angelicais. Sob o véu, a imagem da obediência e da conformação da condição submissa da mulher religiosa. Entretanto, essa

<sup>65</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 21 out. 1943. p. 03.

<sup>66</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 04 de dezembro de 1932.

<sup>67</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Op. cit. p. 51.

submissão mostrava-se, por vezes, tão frágil quanto o finíssimo filó de seus véus.

Mas o controle que a Igreja buscava manter em torno das mulheres, especialmente das Filhas de Maria, seu modelo mais caro, numa sociedade em mudança, não se restringia às roupas. A rigidez das normas da Pia União espalhava-se pelas múltiplas práticas sociais do seu cotidiano, por isso era importante cuidar de suas formas de diversão. Os bailes e as danças “modernas” estavam em evidência neste período, e por isso tornaram-se alvo das críticas da Igreja, que via neles uma ameaça à pureza, principalmente pelo contato dos corpos.

### *1.3.2. Entre a virtude e a perdição*

[...] a dança é um vício companheiro da “gula”, da “embriaguez” e da “impudícia”  
[...] dissipa a inteligência, corrompe o coração e cauteriza a consciencia.

*Jornal O Nordeste*

O imaginário em torno do pecado e da perdição era alimentado pelos discursos católicos. O medo de uma possível mácula da irmandade fazia com que as Filhas de Maria fossem proibidas de participar de bailes, locais naturalmente propícios ao pecado, no dizer da Igreja.

Em ato continuo [o diretor] falou-nos sobre a proibição de audiência a Bailes; que todo divertimento sendo um meio de ocasionar muitos pecado e quasi (sic!) sempre graves, e sendo assim Condenado pela Santa Igreja, não deveríamos nunca concorrer para tal espécie de diversão, nem sequer com a nossa presença<sup>68</sup>.

Os bailes promovidos no município pelas famílias mais tradicionais sofriam censuras por parte da Igreja. Essa condenação demonstra como a

---

<sup>68</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de janeiro de 1937. É interessante ressaltar o fato que nessa reunião encontrava-se presente a Diretora da associação, D. Judite Chaves, uma das senhoras que costumavam, nos dias de festa na cidade, oferecer bailes em sua casa.

Igreja não se permitia perder espaço de doutrinação. Em seu livro, *Na ribeira do Rio das Onças*, Lauro de Oliveira Lima relata que *Certa vez, o vigário, Mons. Santiago, saiu à rua, com o Santíssimo, em procissão, para impedir um baile que se anunciava.*<sup>69</sup>

A presença de uma Filha de Maria num baile da cidade podia acarretar advertência ou expulsão da associação. A Igreja, não podia relaxar na vigilância em torno dessas mulheres. E para isso não hesitava em lançar mão do imaginário sertanejo em torno do medo do demônio para transmitir sua lição.

Por isso, narrativas permeadas de elementos do fantástico podem ser encontradas não somente nos jornais católicos, mas principalmente no imaginário local, alimentado pelas histórias que os próprios sacerdotes se encarregavam de difundir. É o caso do conto narrado por Inácio Guerreiro. Este conto, que ele costumava ouvir de seu pai, é paradigmático desse tipo de estratégia moralizadora, que manipula o medo e o imaginário em torno dos bailes, da dança, do pecado e da devoção:

Uma moça disse a meu pai: – ‘Ói, seu Pergentino, eu fui me confessar, confessei, aí o padre disse’ – ‘você falta dizer um pecado que você tem e não me disse’. – ‘Não senhor’. Procurei no juízo, não encontrei. Foi, [o padre] disse: – ‘você tem um pecado de uma inveja, você foi pra uma festa dançante, mais duas colega sua, e viu um rapaz muito bunito e dançando muito bem e você queria dançar com ele, e tava dançando mais outro rapaz e quando a música parava você ia falar com ele pra dançar; mas, você não via o rapaz. Caçava no salão e não via. E quando começava a tocar que você dançava com outro, lá vai ele dançando com as suas colega’. Aí eu [a moça] disse: – ‘Aconteceu, e eu achei muito ruim, mas quando acabava-se a música e não via o rapaz.’ – ‘Aquele rapaz era o cão. Mas, você é muito devota de Nossa Senhora, quando parava a música, Nossa Senhora escondia o rapaz e você não via’. Eu vi meu pai contar essa história umas pouca de vez. Você acredita que pode haver isso?<sup>70</sup>

No conto, o sacerdote, em sua função de confessor, intermediador entre Deus e os homens, tem o poder de saber aquilo que não lhe foi dito, como se pudesse alcançar a mente de sua confidente. Independente da consciência que essa mulher tinha de seus próprios pecados e faltas, ele parecia ter a faculdade de conhecê-la melhor de que ela própria. Uma espécie

<sup>69</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Op. cit. p. 494.

<sup>70</sup> Inácio Mendes Guerreiro, 83 anos. Entrevista gravada em 06/01/2004, na cidade de Limoeiro do Norte-Ce.

de advertência, onde fica implícito que do padre, nada se esconde, pelo menos não por muito tempo, talvez só até a próxima confissão, e uma Filha de Maria deveria se confessar com frequência, no mínimo, uma vez por mês.

Nesse sentido os contos foram importantes ferramentas de disciplinarização, instrutivos e carregados de valores morais e religiosos. Nestes contos, as situações modificavam-se - um casal desajustado, uma mulher vaidosa, uma mãe descuidada - mas os enredos giravam em torno dos mesmos personagens: o demônio, que ronda os católicos esperando uma pequena brecha para agir, um católico desajustado, que se salva depois de se entregar à Igreja, ou um católico dedicado que, em virtude de sua fé, é salvo por sua devoção aos santos católicos, em especial à Virgem Maria.

A história do velho Inácio permite pensar como o imaginário em torno dos bailes, das danças e do pecado era manipulado pela Igreja a ponto de se transformarem em contos e histórias que povoavam o imaginário popular, e amedrontavam o universo feminino. Nele, a opção que realmente pode salvar é a intensidade da devoção, e uma fiel devota não frequenta os lugares do pecado.

Para entender a função de uma narrativa deste tipo é necessário refletir acerca do papel do narrador e da narrativa em nossa sociedade, como propõe Walter Benjamin, para quem a narrativa

tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.<sup>71</sup>

Os conselhos difundidos pelos padres em suas narrativas sobrenaturais passavam a povoar o universo de narrativas dos habitantes da cidade. No conto repassado por Inácio Guerreiro é possível perceber também o esforço de validação da devoção à Virgem Maria. É ela quem efetivamente protege a moça do demônio, pois embora estivesse num espaço de pecado, era “muito devota de Nossa Senhora”. Ratificando o poder da proteção de Maria, os discursos da Pia União transmitiam às associadas a idéia de que elas

---

<sup>71</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 200.

eram fiéis especiais, duplamente protegidas pelo fato de pertencerem à irmandade.

Quem pertence a uma Congregação de Nossa Senhora é duas vezes Filho de Maria, e como tal tem o duplo direito à sua proteção especial na vida e principalmente na morte.<sup>72</sup>

Os bailes faziam parte do universo do proibido para as Filhas de Maria, entretanto isso não significa que fossem algo distante de sua realidade. As festas do município giravam em torno do calendário religioso, assim, nos dias de festa da Padroeira era comum as famílias mais abastadas realizarem bailes em suas casas. Na fala de Dona Menas Silva, “aqui acolá” aconteciam bailes “nas casas de família”, uma forma de ressaltar que mesmo “as festas dançantes” aconteciam em lugares respeitáveis.

Naquela época as festas eram tudo religiosa, na Igreja, né? Tudo era na Igreja, a sociedade, tudo era da Igreja. [...] Aqui, acolá, havia festa dançante aqui em Limoeiro. [...] havia, às vezes, nas casas de família. As vezes tinha aquelas família que fazia aqueles baile, né? [risos]. Chamavam baile [risos]. – ‘Vai haver um baile na casa de Fulano de Tal!’ Gostavam muito de fazer no dia 08 de dezembro, na festa de Nossa Senhora, sempre gostavam de fazer, à noite, aquele baile na casa de Fulano de Tal. Tinha aqui um advogado, que morava aqui, as vezes havia o baile era lá na casa dele, [...] E, às vezes, era na casa de seu Custódio [Custódio Saraiva marido de Judite Chaves], às vezes era na casa de outras pessoas, aqui acolá havia uma festa dançante.[...] <sup>73</sup>

Poucos bailes aconteciam na cidade. Entretanto, os bailes promovidos pelas famílias mais abastadas da sociedade limoeirense se transformavam em acontecimentos sociais. A presença nesses bailes era sinônimo de prestígio e reconhecimento. Neles, os laços de amizade entre as famílias se estreitavam e se fortaleciam, enquanto os mais jovens divertiam-se em um ambiente de suntuosidade que fugia ao cotidiano pacato do município. Os bailes nos casarões da cidade eram para poucos. Mas esta regra não se aplicava às Filhas de Maria.

Por pertencerem, em sua maioria, às camadas da “grada elite limoeirense”, o universo dos bailes estava presente nos hábitos sociais das

<sup>72</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 22.*

<sup>73</sup> Maria Menas da Silva, 70 anos. Entrevista realizada em 08/01/2004. Custódio Saraiva além de muito rico e politicamente influente, foi prefeito da cidade.

famílias dessas jovens, o que tornava sua proibição um mandamento difícil de ser obedecido, uma vez que, para tal momento de sociabilidade a elite limoieirense se preparava com apuro.

Estes bailes eram sempre animados com muita música, alegria, risos e pequenos prazeres mundanos, o que contraditava as regras de comportamento que essas mulheres deveriam seguir, pois, segundo seu Manual, uma Filha de Maria deveria evitar

[...] a demasiada alegria, as gargalhadas de espanto, os gritos, o correr ou andar muito depressa pelas ruas ou caminhos, o saltar, os gestos inconvenientes, os bocejos, em suma, tudo quanto não fica bem em uma jovem cristã, modesta e bem educada.<sup>74</sup>

As relações homem x mulher mereciam atenção e vigilância por parte da Igreja. E o baile era o lugar propício ao flerte e ao namoro, combatidos pelo padre:

Em seguida a Secretária abaixo assignada fez a leitura espiritual no Manual da Pia União, depois explanadas com varias explicações pelo Rvd. Director, concitando-as Filhas de Maria a observarmos o regulamento do mesmo Manual, evitando os namoros por passatempo, sempre perigosos e poucas vezes não pecaminosos.<sup>75</sup>

Outra má influência dos bailes era a dança, forma de diversão combatida veementemente pela Igreja católica e pelo clero local. A dança, o uso do corpo na busca de prazeres mundanos, era vista como perigoso instrumento do pecado.

Leu-nos, depois o Revmo. Director um tópico sobre as dansas atuaes, com algumas considerações interessantes sobre os exageros das mesmas, fazendo-nos ver o quanto são elas prejudiciaes á moça cristã, sobretudo á Filha de Maria [...]<sup>76</sup>

O contato corporal, que a dança propiciava era, em si, um pecado, pois o contato entre os corpos despertava os sentidos pecaminosos. Durante a dança, a imagem do homem sedutor se transmuta no próprio demônio. O Jornal *O Nordeste* enumera algumas das razões pelas quais um cristão não deveria dançar, entre elas pode-se destacar:

<sup>74</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* p. 123.

<sup>75</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de dezembro de 1925.

<sup>76</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 05 de junho de 1932.

- 1º) Porque, pelo contacto familiar com outro sexo, nos bailes, se despertam e alimentam as más paixões;  
 2º) Porque os atractivos dos sentidos e a inconveniencia dos trajos são causa de muitos peccados contra a pureza;  
 3º) Porque a Igreja Catholica, nossa mãe, condemna a dança como “divertimento immoral e incompatível” com a vida christã.  
 4º) Porque até os moralistas antigos chamam a dança “indecente e voluptuosa”;<sup>77</sup>

Nestes bailes, proibidos às Filhas de Maria e mal vistos pela Igreja, a dança era tida como divertimento imoral. Os namoricos de passatempo, outro mal combatido pelos mandamentos da Pia União, certamente teriam lugar garantido nas festas dançantes, onde iguais se congraçavam. As furtivas trocas de olhar, os sorrisos recatados e o discreto entrelaçar de mãos poderiam representar perigo e ameaça à imagem da Pia União.

Mas a preocupação envolvendo as relações homem x mulher não ficava restrita às relações extra-irmandade. O contato do sacerdote com as jovens senhorinhas Filhas de Maria também merecia cuidado e zelo. Por isso, no manual o diretor é advertido e orientado sobre seu comportamento com as associadas:

Quando tiver necessidade de falar com as associadas, fale-lhes, ou no confessionário, o que é SEMPRE mais prudente, ou diante da diretora ou presidente e NUNCA a sós com uma associada e em lugar que não seja público.<sup>78</sup>

Não se pode ignorar a não observância dos votos de celibato. Na cidade de Limoeiro, os boatos de sedução e relações impróprias entre os padres e as fiéis eram também recorrentes. Por isso, esse cuidado merecia ser bem observado, especialmente dentro de um projeto tão caro à Igreja católica: a formação moral e religiosa das jovens donzelas cristãs.

Apesar de todos os cuidados que cercavam a relação dos sacerdotes com as mulheres católicas, em Limoeiro verificou-se um desvio do Padre Godofredo Cândido dos Santos, noticiado na imprensa da capital:

Surpreendido em uma casa de família, a fazer proposta indecorosa a uma senhora respeitável, na ausência do marido, o padre, depois de esbofeteado pelo irmão da vítima, recebeu intimação para retirar-se imediatamente do município, sob pena de ser assassinado.

<sup>77</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 01 jan. 1929. p. 02.

<sup>78</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* p. 59.

Amedrontado, o desastrado Don Juan abandonou a cidade e vem, naturalmente, a esta capital, confessar-se, pedir perdão ao sr. Arcebispo e continuar em outra localidade o seu fadario. Não é a primeira vez que esse D. Juan de batina abusa da mansidão das suas ovelhas. Em Riachão e Aracoyaba elle attentou contra a moralidade das familias locais e nada soffreu. [...] <sup>79</sup>

O caso do padre Godofredo Candido chama atenção pelo fato desse sacerdote, ser também o diretor da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. Afinal, se o padre tinha coragem de investir sobre uma mulher casada, o que dizer das jovens associadas? O silêncio nas atas das Filhas de Maria a respeito da saída de seu diretor é indiciário do desejo de silenciar o escândalo, e evitar possíveis danos à imagem da associação.

As associadas da Pia União eram estimuladas a vigiarem-se mutuamente, o que trazia vantagens para a Igreja, visto que passava a contar com muitos olhos observando seus modelos de mulher. Esse método apresentava certa eficácia, visto que mesmo encontrando formas de burlar a vigilância, o medo estava presente nos hábitos as Filhas de Maria.

As jovens admitidas na Pia União das Filhas de Maria são obrigadas a portarem-se como verdadeiras Filhas de Maria e a dar bom exemplo a todos e em tudo e em toda parte, de modo que o seu título não seja só decorativo; e por isso, **toda a culpa que causa escândalo às suas companheiras ou a outras pessoas deve ser objeto de aviso**, repreensão, castigo ou até expulsão da Congregação. <sup>80</sup> [grifo meu]

Essa vigilância mútua tornava as relações entre as Filhas de Maria tensas, suscetíveis a acordos internos e propícias a disputas. O fato de serem orientadas a comunicar os possíveis desvios das companheiras as transformava em potenciais deladoras.

A cumplicidade advinda do medo de serem denunciadas ao diretor, certamente fazia com que estabelecessem pactos de silêncio e acobertamento recíproco de pequenas transgressões: namoricos após a missa, conversas não recomendadas, leituras mundanas; pequenos pecados que, se comunicados ao diretor, poderiam acarretar advertências e até expulsões.

Entretanto, no interior de um grupo que havia iniciado com um número reduzido de associadas, e que começava a crescer, as relações de amizade e

<sup>79</sup> Jornal *O Ceará*, Fortaleza, 14 nov. 1926. p. 02.

<sup>80</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* p. 55.

cumplicidade certamente tendiam a dividirem-se em núcleos de afinidades pessoais, o que colaborava para o surgimento de conflitos.

Sob a capa de uma identidade coletiva, a imagem é consensual, mas, deslocando-se para as individualidades, as fissuras emergem trazendo à tona conflitos e tensões que permeavam as relações vivenciadas entre estas mulheres.

Fez-nos [o diretor] sentir que recebeu denuncia de haver Filhas de Maria uzando vestidos de mangas curtas e transparentes, incorrendo em suspensão de fitas por 6 meses, caso reincidam.<sup>81</sup>

Para a Igreja, era conveniente que as associadas vigiassem umas às outras, comunicando os desvios diretor. Contudo, ao incentivar esse comportamento, a Igreja criava um campo de tensão entre as associadas onde era tênue a linha que separava um grupo coeso e bem comportado, com associadas engajadas no cumprimento dos regulamentos e um grupo dividido, permeado de disputas, intrigas e conflitos desnecessários. Era preciso que o grupo caminhasse de forma harmônica, para que as desavenças internas não comprometessem a imagem e as atividades da Pia União.

Em ato continuo falou-nos o Revmo. Diretor sobre a União perfeita que devia cada vez mais existir entre as Filhas de Maria; procurando estas evitar as intrigas e os pequenos fuchicos, que são estes os que em geral fazem nascer as grandes discórdias; fez-nos lembrar aquela bela passagem da Sagrada Escritura que nos diz: Como é belo e agradável habitar os irmãos em união! Disse ainda o Remo. Diretor que sendo a nossa associação “Pia” era indispensável a “União” [...]<sup>82</sup>

A Igreja buscava controlar as Filhas de Maria de muitas formas. Essas estratégias disciplinadoras surgem e desaparecem das atas das reuniões a medida que sua eficácia vai se tornando falha. Em fins da década de 1920, começa a aparecer nas atas das reuniões das Filhas de Maria uma nova estratégia de controle. Eram as “Flores a Maria”, ou “Tesouro do Mês”, como também era conhecido entre as associadas. Tratava-se de um formulário distribuído nas reuniões mensais da Pia União no qual as associadas traziam, registrado em números, o tamanho da sua devoção.

---

<sup>81</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de julho de 1927.

<sup>82</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de agosto de 1936.

No início de cada sessão, enquanto se distribuía os formulários a serem preenchidos ao longo do mês que se iniciava (as reuniões aconteciam sempre nos primeiros dias do mês), recolhia-se os formulários devidamente preenchidos com os atos de devoção do mês anterior. Somados, esses atos religiosos eram registrados no livro de atas da irmandade, compondo um “bouquet de flores de virtudes”.

Durante a chamada as Filhas de Maria entregaram e receberam os thesouros espirituaes; por isso teceram à Santíssima Virgem durante o mês de Dezembro o seguinte bouquet de flôres de virtudes: 554 missas; 537 comunhões; 635 visitas ao Santíssimo; 236 mortificações; 1296 terços; 671 visitas à Maria; 110 actos de caridade.<sup>83</sup>

Essa aritmética da devoção poderia fornecer ao diretor da Pia União indícios do comportamento individual e funcionava como uma ferramenta de controle. Além de inspecionar cuidadosamente o zelo das associadas com o “bouquet de flores de virtudes” oferecido a Maria mensalmente, o sacerdote inspecionava também o comportamento das Filhas de Maria durante a missa.

Um exemplo disso era a comunhão, obrigatória a todas nos dias de reunião da irmandade. Para a Igreja Católica, a comunhão é uma demonstração de pureza e ausência de pecados graves, uma vez que não deve comungar aquele que esteja em pecado, sob pena de perdição de sua alma. Assim, a associada que não comungasse, dava motivos ao diretor para que desconfiasse de seu procedimento fora da Igreja e deduzisse que cometera falta grave.

Durante a década de 1940 o formulário ainda era utilizado na irmandade, entretanto, logo nos primeiros anos da década de 1930, as atas das reuniões mensais deixaram de contabilizar o “bouquet de flores à Maria”. Certamente o número cada vez maior de associadas dificultava a contagem, mas seria apenas uma mudança de prioridades sobre o que deveria ser registrado nas atas ou é reflexo da ineficácia que este método de controle passava a apresentar?

---

<sup>83</sup> Ata da Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de dezembro de 1927.

<b>FLORES À MARIA</b>	
PIA UNIÃO	
CATEDRAL DE LIMOEIRO	
<i>Comunhões sacramentaes . . . . .</i>	
* <i>espirituas . . . . .</i>	
<i>Missas . . . . .</i>	
<i>Terços . . . . .</i>	
<i>Ofícios . . . . .</i>	
<i>Meditações . . . . .</i>	
<i>Leituras espirituas . . . . .</i>	
<i>Orações da manhã . . . . .</i>	
* <i>da noite . . . . .</i>	
<i>Jaculatorias . . . . .</i>	
<i>Mortificações . . . . .</i>	
<i>Visitas ao Santissimo . . . . .</i>	
<i>Esmolas . . . . .</i>	
Mês de _____ de 194	
(A) _____	

Figura 02 – Formulário de Flores à Maria

É interessante observar que o formulário de “Flores a Maria” sofreu reformulações ao longo da década de 1930, sendo acrescentada como uma das “flores a Maria” as “leituras espirituais”, o que demonstra que a leitura piedosa tornara-se obrigação cotidiana das Filhas de Maria. Por outro lado, observa-se também que, ao menos no que diz respeito a essa “contabilidade da fé”, a medida que a década de 1930 avançou, uma certa negligência por parte das Filhas de Maria começou a ser apontada pela documentação. Esse descuido das associadas é verificado nos planos espiritual e material.

Paradoxalmente, na década onde a Pia União das Filhas de Maria vai experimentar o seu maior crescimento, as “Flores de Virtude” tecidas à Maria, bem como as contribuições financeiras mensais, oferecidas à congregação durante as reuniões, sofrem um decréscimo. A contribuição mensal que as associadas ofereciam à irmandade não tinha um valor estabelecido e por isso variava de acordo com “as posses” de cada associada,

Tinha aquela contribuiçãozinha que a gente dava, né? Qualquer besteirinha, não era muita coisa não. [...] Todos os mês havia a missa da associação, era no primeiro domingo de cada mês. Depois da missa, havia aquela sessão; aí, faziam aquela ata e todo mundo dava aquela contribuiçãozinha, né? De acordo com as posses da pessoa.<sup>84</sup>

A quantia arrecadada era utilizada para o pagamento da espórtula da missa ao diretor e dos pequenos gastos da irmandade. A prestação de contas era realizada mensalmente, pela tesoureira, que apresentava os gastos e o saldo de caixa da congregação. As contribuições feitas em dinheiro passam a apresentar um volume mais significativo somente por ocasião das duas grandes festas da Pia União durante o ano: a festa de Santa Inês, em janeiro, e a festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em dezembro. Ou, ainda, quando o diretor solicitava ajuda extra para os constantes empreendimentos da paróquia.

O procedimento para ingresso de novas associadas na irmandade era simples, porém seletivo e excludente. Embora a irmandade das Filhas de Maria fosse uma instituição religiosa, com forte influência clerical, e que pelos seus princípios evangélicos deveria acolher a todas que nela desejassem figurar, não era exatamente isso que ocorria.

Para o ingresso de novas associadas, ainda que não houvesse uma determinação explícita, especificando um perfil sócio-econômico para as Filhas de Maria, as diretrizes que regulavam a entrada de novas moças, evidenciavam o seu caráter excludente. De acordo com o manual da irmandade, para que uma jovem pudesse ingressar na Pia União,

esta garantirá perante o diretor o seu procedimento irrepreensível e a sua piedade sincera, com o testemunho de **duas Filhas de Maria, da plena confiança do Diretor.**

Para isto, depois de consultado o diretor sôbre as Filhas de Maria que **deve apresentar como suas fiadoras**, apresentar-se-á com estas ao diretor, na sede da congregação, pedindo-lhe para ser admitida como Aspirante e proposta ao Conselho para esse fim<sup>85</sup>.  
[Grifos meus]

Mesmo havendo alguns critérios “não oficiais” para o ingresso de novas associadas, o manual observa a necessidade de indicação de duas Filhas de

<sup>84</sup> Maria Menas da Silva, 70 anos. Entrevista concedida à autora, em Limoeiro do Norte, no dia 08/01/2004.

<sup>85</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* p. 45.

Maria, para o ingresso de aspirante. Ao se estabelecer este critério, se limitava a entrada de novas associadas, senão a uma camada social específica, ao menos a um círculo restrito de convivência social. Ao tornar-se fiadora da nova aspirante, a Filha de Maria empenhava sua boa reputação perante o grupo e, conseqüentemente, perante a sociedade.

Essas relações estabelecidas no ingresso da congregação não estavam livres de influências externas, que podiam ser determinantes na filiação e também no período probatório, no qual a pretendente a Filha de Maria recebia o nome de Aspirante. Segundo Dona Nôzinha Conrado, ex-Filha de Maria, o período como aspirante

dependia da Presidente, das Filhas de Maria, né?[...] Eu fui pouco tempo aspirante. **Por merecimento. Azinha [a presidente da época], me conhecia e disse, pronto ela vai receber a fita azul logo. Foi pouco tempo pra eu receber a fita azul**<sup>86</sup>. [Grifos meus]

Comumente as moças que não pertenciam às famílias privilegiadas da cidade e que desejassem fazer parte da Pia União das Filhas de Maria, deveriam buscar o apadrinhamento de alguma das senhoras da elite local que, tradicionalmente, mantinham em suas casas jovens pobres. Estas jovens, por vezes órfãs, tornavam-se um misto de afilhadas e criadas e, em troca, recebiam proteção e auxílio. Ao conviverem nas casas dessas senhoras, as jovens afilhadas mantinham contato com moças da elite local. Essa convivência permitia o estabelecimento de laços de amizade que facilitavam o ingresso na congregação e a obtenção do título de Filha de Maria.

A Pia União das Filhas de Maria, especialmente a partir da década de 1930, consolidada sua imagem de lugar social privilegiado no município de Limoeiro, se tornava modelo e objeto de desejo daquelas que, de fora, assistiam às performances ritualísticas de suas associadas.

Eu achava muito bonito quando chegava aquele pessoal que era da irmandade, tudo de branco, que se ajoelhava. Aí pegava a fita, beijava a medalha e era só botar no pescoço. Assistia a missa

---

<sup>86</sup> Nôzinha Conrado de Souza. 82 anos. Entrevista concedida à autora, em Limoeiro do Norte, no dia 16/06/2005.

todinha com aquela fita. Eu achei que era muito bom. Queria ser também. Era assim o plano das jovens nesse tempo, né?<sup>87</sup>

Para muitas, ser Filha de Maria era bonito, e sob a capa da “devoção” a Pia União se transformava na irmandade à qual as jovens da cidade queriam se afiliar, apesar da rigidez de suas normas, e da existência de outras irmandades que tinham Maria como santa padroeira.

Neste sentido é que, quando da sagração do primeiro bispo da Diocese de Limoeiro, Dom Aureliano Matos, em 1940, após inúmeras e exaustivas campanhas financeiras da Igreja para a formação do patrimônio do bispado, as Filhas de Maria tiveram um dia exclusivo na programação do novo bispo, ao contrário dos outros segmentos sociais e associações religiosas do município.

Afinal, figuravam no corpo da Pia União, não somente Filhas de Maria, mas Filhas da “grada elite limoeirense”, formada pelos “coronéis” da cera de carnaúba, do algodão e pelos ricos comerciantes locais.

Mas, à medida que a irmandade crescia, não eram apenas os “bouquets de virtude” e as contribuições mensais que passaram a ser negligenciadas pelas associadas. As reuniões, quase sempre enfadonhas, com discursos disciplinadores, passaram a não ser freqüentadas. O elevado número de abstenções irritava os padres que cobravam constantemente o comparecimento das associadas nas reuniões e as ameaçavam de suspensão.

Embora as ameaças fossem constantes, as ausências permaneciam. Às reuniões mensais comparecia aproximadamente um terço do número total de associadas. O restante simplesmente faltava aos encontros, justificava a ausência ou se fazia representar pelas companheiras de irmandade, uma demonstração de cumplicidade entre elas.

Depois de muita insistência, e inúmeras ameaças em torno das ausências nas reuniões mensais da Pia União, o sacerdote resolveu mudar seu discurso e passou a oferecer “benefícios” àquelas que comparecessem as reuniões, o que também não trouxe mudanças significativas no número de associadas presentes aos encontros mensais:

---

<sup>87</sup> Raimunda Francisca de Andrade. 69 anos. Entrevista concedida à autora, em Limoeiro do Norte, no dia 22/11/2002.

Por último pediu que as Filhas de Maria não faltassem à sessão pois ganhariam muitas indulgências as que a assiste. Achou ele, o numero pequeno das que ficam para assistirem a sessão [...] <sup>88</sup>

Por outro lado, nas missas que antecediavam as reuniões, o número de Filhas de Maria era sempre maior que o número das que compareciam às reuniões. Numa irmandade onde o potencial de projeção social fazia parte de sua identidade enquanto grupo, o comparecimento a ritos públicos ocupava um lugar maior na preferência das associadas, do que os ritos privados <sup>89</sup>.

A evidência do gosto pelo que é público e ostensivo pode ser vista no empenho da diretora da Pia União, Judite Chaves, na confecção de um “Quadro de Honra”, fixado em lugar de destaque na matriz, contendo o nome de todas as Filhas de Maria de Limoeiro.

Pela mesma Diretora nos foi oferecido um “Quadro de Honra” que contendo os nomes de todos os membros desta Associação foi colocado em lugar patente desta Matriz; a Digna Diretora a Pia União sinceramente, agradece. <sup>90</sup>

Não obstante fossem zelosas com a imagem da Irmandade, as Filhas de Maria nem sempre obedeciam às normas, e esse tipo de desvio por vezes era descoberto. Na irmandade, tratava-se os casos de falhas de comportamento com discrição, uma forma de preservar a imagem do grupo, no entanto, localizam-se na documentação da irmandade registros de pequenas transgressões.

Na tensão entre as ameaças da Igreja e suas pequenas transgressões, nem sempre era possível às jovens Filhas de Maria escaparem ilesas de suas desobediências às regras. Por isso, algumas das jovens que se propuseram a fazer parte da Pia União, não conseguiram permanecer na irmandade. É o caso de Maria Carmelita de Jesus, que teve sua expulsão registrada no Livro de atas, sem maiores detalhes, como era habitual nesses casos.

---

<sup>88</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 04 de novembro de 1934.

<sup>89</sup> As reuniões das Filhas de Maria eram restritas às associadas e aspirantes da Pia União, bem como aos seletos convidados do diretor.

<sup>90</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 30 de maio de 1937.

Finalizando, o Revmo. Director excluiu da associação por desobediência a associada – Maria Carmelita de Jesus, anotando no Livro de Registro.<sup>91</sup>

Uma vez expulsa da irmandade, a jovem “transgressora” tornava-se um perigo e, para evitar possíveis influências sobre as associadas, estas ficavam proibidas de manter amizade com a excluída da congregação.

As associadas não poderão entreter relações de amizade com as que tiverem sido excluídas, sob pena de incorrerem na mesma exclusão; apenas poderão saúda-las como exige a caridade cristã e nada mais.<sup>92</sup>

Todavia, a influência das relações extra-irmandade podem ser observadas mesmo em situações limites, como na expulsão de uma associada. Neste sentido encontram-se registrados nas atas reingresso de associadas que haviam sido excluídas por desobediência. É o caso da associada Alba Craveiro, que foi readmitida na irmandade depois de ter sido expulsa por não cumprir as normas. Seu reingresso foi registrado sucintamente, o que nos permite inferir que as condições que envolveram o retorno da associada não deveriam ser explicitadas ao grupo.

Faço constar que na noite desse mesmo dia, por ocasião do exercício Mariano, declarou o nosso digno Director readmetida na Pia União, Maria Alba Costa Craveiro.<sup>93</sup>

Submetidas a muitas regras e cobradas em seus comportamentos, as Filhas de Maria de Limoeiro não se resignaram diante da vigilância, pelo contrário, resistiram sutilmente de muitas formas. Porém a sutileza de suas resistências nem sempre as livraram da punição. Uma vez punidas, não desistiam de permanecer na irmandade, que havia se constituído como um espaço privilegiado.

Essa importância, conquistada paulatinamente pelas ações do grupo, tornava a Pia União um projeto não só da Igreja, mas também dessas jovens mulheres, que atuavam com vigor na manutenção de sua associação.

Se as vestes brancas de mangas longas, as meias grossas e o véu na cabeça supostamente limitavam sua sensualidade feminina, essas mesmas

<sup>91</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 02 de julho de 1933.

<sup>92</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* p. 57.

<sup>93</sup> Ata de Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 10 de maio de 1935.

vestes, eram símbolos do acesso às ocasiões importantes da história do município. Caracterizadas por suas vestes, se fizeram destacar nos meio social limoeirense.

Entre as características que distinguiam as Filhas de Maria das outras mulheres da cidade está a ligação que mantinham com a leitura, dispondo, inclusive, de uma biblioteca própria. Nas primeiras décadas do século XX, verifica-se na imprensa católica cearense uma constante preocupação em orientar e prescrever a leitura do público feminino. Neste sentido, para entender o universo de leituras das associadas da Pia União analisam-se, no capítulo seguinte, as prescrições de leitura que a Igreja Católica procurava impor através de seu jornal, definindo o que deveria e o que não poderia ser lido pelas católicas cearenses, especialmente as Filhas de Maria.

## CAPÍTULO 2

### LEITURAS SANS E LEITURAS PERNICIOSAS

Ler é estar, alhures, onde não se está, em outro mundo; é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade.

Michel de Certeau

A leitura é um ato de rebeldia, de criação, um momento de intimidade criativa. Michel de Certeau afirma que “o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam”<sup>94</sup> Por isso, a leitura torna-se também perigosa, afinal o que faz o leitor da sua leitura?

Por suas múltiplas possibilidades de problematização, a história da leitura tem instigado, nas últimas décadas, a pesquisa historiográfica apresentando caminhos diversos acerca das relações que se constroem em torno do livro e da leitura.

As formas como gerações passadas se relacionaram com o livro e a leitura mostram aspectos culturais importantes e permitem verificar as disputas de poder e tensões sociais. A relação, no passado, com a leitura, era muito diversa daquela que nutrimos no presente e, por isso, tende-se a perder a noção de como as gerações passadas costumavam se relacionar com os livros, como estes eram objetos de poder, de disputa e de desejo.

A história da leitura, no âmbito da Igreja Católica, ocupa uma posição complexa: por vezes, suspeita e desviante, é também ferramenta eficaz na educação e formação dos espíritos católicos.

Narrativas históricas como a de Ginzburg<sup>95</sup>, que mostram personagens como o moleiro do Friuli que, a par da leitura de poucas obras ousou interpretá-las de forma anti-convencional, exemplificam como a leitura poderia afetar a visões de mundo, especialmente sobre a Igreja. Mennochio gostava de ler,

---

<sup>94</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 266.

<sup>95</sup> Ver GINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

orgulhava-se disso. Mais do que ler, gostava de trocar idéias, confrontar leituras: sua leitura do mundo e sua leitura de livros. Uma receita perigosa: confrontar leituras e trazê-las à vida. Essa prática incomodava a Igreja Católica, que chegou ao século XX trazendo, no imaginário de sua hierarquia, certo temor em torno dos efeitos que a leitura podia trazer. O confronto entre o escrito e o vivido originava um perigo potencial: questionar, criar idéias próprias, por em causa a doutrina e o dogma.

Sensações, idéias, descrições detalhadas de situações e sentimentos vividos ou imaginados, tudo isso em páginas abertas de livros, renovando horizontes com um simples passar de páginas. Como pensar uma pura donzela em contato com tantas possibilidades? O despertar para um mundo além da inocência que a Igreja desejava para elas. Isso fazia parte do cotidiano das Filhas de Maria, que conviviam com a tensão entre o permitido e o proibido de ser conhecido: uma fronteira de leituras.

Para analisar essa fronteira de leituras é preciso compreender os critérios que a Igreja usava para classificar as obras literárias como permitidas ou proibidas. Por isso, no presente capítulo, analisam-se discursos católicos sobre os livros e a leitura, abordando as estratégias de controle da leitura feminina. A partir do jornal *O Nordeste*, representante da imprensa católica no Estado, mostra-se como a Igreja via a leitura e suas funções, enquanto empreendia uma “caça” às leituras tidas como perniciosas.

## 2.1. As leituras perniciosas

Sem dúvida, os efeitos destes livros não se fazem sentir imediatamente, mas, por serem tardios, eles são ainda mais terríveis: é um veneno lento que corre nas veias e rói insensivelmente as entranhas e termina por devorá-las inteiramente; é um fogo que se prepara sob as cinzas e que não tarda a se transformar em um vasto incêndio cujo furor ninguém poderá controlar.

Massilon

No Ceará, o principal órgão da imprensa católica era o jornal *O Nordeste*. Fundado em 1922, pelo primeiro arcebispo de Fortaleza, Dom Manoel da Silva Gomes, tinha amplo alcance com a distribuição incentivada pelos sacerdotes das cidades do interior do Ceará:

Em todas as paróquias do Ceará, o vigário é um defensor e um propagandista do NORDESTE – orgão oficial da Arquidiocese: Quer dizer: O NORDESTE é, sem dúvida, o jornal mais divulgado no interior.<sup>96</sup>

Em cada cidade, havia responsáveis pelas assinaturas do periódico, e seus assinantes eram incentivados a circular os exemplares entre outros leitores. Desse modo, era função do assinante d'*O Nordeste* difundir sua leitura.

Que fazeis com os jornais católicos, já lidos? Ides inutilizando-os ou atirando a um canto? Oh! Não façais isso! Empréstae-os ou dae-os a outras pessoas para ler. Mandae-os para famílias conhecidas, que moram fóra da cidade, nos sítios, nas roças, onde, talvez, raras vezes recebam um jornal bom e que, por serem pobres, não podem tomar uma assinatura. Deus vo-lo pagará!<sup>97</sup>

Difundir largamente o jornal católico no Estado seria uma garantia que seus ensinamentos chegariam aos recantos mais afastados da capital. Em Limoeiro, *O Nordeste* era lido com assiduidade, principalmente pelas Filhas de Maria, visto que na Pia União era leitura constante, e apoiava a orientação do assistente eclesiástico. Sua distribuição, no município, ficava a cargo de Judite Chaves, diretora da Pia União.

O jornal *O Nordeste*, de circulação diária, trazia um conteúdo que girava em torno da moral e dos costumes da sociedade cearense, bem como temas relacionados à doutrina da Igreja. Nesse sentido, o público feminino era alvo do periódico que, às voltas com as modas e comportamentos femininos, buscava, em suas páginas, moralizar e educar as jovens católicas cearenses.

Atenta ao comportamento feminino, a imprensa católica buscava identificar influências perniciosas, apontadas como responsáveis pelas condutas desviantes das mulheres, por isso, a dança, a moda e a má leitura eram alvos de constantes ataques.

---

<sup>96</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 22 abr. 1939. p. 09.

<sup>97</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 28 set. 1928. p. 04.

A literatura constava da pauta do periódico, ora como um perigo iminente, visto que os enredos podiam levá-las a conhecer temas impróprios e influenciá-las a agir como os personagens da ficção, ora como recurso da boa educação e da moral sã. Orientar a leitura feminina e alertar a sociedade e as famílias para os perigos da má leitura foi se transformando num dos assuntos recorrentes da folha católica.

Para cercar de cuidados o que deveria ser lido pelas senhorinhas católicas, o jornal criava diversas estratégias. Apresentar novas publicações, livros, jornais ou revistas, relatar contos e histórias tematizando a leitura nociva constituíam sua estratégia principal.

As leituras recomendadas às jovens católicas giravam em torno da religião, das vidas de santos, da oração. Qualquer obra que fugisse a esses temas era pouco recomendada. Leitora adequada era a leitora da vida de Santa Inês, das dores e sofrimentos de Tereza Neumann. Os romances, até mesmo os da *Biblioteca das Moças*<sup>98</sup>, eram vistos com ressalvas pela imprensa católica.

As resenhas e os contos de teor educativo veiculados no jornal católico cearense, apresentam uma divisão entre as leituras femininas e as leituras masculinas. Existem determinadas leituras que o jornal aponta ao público masculino. Às mulheres não cabiam determinados assuntos de caráter “mais elevado”, pois fugiam de seu universo intelectual supostamente limitado e frágil. As resenhas, elogiosas ou não, esclareciam os leitores sobre o conteúdo e os interesses que as obras suscitariam.

Os contos que envolviam leitura e as resenhas iam estabelecendo um público leitor: aos homens, a leitura séria da política, da economia, da sociedade - às mulheres, os entrecchos atraentes e a leveza de estilo, como se observa no comentário sobre o romance de Germaine Acrement, *Casar é bom*, da coleção *Bibliotheca das Moças*, com tradução de Godofredo Rangel,

Mais um livro destinado à leitura feminina acaba de editar a Companhia Editora Nacional de São Paulo. Escripto por uma mulher, possui leveza e interesse, limitando-se a descrever cenas

---

<sup>98</sup> A Coleção Biblioteca das Moças foi publicada no Brasil pela Companhia Editora Nacional entre as décadas de 1930 a 1960, e era muito popular entre as jovens de classe média. A esse respeito ver: CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

burguesas da França. O trecho é atraente. Uma senhora que tinha a mania de casar todo mundo e acaba, afinal, casando-se também. Não vemos inconveniente em ser lido pelas jovens. A tradução está bem feita.<sup>99</sup>

Definindo a leitura e seu público, estabelecendo critérios, os colaboradores d'*O Nordeste* dividiam as áreas de interesse em leituras masculinas, infantis e femininas.

A partir da segunda década do século XX, acentua-se a ênfase do jornal católico cearense em torno das práticas de leitura, em especial da feminina, tornando-se um dos meios mais utilizados para combater o que considerava leitura pernicioso. Assim, orientava os leitores através de resenhas, comentários e anúncios.

Nas orientações, a tutela da leitura feminina caberia aos pais e, futuramente, aos maridos, que deveriam afastá-las dos perigos e da influência de determinadas idéias, vigiando o que liam, visto que o jornal católico cearense apontava a fraqueza feminina e sua incapacidade de escolha, já que era frágil e incapaz de discernir entre o bem e o mal.

Vasta era a gama de leituras classificadas pela Igreja como “perniciosas”. Os elementos que colaboravam para essa classificação variavam de acordo com o público e a situação. O que era proibido ou visto com ressalvas para o público feminino, era permitido ao masculino, sem maiores restrições.

Os editores e colaboradores do jornal combatiam as obras que traziam as chamadas “novas idéias”, como o cientificismo, os ideais maçônicos e tudo aquilo que questionasse a doutrina e o dogma católicos. Por outro lado, uma linha moralizadora direcionada às jovens católicas combatia as obras de risco à inocência e a pureza, dirigindo ao público leitor feminino resenhas, críticas e conselhos de leituras que versavam em torno dos romances e folhetins, consideradas leituras ao gosto feminino.

Com um discurso prescritivo, o jornal *O Nordeste* assumiu a dianteira no combate às “leituras perniciosas” e trazia, em suas páginas, orientações de leitura recomendável, enquanto denunciava os males causados pelas leituras impróprias, tecendo severas críticas à este tipo de leitura.

---

<sup>99</sup> “Publicações - Casar é Bom”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 mar. 1929. p. 02.

Chama a atenção o fato de que as críticas sobre a moralidade da leitura raramente observam o leitor masculino, como se a este público se devesse permitir todo tipo de literatura, necessária para que solidificasse seu conhecimento do mundo. Para o jornal é impossível ao homem “perder-se” moralmente por causa de suas leituras; por meio delas, poderia até manchar-se, mas a mácula era passageira.

O comportamento masculino, mesmo quando em contradição com as recomendações morais, não era diretamente recriminado. A culpa recaía sobre a falta de pudor feminina, já que as mulheres apareciam como responsáveis pelos “deslizes morais da sociedade moderna” e “escravas das vis paixões”. Aos homens, cabia o “prazer” de contemplar o comportamento inadequado das mulheres, no âmbito das modas e danças imorais.

Quão doloroso é constatar que são as mulheres o instrumento da depravação, o padrão vivo do vergonhoso deslize moral em que se engolpha a sociedade hodierna!...

- Os homens em nada se prejudicam diante da hediondez da indecência reinante, em face do descaramento em que se vae deixando arrebatado a pobre Filha de Eva...

Gozam, ao envés, contemplando, nas esposas e filhas dos outros, o espectáculo ridículo e baixo das modas immoraes, das danças livres, das felicidades licenciosas e nefastas!

Para prazer delles, a mulher se avilta, se degrada e não tardará a retroceder ao que era antes de reabilitada pela força imponderável do Christianismo, - á triste condição de escrava de vis paixões...

Seguindo a idéia de que o homem é difícil perder-se, até algumas leituras condenáveis eram permitidas. O leitor masculino, tido como não influenciável, saberia julgar os elementos impróprios das obras literárias e reteria o argumento útil e edificante. Assim, era comum resenhas de livros dados como bons, mas não “para todas as mãos”. É o caso da obra *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida

Livro que tem alcançado um ininterrupto sucesso desde o seu aparecimento até hoje, continua a ser um livro actual justamente considerado dos melhores da nossa literatura [...] Isso provém do sentido profundo que o autor conseguiu dar á sua obra, á sua força de escriptor, á sua sensibilidade afinadíssima, ao seu poder descriptivo, á sua facilidade em encontrar os motivos estheticos, em perceber os dramas reaes, fixando-os finalmente, sem aberrações tornando-os duradouros porque humanos.[...] Livro forte, livro

humano, livro para sempre, si bem que **não seja para todas as mãos**<sup>100</sup> [Grifo meu]

O muito humano, os dramas reais não eram para todas as mãos, como as jovens católicas. E as leituras que não são para todas as mãos, na ótica católica, se dirigiam às mãos masculinas, que podiam manusear até livros sobre comunismo, para melhor conhecer o inimigo e combatê-lo. O leitor podia ler livros com toques realistas, livros que falassem de sexo e casamento, todos proibidos às moças católicas. É novamente na obra de José Américo de Almeida, agora a primeira edição do romance *O Boqueirão*, que se percebem os diferentes parâmetros de leitura estabelecidos pela Igreja. Após inúmeros elogios à obra, o jornal católico cearense faz a ressalva que, em virtude de algumas passagens realistas, “não é livro para todas as mãos”

[...] Todas estas qualidades fazem de “O Boqueirão” um dos grandes livros do anno.

Nelle, porém o que mais se admira é a maneira peculiarissima de o autor dizer as cousas com uma infinita graça e propriedade de expressão. Infelizmente, **pela these que desenvolve, aqui e ali pontilhada de passagens realistas, não é livro para todas as mãos.**<sup>101</sup> [Grifo meu]

Quando se tratava de leituras masculinas, os critérios morais eram relativizados. Para o jornal católico, mesmo as leituras sem “livre circulação”, poderiam ser lidas pelo gênero masculino como uma forma de se educar, tomar conhecimento do mundo. Assim, livros como o de Marie Carmichael Stopes, “doutora em sciencia”, que tratava da educação sexual e das questões íntimas do matrimônio, terminantemente proibidos às jovens católicas, tinham sua leitura permitida, e até recomendada, aos homens

A dra. Stopes quer, agora, **falar aos homens** em nome da mulher e fá-lo em linguagem desataviada e clara. Tão clara que **priva o livro de ser posto em livre circulação**. A própria autora avisa que a obra se destina “**aos homens recém-casados e aos que se vão casar por amor**”. E esse aviso deve ser posto em relevo, porque **no livro “Amor e Casamento” são tratadas questões íntimas do matrimonio que o impedem, por isso, de ser lido por qualquer um.** [...] Como já foi dito, **o livro “Amor e Casamento” não se**

<sup>100</sup> “Livros Novos e Novas Edições”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 26 out. 1936. p. 03.

<sup>101</sup> “Livros, Revistas & Jornais”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 04 abr. 1935. p. 07.

**destina a todo mundo.** A própria autora o declara. Por isso lhe fazemos as máximas reservas.<sup>102</sup> [Grifos meus]

Para as leituras femininas, outros critérios balizavam o julgamento. Combatidas pelos editoriais d'*O Nordeste*, as leituras direcionadas às jovens católicas tinham uma análise rígida, sem concessões. Os mínimos detalhes eram cuidadosamente verificados. Na crítica do romance *Doidinho*, de José Lins do Rego, após os elogios, reservas morais propõem ao autor uma revisão criteriosa, o que permitiria a obra circular até como leitura recomendada aos escolares.

Infelizmente, porem, embora não lhe possamos negar, em justiça, os meritos acima ressaltados, lamentamos deveras lhe não dar os nossos applausos integraes. Scenas existem no mesmo pintadas tão ao vivo, de cores tão carregadas, que, do ponto de vista da verdadeira moral por que sempre nos batemos, não poderá jamais merecer, da nossa parte, francos e irrestrictos applausos. Si o autor, com o extraordinario talento que poreja, por assim dizer, de todas as paginas admiraveis do livro, quizesse fazer-lhe uma revisão criteriosissima, moralmente falando, adoptaria *Doidinho* á leitura da juventude escolar [...]<sup>103</sup>

Por não saberem escolher bons livros, as mulheres ficavam restritas a “baixa literatura” – tais como romances e folhetins – cuja qualidade era alvo de crítica. O conteúdo desse tipo de literatura “menor” era, por isso, tutelado pelos pais e maridos. As mulheres podiam macular-se facilmente e o fato de manusearem uma literatura imprópria certamente traria uma mancha indelével à sua inocência.

Nas vias do perigo à inocência e pureza femininas, era larga a porta que a literatura imprópria abria para esse público leitor. Na visão católica, a inocência era sinônimo de desconhecimento do mundo e dos prazeres mundanos. Por isso, um artigo do frei Alberto Xavier Pedrosa insiste na fragilidade e inocência femininas, relacionando-as à imagem da flor, por natureza delicada e frágil, carente de cuidados e proteção constantes para não murchar e perder o viço e a beleza, destacando a perversão possível dos “maus livros”, verdadeiros “matadores de almas”:

<sup>102</sup> “Novidades Literárias”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 26 já. 1929. p. 02.

<sup>103</sup> “Livros Novos e Novas edições”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 17 out. 1935. p. 04.

Eu insisto sobre a necessidade de guardar o espírito contra os que o podem perverter pelo mau livro, hoje arma poderosa nas mãos de todos os a quem nós poderíamos chamar de matadores das almas. A inocência a pureza da alma são flores delicadas [...] flores que podem facilmente ser profanadas e que se fanam muitas vezes ao contacto dos maus livros.<sup>104</sup>

A alma feminina, delicada como uma flor, símbolo da inocência e pureza, diante do “mau livro” ficava à mercê da perdição que os “matadores das almas” podiam trazer em suas páginas, com as “fortes tintas” da realidade.

No início do século XX, encontramos nas páginas do periódico católico a crítica à influência do romance realista. Esse tipo de literatura se destaca pelo enredo polêmico, de crítica aos costumes burgueses e viés anti-clerical. Enquanto mostra as incongruências entre a prática e o discurso católico, as obras realistas mostravam as relações humanas despidas dos ideais românticos.

A literatura realista, e sua variante naturalista, foram alvos constantes da crítica católica, que via nessas obras uma fonte de corrupção moral e, por isso, as queria bem longe dos leitores católicos, especialmente do gênero feminino que, por sua natureza fraca, era facilmente influenciável.

Esse tipo de literatura, combinada à curiosidade feminina em descobrir o mundo que lhes era negado, transformava os livros em inimigos potenciais que deveriam ser cuidadosamente vigiados, sob pena de sua influência criar jovens mulheres que sabiam demais, a ameaça de um exército de novas Evas. Eva, aliás, era um termo utilizado pelos editores do jornal se referindo ao público feminino, especialmente àquelas mulheres que desafiavam os ditames da Igreja Católica. Este termo, e suas variações, tais como “filhas de Eva”, ou “evinhas”, traziam consigo um sentido pejorativo, que desclassificava a “mulher moderna” vista como “doida”.

Pensando bem, nem sei mesmo o que diga sobre as Evas de hoje... É tão grande o arrojo dessas frageis criaturas [...] desprezando, como o estão fazendo, os mais sagrados principios de religião e de moral-domestica, que eu, a julgá-las, fico de bocca aberta... [...] quando me reporto ao que a mulher dos nossos tempos está

---

<sup>104</sup> “Matadores de Almas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 10 dez. 1937. Matéria assinada pelo Cônego Alfredo Xavier Pedrosa da Academia Pernambucana de Letras. p. 03.

praticando, só uma phrase grosseira me vem à cabeça: “A mulher moderna é doida...”<sup>105</sup>

A relação da imagem da mulher com a de Eva, no imaginário católico, é permeada de significação. Acusada pela infelicidade humana, advinda com a perda do paraíso, sobre a mulher recai a culpa por muitos dos males que atormentam os homens. No catolicismo, Eva, símbolo da tentação, do pecado, e da perdição, está na origem da frágil natureza feminina. A respeito desse imaginário, Zaíra Ary afirma:

Como herdeiras de Eva, as mulheres seriam culpadas pela perda do Paraíso, pela incitação ao ‘pecado original’, e, em consequência disso, culpadas também de muitos males que aflingem os seres humanos, como por exemplo “o trabalho duro para os homens” e “parto doloroso para as mulheres” [...] Como “sexo frágil”, e, portanto, vulnerável à tentação da “serpente = demônio”, as mulheres, tal como Eva (e/ou Lilith, conforme o Talmud), seriam igualmente seres “sexualmente perigosos” e prejudiciais aos homens, na medida em que seriam capazes de desviá-los de seu destino de “perfeição espiritual” [...]<sup>106</sup>

A Eva moderna, tentada pela curiosidade, uma vez em contato com a leitura fútil dos romances e folhetins, dava um passo em direção à perda da inocência, pecado imperdoável, pois transformava as jovens católicas em “evinhas levianas”, vítimas da má literatura, a leitura do pecado.

Os contos que *O Nordeste* trazia em suas páginas refletem as idéias e valores da Igreja sobre a leitura. Neste sentido destaca-se um conto – escrito por uma mulher, colaboradora assídua, que assinava com o pseudônimo “L” – que apresenta aspectos relevantes à análise da ótica da Igreja sobre a influência da leitura. Publicado na “Página Feminina, espécie de caderno quinzenal do jornal católico, o conto se dirige às leitoras, especialmente às mães, que deveriam tutelar as leituras de suas filhas. Embora longo, merece ser citado na íntegra para que se possa analisá-lo detidamente:

No gabinete de aspecto elegante a mãe costura e a filha lê.  
Entra alguém, sem se fazer a anunciar, surgindo de repente á porta.  
Tio Oscar!... E são abraços, perguntas, exclamações de júbilo a conversa vae se prolongando animada entre o tio e a dona de casa; porém Lanira como a contra gosto é que abandona a sua leitura. O

<sup>105</sup> “Retalhos - Emancipadas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 21 dez. 1928. p. 04.

<sup>106</sup> ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000. p. 76-77.

livro fica-lhe entreaberto sobre os joelhos, e de vez em quando os olhos da mocinha se fixam nelle com interesse vivo. Tio Oscar, velho experiente, tudo aquilo percebe, respondendo embora ás perguntas repetidas da sua sobrinha pedilecta, d. Odília Montecal, a mãe de Lanira.

Alguns momentos depois:

– Minha filha, vae mandar preparar o café de tio Oscar. Recommenda-o bem á cozinheira.

A menina ergue-se, sae, ficando o livro sobre o divan. Tio Oscar toma-o, examina-o, empalidece. Um romance da moda, entre as mãos da sua innocente Lanira! Pobrezinha, que tão cêdo se deixa intoxicar por idéas falsas sobre a vida! E aquella mãe imprudente! Vae dar-lhe uma lição já e já.

Com habilidade encaminha a conversa para o ultimo escândalo noticiado pelos jornaes. E d. Odília encara-o com admiração. Não estava habituada a taes assumptos com o austero chefe da família. Porém, muito calmo, elle prosegue nos pormenores, salienta até circumstancias inconvenientes.

A mãe, sem comphender, agita-se em sua cadeira, deixa cair a thesoura, amarrota a costura...

Que está pensando tio Oscar?... E Lanira que não demora!... continuará elle a conversa reprovável?

Quando, no corredor, soam os passos da menina, a mãe não se contem mais.

– Meu tio... desculpe mas... mudemos de assumpto... por alguns instantes... sim?

A donzella entra, procura o livro com os olhos. Está nas mãos do tio que o folheia em silencio.

Ella senta-se contrafeita, demora-se alguns minutos ainda, e, depois, sae outra vez, sob o pretexto de preparar a mesa para a merenda do tio.

Ah! Mas então, no gabinete luxuoso há como explodir de granada.

– Porque interrompeste minha conversa?

– Meu tio, desculpe... Lanira.

– Lanira tudo pode ouvir.

– Que diz o senhor?

– Uma moça que lê romance como este...

E o velho apresenta á sobrinha a capa de cores berrantes da brochura em questão.

– Meu tio, este romance é muito afamado. Todas as amigas de Lanira...

– Contaminaram-se por meio delle...

Odila, que incoherencia a tua! Não queres que a tua filha ouça a menor apreciação sobre factos escandalosos, e deixas que inconveniências de romances lhe entrem pelos olhos, deixas que sua imaginação juvenil melhor as aprofunde em scismares em noites de vigília e de insomnia...

– Lanira precisa lêr.

– Mas examina tu os livros que lhe chegam ás mãos, selecciona-os.

– Meu tio, não é durante a vida inteira que proporcionam gosto os “Contos da Carochinha” ou as “Meninas Exemplares”.

– E quem exige tanto? Mas entre os livros que citaste e o romance de Lanira, há tantas obras, interessantes, instructivas!

– Justamente. O livro que o sr. condemna versa sobre costumes.

- Optimos costumes a serem estudados por uma imaginação de donzella!
  - Recommendei a Lanira que se interessasse somente pelos caracteres dos personagens, desprezando os detalhes levianos.
  - Pobre de tua filha se convivesse com o possuidor de um desses caracteres! Insensata que és! Na prática da vida não queres que ella ouça qualquer palavra menos boa; nos livros consentes o que há de peor.
  - Meu tio, o mal das leituras depende das disposições do leitor.
  - Bem o sei. A instrução religiosa e intellectual, a experiência e o bom senso serve de barreira á perversão; entretanto, nem podem neutralizar o effeito do veneno. As más leituras, minha sobrinha, fazem sentir o perfume do fruto prohibido.
  - De sentir esse perfume a provar desse fruto...
  - Não é grande a distancia como parecees julgar.
  - Os espíritos equilibrados sabem reagir.
  - Pouco a pouco o veneno os intoxica. Familiarizam-se com a maldade, e depois a confundem com o bem. Chegam as horas de tédio, de enervamento, chegam as tentações do demônio.
  - Tio Oscar, Lanira é tão sensatazinha!
  - Mas é preciso que se guarde, e que a saibam guardar. Odila, desta casa deve sair o veneno, e se não fizeres isso, eu o farei. Levo este livro. Repete á Lanira o que eu acabo de dizer. Ella que reflecta, e há de se convencer que o velho tio tem toda razão. Até logo.
  - Tio Oscar, o café.
  - Hoje não quero o teu café. Já estou excitado demais e vou me acalmar queimando o inimigo da paz e do bem da minha pobre Lanira. Ella já não deve ser a mesma, e só por tua culpa, mãe irreflectida.
- Saiu, e, contra seu costume, elle tão delicado e commedido bateu a porta de entrada.
- D. Odila ficou de pé no meio da sala, sem saber o que dizer ou pensar. A cólera de tio Oscar, não a comprehendia absolutamente!
- “Um romance tão simples, lido e relido por todas as amigas de Lanira! Estes velhos de outros tempos!...
  - É infeliz, entretanto, quem não lhes segue a prudência!<sup>107</sup>

A atração que os romances, exerciam sobre o público feminino aparece logo nas primeiras linhas do conto, cuja leitora, absorta nas páginas de seu livro, não consegue dele desprender-se.

O mal attribuído ao romance é o de trazer “idéias falsas sobre a vida”, com o poder de “intoxicar” os valores da jovem leitora, a fantasia presente nas páginas do romance incentivava atitudes desviantes.

Ao longo do conto se vai traçando o perfil de um “mau livro” que, com sua capa berrante e fama, vai se espalhando rapidamente nas mãos das jovens católicas sem que haja um controle efetivo. Todos aqueles costumes e

---

<sup>107</sup> “Página Feminina – O Romance de Lanira”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 09 nov. 1928. p. 03.

comportamentos vetados às jovens donzelas descortinavam-se nas páginas dos romances com naturalidade e realismo impressionantes. Para os críticos do romance, é como se um único livro fosse capaz de destruir, em poucas páginas uma inocência construída e preservada ao longo de uma vida.

A figura da mulher-mãe surge no conto como responsável pela vigilância em torno da leitura da filha. À mãe é confiada a seleção e a censura dos livros. É à figura materna que se atribui a culpa por qualquer falha nesse processo. Esse tipo de pensamento, como observa Maria Ângela D’Incao, advém do *aburguesamento* da sociedade e da redefinição do papel feminino atribuindo-lhe novas funções no espaço doméstico, entre elas, a guarda da castidade das filhas.

Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole.<sup>108</sup>

Na seleção das leituras, tarefa da mãe-tutora, a hierarquização das leituras surge como um processo “natural” que deveria acompanhar o desenvolvimento da leitora: a gradação e o tipo de leitura deveria se basear no público leitor. Para as inocentes leitoras, o ideal era uma leitura que não fugisse em demasia dos enredos dos “*contos da carochinha*” ou das “*meninas exemplares*”, além das leituras religiosas.

Mais do que a leitura, o que estava em julgamento era o leitor, ou melhor, a leitora. “O mal das leituras depende das disposições do leitor”, daí o perigo do livro nas mãos femininas. Seres de disposições fracas e tendentes ao pecado, a imagem da mulher leitora surge como incapaz de resistir e reagir à influência dos enredos fantasiosos.

Uma vez tentadas pelo “perfume do fruto proibido”, os críticos das “más leituras” acreditavam que nem mesmo a rígida instrução moral e religiosa se mostrava eficiente para manter longe as tentações de mundos desconhecidos. No discurso católico, o mal da leitura estava na “disposição do leitor”, por isso a leitura feminina merecia cuidado. Propensa à tentação, a mulher não tinha equilíbrio para reagir diante dos ensinamentos da má leitura,

---

<sup>108</sup> D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 230.

e no argumento apresentado pelo conto transcrito, o temor dos críticos revelava-se: “As más leituras [...] fazem sentir o perfume do fruto proibido. De sentir esse perfume a provar desse fruto... Não é grande a distância”

Reagir às tentações e discernir o mal que se encontrava nos livros era algo possível apenas aos “*espíritos equilibrados*”, e entre eles não estavam incluídas as frágeis e influenciáveis “filhas de Eva”, sujeitas às fortes tentações que se manifestavam - alimentadas pela imaginação - nas “horas de tédio e enervamento”.

A mãe da leitora, que certamente já estivera às voltas com a censura que agora exigia-se que impusesse à sua filha, procurava argumentar, embora sem sucesso, acerca da necessidade da leitura como uma forma de aprendizado, uma forma de tomar conhecimento do mundo sem contaminar-se diretamente com ele. Mas, para a Igreja, a leitura permitida às mulheres deveria ser comedida e “instructiva”, repleta de ensinamentos morais e pragmáticos.

Neste conto, a boa índole da mulher, bem como sua aptidão a tomar conhecimento de “factos escandalosos” determinava-se, em parte, pelas leituras que fazia: “Uma moça que lê romance como este...”. Assim uma única leitura imprópria era suficiente para macular a inocência da jovem leitora - “Ella já não deve ser a mesma [...]”- como nenhuma jovem católica, uma vez que mantivesse contato com uma leitura própria, o seria. O que fora lido não podia ser completamente esquecido e as sensações despertadas, essas não mais adormeceriam facilmente.

Para remediar os efeitos do “mau livro”, a solução encontrada no conto era drástica: atear fogo ao inimigo. Uma vez condenado à virar cinzas, o livro perde seu perigo latente, o de ser tomado para leitura, mesmo às escondidas dos pais. Transformado em cinzas, o mau livro não mais poderia voltar às inocentes mãos das leitoras cearenses.

Esse incentivo à queima dos livros tidos pela Igreja como “maus” encontrava em alguns lugares, adeptos calorosos, como na cidade cearense do Crato, onde havia, inclusive, a campanha da “Queima dos Livros Maus”, conforme relata Otonite Cortez:

Condenados a arder no fogo, na praça pública – Praça da Sé – os “livros maus” eram coletados numa campanha na qual entravam em disputa por maior arrecadação de livros “partidos” formados por crianças e adolescentes – o Aspirando e Benjamins da Ação Católica e pela Juventude Estudantil Católica Feminina – JECF.<sup>109</sup>

Se, para as jovens católicas, todas as “inconveniências” das leituras deveriam ser censuradas, ao público leitor masculino tais assuntos mereciam ser abordados e esclarecidos, oferecendo o conhecimento do mundo negado às mulheres. As leituras sobre as “coisas mundanas”, mais do que permitidas, eram necessárias ao sexo masculino. É o caso do livro “Lutas da Mocidade”, escrito pelo padre J. Cabral, espécie de manual médico-científico. A partir da resenha da obra é possível perceber que se tratava de uma leitura recomendada com exclusividade à juventude masculina,

Esta publicação não podia ser mais oportuna, diante da ponta crescente de prazeres que tenta submergir a sociedade presente. A sua inteligência viva aponta aos moços os perigos que os esperam á porta da vida e a sua alma de sacerdote apresenta os meios de prevenção, de tratamento e de cura. [...] <sup>110</sup>

A resenha da obra informava o sumário, cujos temas interditavam o acesso ao público feminino, de quem a inocência deveria ser, a todo custo, preservada.

A guarda dos sentimentos. No pórtico. A Amizade – Amores e amor. A Escolha de uma esposa. “As melindrosas” – Esponsaes. Fidelidade (Castidade pré-matrimonial); [...] Vícios modernos – Alcool, ether, morphina, cocaína.[...] Exame medico pré-nupcial – possibilidades de continência. Objecções – Benefícios da castidade. O temor da infecção – A syphilis.<sup>111</sup>

Aos moços católicos o conhecimento das “coisas do mundo”, os ajudava a combater os males do mundo, afinal, a obra se propunha ser “um precioso manual onde se encontram bem descriptos os males que corroem a sociedade e os meios para evitá-los ou curá-los.”<sup>112</sup> Ao público feminino, ao contrário, pressupunha-se que não saberiam evitá-los ou curá-los. Mais importante era não macular a inocência e a virtude.

<sup>109</sup> CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato (1889-1960). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 187.

<sup>110</sup> “Lutas da Mocidade”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 03 mar. 1929. p. 07.

<sup>111</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>112</sup> *Idem. Ibidem.*

Nesta linha de separação das obras de seu público, os críticos do jornal *O Nordeste* julgavam e classificavam as obras resenhadas. Contudo, quando se tratava da crítica de livros, outros critérios e interesses também podiam influenciar o veredicto. É o caso, por exemplo, da obra de H. G. Wells, *Pequena história do Mundo* que, apesar das críticas e erros apontados, não foi classificada como “não recomendada”, afinal era uma obra traduzida por Gustavo Barroso, intelectual reconhecido e militante da Ação Integralista Brasileira<sup>113</sup>.

*Creemos que, apesar dos defeitos que lhe encontramos, do ponto de vista catholico, o volume irá dar, mesmo, um êxito. Por ser de Wells, traduzido por Gustavo Barroso e lançado em digna feição material pela “José Olimpio”.*<sup>114</sup>

Pode-se perceber que a estratégia do jornal *O Nordeste* girava em torno de apontar e recomendar os bons livros. Neste sentido, as resenhas do jornal se concentravam nas obras cuja leitura a Igreja recomendava. Quando se tratava de apontar leituras não recomendáveis, o jornal oferecia orientações gerais para que o próprio leitor situasse os livros pecaminosos, ao invés de sair nomeando as obras. Uma forma de evitar dar visibilidade às obras cuja leitura a Igreja recriminava.

Ao optar por não atacar diretamente os livros reprováveis, concentrando suas orientações na identificação das obras pouco recomendáveis, *O Nordeste* fornecia a seu público as ferramentas de auto-censura: cada leitor deveria ser capaz de identificar características reprováveis nas obras literárias e assim impedir sua disseminação.

Por outro lado, também evitava despertar a curiosidade das leitoras, em torno de uma ou outra leitura “perniciosa”. Para o jornal católico, a proibição explícita de uma obra poderia torná-la mais atrativa. Uma forma de reconhecer que uma leitura proibida se tornava mais presente no imaginário da leitora, atiçando sua curiosidade. Leila Mezan Algranti, em seu estudo sobre a censura de livros, comenta que, para alguns censores era preferível não censurar certas obras para “não despertar a atenção dos leitores sobre questões

<sup>113</sup> Sobre Gustavo Barroso ver MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *Gustavo Barroso: Um cearense “ariano”*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

<sup>114</sup> “Livros Novos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 10 jan. 1938. p. 08.

irrelevantes, pois uma coisa parece certa e comum a qualquer época: se a obra fosse censurada, aí estava um bom motivo para aumentar sua procura.”<sup>115</sup>

Analisando as resenhas publicadas no jornal *O Nordeste* durante o período estudado, pode-se perceber que das cento e cinquenta e uma publicadas no periódico católico, 75% dos livros analisados se tratavam de obras recomendadas, sem restrições, à leitura do público católico, enquanto que 13,82% das obras resenhadas tiveram sua leitura não recomendada.

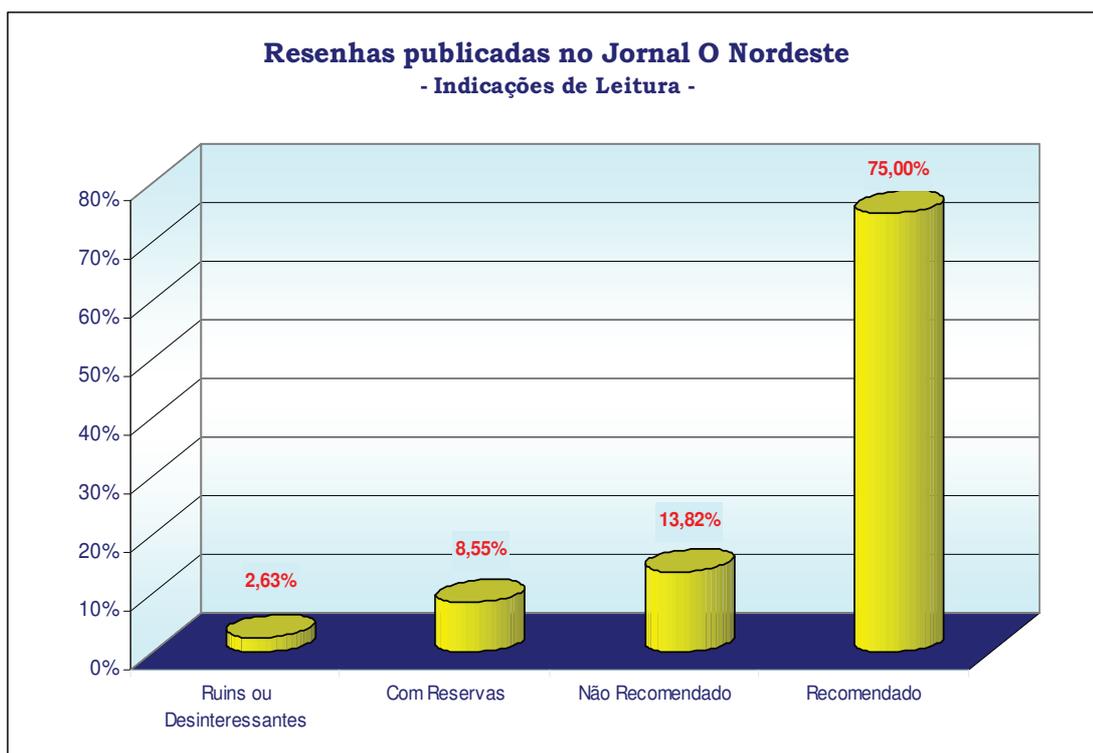


Gráfico 04 – Recomendações de Leituras nas sinopses de livros do Jornal O Nordeste.

Somente quando um livro não recomendado pela Igreja estava em evidência – e por isso tinha uma maior circulação – é que recebia a crítica direta do jornal, aparecendo nas resenham como obra “não recomendada”. Deste modo, evitava-se que livros como os “romances da moda” chegassem despercebidos às mãos das donzelas católicas.

As obras classificadas como “Não Recomendadas” tinham sua leitura vetada aos católicos, pois atacavam a Igreja Católica e os bons costumes. Livros como o romance *Ponta de Rua*, do cearense Fran Martins, na visão do jornal trazia potencial destrutivo, e por isso não deveria ser lido

<sup>115</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec-FAPESP, 2004. p. 157.

Até o capítulo 13, campeia uma sujidade horrenda, uma impudicia deslavada, um linguajar grotesco, uma irreverência alarmante, como se a immoralidade fosse meio de educação e norma civilizadora da sociedade. Aqui está a maldade desta corrente literária; aqui está, logicamente, a maldade perversa do “Ponta de Rua”.

Todo chefe de família se precavenha contra esse livro inconvenientissimo a maxima negação do bom gosto artístico. Longe de educar, é uma obra que poderá fazer no espirito de quem quer que seja, todas as destruições possíveis.<sup>116</sup>

Autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Monteiro Lobato, reconhecidos pela crítica nacional, eram severamente julgados pelo jornal, que não recomendava a leitura de suas obras. Sobre Jorge Amado, o jornal *O Nordeste* fazia um ácido comentário, qualificando sua obra no rol dos “livros sem compostura” aqueles que “chafurdavam suas personagens na lama dos desregramentos moraes e sexuaes e transforma os seus livros em verdadeiras pedras de escândalo”.

Jorge Amado é suficientemente conhecido como um escriptor de pornographias. “Cacau” e “Suor” são paradigmas de livros sem compostura. O autor é demasiado talentoso para fazer obra seria. Mas prefere chafurdar suas personagens na lama dos desregramentos moraes e sexuaes e transforma os seus livros em verdadeiras pedras de escandalo. [...] <sup>117</sup>

Mesmo reconhecendo o talento e a força criativa dos autores citados, *O Nordeste* era taxativo ao desclassificar suas obras, como se pode observar na resenha de *Usina*, de José Lins do Rego. Apontado como “um grande romancista”, a crítica católica lamenta que a habilidade do jovem Lins do Rego seja desperdiçada em obras de tendências realistas e não hesita em classificar seu livro como um “verdadeiro compendio de perversão sexual”, o que o tornava interdito a todos os católicos zelosos pela moral cristã.

José Lins do Rego é incontestavelmente um grande romancista. Impôs-se desde o primeiro livro que publicou: “Menino de Engenho”. Mas desde esse primeiro livro que as tendências realistas do autor se fizeram notar. E cada vez mais se foram accentuando, até chegar a esse “Usina”, que é um verdadeiro compendio de perversão sexual. O romancista parahibano desceu, no seu ultimo livro, á mais baixa degradação do homem. O thema não dava margem á exploração dessas miserias moraes. [...] Faz pena ver talentos como o desse jovem romancista, que tanto podia fazer pelas boas letras nacionaes, descaírem na exposição de scenas e histórias indignas de uma pena

<sup>116</sup> “Livros Novos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 03 dez. 1937. p. 02

<sup>117</sup> “Novidades Literárias”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 01 set. 1936. p. 08.

honestas e que só podem ser aplaudidas pela inconsciência dos ignorantes ou pela perversidade dos máos.<sup>118</sup>

As obras classificadas “Com Reservas” eram aquelas cuja leitura estava condicionada à uma revisão “criteriosa” de algumas passagens vistas como impróprias, ou “não eram para todas as mãos”. É o caso de Humberto de Campos, descrito como um “humaníssimo escriptor”, mas que em *Sombras que Sofrem*, fez uso de “tintas assás fortes para estereotipar o seu pensamento”:

Em “Sombras que soffrem” encontramos esse humanissimo escriptor, escrevendo, naquelle estilo admirável, coisas admiravelmente pensadas. Livro fadado a muito successo esse. E pena é que não no possamos recommendar a todos, indistinctamente porque Humberto de Campos, em três dessas chronicas magistraes usou de tintas assás fortes para estereotipar o seu pensamento.<sup>119</sup>

As obras apontadas como “Ruins ou Desinteressantes” eram aquelas consideradas pelos críticos do jornal como de baixa qualidade literária, com enredos fracos e desinteressantes, sem, no entanto, incorrer em falhas que as tornassem moralmente perigosas.

Para a Igreja, perniciosa também era a leitura que pudesse desviar o leitor dos ideais católicos. Obras que tivessem traços socialistas eram taxadas de “comunistas”, “bolchevistas”, representando uma ameaça à ordem. Pequenas passagens que pudessem, mesmo que isoladamente, se associar às idéias comunistas tornavam um livro impróprio aos católicos. Algumas vezes as resenhas enumeravam, página a página, os “perigos” e erros de uma obra.

É o caso de *Geographia de Dona Benta*, de Monteiro Lobato, tido como o “mestre de todos os que escrevem para crianças” por sua “maneira encantadora de falar e pela imaginação vivíssima que possui”.<sup>120</sup> De larga repercussão, aponta-se, entre muitos outros “desvios”, que na obra “Exalta-se a Rússia de modo chocante (141). Prevê-se, ou mesmo deseja-se, a expansão do socialismo (144)”<sup>121</sup>.

Diante da aceitação dos enredos de Lobato, que “com estilo vivo e interessante, imaginação fértil, bom humor, conhecimento do gosto infantil,

<sup>118</sup> “Novidades Literárias”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 jul. 1936. p. 02.

<sup>119</sup> “Livros Novos e Novas Edições”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 25 abr. 1935. p. 06.

<sup>120</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>121</sup> “Um Mestre de Literatura Infantil”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 20 dez. 1935. p. 04.

sabe tornar os seus livros agradáveis, movimentados e alegres. De modo que as crianças o lêem com o maior agrado e interesse”<sup>122</sup>, a imprensa católica reconhecia a necessidade de lançar um escritor de literatura infantil que atraísse essa parcela do público leitor para obras em sintonia com os ensinamentos católicos.

A literatura catholica tem que lançar quanto antes um Monteiro Lobato seu, sob pena de o criador do Visconde de Sabugosa causar grandes estragos entre os petizes, de quem se torna um ídolo.<sup>123</sup>

Para a imprensa católica era importante ressaltar ao público leitor feminino que não era “permitted nunca sacrificar a moral á literatura”, por isso, não bastava um livro ser “literariamente bem feito”, mais importante é que fosse moralmente correto, por isso a resenha do livro *Pureza*, de Lins do Rego, afirma:

Literariamente o livro é bem feito. Moralmente é vitando. E como ás consciências christãmente formadas não é permittido nunca sacrificar a moral á literatura, para as mesmas o romance “Pureza” deve ser classificado na galeria dos livros condemnados.<sup>124</sup>

Para a Igreja, incentivar a leitura de obras que falassem mal da religião era “um crime”, merecia punições severas, visto que a influência de obras anti-religiosas podia trazer sérias conseqüências às leitoras e suas famílias. É o caso da menina que “teve sua alma arruinada e o senso moral obscurecido”, pelas “imundícies” que o pai lhe dera a ler. Desviada pela literatura perniciosa, a jovem atentara contra a vida do próprio pai.

Há pouco o júri de Anversa condemnou a dez annos de trabalhos forçados uma mocinha que attentara contra a vida do pae...  
Os jurados admittiram duas circumstancias attenuantes: a pouca idade da accusada – dezeseis annos! – e o facto de que se pervertera pela leitura de mãos livros fornecidos pelo pae.  
Este quisera abafar na alma da filha uma vocação religiosa, e pusera-lhe nas mãos livros repletos de calumnias abomináveis contra a vida dos conventos.  
– Lê, disse elle, e não mais hás de querer ser freira.  
A menina não se fez religiosa, mas teve a alma arruinada, o senso moral obscurecido. Aos deseseis annos tentou matar o pae!  
Para corromper os innocentes dão-lhes immundicies a ler!

<sup>122</sup> “Monteiro Lobato e a Literatura Infantil”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 02 mar. 1936. p. 04.

<sup>123</sup> “Um Mestre de Literatura Infantil”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 20 dez. 1935. p. 04.

<sup>124</sup> “Livros Novos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 16 abr. 1937. p. 06.

Galés merecem todos aquellos que espalham ou que escrevem máos livros.<sup>125</sup>

Neste exemplo, a leitura é apresentada como corruptora da moral, podendo levar as jovens católicas à perdição, visto que influenciava comportamentos, provocando atitudes reprováveis. Márcia Abreu afirma que o poder da leitura de influenciar comportamentos não era em si uma mal, “O problema advinha do fato de que os livros não ensinavam apenas atitudes recomendáveis. Eles corrompiam a inocência, afastavam da virtude, favoreciam o crime, pois as pessoas desejavam transpor para a vida real aquilo que leram nos livros.”<sup>126</sup> E a Igreja sabia disso, logo se empenhava em colocar nas mãos das donzelas católicas obras com enredos livres de deslizes morais.

No discurso da crítica católica, as leituras de conteúdo socialista e comunista eram fortes influências para o descontrole social. Esse tipo de literatura levaria leitores “ingênuos” a atos de barbárie, desrespeitando a ordem estabelecida. Em editorial, *O Nordeste* chama atenção dos leitores para a sedução da linguagem, que dava vazão a um “dilúvio de ruindade e de perfidia” por meio do impresso:

Não há, com effeito, campo tão propicio á disseminação das idéas absurdas do materialismo marxista, como o da intelligencia desprevenida e ingênua dos que lêem, em forma seductora de linguagem os sophismas e as desvirtuações das verdades basicas para existência da tranquillidade e da ordem em uma nacionalidade. Só os Estados modernos, que fortificarem os seus methodos democraticos de defesa, poderão enfrentar victoriosamente o dilúvio de ruindade e de perfidia dessa offensiva de character alarmante, feita por meio do livro, do folheto, da revista, do drama, do jornal, si não pela tribuna e pela cathedra, para o effeito de demolir nas consciencias as noções do dever e da honestidade, no terreno civico, como no dominio religioso. [...] Sem que se accentue, por toda parte, essa campanha regeneradora, prevalecerão, mais tarde, nas multidões, os postulados irracionaes do bolchevismo [...]<sup>127</sup>

Quanto ao comunismo, este é apresentado na crítica católica como a disseminação de todos os males e por isso mesmo, deveriam ser as primeiras leituras reprovadas, em nome do “saneamento dos costumes”.

<sup>125</sup> “Horível!”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 14 set. 1928.

<sup>126</sup> ABREU, Márcia. Prefácio: percursos da leitura. In: *Leitura, história e história da leitura: associação da leitura do Brasil*. São Paulo: Fapesp, 1999. p. 12.

<sup>127</sup> “Campanha regeneradora”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 08 abr. 1937. p. 01.

Perverso, berrante e disseminado por toda parte, o bolchevismo é mal lethargo contra o qual se devem aplicar “drogas” fortíssimas. Atacá-lo nas suas bases é pois o dever de quem governa. Os maus livros, e os seus autores são, destarte, os germens que primeiramente têm de ser destruídos. Do contrario, é inútil que se procurem sanear os costumes de um povo.<sup>128</sup>

A disseminação da leitura de obras de conteúdo socialista, ou de outro pensamento contrário aos dogmas da Igreja, era repudiada e considerada pecado gravíssimo. A prescrição em torno das leituras abarcava todo o circuito do impresso e sua difusão: editar, propagar, reter, emprestar, conservar...

Peccado gravíssimo será também o dos que não obedecem ás legislações da Igreja, que prohiibe não só editar e propagar, mas também com todas e a mesma força da lei, ler, reter, emprestar ou conservar, as obras obscenas, immoraeas, heréticas, de combate á Igreja, aos seus dogmas, aos seus preceito e instituições [...].<sup>129</sup>

A imagem do livro enquanto objeto também era estereotipada, quando se tratava das leituras não recomendadas ou de teor “bolchevista”. Para a crítica católica essas leituras eram escandalosas desde a capa. Em vermelho berrante, a cor da indecência, essas capas contrastavam com as cores sóbrias dos livros cristãos, na pureza do branco, do azul angelical e do verde em diferentes tonalidades, além do sóbrio preto com letras douradas nos livros de orações e manuais de catequese.



Figura 03 - Capas de Livros Recomendados: *A Filha do Director do Circo*; *Mais Alegria*; e *A divina Eucaristia*

<sup>128</sup> “Combate aos maus livros”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 20 jan. 1935. p. 04

<sup>129</sup> “Matadores de almas”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 10 dez. 1937. p. 03.

A análise de uma obra iniciava com o exame de sua apresentação física. Impróprio era o livro que trouxesse em sua capa o escândalo das cores vivas e vibrantes que atraíam os olhares nas livrarias e bibliotecas, cujas prateleiras eram repletas de volumes em cores pardas. No Ceará católico do início do século XX, julgava-se o livro também pela extravagância da capa, os tons berrantes e a iconografia inconveniente. Como se vê, os critérios de julgamento abarcavam os mínimos detalhes do objeto impresso.

[...] verdadeiro derrame de livros **visivelmente** comunistas se nota no momento, pelas livrarias, combatendo os mais sagrados e legítimos princípios da moral familiar. Muitos não se contentam com o reclamo dos títulos. **Ostentam capas extravagantes, com figuras e desenhos inconvenientes** [...] <sup>130</sup> [Grifos meus]

O fato de a imprensa católica atribuir e divulgar certas características como sendo inerentes às obras impróprias, podia reservar perigos maiores. Presos a estigmas pré-estabelecidos pela crítica católica e preocupados, muitas vezes, em julgar o livro somente pela sua capa ou título, os leitores e leitoras católicas não estavam totalmente livres da presença desse tipo de literatura em suas bibliotecas.

Por vezes, os editores de obras condenadas pela imprensa católica, cientes da vigilância em torno da aparência dos impressos, também lançavam mão de estratégias para seus livros circularem despercebidos e serem lidos pelo público católico. É o caso do livro *Tarzan - O invencível*<sup>131</sup>, cuja capa de “cores vistosas” e título insuspeito permitiram uma boa margem de circulação até que os críticos católicos percebessem que, na realidade, se tratava de “um livro de preparação às idéas comunistas”.

Essa notícia deverá impressionar todos os paes brasileiros, que, até hoje, quasi inconscientemente, sorriam satisfeitos vendo seus filhos absorvidos e interessados nas aventuras de seus preferidos heroes. Olhavam para as capas dos livros, impressas em cores vistosas, viam o homem das florestas, os leões, as flechas, os caçadores de feras e não mais se preocupavam. [...]

<sup>130</sup> “Propaganda comunista e immoral pelo livro”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 06 mai. 1936. p. 08.

<sup>131</sup> Livro de Edgar Rice Burroughs, traduzido por Paulo de Freitas e publicado pela coleção “Terra, Mar e Ar”, da Companhia Editora Nacional de São Paulo.

Tarzan, o Invencível, é um livro de preparação às idéias communistas.<sup>132</sup>

Na visão católica, o público infantil – ao qual a obra era dirigida – era facilmente sugestionável aos seus ensinamentos dos livros. Isso porque, devido a pouca idade, ainda não trazia consigo, de forma consistente, os valores católicos disseminados pela imprensa, o que o tornava propenso a absorver as idéias que encontrava nos livros.

Assim, as idéias do livro, lido por muitas crianças, chocaram os críticos que, surpresos, folheavam suas páginas de conteúdo aparentemente inocente, mas que trazia idéias socialistas. Os diálogos do livro apontam suas tendências comunistas, atacando as práticas capitalistas, enquanto exalta os interesses do “proletariado” e a política de Moscou, ícone do comunismo.

Abrimos o livro. Lemos o primeiro capítulo intitulado “O PEQUENO NKIMA”: estamos em plena floresta africana, entre caçadores de feras de cujos diálogos vamos reproduzir alguns trechos curiosos.

Um Romero, caçador mexicano, falando de um seu companheiro de expedição, diz textualmente:

Estou desconfiado desses “camaradas” que devem tudo o que possuem ao capitalismo. De coração, elles odeiam o proletariado, justamente como nós o odeiamos”.

Romero, respondendo, diz: - “Nossas animosidades pessoas não têm o minimo valor comparadas aos interesses dos trabalhadores do mundo. Tenho absoluta certeza de que chegará o dia em que Moscou dictará a política ao mundo”.

Depois entra em scena uma mulher, de nome Zora, pretinha nascida nas selvas africanas, mas que parece ja entender muito de política, tanto que declara:

“Você pertence á classe dos que trabalham e é leal para os operários de seu país. Mas aquelles fazem parte da classe capitalista. O seu governo é um governo capitalista, de tal modo opposto as nossas crenças, que jamais reconheceu o governo soviético. Além disso, em sua avidez, esses porcos estão vendendo a própria raça e mesmo a própria pátria por uns miseraveis dollares. Eu os odeio”.

Romero, entusiasmado, responde:

- “Você é uma esplendida vermelha, minha querida Zora” .<sup>133</sup>

De tal modo estupefactos com a astúcia dos editores de *Tarzan o Invencível*, os críticos católicos perceberam que já não bastava julgar as obras por suas capas, era necessário lê-las com atenção.

<sup>132</sup> “O que os paes devem ler – ‘Tarzan, o invencível’, livro de propaganda communista”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 29 dez. 1937. p. 04.

<sup>133</sup> *Idem. Ibidem.*

Novamente é à figura masculina que se atribui superioridade intelectual para ler e avaliar as obras que deveriam ser lidas em família. Contudo, era importante que, ao ler obras impróprias, ainda que para avaliá-las, o “chefe da família” se resguardasse, não permitindo que sua leitura fosse presenciada. Mesmo com uma espécie de “licença especial”, o jornal católico recomendava aos “pais de família” evitar o máo exemplo, isto é, lêr ás escondidas ou prevenir as testemunhas da licença obtida.<sup>134</sup>

Alertados quanto a esse perigo, cuja semente poderia florescer, os censores católicos, “*vigilantes na tutela espiritual das creanças*”, passaram a ter uma atenção especial à literatura infanto-juvenil, uma vez que, na visão da Igreja,

A criança é uma presa fácil e nem sempre bem guardada, bem orientada pelos paes e nas escolas. Precisamos cuidar com enorme interesse da criança e fazer para ella uma literatura sadia que venha substituir aquella que o governo está condemnando.<sup>135</sup>

Assim, as obras que se identificassem com o público leitor infantil passaram a ser lidas com rigor pelos críticos católicos. E, deste modo, ao menor sinal de idéias desviantes, ou exemplos impróprios, os livros infantis eram prontamente classificados como perniciosos para o seu inocente público.

Visando um maior controle em torno do que era lido pelas crianças cearenses, o jornal *O Nordeste* passou a atribuir responsabilidades, apelar aos pais e educadores no sentido de salvaguardar as leituras dos pequeninos, como uma forma de “freiar-lhes as paixões” que são “alimentadas pela má leitura”.

De que valem todas as policias do mundo, si deixamos nossas crianças se empolgarem pelos crimes; si a ellas entregamos á leitura essas HEROICAS historias de GANGSTERS, verdadeiras consagrações do crime?!

Infelizmente é esta a situação dessa multidão de seres pequeninos a quem o descaso dos paes e dos educadores impele para o abismo do materialismo, da descrença e, não só não procuram freiar-lhes as paixões, mas as alimentam pela má leitura.<sup>136</sup>

<sup>134</sup> “Para os catholicos – Instrucções sobre a condemnação das más leituras”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 07 abr. 1927. p. 02.

<sup>135</sup> “A literatura infantil e a educação christã”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 24 jan. 1938. p. 01 e 04.

<sup>136</sup> “Antes prevenir que remediar”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 01 dez. 1936. p. 06.

O esforço principal da crítica católica era condicionar o leitor infantil a debruçar-se sobre obras de conteúdo moral, já que era entre as crianças que “os livros pornographicos recrutavam seu maior número de vítimas”. Por isso o lançamento da “Bibliotheca Infantil”, da Cia. Editora Melhoramentos de São Paulo, foi festejada como uma fonte de leituras “expungida de inconvenientes, ao gosto simples e puro da infância”, apontando o que consideravam as “obras mestras dos grandes escriptores de aventura”. Na lista dos indicados, contos como “A gata Borracheira”, “O Soldadinho de Chumbo”, entre outros.

É difficil avaliar, de facto, a devastação causada pela praga dos livros pornographicos. E, se elles a ninguem beneficiam, é entre a menoridade que recrutam seu maior numero de victimas. Por isso, é de louvar-se, [...] a orientação das casas editoras que repellem as obras perigosas para a formação moral, offerecidas á infancia e á juventude. É o caso da Cia. Melhoramentos de S. Paulo, com sua “Bibliotheca Infantil” [...] Série de contos populares, expungida de inconvenientes, ao gosto simples e puro da infância, sem desagradar á adolescência [...] obras mestras dos grandes. A Gata Borracheira, o Sargento Verde, Ali Babá e os Quarenta Ladrões, o Gato de Botas e o Soldadinho de Chumbo [...] <sup>137</sup>

Se para o público infantil e masculino, as leituras onde figuravam gangsters e comunistas eram representantes da má leitura, para o feminino, outros critérios balizavam o julgamento. A crítica católica partia do pressuposto que as leituras de cunho “mais sério” e político, tidas como masculinas, não despertavam interesse no público leitor feminino, de cultura limitada. Para esses críticos, o interesse do público leitor feminino se dirigia ao romance, ao conto e ao folhetim. Por esta razão, os valores morais balizavam os limites entre o proibido e o permitido no campo das leituras.

Relegada aos “bastidores” e ao domínio do privado, a figura da mulher é apontada como inapta às questões públicas e que dizem respeito à razão e às ciências. No domínio do privado, a razão dá lugar à sensibilidade. Michelle Perrot estudando essa espécie de divisão de papéis sociais dos gêneros, resume esse ideário da seguinte forma:

---

<sup>137</sup> “Livros & Letras”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 04 nov. 1933. p. 07.

Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração a sensibilidade, os sentimentos.<sup>138</sup>

Vistas como sentimentais, fúteis e sonhadoras, as jovens mulheres cearenses, são mostradas no periódico católico como leitoras de “uma literatura de meia tijela, venenosa pelos conceitos e indecente pelos assumptos”, e que não condizia com o tipo de leitura aconselhado às donzelas inocentes. Era preciso atenção, pois a “moça moderna”

[...] Lê, e quando lê, de volta dos passeios, bailes e theatros, o que de mais trivial lhe fica á mão: romances de Bourget, versos de poetas mediocres e revistas mundanas, cheias de uma literatura de meia tijela, venenosa pelos conceitos e indecente pelos assumptos.<sup>139</sup>

A leitura de romances trazia o encanto, o sonho e a fantasia. Com um romance em mãos, as jovens católicas visitavam mundos, onde belos vestidos farfalhavam e jovens príncipes lhes faziam a corte. Com este tipo de leitura, fugiam do sofrimento e dos sacrifícios presentes nas narrativas de vida das santas e religiosas católicas, seus modelos femininos; mulheres exemplares que abdicavam dos prazeres da vida terrena, por uma vida de privação, dedicada à fé.

Os romances lidos pelas jovens cearenses apresentavam um novo tipo de amor: o amor entre homem e mulher, não mais o amor à bondade, à pureza e à Igreja somente. Narravam sensações e sentimentos, mostravam que a felicidade e a plenitude de uma jovem podiam vir de outras formas - não somente através da renúncia de si e do mundo - tal como pregava a Igreja em suas obras e sermões. Os romances, mesmo os construídos segundo os parâmetros de pureza e recato recomendados pela Igreja, traziam consigo a abertura dos sentidos, a descrição das sensações do corpo. O coração que acelera diante do amado, a respiração ofegante diante de um pedido de casamento, enfim, abriam as portas de um novo mundo, de sensualidade e prazer.

---

<sup>138</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad.: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 177.

<sup>139</sup> “Cartas de Mulher”, *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 08 dez. 1928. p. 06-07.

Os romances, mesmo aqueles de cunho conservador e sem as cores vibrantes das obras realistas, eram vistos com ressalvas pelo clero, de modo que o ideal era evitá-los, ainda que fossem liberados pelos críticos católicos.



Figura 04 - Capa do romance *As contas do Terço*, de Mario Sette.

Entretanto, como as críticas não fossem suficientemente eficazes para afastar as jovens católicas do gosto por esse gênero literário, algumas dessas obras eram-lhes permitidas, com certo desprezo e alguma ressalva. Pequenas passagens ou detalhes podiam trazer reservas à crítica de uma obra. Entre tantos exemplos encontrados n' *O Nordeste*, podemos citar *As contas do Terço*, de Mario Sette,

O livro de Mario Sette, ao lado desses flagrantes vividos tem um entreccho leve, correntio, attraente e simples, que empolga e fascina. Pode ser posto em qualquer mão. Pena é que o autor se esteja enamorado das formulas modernistas, dando aos periodos precipitações desaconselhadas e destoantes. [...]<sup>140</sup>

Na realidade, o primeiro efeito temido pela Igreja, era o que chamavam de “perda da inocência”. A Igreja temia que ler sobre sensações desconhecidas, prazeres não experimentados - e também não recomendados – despertaria nas jovens católicas uma curiosidade desenfreada, tendendo ao

<sup>140</sup> “Novidades Literárias”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 25 jan. 1929. p. 04.

desejo de buscar na vida o que liam nos romances. Dependendo da obra em foco, isso poderia trazer danos morais às jovens leitoras e à sociedade.

Os contos e crônicas publicados n’*O Nordeste* tinham o intuito de alertar os pais sobre o perigo que algumas leituras suscitavam, por isso, suas narrativas eram dramáticas e os desfechos trágicos.

Mesmo alardeando os perigos da má leitura, os críticos reconheciam que a literatura imprópria podia ser atraente e irresistível. E a mulher, tal como Eva, sucumbe à tentação da curiosidade, à fraqueza de morder a perigosa maçã do conhecimento que, mostrando o mundo em novas cores, envenenaria a inocência feminina. As livrarias se tornavam, dessa forma, grandes “pomares”, onde “os livros ou frutos expostos nas vitrinas [...] se convertem em objetos de sedução explícita, atraindo almas inocentes e corrompendo-as.”<sup>141</sup>

A leitura era uma forma de alimento que podia envenenar a alma. Um conto publicado no jornal católico equiparava a leitura à uma fruta suculenta que despertava o desejo numa jovem menina. A atração do proibido tornava a leitura mais saborosa e desejada. Deixando-se levar pela beleza do “fruto proibido”, a jovem leitora envenena-se ao tomar conhecimento daquilo que não devia.

- Pare, papae, Olhe ali.

- Que é, filhinha?

A pequena segura-o pelo braço e leva-o para a porta de uma grande casa de frutas.

- Compre algumas, sim papae?

- Lá adiante, menina, lá adiante há outra casa melhor. Vamos até lá.

- Não, papae. As daqui são melhores mais saborosas. Compre, sim?

O pae accedeu aos desejos da pequena. Comprou as maçãs que a filha escolhera, por signal bem coradinhas.

Duas horas depois, Reina o alvoroço em toda a casa. O velho clinico sacode a cabeça;

- Muito serio.

- Pelo amor de Deus!

Salve-me a filhinha, doutor! – supplica a mãe angustiada.

O pae anda lívido, quase transtornado. – É caso serio... muito serio.

O medico consulta dois collegas. Tambem elles julgam o caso perdido. Para ruborizar, as maçãs tinham recebido, antes, por baixo da pellicula, uma forte injeccão, a cujo veneno não resistira o delicado organismo da criança.

---

<sup>141</sup> PAIVA, Aparecida. A leitura Censurada. In: *Leitura, história e história da leitura. Op. cit.* p. 420.

Á noite. Uma pobre mãe, em desespero, debruçava sobre um esquite branco, que contem o que ella de mais precioso possuía neste mundo: sua única filhinha.

Um pae, louco de dor, parece alheio a tudo que se passa em torno. E dizer-se que foi elle o comprador do veneno que lhe matou a filha, quando podia, muito bem, na outra casa distante, mas conceituada, adquirir optimos frutos são... Ah! Que miserável fraqueza! Perder o rico thesouro por não ter mais juizo que a pequena innocente!

Já entraram alguma vez numa dessas grandes livrarias?

Quaes maçãs de faces rosadas, em todas ellas se apresentam lindos livros de capas seductoras e títulos suggestivos. Exercem uma quase que irresistível fascinação. Muitas mocinhas que passam já não podem desprender o olhar da vitrina. Pedem ao pae ou irmão que as acompanhe. Manuseiam esta ou aquella obra. Folheiam esta ou aquella novidade literária. E não deixam de escolher a que mais seductora se lhes apresente.

Horas depois o veneno começa a agir. Denuncia-se pelas faces coradas, que não sabem occultar a sensação. Quando os paes dão fé, muitas vezes é tarde: murchou a flor da innocencia.<sup>142</sup>

É o rubor da face que denuncia um despertar de sentidos e sensações na jovem leitora, envenenada por uma narrativa imprópria. É ele também que denuncia a mácula no tesouro feminino: a inocência. As faces coradas sinalizam o despertar do corpo feminino para um mundo de sensações desconhecidas.

A diferença entre as livrarias que vendiam “bons frutos” e aquelas que ofereciam “frutos envenenados” aparece na narrativa como uma forma de levar o leitor às livrarias católicas, escapando à tentação do fruto proibido.

No conto, a “perda da inocência” da jovem é associada à sua própria morte. A inocência é que lhe dá o sopro de vida, a beleza e a pureza desejadas. Sua perda – irreparável – se constituía como uma “miserável fraqueza”, não só daquela que a perdeu, mas também de seus tutores, responsáveis por proteger o “precioso tesouro”.

É novamente a figura masculina que aparece como o tutor ideal das leituras femininas. No conto, são figuras masculinas, pais e irmãos, os provedores da leitura feminina, e, por isso, responsáveis pelos danos que a literatura podia causar, uma vez que, na visão da Igreja, tendenciosa ao erro e ao pecado, a mulher “não tinha juízo”.

---

<sup>142</sup> “Maçãs de faces vermelhas”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 24 set. 1936. p. 06.

A curiosidade feminina, alimentada pelas leituras impróprias, surgia nos artigos publicados no periódico católico, como o principal perigo, porque se constituía no caminho mais curto para a perda da inocência.

Evite-se a literatura escandalosa e libertina, que se torna nefasta pelo conhecimento que dá do vicio e pelas curiosidades que vae despertar.<sup>143</sup>

Curiosidade satisfeita, inocência perdida. Para os homens que se ocupavam da crítica católica, a curiosidade feminina, associada à leitura de livros perniciosos, abria caminho para o domínio dos instintos. Veículos de prazer e gozo, eram o ponto de partida para o declínio moral da sociedade. Na visão da Igreja, com os sentidos em alvoroço, a juventude, inexperiente e mal formada, se entregava às leituras impróprias e levava a sociedade a descer ao mais baixo patamar moral,

Constatam-se diariamente os prejuízos que vae fazendo por toda parte a má leitura, especialmente na juventude que, mal orientada, a ella se atira sem peias, por encontrá-la em toda parte, nas prateleiras das livrarias, ou junto á caixa do engraxador, em livros e revistas, em pamphletos e jornaes.

Não falta mesmo quem ao jovem inexperiente ou á moça mal formada, muitas vezes, dê a lêr livros, cujas paginas só parecem ter sido escriptas na vala mais immunda, e têm o cheiro nauseante dos alcouces.

Dahi a serie de factos desagradáveis que se dão constantemente, dos que nem se tem noticia, porque ficam lá no recinto de lares que mais felizes seriam se mais cuidado houvesse pela innocencia de uma filha e pela formação moral de um filho.<sup>144</sup>

A difusão da palavra impressa e a ampliação de seu acesso transformou-se em problema para a Igreja, uma vez que o controle sobre o que se lia tornava-se mais difícil, pois, em tese, os livros podiam estar “em toda parte, nas prateleiras das livrarias, ou junto á caixa do engraxador, em livros e revistas, em pamphletos e jornaes” . Por isso, a orientação em torno da leitura se tornava cada vez mais importante, principalmente com relação à juventude, que se lançava ansiosa às novidades literárias.

Os prazeres dos sentidos despertados pelos livros levavam à perdição. Uma vez que a mulher, ser frágil, desde Eva, despertava para o mundo, as

<sup>143</sup> “A liberdade dos costumes”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 15 jan. 1937. p. 04.

<sup>144</sup> “Lê isto!...”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 01 jan. 1929. p. 02.

conseqüências eram imprevisíveis e desastrosas. A frase de Santo Agostinho, publicada em destaque na primeira página d'*O Nordeste*, ilustra o pensamento católico, acerca dos males da leitura: “Pela leitura dos máos livros, aprendemos a encarar o mal sem horror, a falar d'elle sem pudor e a commettê-lo sem escrúpulo.”<sup>145</sup>

A leitura de romances, muitos tidos como “maus livros”, era feita sem intermédio de tutores, como padres e professores. Márcia Abreu afirma que o perigo desse tipo de leitura residia justamente no fato de não serem supervisionadas, comprometendo assim a interpretação “apropriada” do texto.

Ainda mais grave parecia o fato de a leitura de romances ser feita sem supervisão, não contando com a mediação de um padre ou de um ministro como ocorria com a leitura de textos religiosos, tampouco com a mediação de um professor ou de uma tradição de interpretação como se passava com os textos beletrísticos. Não havia dúvida, portanto, de que se tratava de leitura perigosa, pois estava fora do controle das instâncias que legitimavam a produção e a leitura de textos.<sup>146</sup>

Ao contrário das leituras permitidas, que traziam modelos de virtude, os romances, mesmo os que se diziam interessados em ensinar a virtude e a moral, traziam uma lógica narrativa diferenciada, nem sempre aceita pelos críticos católicos, pois, como afirma Márcia Abreu,

Os romances também se dizem preocupados com a moral, mas a atingem pelo caminho oposto, mostrando pessoas que erram, que se corrompem, que são fracas diante do vício. Narram essas histórias do ponto de vista de quem as condena, mas ao narrá-las põem os leitores em contato com o pecado. Isso já constitui um grave problema: narrar abertamente situações de imoralidade e pecado, permitindo que o leitor se imagine na mesma situação.<sup>147</sup>

Qualquer referência ao adultério, ainda que de forma moralizante, era temida pela Igreja Católica. Ciente das possibilidades de interpretação e reinvenção que a leitura oferecia, melhor seria que os assuntos perigosos (namoro, adultério, paixão avassaladora) fossem evitados. Antes evitar o contato e o conhecimento desses assuntos que arriscar uma interpretação não desejada.

<sup>145</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 22 ago. 1934. p. 01.

<sup>146</sup> ABREU, Márcia. *Os caminhos dos Livros*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003. p. 274.

<sup>147</sup> ABREU, Márcia. *Os caminhos dos Livros*. Op. cit. p. 270-271.

Obras publicadas em coleções cujos títulos já levantavam suspeitas, tais como a *Bibliotheca da Mulher Moderna*, passavam por uma análise mais criteriosa. Deste modo o livro de título sugestivo, *O poder da carne*, de Raimonde Marchard, teve sua leitura não recomendada, até mesmo às senhoras casadas, que podiam formular “apreciações errôneas em torno da fidelidade conjugal”.

Esse livro, embora escripto por uma mulher, é de uma crueza de expoição(sic!) e de uma desenvoltura de linguagem que dá, mais, o aspecto de um romance escandaloso.

Não o aconselhamos nem mesmo às senhoras casadas, pois sua leitura nem diverte nem distrae. Antes perverte e pode ser motivo para apreciações errôneas em torno da fidelidade conjugal.<sup>148</sup>

Autores estrangeiros também caíam no gosto do público cearense. Entretanto, alguns eram condenados, e se tornavam sinônimos de perdição. Desses escritores, o mais combatido pela imprensa católica era Émile Zola cuja literatura era, para a Igreja, o ícone da degenerescência literária, ao gosto dos almofadinhas e melindrosas.

A literatura obscena, realista, á Zola, é devorada pelos almofadinhas e melindrosas, que aspiram com delicia as exalações do monturo...<sup>149</sup>

Neste sentido, alguns padres da Igreja, se incumbindo da tarefa de combate à literatura perniciosa, começaram a escrever romances católicos, todos pincelados de valores e ensinamentos morais e religiosos.

Dentre esses, um dos mais festejados e ativos era o Frei Pedro Sinzig, que se empenhou em organizar um *Manual do Veto, Através dos romances: guia para as consciências*, onde listava autores e obras, observando as que deviam e, principalmente, as que não deveriam ser lidas. Como o próprio título sugere, os romances eram os principais alvos do olhar do frei alemão<sup>150</sup>.

Esse intelectual católico também impulsionou a maior editora católica do país, a Vozes, sinônimo de obras permitidas e recomendadas pela Igreja católica. No jornal *O Nordeste*, a atuação de Frei Pedro Sinzig é acompanhada

<sup>148</sup> “Livros Novos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 20 abr. 1937. p. 07.

<sup>149</sup> “Rascunhos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 31 mar. 1929. p. 07.

<sup>150</sup> Para um maior aprofundamento acerca de Frei Pedro Sinzig e seu *Manual do Veto* ver : PAIVA, Aparecida. *A Voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

cuidadosamente, através de manchetes e pequenas notas, louvando as publicações e ações do religioso e seu cuidado com as letras nacionais.

Frei Pedro Sinzig era responsável por seu manual do veto e se encarregava de escrever inúmeras obras católicas. Entre elas, é possível localizar romances, contos, livros instrutivos e didáticos, hagiografias, livros religiosos e devocionais, traduções, além de uma vasta produção musical, onde figuram óperas, peças, missas musicadas, entre outros. Para além da produção como escritor, à frente da Editora Vozes recrutava escritores e escritoras católicas, fortalecendo sua batalha contra a má leitura.

O tipo de literatura que Sinzig e outros religiosos produziam tinha grande aceitação entre os católicos praticantes, como os membros de irmandades religiosas, dentre as quais as Irmandades das Filhas de Maria, espalhadas por muitas cidades cearenses.

O lançamento de um romance escrito por franciscanos intitulado *A Filha de Maria*, é indício da assiduidade dessa camada como público leitor, bem como seu papel modelar de mulher solteira. O intuito principal era fornecer uma literatura “apropriada para moças e senhoras e gente de alma limpa”<sup>151</sup>, para combater os romances realistas e suas cenas fortes. Mas, junto ao público leitor feminino em geral, esse tipo de romance não parecia despertar o mesmo interesse dos romances que não tinham compromisso com os ensinamentos da Igreja.

Diante disso, a Igreja se vê obrigada a repensar seu combate aos romances, reconhecendo a ineficácia de sua crítica a esse gênero literário, visto o interesse das leitoras cearenses. Assim, a Igreja passa a aceitar a leitura de certos romances, desde que passassem por seu crivo. A idéia era permitir a leitura de romances que não trouxessem ameaças à moral, para evitar que se buscassem outras obras, como a literatura “à Zola”. Neste sentido, afirmava uma colunista d’*O Nordeste*: Ora, é frase corrente que o fogo se cura com o fogo. Porque não se há de curar a leitura com a leitura?<sup>152</sup>

Mais atenta aos conteúdos dos romances sem pitadas exageradas de realidade, e que se aproximavam dos contos de fadas, a Igreja passou a

---

<sup>151</sup> Cf. Livro de Crônicas do Convento de Petrópolis, P. 19. Apud PAIVA, Aparecida. *A Voz do veto* [...]. Op. cit. p. 38.

<sup>152</sup> “Semeando – Duas Medidas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 jan. 1929. p. 01 e 08.

aceitá-los e até recomendá-los, mediante alguns critérios. Deste modo, passou a elogiar os romances mais “açucarados”, que não continham “cenos fortes”, para fazer frente aos romances que traziam cenas impróprias.

É o caso de *A comédia Nupcial*, traduzida do original francês, de Gui Chantpleure, publicada pela coleção *Biblioteca das Moças*, cujo enredo “envolto num ambiente de romantismo e de peripecias impossíveis” a tornavam uma “leitura própria para moças”.

“A Comédia Nupcial” é uma collectanea de três contos de Gui de Chantpleure, dos quaes o ultimo deu o nome ao livro. [...] Todos muito bem urdidos, interessantes e leves, são de leitura própria para moças, envoltos num ambiente de romantismo e de peripecias impossíveis.<sup>153</sup>

A fuga aos modelos pré-estabelecidos causava desconforto aos colaboradores do jornal *O Nordeste*. A resistência das jovens cearenses às leituras recomendadas resultava, na opinião do jornal, numa desvirtuação do hábito da leitura. Os enredos dos romances “água com açúcar” das coletâneas para moças eram preteridos, ao “sal de Zola”, enquanto as crianças desprezavam os contos repletos de “fadas bemfazejas”. Dessa forma, o jornal denunciava a precocidade das leituras da infância e o abandono, por parte do público feminino, das leituras “para moças”, conseqüências do excesso de liberdade.

As collectaneas de livros e romances para moças já não são mais lidas pelas moças. Porque todas as senhorinhas se julgam independentes e de “character formado”, jactando-se de que não estão lá pelo que lêem...

De sorte que todos os livros dessas bibliothecas estão sendo lidos por crianças. Duas anomalias: as moças se esquecem das coisas ternas e próprias á sua índole e as crianças já não se lembram de fadas bemfazejas. De uma parte, precocidade, e de ambas as partes, inconveniencia.

As moças, pelo menos em grande parte, sentem quase uma vergonha de dizer que lêem livros da bibliotheca... de moças;

- Qual, tolices! Agua com assucar não é para mim!

E não enrubecem de confessar que gostam do “sal” de Zola e outros que taes.

Triste consequencia da “liberdade” dos nossos dias!

Mal sabem ellas que, com isto, muito decaem no conceito de todos.

Mesmo dos pouco escrupulosos, que só vêem a vida com os olhos

<sup>153</sup> “Publicações”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 mar. 1929. p. 02.

do mundo. Que ellas se compenetrem disto e voltem... á sua bibliotheca.<sup>154</sup>

Diante dessa “inconveniência” dos hábitos de leitura do público feminino cearense, a figura da Filha de Maria leitora começava a aparecer nos artigos do jornal. Exemplo de virtude e decoro, “encarregadas das cousas santas”, as Filhas de Maria iam transformando-se também em modelos de leitoras católicas, numa exortação à cruzada contra a má leitura.

Trabalhemos unidas e coesas para a moralização dos costumes, para a formação dos caracteres e para a regeneração das que se afastam do caminho rétilineo do bem e do dever! Somos catholicas, profundamente catholicas na totalidade; somos em grande número, Filhas de Maria [...] portanto encarregadas das cousas santas. [...] Procuremos, pois sanar os males que pairam sobre a sociedade e a familia. Que vemos na época actual? [...] as leituras perniciosas, malélicas e prohibidas, penetrando em quase todos os lares; [...] Esforcemo-nos mais um pouco e demos o bom exemplo.[...]<sup>155</sup>

Como a falta de boas leituras era vista pela Igreja como causa da decadência moral da sociedade, a Igreja passou a concentrar esforços para oferecer um maior número de publicações de cunho religioso. Além dos livros escritos por padres e religiosas, novas edições da Bíblia e do Novo Testamento, bem como publicações que visavam explicar os dogmas da fé e da doutrina, passaram a ser anunciados aos leitores d’*O Nordeste*. É o caso da série de artigos incentivando a aquisição do missal, livro que explicava o ritual da missa, numa época em que esta era ainda rezada em latim<sup>156</sup>.

Procuremos, á custa mesmo do sacrifício, adquirir um missal, em língua vernácula, pois com este pequenino sacrifício já começamos a nos preparar para melhor compreender o sacrifício que vamos oferecer a Deus.<sup>157</sup>

Mesmo admitindo o custo elevado da obra e a dificuldade de utilizá-lo, o jornal católico se empenhou no incentivo à aquisição e uso do Missal, posto ser a coletânea de “cânticos, hinos e preces” do cristianismo desde seus primórdios e também a chave para a compreensão do sacrifício da Santa

<sup>154</sup> “Bibliotheca das Moças”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 05 nov. 1936. p. 03.

<sup>155</sup> “O Papel da mulher na sociedade e na família”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 02 ago. 1935. p. 02.

<sup>156</sup> Até meados da década de 1960, o ritual católico da Missa era realizado em Latim. A mudança para língua vernácula só se deu a partir do Concílio do Vaticano II.

<sup>157</sup> “O que é o Missal”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 07 out. 1936. p. 03.

missa, “centro de toda nossa religião”, assim, apela aos católicos cearenses: “Com enormes sacrifícios para uns e menores para outros, certo é, todavia, poderemos possuir todos, um missal em língua vernácula.”<sup>158</sup>

Empenhada em fazer frente aos romances - fossem estes recomendados ou não - a Igreja não ignorava sua influência e aceitação pelo público leitor cearense. Por isso, os críticos católicos não se furtavam da estratégia de referenciar a leitura de obras religiosas com a leitura “leve” dos romances. Com essa estratégia de propaganda, buscavam aumentar a aceitação dessas obras religiosas junto ao público dos romances.

Desde muito nos estava faltando uma edição do Novo Testamento em linguagem moderna, acessível á inteligência dos leitores de romances e revistas ilustradas [...] É um verdadeiro prazer ler os livros sacros neste estilo fluente, claro, simpático; ouvir as eternas e imutáveis verdades da revelação numa linguagem nossa, bem nossa – e isto sem sacrificar um só pensamento do sentido primitivo.<sup>159</sup>

Partindo do pressuposto que a leitura de obras religiosas era menos atraente e mais difícil, a Igreja e sua imprensa dão mostras de como concebiam a imagem do público leitor feminino, um público de formação frágil. Despreparadas e com uma educação intelectual incipiente, eram simpatizantes de romances de linguagem mais “moderna” e acessível. Assim, mesmo não recomendados, e até combatidos, os romances haviam se tornado referência de leitura prazerosa e fácil.

Se, por um lado, a linguagem podia ser referência para a leitura de uma obra, por outro era algo que também podia tornar uma obra imprópria. Os termos utilizados pelos escritores em suas obras deveriam ser acessíveis, e não podiam desviar-se dos conteúdos moralizantes.

Caso contrário, suas obras seriam desprestigiadas pela crítica da Igreja e entrariam no rol dos livros não recomendados aos católicos, ainda que se admitisse seus méritos literários. No esforço de moralizar as leituras das jovens cearenses, a crítica se cercava de precauções, para preservar a inocência ou evitar o despertar da curiosidade feminina. É o caso da coletânea de contos de Antônio de Alcântara Machado, *Mana Maria*, cujo enredo, apesar de

<sup>158</sup> “O que é o Missal – II”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 out. 1936. p. 02.

<sup>159</sup> “Estudos Bíblicos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 01 out. 1938. p. 03.

reconhecidamente “interessante”, se tornavam condenáveis pela linguagem utilizada.

No livro que acaba de ser editado o conto principal é Mana Maria. O autor, porém, não policiou bastante a linguagem, havendo mesmo termos da gíria mais baixa e immoral. É uma pena. Porque os outros contos são interessantes. O ultimo então, é engraçadissimo.[...] <sup>160</sup>

Quando se tratava do julgamento de uma obra, pequenos detalhes podiam definir a posição do crítico católico. Pequenas passagens, uma palavra, uma ilustração podiam tornar um livro passível de restrições ou até mesmo condenável.

A talentosa escriptora retrata nesse escriptorio poetico a sua alma formada cristãmente, sendo de censurar o motivo pagão da capa, que não condiz com a espiritualidade das estrophes, algumas frivolas, mesmo levianas, mas não eroticas ou livres. <sup>161</sup>

No caso do livro *Exaltação*, de Zélia Villas Boas, o que tornava sua capa reprovável era a figura de uma mulher em uma pose sensual, vista pela crítica católica como expressão de erotismo.



Figura 05 - Capa do livro *Exaltação*, de Zélia Villas Boas.

<sup>160</sup> “Novidades Literárias”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 jul. 1936. p. 02.

<sup>161</sup> “Exaltação, de Zélia Villas Boas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 nov. 1937. p. 04.

Alberto Manguel lembra como a ligação da mulher com uma literatura considerada “menor”, em diversos tempos e sociedades, também foi construída e cristalizada:

As mulheres estavam proibidas de ler o que se considerava literatura “séria”: deviam confinar-se ao reino da diversão banal e frívola, [...] havia uma distinção clara entre literatura e linguagem “masculina” (com temas heróicos e filosóficos e voz pública) e “feminina” (trivial, doméstica e íntima).<sup>162</sup>

Entre as almas mais evoluídas e com capacidade de discernimento entre a literatura perniciosa e a edificante, na visão da Igreja, não havia almas femininas. Principalmente as senhorinhas católicas que, inocentes dos pecados e tentações do mundo, não saberiam julgar adequadamente as obras de fundo moral duvidoso.

Este posicionamento da Igreja é contraditório e renega suas próprias práticas e recomendações, uma vez que será à essas mesmas senhorinhas que, depois de casadas e transformadas em mães, caberá a educação dos filhos e a escolha e julgamento de suas leituras. Sobre o papel feminino de educadora e responsável pelo futuro da catolicidade trato mais adiante.

A inaptidão feminina para a escolha das boas leituras provinha do seu despreparo para o mundo das letras. Para a Igreja e seus adeptos, se a mulher não era uma boa leitora também não poderia ser uma boa escritora. Essa opinião - compartilhada até mesmo pelas colaboradoras da imprensa católica - era manifesta no jornal *O Nordeste*, como se pode ver no artigo onde a autora, não identificada, afirma:

Não me movem veleidades literarias nesses entretenimentos amistosos. Porque, mesmo, no tocante á literatura, nós mulheres não somos muito fortes. Nesse ponto, é-nos preciso confessar, somos, de facto a parte frágil da humanidade. Emquanto na historia literária de todos os paises do mundo os homens sobresaem-se em quantidade, permanece o nosso sexo na penumbra, offuscado pelos fulgores da intelligencia masculina que desde o principio das idades, vem irradiando as magnificiencias do saber humano.<sup>163</sup>

<sup>162</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 261.

<sup>163</sup> “Cartas de Mulher”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 dez. 1928. p. 06- 07.

No universo literário católico, a mulher que se dedicava às letras era vista com descrença e, por vezes, até com escárnio. No discurso dos colaboradores d'*O Nordeste*, insensato era aquele homem que decidia tomar por esposa uma mulher que se dedicasse às letras ou à ciência, esta fatalmente seria má esposa. Uma mulher que “sabe demais”, só para tolos que “nada sabem”.

A mulher literata é uma praga: nunca dá boa esposa, ainda que produza bons livros. Para ella, o marido é, sempre, um pobre diabo cuja função se limita a pagar as contas no fim do mês e a mandar consertar o cano do gaz quando fura... [...] Se a mulher literata é uma praga, a mulher cientista é uma calamidade. Quando a mulher sabe demais, o marido é, quase sempre, quem não sabe nada...<sup>164</sup>

Desencorajadas à escrita e desprestigiadas em suas leituras, as jovens católicas deveriam restringir-se aos escritos de foro íntimo, como as cartas e os diários. No caso das Filhas de Maria, a irmandade também era um espaço de exercício da escrita, embora limitada aos registros da vida da irmandade, tais como livros de ata, livros contábeis e demais registros do cotidiano da associação.

Entretanto, essa desvalorização da expressão feminina na escrita, tão abertamente propagada pela imprensa católica, não se efetivava na prática. Como ilustração dessa contradição, pode-se observar que grande parte da literatura escrita e recomendada às mulheres católicas era feita por mãos femininas. As colaboradoras católicas não só escreviam como também se encarregavam da tradução de inúmeras obras dirigidas ao público católico.

Nomes como Ancilla Domini, Maria Desideria, Amélia Rodrigues, entre outras, figuravam na lista de autoras e tradutoras das obras que as moças católicas deveriam ler com afinco.

A circulação de livros na capital cearense não se dava apenas através das livrarias. Vendedores ambulantes de livros também circulavam pelas cidades, sem levantar suspeitas. Alguns desses vendedores traziam consigo, não só obras desaconselháveis como também as obras proibidas, o perigo vermelho da literatura comunista.

---

<sup>164</sup> “Com os casadoiros”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 25 nov. 1928. p. 12.

Em Fortaleza, a denúncia desse tipo de prática foi alardeada pelo jornal *O Nordeste* que, de forma recorrente, tratou de alertar e denunciar às autoridades algumas vendedoras de livros. Essas vendedoras, de aparência distinta e imagem insuspeita, batiam de porta em porta oferecendo, entre suas mercadorias, livros proibidos, que falavam mal da Igreja católica por serem, no caso, “livros de origem protestante”. Uma mulher que oferece livros impróprios, uma nova Eva - com suas “maçãs” feitas de papel e tinta - pronta para, “com jeito próprio do seu sexo”, mais uma vez levar a humanidade à perdição.

Previnimos ao povo catholico de Fortaleza que se precavenha contra os vendedores ambulantes de livros, cuja bagagem é constituída, quase , de leituras perigosas. Agora mesmo, anda de casa em casa uma senhora estrangeira passando livros de origem protestante onde o clero é atacado. Com o geito proprio do seu sexo faz crêr que se trata de escriptos inoffensivos e, dessa maneira, pouco digna, vae illudindo a boa fé dos nossos conterrâneos, que se deixam assim facilmente sangrar.<sup>165</sup>

Na visão da imprensa católica, como se não bastasse à mulher se corromper pelas leituras impróprias, ela mesma agora se encarregava de corromper o mundo oferecendo de porta em porta, sem medo ou pudor, as obras de teor proibido.

Mas, mesmo diante de tantas histórias, ameaças e críticas, e em meio à uma campanha tão acirrada em torno da moralização da leitura e do combate a seus males, como pensar a insistência feminina em ler obras que a Igreja condenava?

As leituras religiosas ensinavam que o sofrimento era bom, necessário para a purificação do corpo e salvação da alma, por outro lado, o prazer do corpo era feio, sujo e pecaminoso. Os enredos cuja leitura era estimulada descreviam as chagas, a dor e o sofrimento. A felicidade aparecia como algo sublime, alcançada depois do martírio, da purificação dos sentidos do corpo, ou da morte. Os romances, não. Eles ofereciam outras coisas, mais agradáveis e mágicas. Neles, qualquer jovem, até a mais simplória, poderia se transformar, durante sua leitura, em personagem e viver as emoções trazidas pela narrativa.

A Igreja não subestimava o potencial instrutivo da leitura, porém, estava atenta a outras formas de narrativas que não a escrita. Neste sentido,

---

<sup>165</sup> “Brado de alerta”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 31 jan. 1935. p. 05.

com o aumento das salas de cinema no Estado, as atenções também se voltaram para as possibilidades de instrução que os filmes traziam. Visto como uma espécie de escola, o cinema passou a figurar no discurso do jornal católico como similar à leitura, tanto em seus benefícios, como em seus danos.

### *2.1.1. Cinema: “um livro que educa ou degenera”*

O cinema é uma realidade. Negá-la, desconhecer-lhe a força formidável é uma ingenuidade às vezes quasi criminoso. Como o livro, o teatro ou qualquer das grandes conquistas do Homem, pode servir para o Bem ou para o Mal.

Jornal O Nordeste

O cinema, a partir da década de 1930, passou a figurar e confundir-se, no discurso do jornal católico, com as apreciações acerca da leitura. O cinema e a literatura eram constantemente apontados como similares na capacidade de influenciar comportamentos. Comparado à um livro, o filme era visto com maior desconfiança, uma vez que as “luzes do cinema” pareciam ser mais democráticas, ao alcance de um maior número de pessoas, posto que não era necessário saber ler para ir ao cinema. Além disso, o cinema trazia o fascínio da imagem em movimento, e não apelava apenas para a imaginação, tal como o livro.

Como uma escola, o cinema era um poderoso instrumento de instrução e esse poder deveria ser controlado, pois tal como uma “espada de dois gumes”, poderia trazer prejuízos ou benefícios à educação da população. Sedutor, o discurso do cinema era mais eficaz que o da leitura e podia contaminar mesmo “certas crianças barbadas”. Em mãos moralizadoras, era um poderoso instrumento de normatização de comportamentos, em mãos “desonestas” poderia representar a dissolução dos bons costumes.

Espada de dois gumes, o cinema é uma verdadeira escola.  
O filme é, deste modo, um livro que educa ou degenera.

Honesto e moralizado, o filme é um poderoso mestre, que consegue grandes victorias no campo do bem..  
 Desonesto e perverso, é perigoso instrumento de dissolução, que, não raro, infecta mesmo a certas crianças barbadas.  
 De efeitos impressionantes e sedutores, o cinema leva vantagens ao livro no desmoralizar como no educar.<sup>166</sup>

Para o jornal, a influência do cinema podia ser sentida principalmente nas crianças e nas jovens donzelas. Uma vez tendo suas leituras tuteladas por professores e pelos pais, o livro não lhes repassava os mesmos “comentários vivos” que as fitas cinematográficas. Os filmes, sem intermediações, traziam em cenas vivas comportamentos impróprios, tais como roubo, adultério, assassinato, entre outros.

[...] os resultados colhidos em favor do mal são muitíssimo mais abundantes. É que, na escola, de ordinario, temos a acção preservadora do mestre, que salvaguarda a alma tenra da criança do que contem o livro mal, procurando salientar o que há de bom. Alem disto, o conteudo do livro passa sob a vista da criança sem commentarios vivos que attraiam, de logo, a sua curiosidade infantil. Ao contrario, porem, o cinema, captando almas ingênuas e algumas vezes innocentes, prende-as de cheio com os seus quadros de vida repletos de cores impressionantes. São o amor pervertido, o odio, o assassinamento, o roubo, a vingança, o adulterio e uma infinita serie de maldades de que o homem é capaz, que se extampam aos olhos das crianças, muitas vezes veladamente, mas sempre de efeitos altamente damninhos. Enquanto isto, e o que é peor, são os próprios paes que sem uma explicação previa, acompanham seus innocentes e as suas filhas donzelas aos cinemas onde se desenrolam taes romances.<sup>167</sup>

A vivacidade das cenas mostradas na tela do cinema trazia detalhes que durante a leitura passavam despercebidos. Nesse sentido o cinema levava vantagem sobre os livros, e por isso os pais deveriam se cercar de cuidados ao permitir que suas crianças e filhas fossem ao cinema.

Os hábitos de leitura do público cearense eram vistos como suscetíveis de influências do cinema, que tinha a capacidade de influenciar gostos, em virtude de seu alcance ser mais amplo.

Si os livros podem ser nocivos á sociedade, o cinema fazendo propaganda desses livros torna-se muito mais nocivo porque o

<sup>166</sup> “Coisas da época”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 13 mar. 1936. p. 03.

<sup>167</sup> “Coisas da época”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 13 mar. 1936. p. 03.

numero de freqüentadores das salas de espectaculos é muito maior do que o dos fregueses das livrarias.<sup>168</sup>

Por seu alcance, a propaganda de uma obra, ou de um escritor, no cinema, mostrava seus efeitos nos hábitos de leitura. Assim, o cinema era apontado como a causa direta da valorização da literatura apontada como pernicioso pela moral católica. Embora “o mal” estivesse nas páginas dos livros, o cinema pervertia ao divulgar certas obras, suscitando curiosidade e interesse acerca de obras “imorais”, visto que, para a crítica católica, os livros tornavam-se conhecidos “pela propaganda que delles se fazem”. É o caso da película *Emile Zola*, cuja exibição causou aumento na procura das obras do escritor nas livrarias da cidade. Tido como um dos autores mais perniciosos, o filme, embora não trouxesse cenas impróprias, citava os livros de Zola, trazendo à cena um autor que a Igreja julgava como “esquecido”.

[...] Ninguém pode negar o mal que está produzindo a exibição do filme “Emile Zola” que apresenta um escriptor immoral ao ultimo ponto, num ambiente de simphatia, fazendo ainda uma enorme propaganda dos seus livros, cujos nomes são citados. O mal vae ser causado pela leitura dos livros, porque o filme não tem scenas immorales. Mas não fosse o cinema evocar uma figura esquecida, os seus livros não voltariam a ser lidos.<sup>169</sup>

Para exemplificar de forma mais contundente o efeito nocivo que o cinema podia provocar na sociedade, era também comum a narrativa de casos reais que noticiavam tragédias e desvios de conduta influenciados pelo cinema. E, novamente, eram as crianças que figuravam como vítimas, mas não as únicas, da malícia nas fitas projetadas nas telas do cinema. A criança, símbolo maior de pureza e inocência, se transformava no maior exemplo de como o ser humano, mesmo o mais puro e inocente, era suscetível às tentações malélicas, fossem nas páginas de um livro ou na luz mágica do cinema. É o caso do relato envolvendo o personagem de faroeste, *Tom Mix*, muito popular no cinema nas primeiras décadas do século XX.

[...] a cada passo, os factos comprovam o efeito desastroso que essas idéas más vão produzindo. Há tempos, no Rio Grande do Sul, uma creança, bancando o Tom Mix, matou, innocentemente, um

<sup>168</sup> “O Livro e o cinema”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 19 mai. 1938. p. 06.

<sup>169</sup> “O Livro e o cinema”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 19 mai. 1938. p. 06.

companheiro. E, de quando em quando, chegam-nos informes semelhantes.<sup>170</sup>

Os filmes, assim como os livros, eram perseguidos pela Igreja e ao mesmo tempo utilizados na campanha católica que buscava moralizar a sociedade. Buscando evitar a audiência a filmes impróprios, a imprensa católica mantinha uma coluna na qual informava sobre as fitas exibidas nas salas de cinema da capital, como forma de combater as películas tidas como “más”. Vistos como uma escola, os filmes traziam a magia poderosa da imagem e, por isso, deveriam ser vigiados de perto, devido ao seu vasto alcance na sociedade. Os cinematógrafos apareciam como poderosos agentes de transformação das idéias, daí o seu poder.

A's [sic] familias e aos catholicos em geral estamos informando o que passa sobre as peliculas [...] para um severo mas criterioso combate aos filmes maus. Precisamos sustentar este combate. O cinema é uma escola. Tem razão Gustave Le Bon em dizer: “o cinematographo é o mais poderoso agente de educadores e de desmoralização que actualmente existe. Si eu fosse dono de todos os cinematographos do meu pais transformaria as idéas e a crença dos cidadãos”.<sup>171</sup>

Sobre o cinema, a imprensa católica lançava um discurso parecido com aquele estabelecido em torno da leitura, colocando a mulher como sendo mais suscetível aos malefícios das fitas cinematográficas. E enquanto a Igreja se organizava no sentido de fazer uso dessa poderosa ferramenta a favor dos preceitos católicos, sua crítica tratava de tecer severos comentários aos males trazidos pelo cinema, buscando educar o gosto do público para os filmes edificantes, que combatiam a “apologia às falsas normas de vida”.

O cinema transformou-se numa fonte de immensa perversão popular, porque as fitas se converteram [...] em representação do peccado e do vicio, representação acclamada e quanto possivel justificada. Perante as multidões que freqüentam, diariamente, a exhibição das telas, faz-se, de continuo, a apologia de falsas normas de vida.<sup>172</sup>

Neste sentido, a imprensa católica lamentava que o potencial educativo do cinema tivesse sido percebido tardiamente pela alta hierarquia católica. Como uma forma de compensar o atraso, o Papa Pio XI lança, em junho de

<sup>170</sup> “Commentarios...”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 04 set. 1928. p. 01.

<sup>171</sup> “Porque iniciamos, há muito, a secção diária de filmes censurados”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 07 nov. 1936. p. 05.

<sup>172</sup> “Cinema corruptor”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 20 jul. 1936. p. 01

1969, a carta encíclica *Vigilanti Cura* onde trata do cinema, incentivando a vigilância em torno dos filmes, a criação de salas de exibição voltadas a filmes católicos e a organização de grupos responsáveis pela confecção de boletins regulares com a classificação dos filmes. Na visão da Igreja, o cinema tinha estado, até então, a serviço do mal, sendo poucas as películas de conteúdo edificante. Numa sociedade “viciada pelo cinema”, era *mister* tomar o controle dessa “arma gigantesca”.

Lamentável é que os inimigos da Verdade tenham talvez compreendido melhor o grande poder do cinema. Triste é que os filhos da Luz, ordinariamente, tenham sido mais descuidados e retardados em se utilizar d'elle.

Ninguém, absolutamente, pode ignorar que o cinema, até hoje, ha servido mais para corromper e transviar do que para instruir e educar.

A nossa sociedade é viciada pelo cinema. Outro divertimento não a satisfaz. E o seu paladar, de já tão estragado, sente apenas sabor nas fitas disseminadoras de indecências.<sup>173</sup>

Com o cinema, tal como nas leituras, a Igreja combatia os filmes “desmoralizantes” com aqueles “edificantes”. Visto como arma de apostolado, deveria ser redimido em sua missão de educar moralmente seu público, e a Igreja não podia descuidar-se, deixando-o nas mãos de seus “inimigos”, que “envenenavam” a população com exibições impróprias .

[...] a população cathólica é em larga escala envenenada por uma mercadoria cinematographica sem escrúpulo [...] O cinema tem faltado demais à sua missão de elevação moral e desenvolvimento intellectual mas nós não devemos por isto deixar aos inimigos esta nova arma formidável de apostolado.<sup>174</sup>

Comparando o cinema ao livro, o jornal católico aponta ambos como responsáveis pelos “males sociaes”. Entretanto, no discurso d’*O Nordeste*, o cinema era uma ferramenta mais eficaz na propagação de idéias e influências, podendo direcionar leituras e comportamentos. Saindo em defesa dos livros, a crônica católica acusava o cinema de incentivar leituras impróprias que levavam a atitudes “funestas”, visto que o alcance das salas de exibição era muito maior que o das livrarias.

<sup>173</sup> “Combatendo os bailes e cinemas máos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 09 dez. 1935. p.02.

<sup>174</sup> “Os deveres dos catholicos quanto ao cinema”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 03 jul. 1933. p.06.

É certo que os livros em parte são responsáveis pelos males sociais. Mas o cinema não pode ser excluído também desta responsabilidade. Os livros são conhecidos, pela propaganda que deles se fazem. E essa propaganda é muitas vezes feita pelo cinema, ou apresentando a vida dos escriptores, ou adaptando os romances á tela. “Anna Karenina” que foi citado pelo referido articulista como causa de um suicidio, já foi filmado duas vezes. Quem sabe si não foi o filme que levou a moça ler o livro que a levou a tomar aquella funesta attitude.

[...]

Si os livros podem ser nocivos á sociedade, o cinema fazendo a propaganda desses livros torna-se muito mais nocivo porque o numero de freqüentadores das salas de espetaculos é muito maior do que o dos fregueses das livrarias.<sup>175</sup>

Diante das evidências da popularidade do cinema, a imprensa católica reconhecia que seria uma “*ingenuidade criminosa*” ignorar seu potencial. Por isso o jornal *O Nordeste* passou a publicar uma coluna diária, onde indicava os filmes que deveriam ser vistos pelos católicos, bem como aqueles que eram censurados, enquanto lembrava aos leitores que não deveriam ir ao cinema sem antes consultar a “Censura de Filmes”.

QUER IR AO CINEMA? Não se esqueça de recorrer á Censura de FILMES. – Não se deve assistir a um filme sem ter a certeza de que seja pelo menos ACEITAVEL. É questão de consciencia.<sup>176</sup>

Em Limoeiro, as novidades, encantos e perigos do cinema também faziam parte das opções de lazer da cidade. A primeira sala de exibição do município foi inaugurada em 1925, fato noticiado pelo Jornal *O Ceará*, em sua coluna “Dos municípios”.

Limoeiro, 7 – Foi inaugurado no dia 30 de setembro o Cinema Limoeirense, de propriedade dos srs. Oliveira Irmãos & Osório, tendo tido enorme concorrência.<sup>177</sup>

O cinema anunciado era o *Cine Moderno*, e os filmes exibidos, ainda mudos, eram acompanhados pela Banda de Música da cidade, trazendo mais animação às sessões de cinema. O espaço físico do cinema, em Limoeiro, também era utilizado para outras atividades sócio-culturais, entre elas peças teatrais, apresentações estudantis, ensaios da Banda de Música, além de ser palco de reuniões políticas onde se discutiam os problemas da cidade. De

<sup>175</sup> “O livro e o cinema”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 19, mai. 1938. p. 06.

<sup>176</sup> “Cinemas & Teatros”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza. 11 abr. 1939. p. 02.

<sup>177</sup> “Limoeiro já possui um cinema”. Jornal *O Ceará*, Fortaleza. 09 out. 1926. p. 08.

acordo com Maria José de França Menezes, “o primeiro cinema da cidade, o Cine Moderno, foi um cinema pensado pelas e para as elites limoeirenses”<sup>178</sup>.

O fascínio do cinematógrafo trazia novos ídolos e modelos comportamentais, uma viagem para os espectadores, conforme o depoimento de Lirete Chaves Saraiva: “o cinema trazia moda, costumes, novidade, imagens de outras cidades, uma viagem. Como se você fizesse uma viagem, né?”<sup>179</sup>.

Mas, para as jovens católicas, nem todas as “viagens” eram permitidas, e sua presença na exibição de um filme estava condicionada ao consentimento do padre da cidade e às recomendações do Jornal *O Nordeste*. Lirete Chaves Saraiva recorda que

O padre era quem dizia quando o filme prestava. A gente só ia ver se o filme fosse aprovado pelo Jornal O Nordeste, que era o jornal católico que existia na época. A gente só ia se o filme fosse livre.<sup>180</sup>

O *Cine Moderno*, com seus filmes mudos, fechou em 1940. Em maio de 1942, inaugurou-se a segunda sala de exibição da cidade, o *Cine Brasil*, que trazia a novidade do cinema falado. Nele, “os limoeirenses recebiam informações políticas (flashes sobre os acontecimentos da época, com a 2ª. guerra mundial), educacionais e outras, através da exibição de jornais noticiosos, que precediam o filme.”<sup>181</sup>

Na década de 1940, de acordo com Maria José Menezes, diferentes grupos sociais passaram a freqüentar o cinema em Limoeiro, apontando para uma popularização desse tipo de lazer<sup>182</sup>, no entanto, a audiência aos filmes, por parte do público feminino, ainda estava condicionada à aprovação do padre e às recomendações da imprensa católica.

Procurando oferecer bons filmes para combater as películas “imorais”, mais uma vez a figura da Filha de Maria surge na imprensa católica como

<sup>178</sup> MENEZES, Maria José de França. *Um mundo que se mostra por dentro e se recria por fora: a trajetória das casas de exibição de cinema em Limoeiro (1925-1980)*. Monografia de Graduação em História – FAFIDAM/UECE. Limoeiro do Norte, 2003. p. 23.

<sup>179</sup> Maria Lirete Chaves Saraiva. Entrevista concedida a Maria José de França Menezes, em 05/10/2002. Apud. MENEZES, Maria José de França. *Um mundo que se mostra por dentro e se recria por fora [...]*. Op. cit. p. 26.

<sup>180</sup> Maria Lirete Chaves Saraiva. Entrevista concedida a Maria José de França Menezes, em 05/10/2002. Apud. MENEZES, Maria José de França. Op. cit. p. 22-23.

<sup>181</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal, & OLIVEIRA, Lenira de. (Org) *Limoeiro em Fotos e Fatos*. Op. cit. p. 137-138.

<sup>182</sup> Cf. MENEZES, Maria José de França. Op. cit.

modelo de mulher. Este modelo feminino, que já havia intitulado o romance escrito por padres franciscanos, chegou às telas do cinema com a película intitulada *A filha de Maria*. Exibido em três cinemas de Fortaleza – Moderno, Majestic e Parochial – entre os meses de novembro e dezembro de 1934, contou com uma forte propaganda da imprensa católica, que anunciava com destaque a película, como sendo “comovente, digno, humano, elevador” e, por esse motivo, “devia ser assistido por todos os católicos”.

**DOMINGO - 25**  
SIMULTANEAMENTE NO  
**MODERNO e MAJESTIC**

Não ha preceitos nem regras que possam sopitar na mulher qualquer que seja a sua estação, o impulso do amor materno.

E esse amor, longe de deprimir, exalta e sublimou esta doce e angélica serva de Deus!

Uma opinião que será de todos:  
Que haço filme, "A Filha de Maria"! Comovente, digno, humano, elevador. Irá triumphar por todo o Brasil.

Rio, 16 - 2 - 1934.

(a) Frei Paschoa Pinheiro

**FILHA DE MARIA**  
DOROTHEA WIECK  
Argumento extraído da celebre novela de Anthony Comstock

**Cine-PARROCHIAL**

AMANHÃ - 2 de dezembro - AMANHÃ  
- A's 10 horas da manhã e 7 1/2 da noite  
ENTRADA UNICA - 288.200

**A Filha de Maria**

Um filme que deve ser assistido por todos os catholicos  
OPPORTUNIDADE UNICA - DOMINGO

Figura 06 - Anúncios do Filme *A Filha de Maria*, jornal *O Nordeste* dos dias 22/11/1934 e 01/12/1934.

Modelos de mulher, de comportamento e postura, heroínas de romances e filmes, as Filhas de Maria vão agregando valores, papéis, julgamentos e imagens às suas fitas azuis, símbolo de uma irmandade que nasceu com o intuito de ser uma associação religiosa, mas que extrapolava o viver devocional.

Com tantas expectativas recaindo sobre o papel da Filha de Maria na sociedade, era difícil para essas mulheres não se tornarem motivo de muitos cuidados por parte da Igreja. Em um artigo intitulado “Retrato de uma Filha de Maria”, Stella Faro alertava para o fato de algumas associadas marianas estarem descuidando dos preceitos da irmandade, dedicando mais tempo a si mesmas, esquecendo que, a vida terrena deveria ser de renúncia. É a máxima do sacrifício, da negação ao prazer, ditando o merecimento de ganhar o tão propagado “reino dos céus”.

**Idolatra de si própria, entregue aos prazeres da terra** revolta-se ante os golpes do infortúnio. Sem cuidar na sua orientação, não se lembra que a vida é uma passagem e que **nada na religião nos autoriza a esperar na terra a felicidade.** [Grifos meus]<sup>183</sup>

Quando as expectativas construídas em torno de sua imagem não se efetivavam, era possível encontrar, nas páginas do jornal católico cearense, denúncias de comportamentos dissonantes do modelo feminino pretendido pela Igreja, que temia perder suas piedosas filhas para os males da modernidade. Como todas as mulheres de seu tempo, as Filhas de Maria não estavam imunes às mudanças e também eram alcançadas pelas teorias do século, fato que desagradava a Igreja, gerando censuras àquelas que se atreviam a desafiar o modelo puritano estabelecido. Na crítica da imprensa católica, essas jovens eram vistas como Filhas de Maria desvirtuadas, por sua instrução e pela ousadia de defender o direito de tudo “saber, ver, ler, dizer”.

É Filha de Maria – educada com esmero, instruída, culta, piedosa até, em certo tempo, deixou-se de tal modo embair pelas theorias do século, ouviu com tal encanto as palavras blandiciosas e elegantes dos pregoeiros do erro, leu com tal enlevo periodos burilados de estylistas cuja arte escondia os mais traçoeiros perigos para a fé e a virtude, que foi, pouco a pouco, perdendo o senso christão e com elle o senso moral. [...]

É Filha de Maria e defende a opinião em voga de que a moça de hoje tudo deve saber, ver, ler, dizer; que para ser de seu tempo, assiste-lhe o direito, quasi a necessidade, de conhecer as mais revoltantes miserias de que deverá corar a humanidade...e não se envergonha de as commentar.<sup>184</sup>

<sup>183</sup> “A Filha de Maria Moderna”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 28 jan. 1926. p. 01-02.

<sup>184</sup> “A Filha de Maria Moderna”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 28 jan. 1926. p. 01-02.

Defender o direito de escolher suas próprias leituras era algo que a Igreja não permitia às pias associadas marianas. Como modelos, elas não podiam tomar conhecimento das “miserias” da humanidade. A imagem da Filha de Maria era muito cara à Igreja para permitir que essas mulheres se entregassem à leitura não tutelada.

Mas, se havia à disposição do público obras e salas de exibição de filmes católicos, por que as leituras – e os filmes - tidos como pervertores, ainda tinham tanta aceitação? O gosto pelo proibido, a sensação de transgressão não parecem ser as únicas razões para as jovens católicas buscarem as leituras não recomendadas. O fato é que - e os críticos católicos ironicamente admitiam - às leituras “sans” faltava “sal”, o gosto temperado das palavras escritas pelos “pregoeiros do erro”.

Mediante o fracasso de muitas estratégias de censura, vamos percebendo que a tensão entre a leitura permitida e a proibida vai abrindo, para as mulheres católicas, um espaço maior de possibilidades e uma margem maior de manobras. Era no jogo entre as obras permitidas ou proibidas que as leituras das Filhas de Maria iam encontrando brechas para conhecer mais do que deveriam e que lhes era permitido.

Mas, o que fazia uma leitura ser aceita pela Igreja e, principalmente ser recomendada pelos seus críticos às donzelas católicas? O que, afinal, caracterizava uma leitura sã?

## 2.2. No Éden das Leituras, um pomar de frutos “sãos”

O tempo é pouco para se aproveitar das boas leituras. Para que perdê-lo com leituras futeis? A loja “O Gabriel” vende o bom livro, manda ver o bom livro e propaga o bom livro.

Anúncio publicitário. *Jornal O Nordeste*

A prescrição das leituras pela Igreja, principalmente a feminina, é ambígua, ora a leitura pervertia, ora instruía e educava, seguindo a estratégia de “combater leitura com leitura”. No embate entre o proibido e o permitido, as jovens católicas se debatiam entre as leituras “perniciosas” e as leituras “sans”.

Para a Igreja, a leitura situa-se sempre na tênue fronteira de opostos, conforme afirma Aparecida Paiva “o livro é veneno e é antídoto. É atraente e é perverso. Provoca epidemia, mas faz o saneamento. É ‘lixo’, mas também não deixa de se exibir como ‘petisco literário’”.<sup>185</sup>

A leitura sistemática incentivada pela Igreja católica era pelo menos de um quarto de hora ao dia, para obras de piedade, livros de oração e hagiografias, leituras de formação moral e religiosa das jovens donzelas nas irmandades leigas.

Os olhos habituados a passear por leituras devocionais eram os mesmos olhos que podiam, ao olhar para o lado, desviar-se em outras leituras. Para Michel de Certeau, o leitor é um caçador que circula pelas páginas escritas buscando os “tesouros” que lhes agradam<sup>186</sup>, por isso, para aqueles que buscam manter o controle, o hábito da leitura é perigoso, pois uma vez dominada a prática da leitura, pode-se ler tudo, mesmo as obras impróprias. A esse respeito, Alberto Manguel afirma: “quem é capaz de ler uma frase, é capaz de ler todas. Mais importante: esse leitor tem [...] a possibilidade de refletir sobre a frase, de agir sobre ela, de lhe dar um significado”<sup>187</sup>. Solitário, o hábito de ler parece incitar a busca por novidades, impondo ao leitor o desafio de descobrir novos mundos, outras histórias.

Embora a Igreja se preocupasse com a influência da leitura, especialmente para o público feminino, sua estratégia de combate às más leituras não trazia uma fórmula definida sobre o que deveria ser condenado. No entanto, estabelecia critérios para o exercício da crítica, que deveria condicionar seu julgamento “ao bem social e ao interesse moral do indivíduo, da sociedade e da família”, evitando a “indulgência excessiva em julgar os livros”. Para a Igreja, a crítica católica deveria julgar as idéias e valores

---

<sup>185</sup> PAIVA, Aparecida. A Leitura Censurada. In: *Leitura, história e história da leitura*. Op. cit. p. 422.

<sup>186</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 269-270.

<sup>187</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Op. cit. p. 315.

difundidos na obra de um autor, não se deixando influenciar pelo vigor da narrativa ou pela perfeição do estilo, posto que a qualidade de uma obra deveria estar pautada em seus ensinamentos morais. Era preciso ser taxativo e apontar os escritores “perigosos”, “veladamente obscenos ou claramente desonestos e imorais”.

Nestes ultimos tempos a critica literária tem cometido um grande e pernicioso peccado, o peccado da indulgencia excessiva em julgar os livros. [a critica indulgente] julga os escriptores, não pelo conjuncto das obras e pelo fundo das idéas, mas pelo vigor de algumas paginas ou pela perfeição literária do seu estilo, quando a justiça, permittindo reconhecer a elegância do estilo ou outra boa qualidade literária deveria condicionar estas ao bem social e ao interesse moral do individuo da sociedade e da família. É preciso [...] ter a coragem de dizer positivamente, clamau [sic], que este tal autor é mau que este é vedado aos catholicos e que aquelle outro é perigoso, veladamente obsceno ou claramente deshonesto e immoral.<sup>188</sup>

Os livros recomendados eram apresentados de forma entusiástica apelando ao público para evitar os males da modernidade. O julgamento das leituras sãs se baseava na ausência do imoral e do pecaminoso.

A crítica católica era avessa às mudanças das formas literárias e queria provar que para se manter atualizado com as novidades literárias não era necessário “sujar-se” com obras de narrativas fortes e duvidosas, como os romances naturalistas em moda.

Para acompanhar a vida do desenvolvimento literário, nós não precisamos arriscar a higiene do nosso espirito no vicio de um ambiente de lixo e de podridão. Muito menos, para proporcionar á nossa intelligencia horas alegres de leitura e de passatempo literário [...]<sup>189</sup>

Não era a realidade exposta na literatura que a Igreja queria para as filhas marianas. Não eram os sonhos românticos de jovens heroínas das coleções para moças que elas deveriam alimentar, embora como estratégia de combate as leituras bolchevistas e realistas, à *Zola*, até aceitasse algumas leituras desse gênero.

Mas não era o conto de fadas romântico que a Igreja queria ver folheado por suas jovens. Não eram Lauras, Nicolletes, Dionisias, os exemplos

<sup>188</sup> “Matadores de almas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 10 dez. 1937. p. 03.

<sup>189</sup> “Matadores de almas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 10 dez. 1937. p. 03.

que as Filhas de Maria deveriam seguir, ainda que, como em todos os romances cuja leitura era cautelosamente liberada pela Igreja, fossem essas personagens mulheres honestas, puras e cristãs. Entretanto isto não bastava para ser tomado como modelo e influência por uma Filha de Maria.

Delas exigia-se mais. Os modelos das heroínas da Igreja eram mais difíceis de alcançar; exemplos santos, modelos de conduta irrepreensível, como a Virgem Maria, Santa Inês, Tereza Neumann, e outras almas piedosas. Mulheres que encontraram no sofrimento e na renúncia, a elevação espiritual, a verdadeira felicidade. Heroínas *no* papel, ao contrário daquelas dos romances, tão humanas, heroínas *de* papel.

Neste estudo, a análise das leituras recomendadas às Filhas de Maria se concentra em quatro tipos: Livros de Orações e sermões, Hagiografias, romances de padres e religiosos e romances de coleções e escritores variados.

*Os Livros de Orações e sermões eram* aqueles cuja leitura direcionava-se para a elevação espiritual, com o fim específico de preencher as perigosas horas de solidão com uma atividade religiosa.

*As Hagiografias*, narrativas das vidas de Santos e Santas, eram recomendadas com o intuito de modelar a conduta cristã, apresentando personagens que alcançaram os padrões mais elevados de pureza e santidade. Em torno desse tipo de leitura, havia um grande apelo para a imitação dos exemplos santos.

Como desfrutavam da preferência das leitoras, os romances passaram também a compor o rol de leituras permitidas, e até recomendadas. Dentre os romances recomendados, havia aqueles que desfrutavam da preferência da Igreja, e se enquadravam no terceiro tipo de literatura apontado como edificante: os *romances escritos por padres e religiosos*.

Com ensinamentos morais e religiosos, esses romances combatiam as leituras perniciosas e se aproximavam dos conteúdos normatizadores, mas, com aparência lúdica, de passatempo. Entretanto, mais do que fantasias e sonhos, essas obras traziam lições de conduta, um fundo moral a ser seguido.

Os *romances de coleções e escritores variados*, devidamente analisados, recebiam aprovação à leitura feminina. Mesmo permitidos, não eram vistos como “literatura ideal” às jovens católicas, sendo liberados como uma espécie de “mal menor” no entretenimento do “sexo frágil”.

A leitura de livros que contam vida de santos é comum nas associações religiosas. Modelos de condutas e pilares de sustentação do catolicismo, os santos foram acolhidos pelos católicos brasileiros, como se observa na relação com seus santos de devoção. Gilberto Freyre, em *Casa-grande & Senzala*, relata que, entre os devotos e certos santos “chega a haver sem-cerimônias obscenas”<sup>190</sup>, e como tal, nada mais natural do que conhecer a vida daqueles que figuram em seus altares “*como se fossem pessoas da família*”, e a quem se dirigem as preces nos momentos de aflição.

Às católicas, era recomendada, principalmente, a leitura da vida de santas e religiosas que fizeram de suas existências um itinerário de sacrifício e renúncia em prol do amor divino. Retratadas como servas da vontade de Deus, traziam consigo os primeiros valores que uma Filha de Maria deveria cultivar: a obediência e a resignação. A Pureza e a castidade também eram características primordiais nas vidas de santas, o que pode explicar a ausência, nas recomendações de leitura, à vida de Maria Madalena que, na tradição católica, mesmo regenerada, conheceu os pecados da carne, o que não a tornava exemplo às associadas da Pia União.

Caridade e humildade também eram características que as Filhas de Maria deveriam aprender com seus santos de devoção, sendo os exemplos masculinos de santidade os mais proeminentes nessas virtudes.

Os livros que contavam a vida de santos propunham uma homologia entre a vida vivida e a vida lida. Embora a Igreja não admitisse oficialmente a imitação das vidas dos santos, para evitar os “exageros da fé”, por outro lado nas pregações dos sacerdotes, incentivava-se a busca do exemplo, com conselhos do tipo:

O Director fez a leitura espiritual, no Manoal da Pia União, depois fez uma ligeira pratica sobre a mesma, continuando dizendo que **as Filhas de Maria Santíssima, diviam imitar a sua Mãe celestial, assim como na pureza, na obidiencia, na mudestia, virtudes estas que diviam seguir.**<sup>191</sup> [Grifo meu]

<sup>190</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 38ª tiragem. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 225.

<sup>191</sup> Ata de Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de maio de 1930. p. 16 V.

De acordo com Márcia Abreu, “Os textos cristãos propõem modelos positivos de virtude por meio da narração de vidas de santos e de fatos bíblicos nos quais se pode conhecer a trajetória de homens e mulheres que não pecam, que cumprem os mandamentos, que temem a Deus. É a partir da imitação do comportamento dessas pessoas que se pode atingir o ideal cristão.”<sup>192</sup>

Para atingir esse ideal cristão estimula-se a leitura de vidas exemplares, como a história de Teresa Neumman, que, nas primeiras décadas do século XX, é personagem de grande repercussão na catolicidade. A história dessa jovem donzela germânica, desafiava céticos que buscavam explicações para o fato dela se manter, durante anos, sem comer e sem beber, tendo a Eucaristia como alimento espiritual diário. Estigmatizada, Teresa Neumman, espécie de santa em vida, e seus exemplos de abnegação e humildade são matéria-prima de livro católico, sendo sua história modelar, um desafio ao ceticismo do tempo:

Esculapios nada catholicos, submeteram a estigmatizada a uma vigilância rigorosa [...] por espaço de 15 dias consecutivos. Findo este prazo, como resultado da sua minuciosa e intransigente observação, o seguinte: Durante 15 dias Teresa Neumann expelliu pela transpiração 400 grammas de agua diárias. Em 200 dias são 80 litros ou sejam 80 kilos.

Normalmente, portanto, devia ella estar já reduzida ao estado de múmia.

- Não é mesmo, leitor, um caso para lançar a confusão no seio dos envaidecidos confidentes da Natureza? Que diz a sra. Sciencia, de tudo isso? Que segredos são esses que ella não decifra?<sup>193</sup>

A hagiografia é gênero recomendado pela Igreja, visando a imitação dos valores, sacrifícios e virtudes dos Santos e religiosos. Contar a história de religiosas parecia trazer uma possibilidade maior de sucesso à imitação dessas personagens pelas jovens católicas.

Uma vez que parte das biografadas não eram santas oficialmente, o comportamento modelar e o ideal de vida, de mulheres que se diferenciavam pelo ardor religioso, seria mais facilmente acolhido.

Nas edições d’*O Nordeste*, pequenas notas contam a história de mulheres que se dedicavam com vigor à fé. Operárias, freiras, senhorinhas, mulheres – algumas já em processo de beatificação - que dedicaram a vida à

<sup>192</sup> ABREU, Márcia. *Os caminhos dos Livros*. Op. cit. p. 270.

<sup>193</sup> “Sciencia de joelhos”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 31 out. 1928. p. 01.

contemplação religiosa, vivendo em sofrimento e privação em nome da fé. É o caso de Gemma Galgani, cujas virtudes da humildade, “perfeição e santidade” deveriam impregnar o imaginário das “meninas e jovens nestes tempos que tantas tentações e perigos se lhes oferecem”:

É de nossos dias, pois nasceu a 12 de março de 1878, faleceu a 11 de abril de 1903. Humilde flor, occulta na casa paterna entregue somente á piedade e a seus deveres quotidianos, desprezando as vaidades, os prazeres, as esperanças do mundo, praticando de modo sublime a oração e todas as virtudes, tinha alcançado aos 25 annos de idade um alto gráo de perfeição e santidade. Tornou-se assim, especialmente, um modelo das meninas e jovens nestes tempos que tantas tentações e perigos se lhes oferecem.<sup>194</sup>

Nesse sentido, tudo o que dissesse respeito aos modelos santos de mulher, de inspiração piedosa às jovens católicas era posto no papel, e incentivada a sua leitura. Um exemplo desse tipo de prática é o diário de Irene Valente, cuja publicação é anunciada como “uma verdadeira obra prima de santificação interior”:

Iniciaremos, na próxima edição, a publicação de um diário que é uma verdadeira obra prima de santificação interior.  
A autora o escreveu sem a preocupação de editá-lo. Dia a dia, incitada pelo amor de Deus e movida pelos soffrimentos, lançava em cadernos íntimos as suas reflexões.  
Ha muito de ingenuidade e de espontaneo nesses sentimentos de uma alma que viveu, amou e soffreu. Viveu para Deus, amou Jesus Christo e soffreu com resignação e, sobretudo, aproveitando o soffrimento para agradecer ao Meigo Cordeiro.<sup>195</sup>

Este diário, publicado no periódico católico buscava comover o público leitor com o sofrimento e com a resignação de Irene Valente durante toda a sua enfermidade que a levou à morte. A repercussão da publicação foi sentida nas notas de leitores:

Ao lêr o seu “DIARIO” a gente até parece  
Sentir que á alma descrida a FÉ se robustece!  
Tal foi a inspiração com que ella escreveu  
Esse livro immortal, tão intimo, tão seu...  
Quando a dor a assaltava, heroica, ella dizia:

<sup>194</sup> “Gemma Galgani”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 21 jul. 1933. p. 03.

<sup>195</sup> “Diário de uma alma piedosa”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 17 jul. 1936. p. 01.

Bem dita seja a dor atroz que me escrucia!<sup>196</sup>

Irene era exemplo de resignação. Enferma, tratava de exortar a fé oferecendo seu sofrimento físico à Deus, numa atitude santa. Dedicada às orientações da Igreja, fazia do cumprimento de suas obrigações de fiel católica, objeto de suas preces, por isso nas páginas de seu diário, lê-se:

Oh! Jesus! Quanto és bom! Como compreendes bem os meus sentimentos! Meu Jesus, ajuda-me a melhorar um pouco, a fim de que no domingo, eu possa ter a felicidade de ir commungar!<sup>197</sup>

Os livros piedosos e de oração exigiam leitura circunspecta. Obras como *O Pequeno Missionário*, manual popular entre os católicos cearenses, com orações e cânticos, traziam ensinamentos morais e religiosos. Levado por muitos à missa, na falta de um missal, é um exemplo do livro piedoso, de leitura recomendada. Entre seus ensinamentos, uma explicação sobre o inferno, tão temido pelos pecadores. Ao reafirmar a existência do inferno, aponta seu caminho: as oito portas que condenam à perdição eterna, sendo a *impureza* a primeira delas; um pecado mortal possível ao “ler livros obscenos, olhar gravuras, espetáculos, pessoas indecentes”:

A impureza é o amor desregrado dos prazeres da carne. Pensar voluntariamente em coisas desonestas; desejar **praticar; ver; ouvir coisas escandalosas**; dizer palavras, ter conversas imorais, **ler livros obscenos, olhar gravuras**, espetáculos, pessoas indecentes, permitir-se consigo ou com outras pessoas liberdades criminosas; praticar no sacramento do matrimônio o que a moral cristã proíbe... são pecados contra a pureza. [...] é pecado mortal.<sup>198</sup> [Grifos meus]

Os manuais católicos, além de orações, traziam ensinamentos morais e visavam orientar suas leitoras. Neste sentido, outro manual recomendado às Filhas de Maria, *A Divina Eucaristia*, dava ênfase à modéstia exterior, buscando disciplinar o olhar e o corpo. O controle da curiosidade era a base para o sucesso na vigilância dos sentidos, uma vez controlada, restava à Filha de Maria cultivar a modéstia ao olhar, para que não se deixasse impressionar pelas coisas exteriores. Por fim, para o êxito no cultivo da “linda flor da pureza

<sup>196</sup> “Diário de uma alma piedosa (Impressões)”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 26 ago. 1936. p. 04.

<sup>197</sup> “Diário de Irene Valente”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 21 ago. 1936. p. 05.

<sup>198</sup> VAESSEN, Guilherme. *O Pequeno Missionário: Manual de instruções, orações e cânticos*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1958. p. 248.

da alma” era necessário conter o corpo, observando o pudor e a compostura para evitar gestos desmedidos.

A modestia exterior é o guarda necessário do recolhimento e consiste:

1º. Na vigilância dos sentidos para não os deixar ir à curiosidade, a uma atividade grande demais, às impressões demasiadamente vivas, causadas pelos objetos exteriores.

2º. Na modestia modesta dos olhos, que não é afetada, nem tímida, mas sim uma modestia simples, onde se vê sem fixar e se olha sem se impressionar.

3º. Nos movimentos do corpo, no gesto, no porte. É uma modestia grave, sem complicação, ativa sem agitação, descansando o corpo sem moleza, conveniente sem familiaridade, boa sem afetação. É a linda flôr da pureza da alma.<sup>199</sup>

Além dos Manuais de uso geral, havia obras específicas para as Filhas de Maria, que pregavam os valores morais e religiosos católicos com mais afinco, já que dessas mulheres se esperava o cumprimento fiel dos ensinamentos da Igreja. Entre esses, destaca-se o Manual *Jesus falando ao coração das Filhas de Maria*, de pregações específicas, sendo sua aquisição tão necessária às associadas quanto o *Manual da Pia União*. Nele prevalece um tom íntimo e pessoal de leitura, como se o manual falasse diretamente à Filha de Maria. Ao longo de suas trezentas e doze páginas, instrui, aconselha a partir do modelo da Virgem Maria na história da cristandade, e encoraja a leitura de passagens do manual que teriam a função de estabelecer um diálogo mais íntimo e direto com a Virgem.

As jaculatórias do manual apontavam para a fragilidade moral da leitora, que pedia à Virgem Maria forças para vencer a si mesma diante dos obstáculos do mundo. Vencendo a própria natureza – torpe e fraca – a Filha de Maria pedia para tornar-se exemplo de virtude, pela imitação da virgem, e suscitar devoções. Uma oração que refletia os desejos da Igreja tanto quanto os desejos daquelas que a proferiam.

Ah! querida Mãe, alcançai-me a fôrça para me vencer a mim mesma e para vencer todos os obstáculos que o mundo ou o demônio me oponham. Fazei que eu imite tão perfeitamente as vossas virtudes,

---

<sup>199</sup> *A divina Eucaristia: Extratos dos Escritos e Sermões do Bem-aventurado Pedro Julião Eymard*. Trad. Mariana Nabuco. Petrópolis: Vozes, 1934. p. 40. Manteve-se a grafia original.

que quem quer que me veja vos louve e vos abençoe, e se sinta docemente atraído a amar-vos e imitar-vos.<sup>200</sup>

No manual, a associada da Pia União é apresentada como uma criatura que deve lutar contra as tentações de sua natureza feminina, cujas inclinações são de perdição e pecado, por isso, apelando à mãe divina nas horas de tentação.

Mãe dulcíssima, tende piedade destas vossas filhas condenadas a lutar a toda hora contra suas perversas inclinações; [...] fazei que por vossa intercessão me santifique. Vós o podeis e de vós espero. Assim seja.<sup>201</sup>

Mesmo a alegria, numa Filha de Maria, de acordo com o que “Jesus lhe dizia ao coração”, deveria ser contida, sob pena de danos a sua virtude: “Evita, ó filha, a alegria desmedida, porque esta arranca todas as virtudes.”<sup>202</sup>. Não é de admirar que, mesmo contrariando a orientação eclesial, as jovens católicas buscassem leituras mais amenas, menos graves, diferentes dos rígidos ensinamentos morais e religiosos.

Visando o público feminino, os romances escritos por franciscanos e outros religiosos começaram a ser fartamente editados no país, especialmente pela Editora Vozes, que se tornou uma espécie de estandarte da boa leitura do catolicismo. Esses romances, longe de alimentar a fantasia das donzelas católicas primavam pelos ensinamentos morais. Exemplo desse tipo de leitura é o livro *Tempestades*, de Frei Pedro Sinzig, um dos romances católicos mais recomendados nas primeiras décadas do século XX, cuja leitura era incentivada pelo exemplo dos personagens, “modelos perfeitos de abnegação e heroísmo”.

“Tempestades”. Em seus dois personagens, Iwan e Bascha, encontramos dois modelos perfeitos de abnegação e heroísmo, o que concorre ainda mais para a simpatia que nos merece o admirável romance em apreço.<sup>203</sup>

<sup>200</sup> TEPPA, Padre. *Jesus falando ao coração das Filhas de Maria*. 6 ed. Pôrto: Edições do Apostolado da Imprensa, 1934. p. 132-133. Manteve-se a grafia original.

<sup>201</sup> TEPPA, Padre. *Op. cit.* p. 27-28.

<sup>202</sup> Id. *Ibidem*. P. 308.

<sup>203</sup> “Tempestades”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 03 abr. 1933. p. 02.

Os personagens principais combatem o “comunismo russo” que tem seus males descritos em detalhes vivos, com o intuito de despertar “pavor a tudo quanto transpira idéias comunistas”.

Como afirma Aparecida Paiva, com as mudanças ocorridas nas primeiras décadas do século XX, e diante do crescimento do número de obras literárias disponíveis ao público brasileiro, a Igreja pôde perceber que não havia mais “como sustentar que as únicas leituras necessárias para o cristão sejam as do Evangelho e as das vidas de santos.”<sup>204</sup>

E se o romance tinha uma forte aceitação entre o público católico, especialmente entre as mulheres, porque não fazer dele uma espécie de arma na perseguição e na censura dos romances perniciosos, que despertavam as sensações?

Os personagens dos romances permitidos tinham conduta irrepreensível. Moralmente incontestáveis, as ações dos heróis e heroínas dos romances católicos – como serão chamados, A partir de agora, os romances escritos por religiosos – comungavam com a idéia da renúncia de si, como uma forma superior de nobreza. A nobreza desses personagens estava em sua humildade e capacidade de renúncia para lutar pela causa cristã, em defesa da Igreja.

Nas narrativas católicas as heroínas eram devotadas, bondosas, e muitas vezes, Filhas de Maria. Na tentativa de relacionar a bondade à beleza, os enredos traziam mulheres que personificavam a bondade, ou a malícia. Exemplo desse esforço de caracterização da heroína – e da vilã – católica é o conto publicado n’*O Nordeste*, que diferencia em tudo uma heróica filha de Maria de uma literata atéia.

Conheci-as; eram irmãs. Ninguém havia de dizê-lo, si as estudasse apenas pelo lado phisico e moral.

Duas creaturas inteiramente oppostas; uma era a negação da outra. Si a natureza as distanciara no aspecto exterior, onde nenhum traço, a mais leve semelhança deixava entrever um parentesco longínquo, indo das raízes profundas á mais remontada vergôntea da arvore genealógica, muito mais flagrante era o antagonismo nos recessos do espírito e do sentimento, da intelligencia e do coração, os quaes de uma para outra se diferenciavam em extremos de

---

<sup>204</sup> PAIVA, Aparecida. *A Voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997. p. 60.

incompatibilidades irreductíveis, de hostilidades inharmonizáveis, como as que se verificam entre a luz e as trevas, o bem e o mal. Alda e Herminia, assim e chamavam as duas jovens que, nascidas de um mesmo consorcio, eram, todavia, um mistério de pasmosa e chocante desigualdade, na apreciação da qual o que menos impressionava era a vista daquellas cabelleiras tão distintas: a de Alda, ondeante, de fios d'ouro, fulgidos, abastosos; a de Herminia, reduzida, escassa, da côr de azeviche.<sup>205</sup>

A distinção entre o bem e o mal, na imagem feminina, inicia-se por uma parte da aparência: “a vista daquellas cabelleiras tão distintas: a de Alda, ondeante, de fios d'ouro, fulgidos, abastosos; a de Herminia, reduzida, escassa, da côr de azeviche”. Símbolo de feminilidade e delicadeza, alvo de polêmica entre os críticos católicos que condenavam as novas modas, é o cabelo a primeira diferença entre as personagens para diferenciar o bem e o mal, a santidade e o pecado, a pureza e a mácula. Jogando com opostos, o conto descreve fisicamente as personagens, articulando beleza e bondade, como na personagem Alda.

Alda era a formosura e a bondade; na harmonia empecavel das linhas do corpo, na elegância e fidalguia natural do seu porte, que por onde passava, ia multiplicando o numero de vassallos rendidos ao império da beleza espontânea e dominadora, estava a expressão legitima do equilibrio das faculdades de sua nobre alma, o reflexo puro e fiel de uma aristocracia muito mais opulenta e prestigiosa, porque a da virtude, exercitada no império sagrado do coração.<sup>206</sup>

O ideal de beleza, nas obras românticas, cujos heróis e heroínas tinham raízes aristocráticas, aparece nas obras católicas revestido da nobreza da virtude. E a elegância e beleza de Alda, são atributos de sua bondade, modéstia e caridade. Sua “elegância e fidalguia natural do seu porte”, características de seu “lindo perfil de Filha de Maria”, se opunham aos caprichos da vaidade, refletidos nas modas e maquiagem feminina.

Descrição que contrasta e busca desconstruir a imagem de “beata vitalina”, atribuída àquelas que faziam parte de associações religiosas. As Filhas de Maria heroínas apresentavam os atributos da “fidalguia”, “aristocracia”, “altivez”, “nobreza”, “dinastia”. Admiradores, não os tem, ao contrário, tem “vassallos” rendidos à sua beleza.

<sup>205</sup> “Contraste”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 17 ago. 1928.

<sup>206</sup> “Contraste”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 17 ago. 1928.

A irmã, sua antípoda, trazia em seu “gênio de bruxa” pecados mortais para uma donzela católica: “literata” e ousadamente “athéa”, Hermínia, a anti-heroína do conto desafiava os valores morais católicos, e, ao ousar dominar a escrita, e buscar conhecimento, tornava-se, inevitavelmente, uma criatura pedante, descortês e blasfema, na articulação entre o feio e o mal.

Herminia era um genio de bruxa na deformidade de horrendo aleijão. Contrastava descompassadamente com aquella superior nobreza que irradiava do lindo perfil da Filha de Maria, exemplo vivo da modéstia e caridade, em cujas acções mínimas refulgia a inconfundível altivez da dinastia interna dos santos e dos justos; contrastava a insolência vazia da literata metida a athéa, ou, antes, a atôa, na opinião humoristica de Candido de Figueiredo, a qual, ainda com as paginas em branco do livro do merecimento e da valia authentica, esforçava-se por firmar credito de illustre mediante vituperios, descortesias, pedantismos e blasphemias.<sup>207</sup>

O desfecho moralizante do conto atribui às personagens destinos opostos, em conseqüência de suas personalidades. Ao bom e belo, o “hemisfério da perfeição”. Ao feio e extravagante, o sombrio “hemisfério da iniquidade”.

Viveram como antípodas: no hemispherio da perfeição, esse archanjo em forma humana que era o espirito deslumbrante de Alda; no da iniquidade, essa fúria em que se condensaram as sombras de todos os defeitos e extravagancias, a fealdade de Herminia.<sup>208</sup>

As heroínas católicas, ignorantes das “coisas do mundo” são retratadas como seres quase etéreos, seus sentidos não se contaminavam com os desejos do corpo, veículo eficaz do pecado. Como prega o jornal católico:

É preciso ambicionar satisfazer mais ás exigência excellentes da alma do que aos ímpetos selvagens e licenciosos do corpo. O corpo rebaixa, a alma eleva; esta voa serena em regiões limpas e higienicas, aquelle rasteja no lodo vil e nas torpezas deste mundo. Só a Igreja cuida de elevar a alma para que ella não se contamine desgraçadamente no contacto permanente com o corpo.<sup>209</sup>

Essa contaminação do corpo se dava através dos sentidos. Tocar, cheirar, ver, sentir e desejar; o caminho da perdição. E o conhecimento dessas sensações muitas vezes se iniciava com a leitura de um romance proibido,

<sup>207</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>208</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>209</sup> “Matadores de almas”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 10 dez. 1937. p. 03.

sendo necessário cuidar para que as leituras não corrompessem seu modelo de virtude: as Filhas de Maria. Distrair sem macular a inocência era um dos intuitos dos romances católicos.

A inocência a pureza da alma são flores delicadas [...], flores que podem facilmente ser profanadas e que se fanam muitas vezes ao contacto dos maus livros.<sup>210</sup>

Voltados à formação do público feminino, os romances católicos ensinavam obediência. É o caso de Zélia, cuja vida, narrada por seu filho padre, revela os valores atribuídos às donzelas católicas.

Donzela obediente e de bom comportamento, Zélia desistiu da vida no claustro para aceitar o casamento arranjado pelos pais com um rapaz que “trazia no sangue a herança de várias gerações de denodados campeões da fé”<sup>211</sup>. Romances desse tipo, descrevem amores quase religiosos, onde tudo é sereno, pacífico, providencial. Era um “amor envolvido em asceticismo e espiritualidade”<sup>212</sup>. Seu pretendente a amava não por ser bela, elegante, mas principalmente por ser piedosa, por isso, ao invés de rosas, deu-lhe um Rosário. O noivado acontece em meio a terços, missas e novenas. Ao casar torna-se a “angélica esposa”, cuida da casa com esmero, e está sempre disposta a fazer todos os gostos do marido. Subserviente, Zélia dava o exemplo àquelas do seu sexo, calando-se, diante dos rompantes de grosseria do esposo.

Uma vez, o Esposo fazia o pagamento aos lavradores, e como já era tarde, Zélia entendeu de ajuda-lo; elle, porém, estando nervoso, repelliu-a com uma palavra dura, dizendo: “Deixe, você não entende disto”. A esposa sorriu-lhe, abraçou-o e sahiu com tanta humildade [...]<sup>213</sup>

A protagonista do romance católico cuidava da educação dos filhos com excessivo cuidado, evitava contato desses com o mundo, que podia estragar-lhes a inocência. Como boa mulher católica, não buscava uma

---

<sup>210</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>211</sup> CASTRO, Pe. Jeronymo Pedreira de. *Zélia ou Irmã Maria do SS. Sacramento: vida exemplar de uma Mãe christã, que terminou seus dias junto a Jesus Sacramentado*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1923. p. 42 – cap. IV. Manteve-se a grafia original.

<sup>212</sup> *Idem.* p. 59.

<sup>213</sup> *Idem.* p. 199-200.

profissão, dedicava-se às “coisas do lar”, à educação dos filhos e ao catecismo dos pobres, ações adequadas ao espírito feminino.

Os romances católicos, escritos por padres, narravam a elevação do amor entre homem e mulher combinado a fé. Tudo é narrado numa atmosfera etérea, onde os personagens, de pureza e bondade santas, vivem em função do bem. Não há espaço para sensações. Há lições de humildade e de renúncia que deveriam ser introjetadas pelas leitoras católicas. Em sua leitura, aprenderiam o que toda boa Filha de Maria deveria saber: obediência, submissão, fidelidade à Igreja, ignorância do mundo. A lição, tal como Zélia ensinava era simples: “devemos trabalhar para sermos santos”<sup>214</sup>.

Embora divulgados pelos jornais católicos, recomendados pelos sacerdotes em suas paróquias, o tom piedoso que dominava os romances religiosos nem sempre agradavam as leitoras católicas. Mesmo os críticos do periódico católico, em seu esforço de orientação das leituras femininas, apontavam os argumentos das leitoras para a não predileção pelos livros indicados: “Os livros que nos aconselham, como bons não têm graça”

“Os livros que nos aconselham, como bons não têm graça”, objectarão outros. Ou não alimentam devaneios que, depois, ninguém quereria assignar com o proprio punho? Com a praga das leituras acontece, desgraçadamente, o mesmo que com a praga das modas: fala-se, fala-se e tudo continua no mesmo. A moda porque é moda, os livros porque são bem escriptos... [...]”<sup>215</sup>

Certamente era difícil alimentar “devaneios” e romantismo, com a leitura de obras piedosas e moralistas. Obras que elevavam a vida a um estágio de sublimação superior e os atos de seus personagens, à purificação.

Para a Igreja, a relação leitora x leitura, em um ambiente privado, “sob a capa de um bello romance”, era um campo propício à inconveniências morais. Não bastava fechar as portas aos “indesejáveis”, era necessário aboli-los também das leituras feitas no “recesso da intimidade”.

[...] existe muita gente que fecha hermeticamente todas as portas aos indesejáveis, quando esses vêm sem grande cerimonia e aparato, mas franqueia-lhes não somente a sala, mas tambem o recesso da

<sup>214</sup> Idem. p. 115.

<sup>215</sup> “Semeando – Duas Medidas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 jan. 1929. p. 01 e 08.

intimidade quando elles têm a infame lembrança de se apresentarem dentro das paginas de um livro, sob a capa de um bello romance.<sup>216</sup>

No âmbito privado, a leitura permitia o contato com comportamentos impróprios que, na esfera pública, seriam censurados. No universo do escrito, as sensibilidades modificavam-se e as cenas retratadas nos romances gozavam de uma tolerância maior, mesmo que mostrassem “misérias morais”, e mesmo as palavras tidas como ofensivas eram aceitas sem pudores demasiados. Na tensão entre o público e o privado, as sensibilidades se manifestam de maneira diversa. Aquilo que em público é moralmente vergonhoso, nas páginas de um romance ganha outro tom e seu julgamento é feito com outros parâmetros.

Assim, a leitora estabelecia, com um romance em mãos, uma dupla moral: “uma para a pratica da vida e outra para as leituras”.

Sei de senhoras escrupulosas a tudo quanto diz respeito á honra e á moralidade, sei de moças – já não me refiro ás mocinhas inexperientes – moças, digo, de reputação illibada, gente toda essa que ficaria incommodada se, num bonde ou num trem, se encontrasse ao lado de uma pessoa de vida duvidosa. Entretanto, essas mesmas senhoras e essas mesmas moças, através das paginas de um romance bem escripto, acotovelam-se com toda espécie de misérias moraes.

Senhoras e moças que se, em plena rua, fossem espectadoras de certas scenas, corariam até a raiz dos cabellos, na intimidade de uma sala de leitura, num livro ou num jornal, lêem minúcias dessas mesmas scenas com uma naturalidade que eu confesso, não posso comprehender.

Moças que se julgariam insultadas, se ouvissem proferir, ao lado dellas, palavras que offendem, lêem essas mesmíssimas palavras, uma vez que venham num romance da moda bem escripto e bem impresso.<sup>217</sup>

Em resposta à indagação sobre sua dupla moral, as leitoras pareciam demonstrar que a moral pública não se aplica necessariamente no âmbito privado. O mundo de papel, mesmo que povoado de comportamentos impróprios, ganhava sentido nas mãos das donzelas católicas, na intimidade de seus lugares de leitura.

Sonhar com os romances continuava sendo uma forma agradável de passar as horas. Era possível imaginar seu príncipe encantado, entre uma e

---

<sup>216</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>217</sup> *Idem. Ibidem.*

outra missa ou novena, onde eram modelos de mulher e, suas fitas, objeto de cobiça.

Reconhecendo a dificuldade de condicionar as leituras de romances somente àqueles escritos por religiosos, a Igreja matizou seu discurso sobre este tipo de literatura - principalmente no que se refere às coleções para moças. É possível perceber uma inversão dos julgamentos católicos em torno da leitura de romances. Esta, mesmo vista com desconfiança, passa a ser permitida, e até incentivada, desde que não exagerem nas tintas.

A coleção *Biblioteca das Moças* se tornou sinônimo de leitura permitida às moças católicas como um passatempo, embora fútil, não condenável. No Ceará, era notória a aceitação dos livros dessa coleção, e seus livros se tornaram “best sellers”. A Livraria Selecta<sup>218</sup>, por exemplo, anunciava em letras garrafais a coleção completa de M. Delly.

M. Delly era o nome mais procurado entre as obras da coleção *Biblioteca das Moças*. Seus livros despertavam o interesse do público feminino e se destacavam mais do que a própria coleção na qual estavam inclusos. Na década de 1930 era comum o pensamento de que M. Delly era uma escritora francesa. Maria Teresa Santos Cunha afirma que,

Ainda hoje, muitas pessoas se referem a M. Delly como Madame Delly. Trata-se, no entanto, do pseudônimo de um casal de irmãos franceses, católicos fervorosos que se chamavam Frédéric Henri Petitjean de La Rosière (1870-1949) e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière (1875-1947).<sup>219</sup>

Por ser uma coleção dirigida ao público feminino, a crítica católica acompanhava com atenção o lançamento de cada volume, cuidando para que não transmitissem às leitoras valores contrários à religião, tratando de alertá-las sobre os possíveis desvios de conteúdo dos livros, é o caso do romance *As irmãs brancas*, de Florence Barclay. Nele a autora fala da vida no claustro, e, apesar de não cometer ofensas à moralidade, mostra o convento como “um viveiro de hipocrisias, de mentiras e de fuxico”. Por outro lado, o enredo trata de uma questão delicada para a Igreja: a relação homem x mulher na hierarquia católica, retratada no livro de maneira imprópria, contrariando os

<sup>218</sup> A Livraria Selecta situava-se em Fortaleza, na Rua Major Facundo.

<sup>219</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 17.

preceitos católicos. Por esses motivos, embora fosse um romance da *Biblioteca das Moças*, não deveria ser lido pelas senhorinhas católicas.

“As irmãs brancas”, apesar de não possuir excessos de linguagem, nem cenas que offendam a moralidade, deve ser excluído da leitura de uma jovem catholica. Desconhecendo, ainda, a religião catholica, a autora se permite attitudes e phrases entre as irmãs e entre um bispo e a superiora de um convento que não possuem siquer visos de verdade. Reduz o convento onde se passa a maioria do romance a um viveiro de hipocrisias, de mentiras e de fuxico, o que somente isso bastava para condemnar esse livro da autora inglesa.<sup>220</sup>

Embora um ou outro título recebesse censura, os livros da *Biblioteca das Moças*, e, em especial, as obras de M. Delly, traziam uma narrativa compatível ao conteúdo moral dos romances católicos, o que os tornava, “romances honestos”. Maria Teresa Santos Cunha afirma que, para a Igreja, “eram considerados romances honestos aqueles que colocavam em cena uma boa lição moral e que favorecessem a edificação da alma e do caráter.”<sup>221</sup>

Entretanto, mesmo com ressalvas, se um romance era publicado na coleção *Biblioteca das Moças*, sua leitura se tornava acessível e podia ser feita sem a interferência dos pais, que tendiam a considerar adequados todos os romances que compunham a coleção para moças. A Igreja não ignorava a aceitação dessa coleção feminina, por isso, sempre que necessário, alertava aos leitores o perigo trazido por obras impróprias publicadas na *Biblioteca das Moças*:

Dahi o não recommendarmos a mesma, apesar do relamo [sic] que lhe estão fazendo, reclamo este perigosíssimo, uma vez que dão o livro como capaz de ser lido por todas as pessoas, fazendo parte ainda da Bibliotheca das mças [sic].<sup>222</sup>

As obras dessas coleções traziam nas primeiras páginas seus fins e seu público. A apresentação da coleção *Menina e Moça*<sup>223</sup>, a define como sendo

<sup>220</sup> “Livros Novos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 nov. 1928. p. 07.

<sup>221</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução [...] Op. cit.* p. 34.

<sup>222</sup> “Livros Novos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 nov. 1928. p. 07.

<sup>223</sup> A Coleção *Menina e Moça*, composta de livros franceses editados no Brasil pela Livraria José Olympio era a tradução coleção francesa “Bibliothèque de Suzette”. Editada a partir da década de 1930, teve reedições nas décadas seguintes.

constituída por pequenos romances que encantam e prendem pelo enredo, oferecendo ao mesmo tempo às suas leitoras oportuna advertência moral e ricos ensinamentos pelo que encerram de observações sobre a vida e a humanidade. São romances atraentes em que palpita a alma simples e sonhadora da juventude, envolta nas ciladas a que vive exposta a criatura humana desde o alvorecer da existência. "[...]"<sup>224</sup>

Romances edificantes traziam em suas páginas “ricos ensinamentos” e advertências morais. Tristão de Athayde, o intelectual católico, na apresentação desta coleção argumenta:

São raros os bons livros para moças, em português. Uma coleção como essa em que a qualidade literária não perturba o nível moral e vice-versa, é um grande serviço prestado à mocidade feminina.<sup>225</sup>

As coleções para moças, traduzidas do francês, traziam enredos que se desenrolavam numa atmosfera bucólica, onde nobres heróis e doces heroínas tecem seus romances, povoaram a imaginação e as horas vagas das jovens Filhas de Maria. Com eles, o hábito da leitura, largamente incentivado, passara a ser sinônimo de sonho e fantasia. Uma espécie de fuga da realidade, das limitações das cidades interioranas, e uma alternativa àquelas leituras permitidas e que pregavam o sacrifício e a virtude, ao invés da felicidade e do prazer terreno.

Era o contato com um mundo maior, luxuoso e belo. Um mundo de sonhos, ou a realidade travestida de elementos de encanto. Nesses novos mundos que as páginas dos romances afrancesados traziam, não preocupavam-se com a seca ou com o inverno, se a chuva viria ou não. O calor era ameno e as “*demoiseles*” andavam paramentadas de longos e volumosos vestidos de tecidos nobres. Nos ambientes retratados, flores exóticas, enfeites caros e detalhes desconhecidos, ou fora do alcance, das cearenses.

Para as associadas da Pia União limoieirense, era algo além dos *tantum ergum* da Igreja, ou do “renuncia-te a ti mesma” das leituras piedosas. Era sonho, um mundo de aromas, que não aquele exalado pelo incensário, ou pelas várzeas de carnaubais.

<sup>224</sup> SAINT-OGAN, Claude. O segredo do velho Martin. Coleção Menina e Moça. Livraria José Olympio Editora, 1947. 167 págs. Sinopse – Capa traseira.

<sup>225</sup> *Idem. Ibidem.*

Outra forma literária recomendada eram os folhetins, que o jornal *O Nordeste* publicava em suas páginas, e que, a partir da década de 1930, tornaram-se mais freqüentes nas edições do periódico. A publicação dos Folhetins, a contar pela assiduidade com que passam a figurar no jornal católico, tinham aceitação do público, que acompanhava seus enredos diariamente.

Os romances em forma de folhetim publicados n’*O Nordeste* estavam em meio a leituras religiosas, traduções do francês ou do italiano. A edição desses folhetins possibilitava sua encadernação, ao fim da publicação. Anunciados pelo jornal cearense com entusiasmo, com o intuito de atrair a atenção e a assiduidade do público leitor feminino. Em sintonia com as recomendações de leitura católica, os enredos traziam lições edificantes, como no folhetim Mabel,

Brevemente, novo folhetim de “O Nordeste” MABEL (Henry de Forge).

Lindo e attrahente romance que “O Nordeste” começará a publicar no dia 1<sup>o</sup>. de setembro.

MABEL – A esposa heróica, cuja dedicação eleva o marido ao apogeu da gloria como musico de talento. [...] Lição luminosa, de enredo interessantíssimo, a demonstrar que sobre a terra só o sacrificio é fecundo.<sup>226</sup>

Mabel, como outros folhetins d’*O Nordeste* era uma tradução. Sua tradutora, escondia-se sob o pseudônimo de “L” e era uma das mais assíduas, nas décadas de 1920 e 1940.

Sabbado, 2 de fevereiro, iniciaremos a publicação de optimo folhetim – STELLA – especialmente traduzido do francês para o “O Nordeste”, por L. talentosa e apreciada collaboradora da nossa folha. O romance é de enredo moderno. Scenas vivas, palpitantes de actualidade, interessantíssimas, hão de agradar por certo os nosso numerosos leitores. Muito recommendamos a leitura do Stella.<sup>227</sup>

Mas a colaboração dessa autora, cujo pseudônimo não nos foi possível desvendar, não se resumia às traduções de folhetins. Colaboradora assídua da folha católica, “L.” escreveu vários artigos e contos, principalmente na “Página feminina”, publicada quinzenalmente pelo jornal. A maioria dos contos escritos por “L.” vinham assinalados com a frase “Especial para o Nordeste”. Os seus

<sup>226</sup> “Novo folhetim de ‘O Nordeste’ - Mabel”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 29 ago. 1936. p. 03.

<sup>227</sup> “Stella”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 30 jan. 1935. p. 01.

escritos tinham sempre um cunho moralizante e disciplinador, e a figura da Filha de Maria, aparecia, vez por outra, no papel de heroína piedosa capaz de se sacrificar em nome da fé católica.

Nas primeiras décadas do século XX o comércio livreiro cearense era incipiente, no entanto, Fortaleza já dispunha de algumas livrarias, que se encarregavam fornecer livros para os leitores da capital e das cidades interioranas. Entre essas livrarias, havia aquelas que se classificavam como “católicas”, e eram anunciadas assíduas no jornal *O Nordeste*. Em seus pequenos anúncios pode-se perceber o esforço para atrair um público interessado em “bons livros”.

### 2.2.1. *Comprai bons livros...*

Escolhei com prudência suas leituras, porque essa é uma questão de muita importância [...] Os livros são companheiros e é preciso escolhê-los como amigos [...]

*Manual O que uma joven esposa deve saber*<sup>228</sup>

O comércio livreiro nas primeiras décadas do século XX se diversificava e, mediante anúncios, os livros eram oferecidos pelas lojas e livrarias de Fortaleza, aos leitores d’*O Nordeste*.

Se os livros proibidos eram encontrados em engraxates e vendedoras ambulantes, as leituras edificantes tinham lugar próprio, as lojas e livrarias da cidade. E entre essas havia algumas especializadas em livros católicos, é o caso da livraria Selecta, situada na Rua Major Facundo, que anunciava diariamente no jornal as listas das obras mais populares e figurava como referência na venda de livros católicos. Nas palavras do jornal *O Nordeste*, esta

---

<sup>228</sup> Manteve-se a grafia original.

livraria preenchia “a grande finalidade de disseminar, em nosso meio, bons livros, tão uteis á formação moral e intelectual da sociedade cearense.”<sup>229</sup>

A loja *O Gabriel*, que dispunha de uma seção de livros, também buscava se afirmar como livraria católica. A constância no número de anúncios dessa loja permite perceber o esforço para chamar a atenção do público leitor cearense. Em seus anúncios, fazia uso de recursos propagandísticos simples, com textos curtos que traziam apreciações acerca da leitura, enquanto incentivava a aquisição de livros católicos.

Esses anúncios, embora tenham o objetivo principal de vender obras tidas como “católicas”, traziam uma série de valores associados à leitura. De acordo com a propaganda, esse tipo de leitura tinha um poder de convencimento e conversão, além de difundir os principais livros e escritores católicos, como é o caso do Padre Julio Maria.

**INIMIGOS** - Não existe um inimigo da Igreja, despido de vícios, que, estudando a sua doutrina, com imparcialidade, não se converta. A loja “O Gabriel” vende livros do pe. Julio Maria que destroem todas as heresias.<sup>230</sup>

De acordo com os anúncios, o católico deveria exortar sua religião, orgulhar-se dela e buscar construir para si uma formação religiosa sólida, através da leitura diária de “bons livros”, que a livraria *O Gabriel* dispunha à venda.

#### **O catholico deve estudar a sua religião**

O catholico deve vibrar quando diz: Creio na santa Igreja Catholica, apostólica, Romana. O catholico não deve passar um dia sem ler uma pagina de um bom livro. A loja “O Gabriel” vende bons livros.<sup>231</sup>

Nos anúncios da pequena livraria católica, os males da modernidade e da educação deveriam ser combatidos a partir do conhecimento dos assuntos em voga, por isso, o combate deveria iniciar com a leitura de “bons livros”, que se encarregariam de “ensinar tudo”.

#### **A educação**

A educação actual é muito imperfeita porque o espirito de sacrificio, isto é, do dever, desapareceu.

<sup>229</sup> “Livraria Selecta”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 01 fev. 1933. p. 01.

<sup>230</sup> *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 10 abr. 1937. p. 06.

<sup>231</sup> *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 19 abr. 1937. p. 03.

Hoje em dia só se aceita aquillo que cheira a facil e a luxo. A loja “O Gabriel” vende bons livros que ensinarão tudo.<sup>232</sup>

Embora os anúncios, em sua maioria, fossem direcionados ao público católico em geral, havia anúncios específicos para os membros de associações religiosas. Nestes, o alerta para a “inconveniência” de *“usar uma insígnia religiosa e não saber nada de religião”*. Por este motivo, o anúncio aconselhava a aquisição de livros religiosos, cuja leitura deveria ser penitencial.

#### **Vestir um habito religioso**

Ter uma medalha religiosa. Usar uma insígnia religiosa e não saber nada de religião é uma das maiores inconveniencias que existe. Compre na loja “O Gabriel” um livro religioso e tome por penitencia lêr um capitulo por dia.<sup>233</sup>

De acordo com os anúncios, nos livros, a senhorinhas deveriam buscar os ensinamentos para que soubessem se portar e assim serem mais valorizadas, lembrando que o retraimento é a melhor forma de guardar-se e valorizar-se, uma vez que *“quanto mais bem guardado, um objecto se torna mais precioso”*.

#### **CONSERVA E DA VALOR**

[...] A loja “O Gabriel” vende livros que ensinam uma senhorita como deve ser retrahida, aguardando a vida de responsabilidade: de Freira ou de casada.<sup>234</sup>

Para atrair as famílias e promover a obra de D. Macedo Costa, *O livro da Família*, a livraria afirmava que o mesmo era ferramenta necessária para uma instrução cristã eficaz.

#### **Livro para família**

Hoje em dia não existe uma só família que não precise de livro que instrua eficazmente, para educar christãmente seus filhos. A loja “O Gabriel” recebeu o melhor livro de D. Macedo Costa: “O Livro da Família”<sup>235</sup>.

Já a estratégia de propaganda da Livraria Selecta era mais discreta. Ao invés de chamar atenção dos leitores com apelos às suas consciências, optavam por destacar as obras, evidenciando seu conteúdo e informando sua aceitação junto aos fiéis.

<sup>232</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 24 abr. 1937. p. 07.

<sup>233</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 28 abr. 1937. p. 03.

<sup>234</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 26 nov. 1936. p. 06.

<sup>235</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 05 jul. 1934. p. 03.

**O Meu Tesouro**

*É um livro que contém muitas orações. Centenas de pessoas têm obtido graças por meio dessas orações simples.*<sup>236</sup>

**TEM SIDO**

*Uma coisa estupenda a venda do “O MEU THESOURO”. Fiquem avisados: caso não se encontre mais, tenham paciência que a casa editora fará nova edição.*<sup>237</sup>

A livraria Selecta também publicava breves anúncios, evidenciando o tipo de público que visava atingir

**Para a Bibliotheca dos adolescentes**

*A “Livraria Selecta” recebeu um grande pedido de bons livros.*

**Na Livraria Selecta**

*Encontram-se bons livros que qualquer senhorinha poderá ler.*<sup>238</sup>

Embora se reconheça que os anúncios não têm necessariamente o poder de induzir a adquirir o produto anunciado ou, por outro lado, adquiri-lo com a finalidade anunciada, pode-se inferir que esses anúncios, com uma vasta circulação no estado, tinham certa eficácia. Não se pode avaliar a forma como agiam no imaginário dos leitores do jornal católico, entretanto, pode-se inferir que sua eficácia refletia-se nas vendas dessas livrarias que, durante o período em estudo, publicaram e renovaram constantemente seus anúncios.

A constância dos anúncios leva a crer que o público católico cearense, em certa medida, se identificava, ou aceitava, as idéias sobre leitura católica presentes nesses pequenos anúncios. Devido também à circulação do jornal *O Nordeste* nas paróquias cearenses, pode-se perceber como esses anúncios influenciavam a aquisição de livros por parte do público leitor do Estado. Prova disto é a recorrência de títulos anunciados pelas livrarias da capital na biblioteca das Filhas de Maria em Limoeiro, uma vez que somente a partir de meados da década de 1930 a cidade passou a contar com uma pequena livraria, sobre a qual se tem poucos registros.

Trazidos pelos próprios sacerdotes para serem vendidos na sacristia aos membros de irmandades, ou por pequenos comerciantes da cidade, que os incluíam entre seus artigos, os livros eram sinônimo de novidade. Notícias e

<sup>236</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 07 mar. 1933. p. 06.

<sup>237</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 out. 1933. p. 02.

<sup>238</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 18 jul. 1928. p. 08.

sonhos do além Jaguaribe, vindos da capital, que se tornava, no imaginário daquelas que aguardavam ansiosas por novas histórias e tramas, em um “jardim de delícias” feito à base de sonhos, papel e tinta.

## CAPÍTULO 3

### DISTINTAS LEITORAS

[...] o fiel, indivíduo frágil e sujeito ao pecado, deveria ser sempre guiado quer fosse no confessional, ou por meio dos sermões e dos rituais, quer fosse nas leituras religiosas empreendidas, pois do contrario poderia “perder-se” totalmente.

Leila Mezan Algranti

A imagem de que a mulher, no Brasil, não é afeita à leitura, ou mesmo quando lê, sua leitura é desqualificada porque composta de leituras “amenas”, advém, desde o século XIX, dos relatos de vários autores e viajantes. Apontando como responsáveis por esse fato os altos índices de analfabetismo, condição que marca a história do país, e a desvalorização da cultura, Lajolo e Zilberman, afirmam que

[...] o universo da leitura da mulher brasileira é dos mais restritos. Como apontam vários autores, a maioria era iletrada, situação que convinha a uma sociedade na qual o livro, a leitura e a cultura não pareciam apresentar maior significado. A mulher lê folhetins e romances ligeiros, que imprensa e editoras lhes oferecem; mesmo essa leitura, porém, é desvalorizada, seja porque as obras são consideradas de má qualidade, seja porque desejável seria que lessem textos mais elevados, embora insossos e desestimulantes.<sup>239</sup>

No entanto, ao aceitar a cristalização da representação da mulher com hábitos de leitura limitados, ou nulos, depaupera-se a análise histórica, tendo em vista que se priva a representação de uma parcela do contingente feminino que, embora diminuto, tem na relação com os livros uma atividade corriqueira.

Pensando nisso, busca-se, nesse capítulo, demonstrar a imagem de uma outra leitora - com cultura e hábitos próprios – em um grupo específico de mulheres: a irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro, Ceará, nas primeiras décadas do século XX. Esse grupo de mulheres, na contramão da maioria das

---

<sup>239</sup> LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 258.

mulheres do município, dominava a leitura e fazia dela uma atividade cotidiana, de aprendizado e também de entretenimento. Para isso o jornal católico *O Nordeste*, a Revista Eclesiástica Brasileira, a documentação produzida por essas mulheres em sua irmandade, em especial os cadernos de controle da Biblioteca da Pia União, e as atas de reunião mensal do grupo são as principais fontes utilizadas neste capítulo.

A representação da mulher leitora no Ceará estava presente na imprensa católica de forma recorrente. Em um anúncio comercial, cujo produto oferecido fugia ao universo do livro e da leitura se encontra uma imagem de leitora cearense, com um livro em mãos, absorta no prazer da leitura.



Figura 07 - Anúncio publicitário de redes. *Jornal O Nordeste*. 17 de abril de 1939. P. 05.

Na ilustração do anúncio, certamente o livro manuseado pela jovem não era uma leitura piedosa, o que lhe permitia a informalidade da rede para sua prática. O ato de ler exige esforço do corpo. Quando se entrega a uma leitura por prazer ou distração tende-se também buscar o conforto físico, uma forma de deleite. Quando se fala de leitura não se pode ignorar a relação que ela assume com a postura do leitor e o lugar onde é realizada. Existem leituras que parecem exigir uma postura mais austera, como as leituras piedosas que devem ser feitas com circunspeção, enquanto outras parecem insinuar um relaxamento do corpo, como as leituras de romances ou revistas, feitas por passatempo. De acordo com Alberto Manguel,

Não somente determinados livros exigem um contraste entre conteúdo e ambiente; há os que parecem exigir determinadas *posições* de leitura, posturas do corpo do leitor que, por sua vez, exigem locais de leitura apropriados a essas posturas. [...] Com freqüência, o prazer derivado da leitura depende em larga medida do conforto corporal do leitor.<sup>240</sup>

O Jornal *O Nordeste* prescrevia ao público católico as formas corretas de manusear o livro, garantindo a saúde do corpo, construindo a postura desejável no momento da leitura. Entre os cuidados com a saúde que a atividade exigia, o jornal orientava:

- 1 – Cuida da sua vista. Della depende grande parte da sua confiança e êxito na vida;
- 2 – Mantenha a cabeça erguida quando estiver lendo;
- 3 – Tenha o livro a uma distancia de 35 centímetros dos seus olhos;
- 4 – Não leia nunca na penumbra, num vehiculo em movimento, ou deitado;
- 5 – Procure que a luz seja clara e bôa;
- 6 – Não leia quando a luz do sol der directamente no livro;
- 7 – Não receba luz de frente, quando ler;
- 8 – A luz deve vir de trás ou por cima do hombro esquerdo;
- 9 – Evite o uso de livros ou jornaes mal impressos, ou dos tipos excessivamente pequenos.<sup>241</sup>

Entre os conselhos visando o bem estar corporal, uma constante preocupação com a luz. A luminosidade prescrita desaconselha, de certo modo, a leitura ao ar livre, uma vez que o excesso de claridade e o sol incidindo sobre o livro eram fatores prejudiciais. Nestas condições a luz deveria ter um direcionamento próprio - vir de trás ou por cima do ombro esquerdo - um controle que não era possível com o sol, caracterizando mais ainda esse hábito como uma atividade própria de ambientes fechados onde a luz – e a leitura – podem ser controladas adequadamente.

Por outro lado, a postura ideal do leitor deveria também seguir certos padrões: manter a cabeça erguida, e o livro a uma determinada distância do rosto, são indicações de que o ato de ler não deveria ser feito de qualquer forma, nem em qualquer lugar. O fato de não poder ler na penumbra, nem deitado, indica que a leitura noturna, na intimidade do quarto, era considerada prejudicial à saúde e ao espírito. Na cultura cearense, a rede, muitas vezes, fazia o papel de cama, e por isso também pertencia ao âmbito da intimidade.

<sup>240</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Op. cit. p. 177.

<sup>241</sup> Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 08, jun. 1936. p. 03.

Partindo desse pressuposto, Alberto Manguel acredita que essa forma de ler traz algo de especial, livre de convenções sociais, é uma ociosidade que pode suscitar a “emoção das coisas proibidas”.

[...] há algo mais do que entretenimento no ato de ler na cama: uma qualidade especial de privacidade. Ler na cama é um ato autocentrado, imóvel, livre das convenções sociais comuns, invisível ao mundo, é algo que, por acontecer entre lençóis, no reino da luxúria e da ociosidade pecaminosa, tem algo da emoção das coisas proibidas.<sup>242</sup>

Nos casarões limoeirenses, nos alpendres das casas de morar, possivelmente as Filhas de Maria também se entregavam à leitura, repetindo a imagem do anúncio. Na rede repousavam o corpo e a morna brisa acariciava-lhes, tudo emoldurado pelas extensas plantações de carnaúbas, um livro entre as mãos, as deliciava. Para elas, a leitura também era vista como uma forma de entretenimento, apesar das recomendações da leitura de livros piedosos.

As mulheres eram vistas pela Igreja como desprovidas de personalidade independente, de moral frágil e, por isso, suscetíveis à má influência; as causas dos comportamentos impróprios eram quase sempre externas. Vários eram os disseminadores da má influência: os bailes, as modas, o cinema, a má imprensa, as leituras de romances e revistas. Essas últimas, combatidas com cuidado e atenção, como “inimigos” silenciosos, cujos efeitos não podiam ser facilmente percebidos.

Leu-nos [O diretor espiritual], depois um trecho de um livro sobre a Perfeição Espiritual, concitando-nos mais uma vez, a entregarmo-nos a leituras sans e espirituais, ao em vês de romances perniciosos, envenenadores das almas.<sup>243</sup>

A ata da reunião registra algumas passagens da fala do diretor da Pia União. Após ressaltar a importância da obediência aos ditames da Igreja, o sacerdote trata da leitura edificante, em contraposição aos males da leitura fútil e desviante. Finalizando o encontro do grupo, o diretor comunica a exclusão de uma das associadas da Pia União, sem mencionar o motivo.

<sup>242</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Op. cit. p. 180.

<sup>243</sup> Ata de Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 05 de Novembro de 1933. p. 05 V e 06 F.

*Deu por excluída da Associação, a associada Maria Andrade Costa, anotando esse ato no livro de Registro.*<sup>244</sup>

Buscando o registro de Maria de Andrade Costa no livro da Irmandade encontra-se, anotado pela secretária, o motivo de sua exclusão: *“Excluída por ter sido raptada.”*<sup>245</sup>

Apesar dos inúmeros alertas em torno das leituras, comportamentos desviantes continuavam a ser verificados, mesmo entre grupos de caráter piedoso, como a Pia União das Filhas de Maria. Desobediências, fugas e exclusões eram sinais de que os romances continuavam “envenenando as almas” das donzelas católicas, com seus enredos de amores idealizados ou impossíveis.

Ao escolher ser “raptada” pelo pretendente e viver seu amor proibido, Maria de Andrade pode ter sido influenciada por “romances perniciosos”, aliado ao fato de que na cultura nordestina, o “raptado” era algo presente no cotidiano, conforme Miridan Knox Falci,

Muitas vezes o namoro não desejado pelos pais encorajou o rapto da moça pelo pretendente. Mas um rapto consentido pela mulher, com a promessa de casamento pelo raptor [...] O rapto ou a ‘sedução’, como os parentes julgavam na época, trazia contrariedades para a família [...]

<sup>246</sup>

Encorajadas pelo romantismo dos romances adocicados que gostavam de ler, a idéia de fuga com o amado se tornava uma alternativa romântica, mesmo trazendo descontentamento às famílias. Miridan Knox Falci, alerta para o fato de que “a fuga, ou rapto, podia significar idéias de liberdade, vontade própria”<sup>247</sup>, uma vez que depois da fuga de uma filha, a família, para não ver sua reputação manchada, mesmo não aprovando o noivo, tendia à consentir o casamento, como forma de “evitar um mal maior”, o concubinato.

Na Pia União das Filhas de Maria, por mais de uma vez registraram-se os “raptos” consentidos, e a fuga de associadas com seus amados ficava registrada na documentação da irmandade.

<sup>244</sup> Ata de Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 05 de Novembro de 1933. p. 05 V e 06 F.

<sup>245</sup> Livro de Registro das Filhas de Maria de Limoeiro. p. 14F.

<sup>246</sup> FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão Nordeste. In: *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 267.

<sup>247</sup> Idem. p. 268

Ultimando chamou-nos ainda a atenção sobre as Filhas de Maria que fugiam para contraírem o matrimônio, fazendo-nos algumas considerações relativiz sobre a concórdia familiar, afim de não chegar a este ponto; para que no Livro de Registro não seja gravado pela segunda vez ato semelhante.<sup>248</sup>

O rapto de uma associada não maculava apenas a reputação da jovem, manchava o nome de sua família e a imagem da Pia União das Filhas de Maria, enquanto instituição zeladora da moral e dos bons costumes de suas associadas.

Por esses motivos, o rapto era assunto tratado com discrição e cautela, não só pelas famílias, mas também pelo diretor e associadas da irmandade. Buscava-se, no silêncio e ocultamento do fato, amenizar os efeitos do escândalo, para que a Congregação mantivesse sua imagem de bastião da pureza e virtude femininas, já que o seu fim específico, conforme apontam os estatutos, era “acolher sob a sua bandeira a juventude para a livrar dos perigos próprios da sua idade de ilusão”. E assim “evitar o mal e progredir, como boas jovens, na piedade cristã, na honestidade dos costumes e na observância dos próprios deveres”<sup>249</sup>.

Depois de registrado o rapto, se a família da jovem permitisse o matrimônio dos jovens transgressores, a questão se resolvia, pelo menos no que se refere à irmandade. Uma vez casada, a transgressora se reabilitava de sua falha de conduta perante a sociedade e saía do domínio da associação, restrita a jovens solteiras.

Se a família, entretanto, insistisse na proibição, era preferível que o jovem casal formado à revelia permanecesse longe do município, facilitando, assim, o “abafamento” do caso escandaloso. Não se tratava mais somente de questões morais e religiosas, mas, acima de tudo, da imagem da Igreja local, da Pia União das Filhas de Maria e da família da jovem fugitiva.

Esses desvios de comportamento por parte de algumas associadas eram indícios de que as jovens estavam sendo “desvirtuadas” por influências externas e, nesse caso, as leituras, especialmente de romances, estavam sob suspeita. Delas, podiam vir as idéias e a inversão dos valores morais católicos, que faziam as Filhas de Maria contrariarem os ensinamentos da obediência,

---

<sup>248</sup> Ata da Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 06 de Agosto de 1933. p. 2V e 3F

<sup>249</sup> Cf. *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* p. 23 e 27.

penitência e castidade. Por isso, a verificação de comportamentos impróprios acarretava um cuidado redobrado em torno das leituras que elas faziam.

A leitura se constituía importante no universo de formação das Filhas de Maria. Parte das atividades do grupo estava ligada a essa prática, incentivada como uma sadia ocupação para as horas de folga, quando se recomendava a leitura sistemática de livros religiosos e de orações.

O ato de ler seria uma prática de saudável entretenimento na pequena cidade sem muitos atrativos. Por entre páginas de romances e livros de aventuras, era possível conhecer outros mundos. Mundos que se mostravam mais encantadores e vastos que a simples cidadezinha interiorana. Ler se constituía, para elas, também como possibilidade de sair dos limites geográficos da cidade pequena, ilhada entre os rios Banabuiú e Jaguaribe, para novos lugares da imaginação e da fantasia.

Escapando às leituras piedosas ou de vidas de santos, o contato com a imaginação, a aventura e o romance de papel dava às jovens associadas da Pia União a possibilidade de imaginar-se noutros lugares, em novos contextos. Descoberto o prazer do contato com as narrativas dos livros, novos valores, costumes e outros mundos iam povoando a imaginação dessas mulheres, a medida que as páginas eram viradas; um exercício de liberdade.

A leitura parecia ter, para as Filhas de Maria, duas faces opostas, com posturas e sensações distintas: quando se tratava de obras piedosas, deveria ser feita com a gravidade e o recolhimento exigidos, o que fazia desse tipo de leitura algo cansativo, feita por obrigação. Sabendo disso, a Igreja se esforçava para afastar delas o estigma de atividade enfadonha, procurando focar seu discurso em torno dos benefícios morais que elas ofereciam. Por outro lado, quando se tratava de romances, contos e revistas, a leitura era vista como uma atividade lúdica, prazerosa, que ocupava os momentos de folga.

Na coluna “Semeando”, escrita por Maria Desidéria, publicada semanalmente – às terças-feiras – no periódico católico cearense, a autora dirige-se aos leitores d’*O Nordeste*, incentivando-os para que o domingo – dia de descanso e folga – passasse a ser visto como o dia em que se cultivava o hábito da leitura. Na visão de Desidéria, o católico deveria ocupar o tempo de ócio com livros de “doutrina sólida”, transformando seu dia de descanso em dia de busca por uma iniciação na vida espiritual.

Não sei se sabes para que foi feito o domingo irmão...  
 Ora, para descansar, acreditarás logo. Tens razão: o domingo foi feito para o descanso. [...] Somente, irmão, o domingo não foi feito ‘apenas’ para descansar. [...] Em que dia, melhor que no domingo, cumpridos devotamente os deveres do teu estado, poderás ler um livro de doutrina sólida e acessível, que te inicie na vida espiritual?<sup>250</sup>

Fazendo um inventário das possíveis leituras “de doutrina sólida e acessível”, a autora indica “as vidas dos santos” e as biografias de pessoas virtuosas que, por seu caráter edificante, eram adequadas para preencher as horas “pacíficas” – e de ócio – do domingo.

[...] não te parecem feitas, a calhar, as horas pacificas de um domingo para ler as vidas dos santos e as biographias de tantas almas que viveram em o nosso mesmo século, edificando-nos com o brilho de suas virtudes?<sup>251</sup>

Nas recomendações de Maria Desidéria encontram-se indicações sobre como o hábito de ler deveria ser cultivado. Assim, para que o efeito dos “bons livros” se fizesse sentir, era necessário que sua leitura fosse metódica, obedecendo horários e cultivando hábitos que contribuiriam para um avanço progressivo na virtude.

Ah! irmão, irmã, se cada domingo com o fito de te santificares quisesses fazer uns três quartos de horas de uma leitura útil e proveitosa! Farias uma provisãozinha de forças que aproveitarias durante a semana. E renovando, cada domingo, as tuas energias e a tua sciencia, bem depressa farias algum progresso na virtude.<sup>252</sup>

Por fim, a autora aponta o itinerário para a escolha da obra correta ao leitor católico: catálogos de livrarias católicas, a crítica de livros dos jornais católicos e, por último, ouvir as recomendações de leitores confiáveis. Somente após a observação de todos esses critérios é que o poder de escolha e a preferência do leitor deveriam ser exercidos.

Os bons livros não faltam: pede o catalogo de uma livraria católica que só terás a dificuldade da escolha. Consulta a secção bibliographica do ‘teu’ jornal e pessoas que tenham habito de lidar com livros. Bons livros de literatura piedosa, ou de índole piedosa,

<sup>250</sup> “Semeando II – O Domingo”. Jornal *O Nordeste*. Fortaleza, 29, mai. 1928. p. 01 e 05.

<sup>251</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>252</sup> *Idem. Ibidem.*

repito-te eu, não faltam, meu irmão... A questão é saber escolhê-los que te agradem e sejam de real proveito.<sup>253</sup>

A recomendação de aproveitar o tempo livre com leituras piedosas era dirigida às associadas da Pia União, como forma de ressaltar o que a imprensa católica divulgava. E, em meio aos assuntos da irmandade, discutidos nas reuniões mensais do grupo, o diretor espiritual voltava à questão da leitura:

Continuando, fez-nos [o diretor] uma exortação a bôa leitura, e explicou-nos os meios pelos quaes poderíamos desta tirar bons frutos.<sup>254</sup>

A imagem do livro que “envenena a alma” era reforçada junto às associadas da Pia União, e recaía principalmente sobre os romances, suas obras preferidas. Visando normatizar o hábito das Filhas de Maria, o diretor da irmandade orientava que estas deveriam entregar-se “antes a leituras sans e moralistas – verdadeiros exercícios da perfeição espiritual ao emvez [sic] de romances profanos que pervertem o coração e envenenam a alma”<sup>255</sup>. A boa leitura deveria ser incentivada e praticada como um “verdadeiro exercício de perfeição espiritual”.

Ainda que se busque aqui retratar a imagem da Filha de Maria leitora, é necessário ressaltar que ser alfabetizada não era um requisito ao ingresso na Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro, embora essa fosse uma característica comum à maioria delas. Pela posição social ocupada pela maior parte das associadas, essas mulheres tinham acesso à educação. Por isso, na irmandade e na fala dos sacerdotes, o ato de ler parecia algo corriqueiro na vida das associadas marianas, embora não o fosse para a maioria da população limoeirense<sup>256</sup>.

No ritual de ingresso na Pia União, a simbologia utilizada remete à relação do grupo com a leitura. Juntamente com a fita azul, que trazia pendurada uma medalha prateada com a Imagem da Virgem Maria, as novas

---

<sup>253</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>254</sup> Ata da Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 01 de Agosto de 1937. p. 38 V.

<sup>255</sup> Ata da Reunião mensal Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 07 de Maio de 1933.

<sup>256</sup> De acordo com o Censo Demográfico do IBGE, em 1940, apenas 26% das mulheres maiores de 5 anos do município de Limoeiro sabiam ler. O que representa um total de 3.677 mulheres que dominavam a leitura e a escrita. Ver *Censo Demográfico – População e Habitação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional, parte VI – Ceará, tomo I. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.*

associadas recebiam também o “Diploma de Filha de Maria” e um livro: *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Parte das obrigações diárias das associadas, de leitura sistemática, esse livro tornava-se uma referência constante.

Em uma fotografia do grupo das Filhas de Maria de Limoeiro, 1934, é possível perceber como algumas delas ostentavam com altivez e austeridade os seus manuais, pequenos elos que simbolizavam a ligação com a leitura piedosa. A posse e manuseio daquele pequeno volume de capa preta e conteúdo normatizador as tornava diferentes daquelas que não tinham domínio da leitura. A ostentação do manual, iniciava-se com o diretor que ao posar para a foto com o grupo, segura o manual numa posição de destaque. De resto, as imagens dos santos e da piedade cristã trazem constantemente a presença do livro, valorizando seu pertencimento à “religião do Livro”.



Figura 08 – Grupo de Filhas de Maria limoieirense reunidas em 1934. Fonte: *Limoeiro em Fotos e Fatos*. Op. cit. p. 103.

A posse de livros, bem como seu manuseio, são representações de poder. O poder do conhecimento atribuído àqueles que lêem, bem como o poder monetário daqueles que podem comprá-los. A forma como as associadas da Pia União exibiam seus manuais, símbolos da participação na

irmandade, e de seu domínio da leitura, permite inferir que elas compartilhavam dessa idéia de poder em torno do livro que, conforme nos lembra Luciano Cãnfora, embora seja uma concepção arcaica, sobrevive até os nossos dias.

*A idéia de que os livros são investidos de um poder, ou de que eles comunicam um certo poder a seus proprietários, é uma concepção típica das sociedades arcaicas, mas ela se prolonga até os nossos dias.*<sup>257</sup>

O Manual indicava e prescrevia a leitura como um exercício espiritual, e como tal deveria ser feito com pausa e meditação, por isso as Filhas de Maria deveriam se dedicar, no mínimo, meia hora de seu dia às leituras piedosas e modelares. Sobre o ato de ler o Manual recomendava:

*Começai êste piedoso exercício invocando o auxílio de Deus e a proteção da Santíssima Virgem, para que deles tireis os frutos necessários; e depois, com pausa e atenção, lede durante uma meia hora um trecho de algum livro próprio, [...].*<sup>258</sup>

Como indicação de leituras adequadas, o manual trazia um índice de leitura específico às associadas da Pia União. Entre os títulos recomendados, metades deles eram leituras exemplares, livros de “imitação”:

*IMITAÇÃO DE CRISTO – IMITAÇÃO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – IMITAÇÃO DA SANTÍSSIMA VIRGEM – EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE SANTO INÁCIO – A PAZ D’ALMA – JESUS FALANDO AO CORAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA*<sup>259</sup>

Para adentrar o universo de leituras das Filhas de Maria, optou-se por abordar principalmente a *Biblioteca da Pia União*, que funcionava na Igreja Matriz de Limoeiro e oferecia às associadas um acervo de obras edificantes. A existência de uma biblioteca própria para atender a demanda de leituras do grupo sinaliza a importância que a leitura assumia na formação dessas mulheres, caracterizando-as como um grupo de distintas e piedosas leitoras.

As Filhas de Maria praticavam tanto a leitura coletiva e em voz alta, como a leitura individual e silenciosa. Mensalmente, durante as reuniões da Pia União de Limoeiro fazia-se uma leitura coletiva, em voz alta, a chamada *Leitura*

<sup>257</sup> CÂNFORA, Luciano. As bibliotecas antigas e a história dos textos. In: BARATIN, Marc & JACOB, Christian (Org.). *O Poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Trad.: Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 234.

<sup>258</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* Leitura Espiritual. p. 153 e 154.

<sup>259</sup> *Idem. Ibidem.*

*Espiritual*, independente de seu conteúdo, que girava em torno de questões políticas (voto nos candidatos da LEC) e comportamentais (modas, danças, bailes), além das questões religiosas. A escolha dessa leitura era feita pelo diretor espiritual, que, além do manual, trazia textos de revistas e jornais católicos, bem como de livros piedosos diversos.

Encerrada a leitura espiritual, iniciava-se a prédica do sacerdote, que explicava ao grupo as passagens que julgava necessário, relacionando-as às práticas cotidianas das associadas, orientando condutas e repreendendo as falhas observadas. Na ausência do diretor, a presidente da associação escolhia a leitura que deveria ser feita e discutia com o grupo o que fora lido.

Ainda que outras referências de leitura fossem usadas nos encontros do grupo, a obra mais utilizada era o *Manual da Pia União*, que as associadas também deveriam ler individualmente, independente das reuniões mensais. A leitura do *Manual* durante as reuniões enfatizava os capítulos que discorriam sobre as obrigações e deveres das Filhas de Maria e as conseqüências do não cumprimento das normas. Um dos textos mais utilizados nas prédicas das reuniões mensais era o capítulo intitulado “Penas e culpas”: “Continuando o Revmo. Diretor fez uma leitura espiritual no livro “Manual da Pia União” no capítulo “Penas e Culpas” e deu explicação.”<sup>260</sup>

Explicar repetidamente as “penas e culpas” ao grupo era uma forma de garantir seu entendimento, evitando, assim, interpretações distorcidas, já que essa era também uma leitura feita individualmente pelas associadas. De resto, a repetição de certos trechos do *Manual* era uma forma de fixar na mente de suas leitoras, o que era visto como relevante pela Igreja.

### 3.1 - Do Jardim da Piedade, um ramalhete das mais belas flores: O Manual da Pia União das Filhas de Maria.

---

<sup>260</sup> Ata da Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 06 de Fevereiro de 1938. p. 45 F.

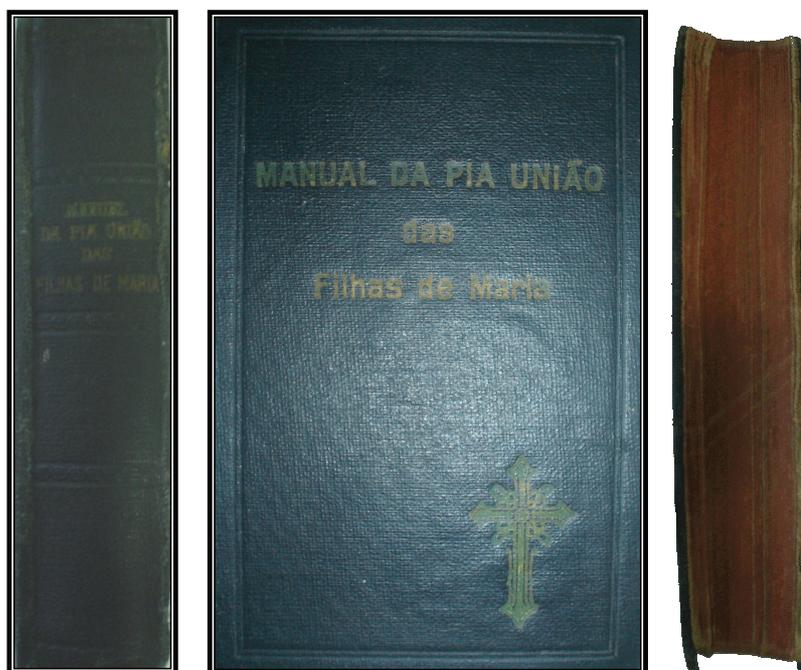
O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro. Eu evoco aí alguma coisa que todos os historiadores lembraram, isto é, o poder extraordinário que tem o livro quando torna-se um modelo de vida.

Pierre Bourdieu

O Manual da Pia União das Filhas de Maria, era entregue a cada associada no dia de seu ingresso na Irmandade<sup>261</sup>. Nele, encontrariam os ensinamentos e as práticas que deveriam observar a todo instante.

Um modelo que se pretendia ideal, como das Filhas de Maria, não podia apresentar máculas. Por esta razão, as orientações deveriam contemplar todas as horas do dia e cuidar dos perigos do mundo moderno, e da frágil natureza feminina.

Esse livro, que deveria ser adquirido ao ingressar na irmandade, tinha o intuito de despertar uma espécie de “juiz interno”, dando instruções e condenando as falhas, principalmente aquelas mais íntimas. Reeducar os sentidos, conter os desejos, lapidar-se na busca da perfeição moral e espiritual era a verdadeira obrigação de uma Filha de Maria.



<sup>261</sup> Cada associada deveria comprar seu Manual, a fita azul, a medalha e o Diploma de Filha de Maria. Durante a cerimônia, o padre colocava-lhe a fita ao pescoço e depois lhes entregava o Manual e o Diploma.

*Figura 09 – Manual da Pia União das Filhas de Maria, em sua edição mais simples: Capa preta, letras douradas e bordas vermelhas.*

O Manual da Pia União deveria ser o livro de cabeceira de cada associada. Com seiscentas e onze páginas, é uma compilação, de acordo com o autor, de diversas “obras de piedade e ascética”, e se dispunha abranger todo o universo de formação moral de uma mulher, de modo que suas orientações visavam acompanhar o dia de uma Filha de Maria, orientando-as nas atividades matinais, vespertinas e noturnas, observando também as obrigações semanais, mensais e anuais, apresentando, assim, instruções para todo o ano.

Pelo seu acentuado caráter doutrinal, moralista e disciplinador, a leitura do manual era incentivada e posta em prática em todas as reuniões mensais da Pia União, como “leitura espiritual”. Sua leitura deveria ser sistemática e diária: as Filhas de Maria deveriam se dedicar à ela durante, pelo menos, um quarto de hora ao dia. O intuito era fazer com que as associadas não apenas lessem sozinhas, mas, principalmente, escutassem as leituras e alocações do sacerdote, diretor da irmandade, a fim de evitar interpretações distorcidas. E era assim, em reuniões mensais e com a ajuda do Manual, que as instruções eram repassadas regularmente às Filhas de Maria.

Entre as normas trazidas no Manual, encontra-se uma listagem chamada de *Flores da Virtude*. Embora aparentemente simplória, a lista de *Flores da Virtude* é exemplar da retórica persuasiva que o manual apresenta.

Visto por seu autor como um “ramalhete das mais belas flores” do campo das obras de piedade, o manual traz leituras significativas no que diz respeito ao campo de doutrinação católica. Direcionado à jovens mulheres, perfil da maioria das Filhas de Maria, deixa claro a concepção que tem do sexo frágil: como sendo propício, a todo instante, ao pecado.

Embora traga orientações de ordem prática sobre o funcionamento e regras da Pia União, procura deter-se nas instruções que giram em torno do cuidado de si. A preocupação, que se observa no Manual, acerca do pensamento e instintos femininos é uma amostra de como esse livro tinha por fim estabelecer normas de autocontrole a serem seguidas pelas associadas.

“Guardar modéstia nos olhos e mais sentidos” é uma das *Flores da Virtude* exigidas de uma Filha de Maria e resume de maneira exemplar o intuito dos ensinamentos moralizantes, que visam disciplinar os sentidos. Orientadas a não usarem livremente seus próprios sentidos, essas mulheres eram levadas a se fecharem para o mundo.

Os olhos, o tato e todos os outros sentidos que levam ao contato com o mundo, impregnando-se dele, deveriam ser usados com parcimônia por essas jovens que não podiam se entregar às sensações que o mundo oferecia.

As *Flores da Virtude* constituem um dos muitos tópicos moralizantes que podem ser encontrados no *Manual da Pia União*. A obediência a esses tópicos era um exercício de tolerância e educação do corpo, ou melhor, de negação ao pleno usufruto dele. O corpo feminino, veículo do pecado, deveria ser domado, para que seus instintos não maculassem a pureza das jovens Filhas de Maria.

Deste modo, entre as trinta e uma Flores das Virtudes listadas no Manual, a maioria delas diz respeito a alguma forma de educar e conter os desejos do corpo. As *Flores da Virtude*<sup>262</sup>, anunciadas no manual, são as seguintes:

1. Vencer a preguiça ao levantar-se e cumprir com os deveres do próprio estado.
2. Guardar modéstia nos olhos e mais sentidos.
3. Ouvir missa pelas almas devotas de Nossa Senhora.
4. Fazer leitura espiritual, ao menos por um quarto de hora.
5. Combater a gula, por amor de Maria.
6. Dar uma esmola.
7. Invocar o socorro de Maria nas tentações.
8. Pedir a benção à Virgem Maria, ao começar qualquer ação.
9. Obedecer com gosto, por amor da Virgem Santíssima.
10. Não censurar o próximo, nem em coisas levíssimas.
11. Visitar alguma imagem da virgem.
12. Não cometer faltas voluntárias.
13. Convidar alguém a fazer algum ato de religião.
14. Perdoar pelo amor de Maria.
15. Pedir a Virgem a conversão dos pecadores.
16. Levantar com paciência qualquer adversidade.
17. Combater a curiosidade.
18. Reprimir a vaidade.
19. Rezar com devoção.
20. Fazer algum ato de humildade.

---

<sup>262</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 465-466.*

21. Lançar fogo em algum retrato perigoso, indecente, ou livro mau; ou não os tendo, dar graças à Virgem.
22. Estudar ou trabalhar com gosto, pelo amor à Virgem.
23. Abster-se de algum divertimento ainda que inocente.
24. Edificar o próximo com palavras e por obras.
25. Sofrer com paciência as pessoas rudes.
26. Vencer o gênio.
27. Fazer o exame de consciência e o ato de contrição, antes de se deitar.
28. Caindo em alguma falta, fazer propósito de emendar-se.
29. Fazer atos de conformidade com a vontade de Deus.
30. Fugir de alguma amizade perigosa.
31. Fazer atos de amor com Jesus.

Essas trinta e uma instruções virtuosas que as Filhas de Maria encontravam em seu Manual, e que deveriam seguir, dizem muito sobre o modelo de jovem católica que a Igreja visava construir e como as associadas da Pia União deviam se conter em seu contato com o mundo extra-igreja.

O que se pode observar é que as Flores da Virtude estão, em sua maioria, relacionadas a práticas morais e de conduta, bem como a práticas religiosas. E, dentro desse universo de ensinamento moral, educar os sentidos é o mais recorrente. Mas, não só.

Se fizermos uma breve divisão arbitrária, podemos agrupar essas *Flores de Virtude* em quatro “ramalhetes” distintos que, no entanto, se complementam, são eles: Moral e Autodisciplina; Devocional; Missionário, e um grupo relacionado diretamente às Leituras. Destes quatro ramalhetes, o mais “florido” é o da Moral e Autodisciplina. Nele podemos agrupar dezessete, das trinta e uma orientações apontadas. O Devocional e o Missionário ficam com oito e cinco orientações, respectivamente, e as Leituras figuram com duas flores bem específicas, mas, destas nos ocuparemos mais tarde. Observe, no quadro que se segue, a divisão das *Flores da Virtude*, em seus referidos “ramalhetes”:

“Ramalhete”	Flores da Virtude
Moral e Autodisciplina	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Vencer a preguiça ao levantar-se e cumprir com os deveres do próprio estado;</li> <li>2. Guardar modéstia nos olhos e mais sentidos;</li> <li>5. Combater a gula, por amor de Maria;</li> <li>9. Obedecer com gosto, por amor da Virgem Santíssima.</li> <li>12. Não cometer faltas voluntárias.</li> <li>16. Levantar com paciência qualquer adversidade.</li> <li>17. Combater a curiosidade.</li> <li>18. Reprimir a vaidade.</li> <li>20. Fazer algum ato de humildade.</li> <li>22. Estudar ou trabalhar com gosto, pelo amor à Virgem.</li> <li>23. Abster-se de algum divertimento ainda que inocente.</li> <li>25. Sofrer com paciência as pessoas rudes.</li> </ol>

	26. Vencer o gênio. 27. Fazer o exame de consciência e o ato de contrição, antes de se deitar. 28. Caindo em alguma falta, fazer propósito de emendar-se. 29. Fazer atos de conformidade com a vontade de Deus. 30. Fugir de alguma amizade perigosa.
<b>Devocional</b>	3. Ouvir missa pelas almas devotas de Nossa Senhora. 7. Invocar o socorro de Maria nas tentações. 8. Pedir a benção à Virgem Maria, ao começar qualquer ação. 11. Visitar alguma imagem da virgem. 14. Perdoar pelo amor de Maria. 19. Rezar com devoção. 27. Fazer o exame de consciência e o ato de contrição, antes de se deitar. 31. Fazer atos de amor com Jesus
<b>Missionário</b>	6. Dar uma esmola. 10. Não censurar o próximo, nem em coisas levíssimas. 13. Convidar alguém a fazer algum ato de religião. 15. Pedir a Virgem a conversão dos pecadores. 24. Edificar o próximo com palavras e por obras.
<b>Leituras</b>	4. Fazer leitura espiritual, ao menos por um quarto de hora. 21. Lançar fogo em algum retrato perigoso, indecente, ou livro mau; ou não os tendo, dar graças à Virgem.

Quadro 01 – Divisão das Flores da Virtude, do Manual da Pia União das Filhas de Maria, em quatro “ramalhetes”.

Não se deixar levar pela preguiça é uma forma de garantir que as obrigações de Filha de Maria serão cumpridas, principalmente aquelas atividades relacionadas aos deveres com a Igreja, como organização de rituais, decoração de altares e andores, arrecadação de contribuições para as obras da paróquia, entre outras.

A “modéstia dos sentidos” é muito importante e, juntamente com esta *flor de virtude*, pode-se associar outras *flores* e assim fazer um *bouquet* voltado à autodisciplina do corpo. Os sentidos trazem desejos e tentações, por isso, ao tentar manter os sentidos controlados, é importante “invocar o socorro de Maria nas tentações”, uma forma também de lembrar as pregações sobre o pecado e as orientações morais da irmandade. Se a curiosidade deve ser combatida com o intuito de evitar descobertas impróprias, é através dos sentidos também que a curiosidade é satisfeita.

Reprimir a vaidade é uma das formas eficientes de não despertar os sentidos, especialmente os do outro, em particular do sexo masculino. A vaidade é sensível às variações da moda, do comportamento e às diversões, comportamento perigoso e inaceitável de uma Filha de Maria. Afinal, abster-se dos divertimentos, mesmo os mais inocentes, é uma forma de não ousar que os prazeres dos sentidos sejam revelados.

Por outro lado, uma outra combinação de flores da virtude nos leva a observar o propósito de formar jovens obedientes e resignadas, onde “obedecer com gosto”, “levar com paciência as adversidades”, “sofrer com

paciência”, “vencer o gênio”, eram mandamentos que deveriam ser seguidos com orgulho e resignação pelas jovens associadas.

Estes mandamentos representavam uma renúncia de si, onde abdicar dos desejos e temperamento era uma forma especial de elevação espiritual. Como o próprio *Manual da Pia União* apregoa: “numa palavra, qualquer ato em que renunciéis á vossa vontade para cumprir a de Deus”<sup>263</sup>, é a única forma de alcançar a perfeição espiritual. Neste sentido, a mortificação é estimulada e exaltada por esse compêndio como a única forma de “*conservar intacta a pureza da alma*”<sup>264</sup>

As amizades perigosas também mereciam cuidados e vigilância. Por isso, as orientações eram claras: “[...] se guardem das más companhias, não acompanhando voluntariamente com pessoas de má nota ou levianas, embora do mesmo sexo, ou que digam mal da Congregação [...]”. Embora não devessem “censurar o próximo”, deveriam abster-se da companhia daqueles que trouxessem riscos ao valioso “bouquet das virtudes” mariano.

As flores da virtude também traziam orientações acerca do campo devocional, afinal, a Pia União era uma associação religiosa. As Filhas de Maria não deviam relaxar em seus deveres com a fé, a devoção e a Igreja: “visitar imagens”, “ouvir missas”, “perdoar pelo amor de Maria”, “rezar com devoção”, “Fazer o exame de consciência e o ato de contrição, antes de se deitar”, “emendar-se das próprias faltas”, “agir de conformidade com a vontade de Deus”. O último mandamento da lista, “Fazer atos de amor com Jesus”, é também emblemático do caráter místico que a atuação das mulheres religiosas assumiu ao longo dos séculos na história da Igreja católica.

Por outro lado, a Igreja também via as Filhas de Maria como missionárias em potencial e incentivava-lhes a levar os ensinamentos católicos a outrem, por isso, “convidar alguém a fazer algum ato de religião”, “pedir a Virgem a conversão dos pecadores”, “dar esmolas”, “edificar o próximo com palavras e por obras”, eram ações estimuladas. Uma vez bem disciplinadas, restava-lhes tornarem-se evangelizadoras e “pescadoras” de fiéis para a Igreja.

Insígnia do rito de entrada na associação, o Manual era o passaporte, e também a chave, para os segredos e mandamentos da construção modelar de

<sup>263</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 457.*

<sup>264</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 456.*

uma Filha de Maria. Entretanto, ao *Manual*, uma vez apropriado pelas jovens associadas, também se agregava uma série de significados.

Fetichizado, para além de cartilha devocional e disciplinadora, transformava-se também em objeto simbólico de distinção no grupo. Havia muitas edições do *Manual* e essas traziam detalhes diversos, que valorizavam sua apresentação, dando-lhe um toque de sofisticação. Diante disso, as Filhas de Maria, cobiçavam aparecer perante o grupo com uma edição bem trabalhada e luxuosa de seu “companheiro” de devoção e guia de comportamento.

Os comerciantes cearenses, especialmente os livreiros de Fortaleza, que atendiam também as cidades do interior do Estado, sabiam desse aspecto material e social que o *Manual* assumia nos numerosos grupos de Filhas de Maria espalhados pelo Estado e, por isso, investiam em propagandas direcionadas às associadas da Pia União, por vezes anunciando as suas luxuosas e bem trabalhadas edições dos Manuais. No Jornal *O Nordeste*, detalhes como capas brancas, ou tons dourados, eram mencionados nos anúncios, pelas lojas e livrarias da capital.

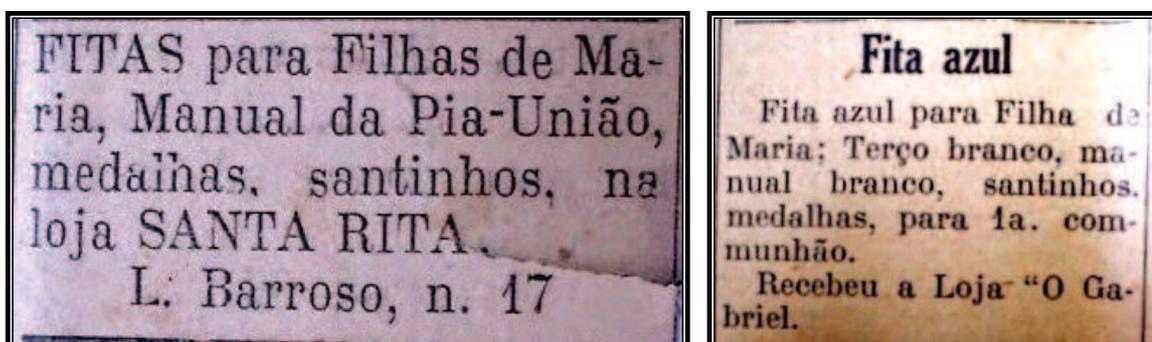


Figura 10 – Anúncios direcionados às Filhas de Maria. Fonte: Jornal *O Nordeste*.

Além dos manuais, as lojas anunciavam também uma série de artigos direcionados especialmente às Filhas de Maria: tecidos e filós brancos “finíssimos”, terços trabalhados e/ou brancos, santinhos, medalhas e fitas da “cor oficial” da Pia União. Um mercado promissor direcionado à um grupo que não economizava no consumo desses artigos religiosos.

O número de anúncios direcionados às Filhas de Maria era elevado<sup>265</sup>, e os produtos oferecidos apresentavam detalhes que lhes atribuíam sofisticação, modernidade e beleza, indícios de que eram um público exigente, que gostava de novidades e produtos diferenciados. No universo da irmandade, mantilhas com “bordados sublimes como os anjos do Céu”, Fitas com a tonalidade de azul “verdadeira” e “inalterável, ou terços de prata, madrepérola ou cristal representavam sonhos de consumo e objeto de distinção.



Figura 11 – Anúncios direcionados às Filhas de Maria. Fonte: Jornal O Nordeste.

Levado às reuniões pelas associadas da Pia União para ser utilizado durante as leituras espirituais, o manual, lido diariamente, tornava-se um objeto com o qual as Filhas de Maria desenvolviam uma relação muito particular. Figurando no *hall* de objetos pessoais das associadas, esses manuais agregavam valores de estima e apreço, e traziam consigo os traços de suas proprietárias e leitoras, que deixavam suas marcas ao longo dos textos.

Não por acaso que Dona Maria Menas da Silva, ex-Filha de Maria entrevistada, guardava com muito zelo o seu próprio manual e, com maior cuidado, ela conservava, como uma preciosa lembrança, o *Manual* de uma

<sup>265</sup> As lojas que direcionavam anúncios às Filhas de Maria eram as mais diversas. Lojas de tecidos, de artigos religiosos, livrarias e casas comerciais de artigos diversificados visavam atrair às associadas marianas. Entre as que anunciavam para as Filhas de Maria podemos citar as lojas: “O Gabriel”, “Christmas”, “Rosas dos Alpes”, “Trovador Barateiro”, “A Samaritana”, “Casa Venus”, “Bom Pastor”, “Santa Rita”, todas elas localizadas em Fortaleza.

velha amiga já falecida. O Manual estava diretamente ligado à identidade da Filha de Maria e, por isso, ainda hoje desperta lembranças, memórias de um tempo vivido, e que parece às ex-associadas da Pia União, muito distante.

Por outro lado, quando algum assunto em voga não estava contemplado no manual, se recomendava a leitura dos periódicos católicos, como o *Jornal O Nordeste* e as Revistas *A Cruz* e *Maria*, cujos artigos, lidos nas reuniões, norteavam as orientações dadas pelo sacerdote.

*Leu-nos a seguir o Revmo. Diretor na “Cruz” do ‘Rio’ um trecho concernente ao Cristianismo e Feminismo, explicando-nos o seu verdadeiro sentido; sobre o feminismo o qual concita a mulher a fazer valer os seus direitos a civilização cristã.*<sup>266</sup>

A revista *Maria*, era mensal, com artigos e reportagens direcionados especificamente às Filhas de Maria. Editada em Olinda-PE, pela Imprensa Industrial, seu período de circulação foi de 1913 a aproximadamente 1977. Era lida pelas associadas da Pia União das Filhas de Maria que, vez por outra, faziam referência a seu conteúdo nas reuniões, onde era utilizada como “leitura espiritual”.

Outra revista católica lida pelas Filhas de Maria de Limoeiro era *A Cruz*, editada no Rio de Janeiro, desde 1917, de periodicidade semanal, e também utilizada como “leitura espiritual” nos encontros mensais. O grupo limoeirense de marianas parecia ter maior contato com esta revista, uma vez que as referências, durante as reuniões mensais, eram freqüentes.

A assiduidade das visitas à Biblioteca da Pia União, variava. Embora o grupo tivesse a leitura como atividade recomendada à irmandade, parte delas não ia a biblioteca com freqüência. A partir dos registros de empréstimos da Biblioteca da Pia União - pequenos cadernos anotados à lápis pelas Filhas de Maria bibliotecárias – pode-se perceber que parte das associadas não cultivava o hábito de tomar livros de empréstimo. Talvez porque achassem desinteressantes as obras oferecidas na Pia União ou porque consideravam o hábito da leitura enfadonho, relacionando-o mais com uma obrigação – como a leitura do Manual – do que com uma distração.

---

<sup>266</sup> Ata da Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 06 de Agosto de 1933. p. 2 v.

Mas, o fato de não aparecerem nas listas de empréstimos de livros não significa que não cultivassem o hábito de ler. Fazendo o cruzamento das atas das reuniões mensais com os registros de livros da biblioteca, é possível localizar associadas que doavam livros para o acervo da Pia União sem, no entanto, aparecerem com assiduidade tomando livros de empréstimo na biblioteca.

Rastreando as doações de livros feitas à Pia União encontramos, listadas nas atas das reuniões mensais, associadas como Maria Consuelo e Maria da Penha Guedes, cujo tio era padre e foi diretor da Pia União, no período de 1926 a 1929, que doaram, três obras para o acervo da Irmandade: *Aventuras duma Abelha, As idéias de Agenor Madruga, Dois Amigos e outros contos*.

Não obstante fizessem parte da primeira equipe de bibliotecárias da Pia União<sup>267</sup>, tendo por isso um maior contato com o acervo da irmandade, Maria da Penha e Consuelo Guedes aparecem raras vezes nas listas de empréstimos. Certamente essas jovens Filhas de Maria viam na biblioteca particular do tio padre, à qual tinham acesso, obras mais atraentes que aquelas do acervo que cuidavam, e isso influenciava na freqüência com que buscavam livros na biblioteca da Pia União.

Os livros da biblioteca particular do padre eram por elas repassados às colegas de irmandade mais próximas, possivelmente criando uma rede de leituras. Como indício dessas trocas informais entre as Filhas de Maria de Limoeiro, o depoimento de uma associada sobre as relações que mantinham em torno da Igreja e da leitura:

Aqui Teresinha foi ponta de lança pois, em vista de seu talento e desembaraço, era muito solicitada para exercer papéis em dramatizações ensaiadas pela irmã mais velha do Vigário.  
**Estabelecendo relacionamento com as suas sobrinhas,**

---

<sup>267</sup> Quando o diretor da Pia União mencionou a intenção de fundar uma biblioteca para as Filhas de Maria de Limoeiro, de imediato foram escolhidas cinco associadas para o papel de bibliotecárias: Maria Augusta Vieira Chaves, Maria Eunice Chaves Saraiva, Maria Consuelo Guedes, Maria da Penha Guedes e Maria Elodia Costa Craveiro. Ao que parece, essas cinco mulheres dominavam a leitura e a escrita de forma satisfatória, sendo por isso reconhecidas perante o grupo. Esse reconhecimento evidencia-se mais ainda se observarmos o fato de que, no momento em que foram nomeadas bibliotecárias da irmandade, quatro delas ainda estavam na condição de aspirantes, e só vieram a receber a fita azul um mês após serem designadas para cuidar da biblioteca. Uma vez em funcionamento a biblioteca, as cinco associadas revezavam-se no controle de empréstimos de livros.

**Teresinha trazia excelentes livros dele que eram lidos por todos nós. [Grifos meus]**<sup>268</sup>

Uma vez instituída essa rede de trocas, mais do que livros circulavam entre elas. O empréstimo de livros suscitava trocas de saberes, de idéias e de visões de mundo. Percebendo a potencialidade das redes de empréstimo de livros que podiam se formar entre amigos, Maria Desidéria, em sua coluna semanal incentiva os leitores:

[...] não existe apenas a fome material... Quantas pessoas conheces tu que têm fome de um pouco de amizade, de uma bôa palavra, uma bôa leitura... Não poderias tu emprestar um livro a esta ou aquella pessoa?<sup>269</sup>

A familiaridade com a leitura e a escrita as habilitava a ocuparem, na irmandade, cargos que exigiam certa habilidade intelectual. O “saber” se constituía como poder perante o grupo e, por isso, aquelas que se destacavam no domínio da escrita e da leitura tomavam a frente de atividades e assumiam a liderança do grupo.

Dominando a escrita e a leitura, esse grupo de mulheres registrou parte da história de sua associação. Sua trajetória e seus relatos compõem uma vasta documentação produzida na irmandade, por suas associadas. Livros de atas, registro de associadas, controle da biblioteca e anotações diversas eram cuidadosamente elaborados por estas mulheres. Escritas a cada reunião, as atas longe de serem relatos neutros e escassos, sinalizam os impasses, as tensões e também as formas de auto-censura no registro dos conflitos internos do grupo.

O fato de terem certo domínio dos elementos da cultura letrada, numa cidade onde apenas uma pequena minoria das mulheres sabia ler e escrever, suscita uma indagação: onde e de que forma eram educadas essas mulheres?

<sup>268</sup> Cf. BRANCO, João Olímpio Castello. *O Limoeiro da Igreja: A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párocos*. Minerva Indústria Gráfica. p. 153.

<sup>269</sup> “Semeando (III)”. *Jornal O Nordeste*. 05 jun. 1928. p. 01.

### 3.2. Piedosas Leitoras, professoras e catequistas virtuosas.

Serei a catequista de meus alunos. É isso que Deus **quer** de mim! É meu mais grave e imperioso dever. Quero cumpri-lo.

Jornal *O Nordeste*

O sistema de ensino limoeirense, a exemplo da maioria dos municípios cearenses, no início do século XX era precário. Com uma extensão muito vasta<sup>270</sup>, no município e seus distritos era evidente a falta de escolas e de recursos para a educação. A situação do ensino no município, em meados da década de 1930, era precária e a imprensa denunciava o descaso com a educação na cidade que crescia e começava a ganhar destaque no Estado, sem, no entanto, contar com um grupo escolar e dispondo de “quatro professoras apenas” lecionando em escolas públicas, o que evidenciava o “atraso na instrução”.

Situada na zona jaguaribana, Limoeiro é uma cidade bastante populosa e florescente, podendo ser enumerada entre as principais de nosso Estado.

Não obstante, a instrução, ali, é por demais atrasada: - facto lamentável e não apenas condigno com a própria vida daquela cidade tão atrahente pelos seus diversos aspectos e tão activa pelos seus constantes progressos. Para se dizer do grande descaso por que passa o ensino n'aquelle recanto tão prospero de nosso Estado, basta lembrar que Limoeiro ainda não possui sequer um grupo

---

<sup>270</sup> A extensão territorial do município de Limoeiro era muito maior do que a atual. Durante as cinco primeiras décadas do século XX o território limoeirense contava com os distritos de Tabuleiro d'Areia, São João do Jaguaribe e Alto Santo. Esses distritos, muito distantes da sede do município, sofriam mais ainda com o isolamento e a falta de recursos que, escassos, concentravam-se na sede. Só em 1957 (leis estaduais, respectivamente: 3.815, 3.813 e 3.814, todas do dia 13 de setembro de 1957), que Limoeiro perdeu seus distritos ficando seu território muito reduzido. Um manifesto feito nesse mesmo ano por ocasião do aniversário do município, afirma: “Quando Limoeiro do Norte abriu os olhos, o inventário estava feito! [...] Deixaram para a Sede 10% de seu território...” In FREITAS, Maria das Dores Vidal, & OLIVEIRA, Lenira de. (Org) *Limoeiro em Fotos e Fatos*. Fortaleza: Edições do Autor, 1997. p. 180. A atual extensão territorial do município, compreende basicamente ao que era tido como a sede do município nas primeiras décadas do século XX. Devido às exigências impostas pelos estatutos da irmandade, era necessário morar relativamente próximo da sede, onde ficava a igreja matriz e onde eram realizadas as atividades da Pia União. Por isso, as associadas da irmandade moravam na sede ou muito próximo dela, não havendo nos registros, portanto, associadas que morassem nos distritos do município. Esse fato privilegiava de certo modo o acesso do grupo a educação básica.

escolar, consta seu ensino tão só de pequenas escolas reunidas, com quatro professoras apenas.<sup>271</sup>

Nesse quadro de limitação material eram escassas as condições para que as jovens da cidade pudessem adquirir algum tipo de instrução. A educação não estava disponível para todos, principalmente quando se referia ao contingente feminino. Contando com uma escola pública de vagas limitadas, estava nas mãos dos mestres particulares a tarefa de alfabetizar a juventude limoeirense. Lauro de Oliveira Lima, rememorando seu processo de alfabetização relata que, “Aparentemente, as famílias de ‘elite’ limoeirenses preferiam as escolas particulares, como a do Mestre Zé Afonso, onde fui matriculado para ser alfabetizado. Lembro que meus colegas eram todos filhos de ‘boas famílias’.”<sup>272</sup>

O fato de pertencerem, quase sempre, às famílias mais abastadas do município dava às associadas da Pia União o acesso a certo grau de instrução, com a ajuda dos professores particulares da cidade. Entretanto, a instrução que recebiam desses mestres, conforme relata Lauro de Oliveira Lima, “consistia em dominar razoavelmente, a leitura e em fazer contas baseadas nas quatro operações fundamentais.”<sup>273</sup>

Os métodos de ensino vigentes apresentavam rudimentos da leitura, escrita e aritmética como princípios básicos da instrução formal. A leitura ganhava lugar de destaque, pois seu aprendizado atribuía graus de instrução aos alunos. Saber ler os diversos tipos de caracteres tipográficos e manuscritos representava uma espécie de “formatura”.

Quando terminávamos as leituras do último livro da coleção de Erasmo Braga, passávamos aos volumes de ‘Manuscritos’ (livros impresso com letra manuscrita, cuja complicação ia crescendo, de lição em lição, até atingir os garranchos da ‘letra de médico’) A leitura do último volume desta coleção correspondia à ‘formatura’. Não se estudava gramática, geografia, ciências: era uma escola de ‘ler, escrever e contar’ [...]”<sup>274</sup>

Uma vez dominada a leitura, a continuação dos estudos só poderia ser feita em outros centros, tais como Fortaleza, Canindé ou Crato. Por esse

<sup>271</sup> “Escola Normal Rural em Limoeiro”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 19 set. 1935, p. 01.

<sup>272</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte: Da colônia à escola que revolucionou o município*. Fortaleza: Premium Editora, 2002. p. 13.

<sup>273</sup> In: LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte [...]. Op. cit.* p. 19.

<sup>274</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte [...]. Op. cit.* p. 15.

motivo, durante as três primeiras décadas do século XX, dominar a leitura e a escrita representava, para o contingente feminino limoeirense, atingir o grau máximo de instrução, uma vez que seus pais, mesmo os mais abastados, não podiam, ou não queriam, enviá-las para outras cidades a fim de continuarem os estudos. Assim, deveriam se conformar com seus diplomas de “ler, escrever e contar”, que as escolas particulares conferiam.

A avaliação final<sup>275</sup> – realizada oralmente – para conferir um certificado era feita por uma banca formada pelos homens instruídos da cidade, quase sempre os que ocupavam os lugares sociais proeminentes: o prefeito, o juiz e o vigário, afinal, saber é poder.

Até a década de 1930 a economia do município era pobre, baseada na cultura de subsistência, sem grandes excedentes. Os tidos como ricos na cidade eram poucos e, mesmo estes não dispunham de grandes recursos. A situação sofreu uma reviravolta com a supervalorização da cera de carnaúba que trouxe um significativo enriquecimento para o município. Lauro de Oliveira Lima afirma que

Antes da exploração da cera de carnaúba, eram considerados ricos os bodegueiros e proprietários de bolandeiras e de máquinas a vapor de descaroçar algodão, como o Cel. Antônio Joaquim Ferreira Maia, personagem de múltipla atuação como comerciante e político. A produção de rapadura, aguardente e farinha era insignificante, mal dando para o consumo. Limoeiro não se destacava também por grandes fazendas de gado. A produção provinha de um pouco de gado leiteiro, muita miunça (ovelhas e cabras), cereais de subsistência das vazantes. O excedente da produção era vendida no sábado, na feira.

A valorização da cera de carnaúba começa a permitir a acumulação de riqueza dos donos de carnaubais [...] que se tornaram respeitáveis “coronéis”.<sup>276</sup>

A cera de carnaúba valorizada trouxe enriquecimento à economia do município, carente de equipamentos públicos, como escolas e hospitais. Assim, em meados da década de 1930, o patrimônio dos donos de carnaubal e dos comerciantes que cuidavam das transações envolvendo o comércio de cera de

<sup>275</sup> Lauro de Oliveira Lima afirma: “Narram os contemporâneos que para o exame final, eram convocados o Juiz, o Prefeito e o Vigário (Pe. Acelino), que argüiam os ‘formandos’ oralmente [...]” In LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte [...]*. Op. cit. p. 63.

<sup>276</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Na ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza: Assis Almeida, 1997. p. 320.

carnaúba, se encontrava consolidado, trazendo à tona uma camada de “novos ricos”.

A benemerência passou a ser para esses homens um fator de distinção social no município, e também na região, e, neste sentido, a década de 1930 foi palco para inúmeras iniciativas particulares no intuito de dotar Limoeiro de aparelhos públicos que visavam a modernização do município e sua projeção entre as cidades cearenses.

Assim, em 1935, alguns dos mais proeminentes comerciantes e donos de carnaubais reuniram-se em prol de iniciativas visando a implementação de um sistema educacional que oferecesse educação secundária no município. Foi doado um terreno para a construção da Escola Normal Rural e parte deste foi cedido para construção do primeiro Grupo Escolar do município: o Pe. Joaquim de Menezes.

A campanha em prol da construção da Escola Normal iniciou com a fundação da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro (SPERL), composta inicialmente por quinze membros. O número de sócios da SPERL, expandiu-se a medida que a Escola Normal de Limoeiro ia tomando forma, agregando não apenas limoeirenses, mas também de outros municípios. A respeito do modo como se deu a expansão do sistema escolar limoeirense, Lauro de Oliveira Lima afirma:

Acredito que a maneira como foi constituído o sistema escolar fundamental de LIMOEIRO é inédita, no Brasil: a comunidade (os “homens ilustres” do município) financiou, mediante aquisição de “ações” e mesmo com doações (houve quem contribuísse com material e mão-de-obra) a construção dos prédios escolares a partir do Grupo Escolar, cujo terreno foi doado ao Governo Estadual pela Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro. Esta disposição da comunidade, enriquecida pela elevação do preço da cera de carnaúba, para financiar obras, instituições e entidades de interesse comunitário manifestou-se até por ocasião da criação do bispado [...]<sup>277</sup>

As iniciativas no campo educacional eram alardeadas na imprensa cearense, especialmente no Jornal *O Nordeste*, propagando o “alto entusiasmo” do meio limoeirense e destacando os gestos beneméritos dos “distintos cidadãos”.

---

<sup>277</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte* [...]. Op. cit. p. 128.

Grande é o concurso que os limoeirenses estão dando ao problema do ensino, pois, n'uma subscrição feita entre os homens de bôa vontade, quando da visita do revmo. pe. Helder Camara áquella cidade, foram arrecadados sem dificuldades 24:450\$000 – somma que prova com evidencia o alto enthusiasmo que domina o meio limoeirense ansioso pela prosperidade daquella terra e pela grandeza de seus filhos.<sup>278</sup>

Para os eventos da cidade, observa-se que havia um cuidado em trazer “convidados ilustres”, uma forma de legitimar as ações praticadas. Na empreitada da Escola Normal Rural do município, o convidado de honra, o padre Helder Câmara, que já desfrutava reconhecimento por seu trabalho em favor da educação.

Para alguns dos “ilustres”, era importante destacar-se granjeando maior reconhecimento público de sua benemerência, sinal de distinção social. No caso de Raimundo Estácio de Souza, a doação do terreno para a construção da escola e uma quantia em dinheiro dava-lhe, nas palavras da imprensa, um caráter de nobreza.

Não podemos deixar de registrar, sobremodo edificados, a nobreza do gesto do distinto cidadão sr. Raimundo Estácio de Souza, que, além da doação que fez de 5 hectares de terra no perimetro da cidade, subscreveu ainda 5:000\$000<sup>279</sup>

Após três anos do início da campanha, em 1938, a Escola Normal Rural de Limoeiro foi finalmente inaugurada, sob a administração da Sociedade de Pró-educação Rural de Limoeiro (SPERL). A Escola Normal limoeirense recebia também jovens de outros municípios, funcionando nos regimes de internato e de externato. Com o advento desse estabelecimento de ensino criava-se a oportunidade de continuidade dos estudos iniciados nas escolas particulares de “ler, escrever e contar”, além de oferecer a possibilidade de profissionalização feminina, através do magistério. De acordo com Lauro de Oliveira Lima,

[...] a Escola Normal Rural influenciou, fundamentalmente, a população [...] fornecendo formação profissional de magistério a

<sup>278</sup> “Escola Normal Rural em Limoeiro”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 19 set. 1935. p. 01.

<sup>279</sup> “Escola Normal Rural em Limoeiro”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 19 set. 1935. p. 01.

centenas de jovens que, de outra forma, ficariam vegetando nas fazendas da região.<sup>280</sup>

As normalistas limoeirenses e suas colegas de outros municípios podiam abraçar o magistério como profissão, embora isso não sacrificasse o modelo Mulher-Esposa-Mãe, como se observa no estudo de Marisa Lajolo e Regina Zilberman,

[...] o exercício do magistério não escandalizava as bases machistas da sociedade patriarcal brasileira, permanecendo intocada, e também idealizada, a associação mulher-esposa-mãe, mesmo quando essa estivesse fora de casa, ganhando um modestíssimo pão de cada dia.<sup>281</sup>

O magistério, no discurso dos defensores da chamada “feminização do magistério”, era compatível com a natureza feminina, já que

[...] as mulheres tinham “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”<sup>282</sup>.

Visto como uma extensão do papel de mãe, o magistério, nas primeiras décadas do século XX, era uma atividade cada vez mais ligada ao gênero feminino, e, em Limoeiro, com o advento da Escola Normal Rural, isso não era diferente.

Em meio às galerias do recém-construído prédio da Escola Normal Limoeirense, enquanto buscavam seus “diplomas de professoras”, muitas normalistas exibiam orgulhosamente suas fitas de cetim azul. Na primeira turma de normalistas limoeirenses estavam várias associadas da Pia União das Filhas de Maria. Observando a lista das primeiras alunas da Escola Normal Rural, se verifica que, das sessenta alunas de Limoeiro, dezoito eram Filhas de Maria. Isto representa um percentual de 30% das alunas limoeirenses.<sup>283</sup>

<sup>280</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte* [...]. *Op. cit.* p. 128.

<sup>281</sup> LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. *Op. cit.* p. 262.

<sup>282</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: *História das mulheres no Brasil*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 450.

<sup>283</sup> Cf. cruzamento do Livro de Registro das Filhas de Maria de Limoeiro com a listagem dos primeiros alunos da Escola Normal publicado em LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte* [...]. *Op. cit.* p. 149-151.

A matrícula de muitas associadas da Pia União na Escola Normal limoeirense fortaleceu a ligação desse grupo de mulheres com o magistério. Uma vez que o sistema escolar do município ia se expandindo, oportunidades para ingressar como professoras no ensino público, e privado iam surgindo para as normalistas limoeirenses e a medida que as alunas da Escola Normal concluíam o curso normal, assumiam as salas de aula do município ou dedicavam-se ao ensino particular em suas próprias casas.

Analisando o corpo docente do Grupo Escolar Pe. Joaquim de Menezes<sup>284</sup>, percebe-se a influência das Filhas de Maria limoeirenses no ensino do município. Cinco anos após o ingresso da primeira turma de normalistas na Escola Normal de Limoeiro, atuavam como professoras do Grupo Escolar - a maior escola pública do município - treze profissionais. Dessas, oito eram Filhas de Maria e seis ingressaram no curso normal logo na primeira turma.

Formadas para educar, os modelos de virtude que a Pia União se preocupava em lapidar ganhavam as salas de aula empenhadas em difundir os conteúdos da doutrina católica. Responsabilizadas pela educação das gerações futuras, o diretor da Pia União de Limoeiro esclarecia os papéis esperados de uma mulher mariana: reparar o erro da “primeira mulher” assentando-se no pedestal que lhe era destinado: “mãe – filha – esposa”.

Se a ruína do genero humano originou-se pela primeira mulher, a reparação procedeu da aceitação á embaixada de um anjo. Ambas tiveram seu mensageiro, uma de trevas, outra de luz; uma deu-nos o fruto da morte a outra nos concede a arvore da vida plantada no Calvario para resgate do Universo.

É ao catolicismo que se deve o pedestal da tríplice grandeza sobre que assenta a mulher – mae – filha – esposa, na missão educadora, no seculo ou no estado religioso.<sup>285</sup>

A imagem feminina, relacionada à missão de educadora, oscilava entre as antípodas Eva e Maria. Como devotas e seguidoras de Maria, sobreas associadas marianas recaía a responsabilidade de reparar a perdição do gênero feminino.

---

<sup>284</sup> O Grupo Escolar Pe. Joaquim de Menezes é uma escola pública estadual. Construído numa parte do terreno que fora doado para a construção da Escola Normal Rural, esse colégio foi inaugurado um ano antes da Escola Normal, em 1937.

<sup>285</sup> Ata da Reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro do dia 06/08/1933. p. 2 V.

Ressalte-se que nem todas as jovens formadas na Escola Normal Rural de Limoeiro se dedicavam ao magistério. O conteúdo do ensino normalista dava ênfase também às boas maneiras, formando jovens piedosas, com conhecimentos gerais de música, pintura, literatura e também aptas às prendas domésticas como costurar, cozinhar e bordar.

O diploma de normalista funcionava também como insígnia de moça bem formada, candidata ao papel de boa esposa. Ao lado das disciplinas gerais o programa acolhia várias possibilidades de formação, condicionadas ao âmbito das boas maneiras, socialização, artes plásticas e convívio público. Na Escola Normal de Limoeiro, o comportamento social das alunas “matutas” era “polido” com aulas de “boas maneiras”, e o resultado desse “processo civilizador” era apresentado à sociedade, na “hora da socialização”, ocasião em que a escola recebia convidados e as alunas faziam apresentações artísticas.

Além das disciplinas gerais do curso secundário e dos cursos normais comuns, a Escola Normal Rural ministrava Agricultura (teórica e prática – tinha um campo agrícola), Pequenas Indústrias (rurais), Arte Culinária, Corte e Costura. Como formação religiosa introduziu Apologética (sic) e para polir o comportamento social das alunas “matutas”, a prática das Boas Maneiras (uma espécie de Socila). Aos sábados, muitas vezes, com a presença de convidados da cidade ou de fora, funcionava a HORA DA SOCIALIZAÇÃO, em que todos os tipos de representação eram estimulados (canto, poesia, recitação, dramatização etc.)<sup>286</sup>

Não se pode esquecer que, ao contrário de uma conquista feminina, a preparação da mulher para o magistério era uma estratégia sócio-política, que cuidava da instrução feminina com um fim pragmático: suprir a necessidade de mão-de-obra para o magistério, sem melhorar a remuneração do professor, uma vez que a mulher não deveria ter uma renda equivalente à do homem. Por outro lado, transformava a sala de aula num apêndice do lar e o exercício da docência numa missão e apostolado feminino. Estratégia ao gosto do Estado, que continuava a descumprir a promessa republicana de universalização do direito à educação e do magistério como profissão específica.

[...] idealizava-se a professora, chamando-a de mãe, sugerindo assim que lecionando, ela continuava fiel à sua natureza maternal. Negava-

---

<sup>286</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte* [...]. *Op. cit.* p. 136.

se o elemento profissional da docência, porque a sala de aula convertia-se num segundo lar.<sup>287</sup>

Ao tornarem-se professoras, as Filhas de Maria assumiam a tarefa de educar, escolhendo e indicando as leituras e os conteúdos escolares. Leitoras tuteladas na irmandade, nas salas de aula assumiam a função de tutelar as leituras de seus alunos.

O papel de professora também lhes atribuía certa distinção, mesmo no grupo. Ao acrescentarem ao título de Filhas de Maria, o qualificativo de professora, agregavam uma imagem mais culta e participavam do círculo da cultura letrada que a grande maioria da população não tinha acesso. Essas jovens professoras gozavam, na cidade do prestígio e do respeito daqueles que por muito tempo ansiaram educar seus filhos no próprio município.

Piedosas leitoras, professoras virtuosas, as associadas da Pia União traçaram a história do ensino limoeirense articulando-a à história da irmandade das Filhas de Maria.

Um papel formador que a Igreja atribuía à mulher católica e, com muita insistência, às Filhas de Maria, era o papel de catequista. O catecismo se transformou, no discurso católico a partir da década de 1930, uma prioridade para a Igreja. Assim, é possível perceber nas fontes estudadas, tanto o jornal católico, como a documentação da Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro, uma campanha maciça no sentido da catequese.

Resumindo o seu pensamento, havia-lhes dito o Santo Padre que a boa Filha de Maria deveria ser: “Eucharisticamente piedosa, angelicamente pura e apostolicamente operosa”<sup>288</sup>

Apostolicamente operosa, a Filha de Maria deveria - livros de catecismo nas mãos - ganhar o mundo para a Igreja, que delas esperava bons frutos e com isso a Igreja procurava enraizar seus valores morais e religiosos.

O catecismo era visto pela Igreja como estratégia eficaz no combate às condutas impróprias dos católicos, frutos de uma “fé de carvoeiro”. No Ceará, a Igreja se voltava, principalmente, para o interior do Estado que, em meio às práticas de sincretismo, vivenciava um catolicismo pouco ortodoxo,

<sup>287</sup> LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. Op. cit. p. 262.

<sup>288</sup> “As Filhas de Maria e o Santo Padre Pio XI”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 11 jan. 1929. p. 02.

onde o catecismo surgia como uma nova estratégia de erradicação da “ignorância religiosa”. Entretanto, oferecer uma “cuidada formação religiosa” à população era uma tarefa difícil, e resvalava na falta de “preparo intelectual” do povo que, mesmo com sua “boa índole”, por vezes oferecia resistência à “certas disciplinas da Igreja”,

A população do interior do Ceará é reconhecidamente católica. Povo de sentimentos cristãos e de fé. Fé, na maioria, de carvoeiro, é verdade, porem, agradável a Deus.

A falta de mais cuidada formação religiosa, dificultada ainda mais pela deficiência de preparo intelectual, é que faz esse povo, de tão boa índole resvalar ora para o fanatismo religioso, ora pelo aferro a futeis preconceitos e relutância a certas disciplinas da Igreja, redundando, às vezes, em franca hostilidade às autoridades eclesiásticas<sup>289</sup>.

Com isso, o catecismo surgiu também, no discurso católico, como uma terapêutica, curando as impurezas da moral e do espírito, combatendo o “analfabetismo e a ignorância religiosa”, já que o ataque às leituras perniciosas, não alcançara o sucesso esperado. O jornal ressentia-se com a falta de gosto pelas leituras recomendadas e pelo analfabetismo elevado, incentivando a criação de escolas noturnas para os trabalhadores rurais, a fim de combater a falta de instrução, e de escolas dominicais de catecismo, para cuidar da formação religiosa.

O a b c e o catecismo são o remedio que, dosado sabiamente, veria sanar essa enfermidade social.

Tem-se procurado difundir a boa leitura pelas massas porem o resultado tem ficado muito aquém da expectativa.

Não ha gosto, não ha interesse, grande parte não sabe ler. Tudo se resente das deficiencias supracitadas.

Pode ser que a geração nova encontre melhor orientação para enfrentar problemas magnos da vida.

A criação de escolas noturnas rurais, para os homens de trabalho e de aulas dominicae (sic) de catecismo para os que se resentem dessa falta, é um oportuno meio de combater dois grandes males da nossa gente: - o analfabetismo e a ignorancia religiosa.<sup>290</sup>

A mulher, no papel de catequista, assumia a missão de ser “professora da religião”, e o magistério, visto como uma extensão do papel materno - e por isso permitido às mulheres católicas, solteiras ou casadas -

<sup>289</sup> “Pequena Observação”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 23 ago. 1934. p. 05

<sup>290</sup> “Pequena Observação”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 23 ago. 1934. p. 05

tornava-se uma atividade virtuosa, imbuída de um caráter de nova cruzada, onde as mulheres - e as Filhas de Maria em particular - deveriam conquistar o mundo para Deus e para a Igreja Católica.

Dessa forma, aumentava o incentivo à leitura de manuais de catequese e o número de obras se multiplicava, nas mãos das associadas da Pia União. Títulos como “Horas Catecheticas”, “Catecismo”, “Manual do Catequista”, além dos Manuais de Religião, dedicados às séries do curso ginasial, começam a aparecer no jornal católico, como guias para essa missão da mulher.

Para garantir boa orientação no desafio de catequizar o povo cearense, o jornal *O Nordeste* publicou uma série de artigos, como um detalhado programa, onde figuravam leituras e orientações necessárias à realização de um bom curso de catecismo. Uma vez que a circulação do Jornal católico era vasta, essa foi uma forma de atingir e encorajar um número cada vez maior de Filhas de Maria, e católicas em geral, a assumir a catequese como missão.

Cientes de que o catecismo semanal nas Igrejas poderia não obter o sucesso esperado, a professora católica passa a ser alvo de uma campanha, para que, em sala de aula, empreenda uma espécie de catecismo diário.

A Igreja católica e sua imprensa sabiam da importância das professoras na tarefa de formação da população, por isso investiam na pregação à essas mulheres, apelando à sua dedicação aos preceitos de sua religião:

A professora católica tem obrigação de ensinar catecismo na sua classe. O ensino que é **facultativo** pela lei, é **obrigatório** na sua consciencia.<sup>291</sup>

O catecismo era para a Igreja a solução mais acertada para formar católicos em sintonia com os preceitos e dogmas da Igreja Romanizada. Neste sentido a professora aparecia como agente de maior alcance, visto que a ela era confiada a educação de inúmeras crianças e, por isso, tornava-se necessário incumbi-la da missão simultânea de professora e catequista.

---

<sup>291</sup> Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 12 jul. 1939. p. 09.

Na consciencia de uma professora católica, o dever profissional não se separa do dever catequético. Ela não pode ser professora, sem ser, ao mesmo tempo, catequista de seus alunos.<sup>292</sup>

Ciente da eficácia limitada do catecismo semanal nas paróquias, a Igreja ambicionava um projeto maior: um catecismo diário, dotado de pedagogia apropriada, realizada pela professora católica e como a Igreja requeria. Além disso, tendo um “exército” de professoras catequistas nas salas de aulas, o alcance da orientação católica seria ampliado em comparação ao voluntariado do catecismo paroquial.

O catecismo paroquial, uma vez por semana, sem as condições pedagógicas da sala de aula, não pode bastar, e de fato não basta. A solução para o problema está em a professora católica cumprir integralmente o seu dever, e ser também catequista. Ser a professora católica, em vez de ser católica e professora separadamente.<sup>293</sup>

Em Limoeiro, os apelos d’*O Nordeste* encontravam eco nas Filhas de Maria nas salas de aulas. Certamente ter uma Filha de Maria que também era professora tornava-se uma oportunidade ímpar de levar as pregações e os valores católicos à muitas “alminhas informes”. Por isso, o assistente eclesial da associação, antes mesmo da fundação da Escola Normal limoeirense, já apelava às Filhas de Maria para que se tornassem catequistas, apresentando-lhes o modelo das catequistas de Fortaleza.

Falou-nos o Revmo. Diretôr sobre o catecismo que as Filhas de Maria deveriam encarregar-se de ensinar a doutrina, pois há muita ignorância neste ponto, especialmente os que moram fora que comungam sempre e não sabem o catecismo. Citou-nos diversas moças em Fortalêsa filhas de capitalistas que eram catequistas.<sup>294</sup>

Na década de 1930, o debate sobre a laicização do ensino figurava quase diariamente no periódico católico, que reivindicava uma educação voltada aos valores religiosos. Esse debate em torno da obrigatoriedade do ensino religioso também se deu em Limoeiro e a questão foi posta em votação pela comissão gestora do estabelecimento, visto que alguns membros da Sociedade Pró-educação Rural de Limoeiro (SPERL) contestavam a

<sup>292</sup> “O Nosso Dever”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 21 set. 1938. p. 03.

<sup>293</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>294</sup> Ata de Reunião da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 07 de Outubro de 1934. p.13 V.

obrigatoriedade do ensino religioso no estabelecimento. Lauro de Oliveira Lima, após o exame das atas das sessões e do Livro de Ocorrências da Escola Normal, montou uma “cronologia da E.N.R.L.” onde registra, no ano de 1940:

Conflito sobre o ensino obrigatório de Religião contestado por Dr. Deoclécio Lima Verde.

Sessão agitada da diretoria em 03 de março. A diretoria da Sociedade Pró-Educação Rural fez uma votação para decidir sobre a obrigatoriedade ou não do ensino religioso na escola, assunto que suscitou muita agitação “terminando com a vitória da religião”<sup>295</sup>

Visando recuperar espaço para a catequese, as associadas da Pia União foram chamadas ao exercício da catequese como uma atribuição de seu apostolado.

[...] fiz a chamadas das Filhas de Maria a qual compareceram 63. Por esta chamada foram designadas as Filhas de Maria que moram aqui dentro da cidade para exercerem os cargos de catequistas aqui na séde.

Embora isso exija [sic] um pouco de sacrificio mas é para o bem de cada um, e afinal da coletividade. O Revmo. Pe. Francisco Portela concluiu, confiando que, onde existir uma verdadeira Filha de Maria, existirá também uma verdadeira Apostola de Jesus Christo.<sup>296</sup>

O papel da professora catequista pode explicar como o regulamento da Irmandade podia se ajustar à uma causa que não era, em princípio, o intuito da Pia União: a catequese na escola. No livro de atas das Filhas de Maria, registra-se o ingresso de três reconhecidas professoras, com destaque à Maria Gonçalves da Rocha Leal, à frente da Escola Normal de Limoeiro nos primeiros dez anos de funcionamento.

Declarou o Revmo. Diretor que mais três novos membros se alistaram na nossa associação os quais eram: Maria Gonçalves R. Leal, Luiza Feitosa Costa e Fca. Cornelia de Miranda.<sup>297</sup>

Maria Gonçalves, vinda de Juazeiro do Norte, assumiu a direção da Escola Normal com muita rigidez. O fato de não ser casada impunha a necessidade de fazer-se respeitar enquanto jovem educadora solteira e, para isso, o título de Filha de Maria auxiliaria na construção de respeitabilidade

<sup>295</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte* [...]. *Op. cit.* p. 139.

<sup>296</sup> Ata da reunião mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 01 de março de 1936. p. 26 F.

<sup>297</sup> Ata de Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 06 de março de 1938. p. 45V.

perante a sociedade limoeirense. Para a Igreja, uma garantia: saber que aquela em cujas mãos estava entregue a educação de inúmeras jovens do município, se regia pela norma, disciplina e vigilância da Pia União.

O ingresso das três professoras na irmandade das Filhas de Maria não passou pelo período probatório exigido no regulamento da associação, nem pela avaliação do grupo. Índícios de como a Igreja em Limoeiro ia adequando algumas regras da Pia União com seus projetos, entre eles, a catequese na sala de aula.

Educar a mulher e prepará-la para cumprir sua missão de educadora das gerações futuras foi uma estratégia posta em prática pela Igreja e, neste sentido, as Filhas de Maria eram uma importante ferramenta.

Confiante na eficácia do condicionamento que aplicava a essas mulheres, a Igreja apostou nas Filhas de Maria o sucesso de suas estratégias em momentos decisivos: o voto na LEC, o combate à modernidade dos trajes e dos costumes, o ensino e a catequese. Pontos importantes e que encontraram apoio em jovens de vestidos brancos, cabeças cobertas com véus e uma cintilante fita azul no pescoço.

Deste modo, a formação dessas mulheres e as leituras que faziam eram decisivas para que o modelo de moça católica, e ponto de apoio de muitas estratégias da Igreja, não sofresse desvios. Mesmo submetidas a um intenso discurso sobre a leitura, era necessário se precaver com relação aos livros que chegavam às suas mãos. Quando se tratava das Filhas de Maria, além de prescrever a leitura, a Igreja desejava fornecê-las, um meio de tentar diminuir as possibilidades de desvios. Neste sentido, em Limoeiro, o diretor da Pia União decide criar uma biblioteca para a irmandade, uma forma de garantir leituras edificantes para todo o grupo.

### 3.3. A Biblioteca da Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro

A história das bibliotecas é habitada pelo mito. Babel e Alexandria são dois pólos fundamentais desse imaginário.

A formação de uma biblioteca própria para as Filhas de Maria limoieirenses parece não ter sido tarefa fácil. O desejo e a necessidade de criar uma biblioteca direcionada às jovens marianas foi originalmente manifestado na reunião mensal da Pia União do dia 03 de maio de 1930, presidida pelo Pe. Edgard Saraiva Leão, que informou ao grupo a medida, designando, em seguida, as bibliotecárias e suas auxiliares.

Depois disse que ia fundar uma biblioteca na Matriz para as Filhas de Maria, em seguida nomeou para bibliotecárias as filhas de Maria; senhorinhas Maria Augusta Vieira Chaves, Maria Eunice Chaves Saraiva, Maria Consuelo Guedes, auxiliares, Maria da Penha Guedes, Maria Elodia Costa Craveiro.<sup>298</sup>

A biblioteca, como espaço de leitura edificante, parecia à Igreja local a melhor opção para afastar as jovens Filhas de Maria das más leituras e se constituía uma ferramenta a mais no esforço de formação moral e religiosa dessas senhorinhas. A idéia de partilhar livros na biblioteca seria a forma mais adequada de espalhar leituras piedosas entre as associadas.

Funcionando na igreja matriz da cidade, a biblioteca agregava uma aura de sacralidade. As leituras visavam a formação de jovens puras e castas, obedientes aos princípios e mandamentos da Igreja. Espaço de formação e controle, onde o hábito da leitura seria regido pela norma religiosa.

Preocupados com a disponibilidade de obras impróprias, a prédica, de teor normativo, sobre os cuidados na escolha dos livros, se repete no periodismo católico. Ensinar a vida nos livros, sem os devidos cuidados na escolha, podia ser caminho perigoso, .

Sei que não exagero e as leitoras de romances sabem, também, que eu não exagero. [...]

A cantilena é sempre a mesma: “Lemos o que encontramos”. Não é verdade: cada um lê aquilo que lhe agrada e se não encontra bons livros porque não os procura. Dizem outros: “Não é tanto assim: o que lemos não é tão ruim. É a vida e precisamos conhecer a vida” poderia eu responder que semelhante sistema pode levar muito

<sup>298</sup> Ata da Reunião da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro do dia 03/05/1930. p. 16 V.

longe; com esse andar, chegará o dia em que os livros já não serão suficientes para ensinar a vida.<sup>299</sup>

Para Maria Desidéria – que assinava a coluna – as leitoras católicas liam apenas o que lhes agradava, já que leituras piedosas não faltavam no mercado livreiro cearense, fato comprovado pelos anúncios diários de livrarias católicas. Para a leitora católica, ler era uma forma de “conhecer a vida”, e a preocupação da Igreja era que depois de satisfeita a curiosidade na leitura, essa buscasse então a experimentação na vida.

Um livro para ensinar a vida deveria trazer exemplos cristãos para que sua leitura sedimentasse e frutificasse os valores e princípios da fé. Por outro lado, não poderia apresentar ações negativas do ponto de vista moral, seu intuito principal deveria ser defender e servir à “causa da moral cristã”. É neste sentido que o padre J. Cabral define a forma e o conteúdo de um romance enquadrado como obra literária católica.

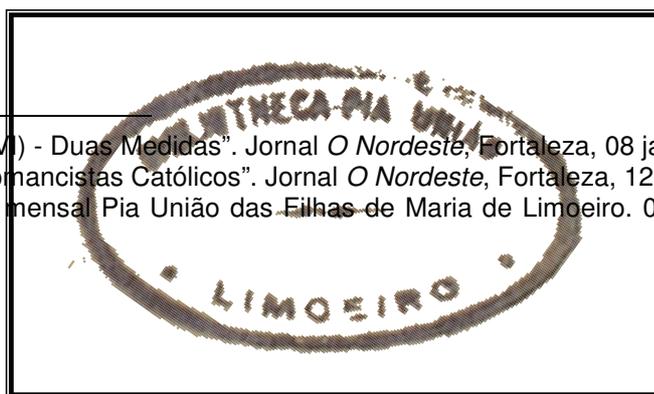
Em primeiro lugar, não deve exaltar e engrandecer o vício e o pecado, que devem sempre ser tidos e julgados como tais – um mal. Em segundo lugar, deve evitar pormenores escabrosos, cenas lubricas, que exaltam a sensualidade e colocam em perigo a paz da consciencia. Além dessas qualidades ou requisitos puramente negativos, se assim podemos expressar, para um romance ser considerado como obra literária católica é necessário que se inspire em idéias e princípios católicos, que os propague e defenda, tendo em vista servir á causa da moral cristã.<sup>300</sup>

O grau de dificuldade em conciliar as recomendações católicas sobre a leitura, com o gosto das Filhas de Maria e a escassez de recursos para formar um bom acervo para a Pia União parece ter sido elevado, considerando o fato que a Biblioteca da Pia União somente foi inaugurada um ano após seu anúncio, sem grande alarde e com um modesto acervo. Dessa forma, encontra-se no livro de atas, apenas um curto registro: “Foi ignaugurado a Bibliotheca da Pia União das Filhas de Maria, com uma mudestia instante [sic]”<sup>301</sup>

<sup>299</sup> “Semeando (XXV) - Duas Medidas”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 08 jan. 1929. p. 01 e 08.

<sup>300</sup> “Romances e Romancistas Católicos”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 12 jul. 1939. p. 04.

<sup>301</sup> Ata da Reunião Mensal Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 07 de junho de 1931. p.30 V.



*Figura 12 – Carimbo da Biblioteca da Pia União.*

Embora não se especifique o número de obras, o termo “modesta estante” dá a idéia de que o empenho em adquirir livros para a biblioteca da irmandade não obtivera êxito e que, durante um ano inteiro, o total de livros arrecadados era pequeno.

O acervo inicial da Biblioteca da Pia União não parecia despertar muito interesse no grupo. Com a maior parte das obras composta por livros piedosos, as Filhas de Maria pareciam dar sinais de que não procuravam por essas obras, visto que as reuniões mensais e suas obrigações com a leitura do Manual já lhes provinham de uma quantidade elevada desse tipo de leitura.

Formar um acervo mostrou-se uma tarefa coletiva, por isso as doações eram bem vindas e incentivadas. Essas doações eram feitas por sacerdotes, seminaristas e também por algumas mulheres, ligadas, de algum modo, à irmandade. Senhoras da sociedade, que já haviam feito parte da Pia União, e associadas colaboravam para a formação da biblioteca.

Foi ofertada à Biblioteca da Pia União um **romance intitulado a ‘Jovem Castelã’** de Henriqueta Brey, pela associada-presidente, Francisca Malveira.<sup>302</sup> [Grifo meu]

Incentivadas a colaborar na formação do acervo de sua biblioteca, cada doação ia se constituindo também um ato de liberdade na escolha dos livros. Liberdade de escolher e levar às estantes da Pia União o que desejavam ler. Embora as escolhas seguissem critérios, representava um avanço no que se refere à fuga da leitura piedosa dos livros de oração, presença quase exclusiva neste tipo de biblioteca. Se os assistentes eclesiais tinham claro, e respeitavam, os ditames sobre o que não se deveria ler, o mesmo não se pode

---

<sup>302</sup> Ata da Reunião mensal Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de julho de 1932.

afirmar das “generosas” doadoras e, no acervo da biblioteca, iam surgindo, títulos que, embora discretos, escapavam às leituras piedosas.

Ao que parece, em princípio, as doações por parte das associadas não eram incentivadas e a escolha e aquisição de livros ficava a cargo dos padres. No entanto, a necessidade de aumentar o acervo possibilitou uma abertura para que elas colaborassem com a aquisição de obras para a Biblioteca. Assim, somente depois de passados dez meses de sua inauguração é que aparecem nos registros da Pia União as primeiras doações feitas por associadas.

Livros offericidos á Bibliotheca da Pia União das Filhas de Maria. Estudos da Semana Social Mariana; Offerecido pelo seminarista Mizael Alves de Souza; O Bom Sofrimento, Oferecido pela Senhora D. Adelaide de Castro; Aventuras Duma Abelha, offerecido pelas senhoritas Ma. Consuêlho e Maria da Penha Guedes; As idéas de Agenor Madruga; e Dois Amigos e Outros Contos, offerecidos pelas senhoritas Maria da Penha e Maria Consuêlho Guedes.<sup>303</sup>

Os livros doados pelas Filhas de Maria, *Aventuras duma abelha*, *As idéias de Agenor Madruga*; *Dois amigos e outros contos* sugerem suas preferências de leitura, ampliando o gosto por leituras piedosas para leituras amenas, que divertem e distraem. Embora permaneçam os *Estudos da Semana Social Mariana*, e *O bom sofrimento*, de conteúdo religioso.

As obras da biblioteca da Pia União eram numeradas em ordem crescente, quantificando os livros do acervo. A partir do caderno de controle de empréstimos da Biblioteca da Pia União, é possível localizar as doações citadas. Com elas o acervo chegou ao número de setenta e uma obras. Passados quase dois anos do início do projeto da biblioteca da Pia União de Limoeiro, as associadas tinham à disposição menos de uma centena de livros em seu acervo.

Com a ajuda das associadas, o número de livros foi crescendo aos poucos, de modo que a Biblioteca da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro chegou, na década de 1940, a um acervo de mais de duzentos títulos. Na pesquisa levantou-se, nos cadernos de controle da Biblioteca da Pia União,

---

<sup>303</sup> Ata de Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 03 de abril de 1932.

um total de duzentos e treze títulos, levantamento incompleto, já que se dispõe apenas de parte dos cadernos de controle<sup>304</sup>.

Chegar à listagem de duzentos e treze títulos só foi possível graças ao cruzamento dos documentos disponíveis (livros de ata, cadernos de anotações, cadernos de controle da biblioteca). Desanimador é o fato de que este acervo tenha desaparecido. Sobre os mais de duzentos livros desta biblioteca não há informação segura da parte dos funcionários da Diocese de Limoeiro do Norte. O mais provável é que tenham sido incinerados há aproximadamente oito anos atrás, por ocasião de uma reorganização da Biblioteca do Seminário Diocesano de Limoeiro do Norte, para onde as obras teriam sido enviadas após sua retirada da Igreja Matriz da cidade.

Embora o número de livros possa parecer pouco significativo no contexto local, essa Biblioteca tinha um acervo razoável, como se vê na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros que, sobre as bibliotecas de Limoeiro do Norte, informa:

Contam-se as seguintes bibliotecas: Biblioteca do Padre José Falcão Freire, com 1000 volumes; Biblioteca do Seminário Diocesano Cura D'Ars (estudantil e particular), com 950 volumes, Biblioteca Mário Augusto Teixeira de Freitas, com 450 volumes (Agência Municipal de Estatística), Biblioteca Dr. Menezes Pimentel, com 300 volumes (estudantil). Biblioteca do Ginásio Diocesano Padre Anchieta, com 250 volumes (estudantil) e a Biblioteca Pública da Associação Cultural de Limoeiro do Norte, com 200 volumes.<sup>305</sup>

A enciclopédia não faz menção à Biblioteca da Pia União, entretanto, seu acervo, quase duas décadas antes, se aproximava do catálogo do Ginásio Diocesano e da Biblioteca da Associação Cultural<sup>306</sup>.

As informações da Enciclopédia dos Municípios também chamam a atenção para a posse de livros no município de Limoeiro relacionada à Igreja,

---

<sup>304</sup> Em virtude porém, da parcialidade do levantamento, acreditamos ser possível afirmar que o número de livros disponíveis para as associadas fosse maior, já que mesmo na listagem que construímos, conseguimos localizar um livro da Biblioteca da Pia União cujo número de controle era 247.

<sup>305</sup> *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Planejada e Orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Instituto Brasileiro de Estatística: Rio de Janeiro, 1959. Volume XVI. p. 355.

<sup>306</sup> Inaugurada em 1955, a Associação Cultural de Limoeiro do Norte era uma espécie de "clube", onde as famílias mais abastadas reuniam-se. Entre os eventos promovidos pela associação, havia os bailes, que contavam com a fina flor da sociedade limoieirense. As Filhas de Maria, entretanto não podiam comparecer à esses bailes, conforme rezava o próprio regulamento da irmandade.

afinal, a maior coleção de livros da cidade era de propriedade de um sacerdote, e duas das cinco restantes pertenciam ao Seminário e ao Colégio Diocesano.

### *3.3.1. Exercitando liberdades: a formação do acervo da Biblioteca da Pia União*

O poder das bibliotecas reside, enfim, em seu papel crucial na transmissão da cultura e dos saberes. As bibliotecas são os lugares da continuidade, mas também das rupturas da tradição.

Christian Jacob

Quando se fala de uma biblioteca formada para uma irmandade católica feminina, seu conteúdo pode parecer óbvio: livro de orações e hagiografias. Essa idéia se fortalece se considerarmos o discurso católico envolvendo a leitura, condenando os romances e outras obras que não difundissem as idéias de moralidade e decência estabelecidas pela Igreja.

A dificuldade do clero, pouco numeroso, para formar com recursos próprios uma boa coleção de obras católicas recomendadas ao público feminino era evidente. Como em todos os empreendimentos da Igreja no município, não tardou que a ajuda dos fiéis – especialmente das Filhas de Maria – fosse necessária a fim de que se levasse o projeto adiante.

Entretanto, formar uma biblioteca é uma tarefa que tem suas particularidades. Diferentemente de erguer uma capela, um palácio episcopal ou reformar uma igreja – tarefas às quais a população limoieirense acorria rapidamente doando tijolos, telhas, madeira – doar livros exigia um certo conhecimento. Não bastava o desejo de ajudar, era necessário saber como ajudar. Saber escolher a melhor obra, avaliar se estava de acordo com os preceitos morais, enfim, entrar num mundo de conhecimentos e regras que fugia das atividades cotidianas, ligadas às plantações de algodão, ao cultivo de carnaubais ou à criação de gado.

Certamente por esta razão, a campanha em prol da formação de uma biblioteca para as Filhas de Maria ficou restrita àqueles que tinham ligação com a Irmandade, o que limitava bastante os colaboradores dessa empreitada.

Diante destas dificuldades, as fontes dão indícios de certa abertura que a biblioteca veio propiciar dentro da irmandade. A dificuldade de acúmulo de obras piedosas para a leitura das associadas da Pia União representou um espaço de manobra e de exercício de liberdade para as Filhas de Maria. E, nesse espaço, a possibilidade de, por meio de táticas e astúcias, forjar a marca dessas mulheres leitoras.

Sabe-se pouco sobre as práticas e os hábitos de leitura dessas mulheres, devido às limitações das fontes frente à imaginação histórica. Entretanto, é possível supor que o espaço da biblioteca das Filhas de Maria se tornou um referencial de leitura para as jovens católicas que visitavam o acervo com os olhos atentos aos dorsos das obras que figuravam em suas “modestas estantes”. As obras que lá encontravam, certamente marcaram as experiências de leitura e de vida desse grupo de mulheres.

As experiências de leitura no âmbito da irmandade das Filhas de Maria ficaram registradas em suas memórias de forma indelével. Lucimar de Oliveira, associada da irmandade, ao rememorar sua vida de Filha de Maria, destaca a influência marcante da Biblioteca e recorda os títulos dos jornais e outras publicações disponíveis no acervo da Pia União.

Padre Edgar Saraiva Leão – a influência mais marcante e mais forte.  
[...] Através dele conhecemos toda a ‘Biblioteca das Filhas de Maria’,  
os jornais ‘Mensageiro da Fé’ e ‘Amigo da Infância’. [...] <sup>307</sup>

O depoimento de Lucimar chama atenção, uma vez que diante de tantos aspectos da vida paroquial do sacerdote, é a biblioteca e as experiências em torno da leitura que ela destaca.

Márcia Abreu afirma que “A leitura não é uma prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder”<sup>308</sup>. Ao permitir que suas associadas colaborassem na formação do acervo, o se deu às Filhas de Maria limoieirenses

---

<sup>307</sup> In: BRANCO, João Olímpio Castello. *O Limoeiro da Igreja* [...]. Op. cit. p. 161.

<sup>308</sup> ABREU, Márcia. Prefácio: percursos da leitura. In: *Leitura, história e história da leitura: associação da leitura do Brasil*. São Paulo: Fapesp, 1999. p. 15.

um espaço dentro da irmandade, ao qual não estavam habituadas. Tuteladas em suas leituras, era necessário saber usar de forma eficiente este espaço em busca de obras interessantes e desejáveis.

Via de regra, o diretor espiritual da Pia União era também o pároco da cidade, e, como tal, com inúmeras obrigações. Além de cuidar de sua paróquia, da coleta para as obras da Igreja, andava às voltas com as disputas políticas locais.<sup>309</sup> Assim, restava pouco tempo para ler os livros doados à biblioteca.

A hierarquia da Igreja recomendava e orientava seus padres no combate às leituras perigosas. Na *Revista Eclesiástica Brasileira*, os membros do clero debatiam sobre os perigos da leitura, bem como da necessidade de vigiá-la. O livro imoral é sedutor e, nas horas silenciosas e solitárias, livros entre as mãos, o controle dos pensamentos, sentimentos e sensações era limitado.

[...] nunca será bastante deplorar o gravíssimo dano, como acima ficou dito, que para as almas resulta desse dilúvio de **livros tão imorais quão sedutores**. Porque muitos pintam com as côres mais vivas cenas impudicas, e com desprezo dos mais elementares deveres de reservas contam, ora com palavras veladas, ora afrontosa e abundantemente, os episódios mais obscenos, descrevem até os seus recônditos pormenores, com todos os rebuscamentos do estilo e todos os refinamentos da arte, de maneira a não deixar intato nada do que toca à honestidade dos costumes. A qualquer ocorre **quanto é isto pernicioso, sobretudo às pessoas jovens, em quem o ardor da idade torna a continência mais difícil**. [...] **Quem não sabe que elas excitam temivelmente a imaginação, acendendo as paixões mais desenfreadas e arrastando o coração ao lamaçal de todas as torpezas?**<sup>310</sup> [Grifos Meus]

A leitura que seduz, o prazer do proibido e do imoral, seria mais irresistível aos jovens, cujos arroubos da idade tornava-lhes fracos diante das tentações. As descrições dos livros “imorais”, expondo sem pudor a vida e o sexo, matéria velada às jovens católicas, podiam despertar sua imaginação,

<sup>309</sup> As disputas políticas no município também envolviam o clero. Os párocos acabavam se identificando com um dos dois grupos políticos que disputavam o poder na cidade, e esse envolvimento determinava as destituições e também as escolhas daqueles que ficariam à frente da paróquia. A religiosidade do povo limoieirense era muito forte e, segundo o censo de 1940, 99,16% da população era católica, por isso a figura do pároco e seu apoio a determinado grupo político tinham um peso muito grande no município.

<sup>310</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 4, fasc. 2, junho 1944. Pequenos Casos Pastorais – Romances imorais e realistas. p. 427. Em todas as citações da REB, manteve-se a grafia do documento original, inclusive os erros de ortografia.

acender paixões e influenciar ações moralmente condenáveis. Era o medo das horas solitárias em companhia do livro, no torpor da noite e das sensações despertadas pelo enredo de uma obra.

Os padres e assistentes eclesiais deveriam ser vigilantes, acompanhando a edição e a venda de livros, procurando inibi-las quando necessário. Para a Igreja, era uma estratégia mais eficaz evitar que as obras pecaminosas viessem a público.

É preciso, pois, que os Ordinários do lugar a quem compete conservar a sã doutrina ortodoxa, e defender os bons costumes por si mesmos ou por meio de sacerdotes idôneos, vigiem sobre os livros que se editam ou estão a venda no próprio território e proibam aos seus súditos a aqueles que julgarem merecedores de tal condenação.<sup>311</sup>

A *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), criada em março de 1941, pela Editora Vozes, se dirigia ao clero brasileiro. Em suas edições vê-se a participação de padres de várias partes do país, ora como missivistas, ora publicando artigos que visavam esclarecer dúvidas e orientar os sacerdotes em suas paróquias.

A revista funcionava como uma tribuna impressa, onde as discussões teóricas davam espaço às questões práticas que envolviam o exercício do sacerdócio, tornando-se assim um espaço de discussão de todos os assuntos relacionados à religião, por isso, seu lema era: “revista do clero, feita pelo clero, para o clero”.

Que riqueza advirá, pois, para todo o clero, da permuta de idéias, da focalização dos interesses eclesiais e de sua discussão nas páginas duma revista equivalente a uma tribuna, donde se tem como ouvinte, o padre brasileiro do Amazonas ao Prata.

É nesta equação dos valores que possuímos e das necessidades que sentimos que reside a razão de ser, e a garantia de continuidade da “Revista Eclesiástica Brasileira”.

É ainda nesta equação que se assenta o seu programa. Uma revista para a vida concreta com seus múltiplos problemas, e portanto científica e prática. Tudo quanto haja de permeio entre a exposição teórica da religião e sua aplicação prática, entra no programa. É difícil esquematizar a vida. Por isso nossas secções não se limitam à Teologia Dogmática, Moral, Pastoral, Direito Canônico, Exegese, Homilética, Catequética, Liturgia, Ascética, etc., mas comportam qualquer assunto, desde que se relacione com as coisas de religião [...]

<sup>311</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, Vol. 4, março 1944. Editora Vozes Ltda: Petrópolis, RJ. p.167

A idéia da revista obedeceu ao lema: revista do clero, feita pelo clero, para o clero.<sup>312</sup>

Se a imprensa católica iniciava o julgamento de um livro desde sua capa, em Limoeiro a aprovação de um livro para a biblioteca da Pia União parecia girar, sobretudo, em torno do título da obra. As obras incorporadas ao acervo da Pia União traziam títulos austeros: *Magna Peccatrix*, *O Sinal da Cruz*, entre outros, tornavam insuspeitos os romances que iam aos poucos povoando as prateleiras da biblioteca, mesmo depois das constantes recomendações do diretor, que condenava os romances de forma geral.

Seguidamente deu início a Instrução, continuando o tema já exposto na última sessão – o 3º. Mandamento da Lei de Deus. Disse da obrigação restrita que tínhamos de o observarmos na íntegra, isto é, sendo solícitas em comparecermos á Missa **nos dias santificados, abstendo nos também de trabalharmos nesses dias entregando-nos antes á leituras sans e moralistas – verdadeiros exercícios da perfeição espiritual, ao emvez de romances profanos que pervertem o coração e envenenam a alma.**<sup>313</sup> [Grifo meu]

Embora com títulos insuspeitos e aprovação do diretor, o conteúdo de certas obras que figuravam no acervo não estava totalmente em sintonia com as recomendações católicas e as próprias associadas admitiam o caráter ímpio de certos livros.

Tinham uma biblioteca, não era muito grande não. Eram livros mais sobre religião e romance. Li uma vez aquele “O Sinal da Cruz”, é um romance. E era até pesado esse romance... [risos]. Pra época, né....[risos]<sup>314</sup>

Os romances formavam uma parte considerável dos livros da biblioteca da Pia União. Essas obras eram, em sua maioria, escritas por autores desconhecidos do grande público e traduções, principalmente do francês, como aquelas da *Biblioteca das Moças*. Entretanto, contrastando com o tom romancado de seus enredos, as obras presentes nas estantes da Pia União não traziam no título alusão a sentimentos mundanos ou carnais, nem referiam diretamente à fantasia, aos sonhos, ao amor ou à paixão.

<sup>312</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, Vol. 1, março-junho 1941. Editora Vozes Ltda: Petrópolis, RJ. p. 03

<sup>313</sup> Ata de Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 07 de maio de 1933. p. 48 V e 49 F.

<sup>314</sup> Eliete Saraiva. Entrevista concedida à autora, em Limoeiro do Norte, no dia 17 de fevereiro de 2008.

Embora não fosse uma regra estabelecida oficialmente, visto que não constava nos regulamentos da irmandade, as Filhas de Maria parecem ter entendido que títulos discretos teriam maior facilidade de aprovação. Na tarefa de avaliar as obras doadas, o diretor espiritual contava com a ajuda das resenhas publicadas no periódico católico *O Nordeste*. Entretanto, recomendava-se que os sacerdotes fossem “mais intransigentes” e atenciosos no julgamento e aprovação de obras. Ideal seria que o assistente eclesial da Pia União lesse cada obra doada à biblioteca, condenando quaisquer excessos, conforme os conselhos da REB:

Eu tenho para mim (posso estar enganado) que deveríamos, sobretudo nós sacerdotes, ser mais intransigentes em julgar os escritores, condenando sempre, sem tergiversões (sic) o excesso de pintura das paixões, o depravado gosto da arte literária que sacrifica ao artístico o belo moral. [...] <sup>315</sup>

Considerando que as resenhas publicadas n’*O Nordeste* funcionavam como ferramentas no auxílio à função censora que o diretor espiritual da Pia União assumia frente a Biblioteca, optou-se aqui por fazer um cruzamento entre os títulos presentes no acervo da Pia União e a listagem de resenhas publicadas no periódico.

A partir desse cruzamento, pode-se verificar que, das obras do acervo da Biblioteca da Pia União, somente uma pequena parcela fora resenhada pelo jornal católico. Essa parcela corresponde à aproximadamente 4,69% das obras, e estas, em sua maioria, são obras de caráter religioso. Neste sentido, e apoiando-se ainda na ausência de referência à doação dessas obras, pode-se inferir que tais obras foram adquiridas pelos próprios sacerdotes.

Essa ausência dos títulos resenhados pelo *O Nordeste* caracteriza-se como uma forma de burlar a vigilância do diretor da irmandade em torno das leituras que desejavam fazer. Neste sentido, as obras doadas pelas Filhas de Maria não figuravam entre aquelas recomendadas pelo Jornal Católico - leituras edificantes, sem grandes atrativos - embora também não estivessem entre as obras que o jornal desaconselhava. Na ausência de tempo do diretor, para ler e analisar com atenção essas obras desconhecidas, com títulos

---

<sup>315</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 1, março-junho 1941. Editora Vozes Ltda. Petrópolis: Rio de Janeiro. p. 98-99.

insuspeitos e cuja leitura não fora desaconselhada pelo jornal católico, as doações das associadas iam sendo aceitas, tidas como obras inofensivas.

Embora se encontrasse no acervo da Biblioteca da Pia União obras religiosas como livros de orações e exercícios espirituais, estes não constituíam a maioria, e não eram as mais tomadas de empréstimo pelas associadas.

Na coleção literária mariana, é o número de romances e contos que despertam a atenção, não obstante sua leitura, no discurso do clero e da imprensa católica, fosse vista sempre como perda de tempo, de dinheiro e da inocência, uma vez que os romances não passavam de enredos fantasiosos que instigavam a imaginação nas horas de ócio.

Inutilizar o tempo – é o que faz aquelle que lê romances: inutiliza, desperdiça o tempo.

Que vem a ser um romance? Vem a ser uma phantasia, um castello no ar, como essas phantasias, esses castellos que um indivíduo qualquer vae engendrando quando deixa correr livremente a sua imaginação.

Si esse individuo quiser escrever o que a sua imaginação lhe representou num tempo mais ou menos longo, eis um romance que vae entreter os ociosos e dar lhes matéria para elles também escreverem outros romances que poderão dar leitura inútil a outros ociosos.<sup>316</sup>

Para a Igreja, qualquer tentativa de classificar a leitura de romances como proveitosa e instrutiva era condenada. Mesmo permitindo que algumas obras desse gênero fossem lidas – depois de verificada a ausência de passagens que atentassem contra a Igreja ou a moral – o romance permanecia como símbolo de leitura inútil e potencialmente perigosa.

Se o intuito era a buscar instrução, a leitora deveria procurar “livros sérios”, que contavam a história sem a interferência da imaginação, e podiam ensinar mais em menos tempo. Leitora “ajuizada” não buscava instrução em romances, nem se deixava enganar pelas denominações que esse gênero pudesse adquirir. Neste sentido, a crítica católica voltava-se contra o chamado “romance histórico”, considerado por muitos como mais educativo, visto que os enredos tinham um fundo “real”, ao contrário do “romance comum”, fruto de “imaginações exaltadas”. Acusava-se o “romance histórico” de diluir seu

---

<sup>316</sup> “Inutilizar o tempo”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 07 jun. 1928. p. 02.

escasso conteúdo instrutivo em páginas “puramente imaginárias”, desvirtuando o conhecimento que poderia ser adquirido de forma mais rápida e sólida em “livros sérios”. Na crítica feita pelo Padre Antonio Azevedo, na coluna Notas à Margem, os chamados “romances históricos” eram apontados como engodos aos desavisados:

Os romances communs não aproveitam nada, são parto de imaginações exaltadas.

Por isso alguns lêem os que se chamam romances históricos que têm um fundo real.

Mas compare-se o que nestes livros é histórico com o que é puramente imaginário, e achar-se-á que o histórico é em geral tão limitado que se podia reduzir a poucas paginas.

E ahi está como a denominação romance histórico só engana os bôbos, porque os ajuizados bem sabem que em poucos minutos se podia aprender num livro serio, aquillo que no romance histórico só se pode aprender, depois de alguns dias, visto estar diluído em multidão de paginas puramente imaginarias.

- Leitor, si quer saber alguma cousa, busca livros sérios. Os romances, seja qual for o nome com que se enfeitem, só servem para fazer perder o gosto pela leitura sólida e moral.<sup>317</sup>

Em virtude do desaparecimento do acervo da Pia União, não foi possível ter acesso direto às obras que as Filhas de Maria liam em sua biblioteca. Neste sentido, para prosseguir com a classificação das obras quanto ao gênero literário, buscou-se em trabalhos historiográficos que tratavam de leituras piedosas e de romances<sup>318</sup>, referências às obras do acervo mariano limoeirense.

Por outro lado, a pesquisa em sebos e bibliotecas, que permitiu a localização de alguns dos títulos presentes na biblioteca da Pia União, e as resenhas e anúncios publicados no periódico católico *O Nordeste* também nortearam, a classificação das obras. Em alguns casos, o próprio título da obra permitiu sua classificação, embora se atente ao problema de determinar gêneros a partir dos títulos. Robert Darnton lembra que “os títulos dizem muito sobre um conteúdo, pelo menos em certos casos. Ninguém tomaria ‘Venus dans le cloître’, ou ‘La Religieuse em chemise’, por um breviário.”<sup>319</sup>. Tampouco

<sup>317</sup> “Notas à Margem – Romances Históricos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 31 mai. 1928. p. 02.

<sup>318</sup> Entre eles podemos citar PAIVA, Aparecida. *A Voz do veto* [...]. Op. cit.; CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução* [...]. Op. cit.

<sup>319</sup> DARNTON, Robert. *Edição e Sedução: O universo da literatura clandestina no século XVIII*, trad. Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Cetras, 1992. p. 16.

tomar-se-ia *O romance de Laura* – uma das obras da Biblioteca da Pia União – como um livro de exercícios espirituais.

A década de 1930, no mercado editorial brasileiro, é marcada pelo aparecimento de grandes coleções de romances, que, para alguns, representam o marco inicial de uma indústria editorial brasileira. De acordo com José Paulo Paes,

“só a partir dos anos 30 pode-se falar em indústria editorial brasileira e, não por acaso, as décadas de 30 e 40 assistem ao aparecimento das grandes coleções de literatura de entretenimento: *Biblioteca das Moças*, de romances sentimentais; as coleções *Terramarear* e *Paratodos*, de romances de aventura [...] Compostas só de obras traduzidas, principalmente do francês e do inglês, explorando habilidosamente os filões da sentimentalidade e da aventura, essas coleções conquistaram uma ‘legião de leitores e assinalaram os primórdios da invasão do best-seller estrangeiro, facilitada e estimulada pela ausência de similares nacionais’<sup>320</sup>

Foram esses romances que também alimentaram o gosto de leitura das Filhas de Maria limoeirenses. Embora esses livros retirassem sua matéria do mundo do sonho e da fantasia, dos contos de fada, também traziam como pano de fundo os ensinamentos e valores morais recolhidos no proselitismo da Igreja católica, o que acabava por caracterizá-los também como obras moralizantes, onde os pecadores são castigados exemplarmente e os justos recebem a recompensa. De acordo com Maria Teresa Santos Cunha, esses romances

“eram do gênero romance-folhetim e as histórias narradas privilegiavam o amor como sentimento todo poderoso, capaz de vencer barreiras sociais e fazer a heroína, em geral órfã ou “enjeitada”, casar com o heróis, aristocrata e rico. Afinal, um eco da moral dos contos de fadas. As histórias sempre terminavam em casamento [...] a punição dos anti-heróis, o reencontro dos abandonados com os abandonadores, o casamento feliz nos moldes da Igreja Católica confirmavam o caráter de obras edificantes.<sup>321</sup>

Mesmo com uma carga de ensinamentos morais e heroínas religiosas, os sacerdotes insistiam que mesmo os bons romances não deveriam servir de passatempo às Filhas de Maria. Por esta razão, o Manual da Pia União,

<sup>320</sup> Cf. CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução* [...]. Op. cit. p. 35-36.

<sup>321</sup> Idem. p. 35.

combatia todos os tipos de romance – pelas fantasias que podiam despertar – e orientava:

[...] se abstenham completamente de conversações maliciosas, seja com quem for, da leitura de livros maus, romances lúbricos e profanos, evitando o possível mesmo os bons romances, sempre perigosos para a juventude [...]<sup>322</sup>

O discurso da Igreja condenando os romances é caudatário do discurso corrente no século XIX, onde os romances, mesmo aqueles não ofensivos à moral eram vistos com desconfiança, pois tirava os rapazes de atividades proveitosas e exaltava a imaginação das moças, de acordo com Leila Mezan Algranti,

Para alguns [...] todos os romances – independentemente de seus conteúdos – deveriam ser censurados ‘porque mesmo que alguns possam ser inocentes e sirvam para recreio, tais leituras desviam os mancebos das aplicações proveitosas, exaltando a imaginação das pessoas moças do sexo feminino’<sup>323</sup>

A *Revista Eclesiástica Brasileira* observava que a leitura era potencialmente perigosa porque tocava as sensibilidades. Somente o leitor destituído de paixões e de sensibilidade não deveria ser temido, de outro modo, a leitura se transformava numa ameaça, em virtude das tendências ao pecado que o leitor – e especialmente a leitora – carregava consigo.

[...] Se todos os que lêem, fossem leitores sem sensibilidade e sem paixões, a leitura seria destituída do perigo de que a responsabilizamos e não haveria nela esse perigo que ameaça até o futuro de um povo. Infelizmente, porém, devemos sempre contar com as conseqüências do primeiro pecado em nós. [...]<sup>324</sup>

Para a REB, o efeito perigoso da leitura estava na imaginação do leitor quando o livro se fechava, pois as imagens recriadas e revividas ao final da leitura excitavam os sentimentos e comprometiam a moralidade. Era a forma como tocava a sensibilidade do leitor, despertando-lhe paixões e sensações, que determinava se uma leitura era boa ou má.

<sup>322</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit.* Estatutos. p. 53.

<sup>323</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: Ensaio de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec – Fapesp, 2004. p. 149.

<sup>324</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 1, março-junho 1941. Editora Vozes Ltda. Petrópolis: Rio de Janeiro. p. 99.

A impressão final é a que resta, não no espírito, mas na imaginação e na sensibilidade, quando fechamos o livro ou o pano cai. É o estado, indeciso, por vezes, da alma, em que pairam todas as imagens, todos os sentimentos, sucessivamente excitados pelo espetáculo ou a leitura. Ora desta confusão do primeiro momento, desprende-se uma disposição geral, efeito dos quadros contemplados e das emoções recebidas, mais que dos pensamentos e das teorias, espécie de contágio da atmosfera moral que envolve a obra toda. Esta impressão é que faz em última análise, um livro bom ou mau.<sup>325</sup>

Embora a Igreja combatesse os romances, “mesmo os bons”, por medo das fantasias que podiam despertar, os romances escolhidos para a biblioteca da Pia União eram as leituras mais procuradas em suas estantes.

Livros como o romance *Magna Peccatrix* é exemplo do tipo de leitura tolerado pela Igreja – ainda que fosse por considerá-lo um mal menor – diante da insistência feminina pela leitura de romances. Com o subtítulo “romance dos tempos de Jesus”, seu enredo constrói o arquétipo de um amor fantasiado, porém aceitável. Este livro é exemplo também das preferências das Filhas de Maria limoeirenses, recorrente nas listas de empréstimos da biblioteca.

Parte dos romances do acervo das Filhas de Maria pertencia à coleção *Biblioteca das Moças*, cujos livros eram aceitos, com uma ou outra ressalva, como leitura das jovens católicas. Nessa coleção, as associadas da Pia União manifestavam preferência por M. Delly. Dos dez romances da coleção *Biblioteca das Moças*, presentes no acervo da Pia União, seis eram de autoria dos irmãos franceses que escreviam sob o pseudônimo M. Delly.

Os livros dos irmãos La Rosière eram marcados por fortes traços de conservadorismo e suas heroínas andavam às voltas com o fervor religioso, o que despertava nas Filhas de Maria limoeirenses certa identificação com as jovens personagens da ficção. De acordo com Maria Teresa Santos Cunha, nesses romances não havia espaço para contatos físicos ou descrições detalhadas do corpo, e a sexualidade feminina ficava restrita aos preceitos do catolicismo<sup>326</sup>.

Educadas para o casamento ou para a vida religiosa, as heroínas de M. Delly eram belas e recatadas. Talvez por embalarem os sonhos das jovens marianas limoeirenses, para quem o recato era uma obrigação, as obras de M.

<sup>325</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 1, março-junho 1941. Editora Vozes Ltda. Petrópolis: Rio de Janeiro. p. 99.

<sup>326</sup> Cf. CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução* [...]. Op. cit. p. 98.

Delly, mais do que a *Biblioteca das Moças* em si, agradavam às leitoras da Pia União.

Os romances escritos por religiosos também estavam presentes no rol de leituras das Filhas de Maria. Nomes como o de frei Sinzig figuravam no dorso de livros românticos e de conteúdo moralizante, dentro dos parâmetros estabelecidos pela Igreja católica.

Dos romances publicados por Sinzig, de sua escrita ou tradução, a Biblioteca das Filhas de Maria dispunha de quatro: *Tempestades*, *Pela mão de uma menina*, *Ai! Meu Portugal* e *A Jovem Castelan*. Exemplo de obras recomendadas em contraponto as “más obras”, já que o gosto feminino por esse gênero a Igreja não conseguiu dissipar.

O Padre Huberto Rohden era outro religioso cujas obras constavam do acervo da Pia União; seus livros, giravam em torno de questões religiosas e vida de santos. Aclamados pela imprensa católica, os livros desse religioso recebiam elogios e eram sinônimo de leitura edificante. Cada obra publicada pelo padre Rohden ia sendo aclamada pela imprensa católica, que se encarregava de publicar comentários elogiosos. É o caso do livro *Jesus Nasareno*, “um livro que se lê com agrado e proveito”.

Um grande e grosso volume de mais de 500 paginas. Porém, um livro que se lê com agrado e proveito. É, digamos, uma historia romanceada da vida de Jesus, rigorosamente calcada sobre os textos evangélicos e deliciosamente escripta em estillo desprentencioso, de uma encantadora singeleza. [...] <sup>327</sup>

Ao classificar a obra como sendo “uma história romanceada”, a crítica do jornal buscava atribuir-lhe o qualificativo de leitura “desprentenciosa”, leve e agradável, em contraponto ao estigma de obra religiosa, longa e enfadonha.

No entanto, quando já gozava de reconhecimento da Igreja católica, Huberto Rohden passou a propor uma forma diferenciada de interpretar e pregar o evangelho, defendendo uma visão de cristianismo diferente daquela aceita pela maioria do clero brasileiro<sup>328</sup>. Assim, os livros escritos por Rohden, defendendo a visão de um “cristianismo integral”, desagradavam a crítica

<sup>327</sup> “Que dizem do livro ‘Jesus Nasareno’”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 04 dez. 1935. p. 03.

<sup>328</sup> A respeito das polêmicas e conflitos envolvendo a atuação do Padre Huberto Rohden ver: ALVES, Elza Daufenbach. *Nos bastidores da Cúria: desobediências e conflitos relacionais no intra-clero catarinense (1892-1955)*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2005.

católica, que os acusava de apreciações dúbias acerca dos ensinamentos bíblicos e da Igreja e, por isso, passaram a ser vistos como não recomendados e até “perigosos”.

‘Em Espírito e Verdade’, de Huberto Rohden, é um livro cheio de insídias e dubiedades. Desde de ‘Jesus Nazareno’ que os escritos de P. Rohden vêm mostrando uma certa tendência em distinguir a doutrina do Evangelho da doutrina da Igreja Católica. [...] Os leitores mais desatentos perceberam que os livros ‘Paulo de Tarso’ e ‘Problemas do Espírito’ continham algo que não soavam bem aos ouvidos católicos. Não houve, que saibamos, críticas abertas e públicas a esses livros. Mas quasi todos os que os leram sentiam um grande desagrado. Mas o último livro do P. Huberto Rohden [‘Em espírito de Verdade’] é francamente perigoso.<sup>329</sup>

A biblioteca das Filhas de Maria contava com algumas obras de Rohden, mas somente aquelas que tiveram a leitura recomendada pela imprensa católica. *Alegorias, Esplendores da Fé, Maravilhas do Universo*, além da mais conhecida e aclamada, *Jesus Nasareno*, faziam do padre Rohden, ao lado de Sinzig, os autores católicos mais lidos pelas associadas da Pia União limoieirense.

A hagiografia formava parte significativa do acervo mariano. Ao todo, vinte e cinco livros contavam as vidas de santos e santas. O número de narrativas de vida de mulheres santas era superior às masculinas, com dezessete títulos. Cinco delas dedicadas à vida de Maria e suas virtudes, visando ajudar as leitoras a conhecer e introjetar modelos de virtude e comportamento piedoso.

**Vidas de Santos**  
(Acervo da Biblioteca da Pia união das Filhas de Maria)

-----  
**Hagiografia Feminina**  
-----

*A esposa do sol*  
*A humilde Virgem Maria*  
*A vida da Mãe de Jesus*  
*A vida da Santíssima Virgem*  
*A Vida de Santa Bernadete*

<sup>329</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 2, fasc. 1, março 1942. Editora Vozes Ltda. Petrópolis: Rio de Janeiro. p. 164-165.

*Glórias de Maria Santíssima*  
*Margarida Maria Alacoque*  
*Maria Goretti - "3 Folhetes"*  
*Maria Magdala*  
*Santa Bernadete*  
*Santa Izabel da Hungria*  
*Santa Margarida de Cortona*  
*Santa Mônica*  
*Santa Tereza do Menino Jesus*  
*Vida de Maria Mãe de Jesus*  
*Vida de Santa Inez*  
*Vida de Santa Luiza de Marillac*

**Total → 17**

### **Hagiografia Masculina**

*A vida de Jesus*  
*Jesus Nasareno*  
*Jesus Rei do Amor*  
*O filho do homem*  
*Santo Antônio - Maria Zacarias*  
*Santo Antonio de Pádua*  
*São Tarcisio*  
*Vida de São Francisco de Assis*

**Total → 08**

*Tabela 01 – Acervo de Hagiografias – Biblioteca da Pia União de Limoeiro*

Os religiosos e religiosas que dedicaram sua vida ao catolicismo, mulheres místicas e/ou estigmatizadas, também figuravam nas obras disponíveis às Filhas de Maria. Exemplos de sacrifício e fidelidade à Igreja Católica, personagens mais acessíveis como modelo, uma vez que não haviam alcançado a santificação, elevação espiritual máxima.

## **Biografias de Religiosos/Religiosas**

### **Acervo da Biblioteca da Pia união das Filhas de Maria**

#### **Femininas**

*A vida da bem aventurada Maria Crescência*  
*Berta D'Alemanha*  
*Catarina Labouré*  
*Irene*

*Madre Antonia*  
*Madre Maria Crescencia Hoss*  
*Tereza Neumann*  
*Vida de Madre Antonia*  
*Vida de Margarida Sinclair*  
*Zélia*

**Total de Biografias de Religiosas → 10**

**Masculinas**

*Angelino Anselmi*  
*Dom Pio de Hemptinne*  
*A vida de Pe. Anchieta*  
*Um grande Brasileiro*

**Total de Biografias de Religiosas → 04**

*Tabela 02 – Biografias de Religiosos/Religiosas – Biblioteca da Pia União de Limoeiro*

Essa leitura das Filhas de Maria agregadas às leituras coletivas nas reuniões mensais – que versavam sobre culpas e pecados – parecem ter despertado, nas associadas da Pia União, um excesso de escrúpulos e medo do pecado. Assim, a leitura de obras piedosas mostrava seus efeitos e as influências da leitura religiosa podiam ser verificadas no comportamento de algumas associadas que, às voltas com o medo do pecado, também despertaram a atenção do diretor espiritual, que procurava corrigir os “excessos de escrúpulos” das Filhas de Maria.

O medo do pecado, inculcado no espírito das Filhas de Maria, parecia causar perturbação, motivando a sensação de estarem incorrendo em pecado, o que poderia ocasionar inconvenientes. O diretor da Pia União buscava atenuar o temor nas pregações.

A instrução versou sobre os Escrupulos definindo por uma doença física e moral, que produz na consciencia uma especie de pertubação e lhe faz receiar por motivos futeis, de ter ofendido a Deus.

Para melhor conhecermos a sua natureza, explicou-nos a sua proveniencia e seus graos e a distinção entre êle e a consciencia delicada.

O escrupulo provem umas veses d’uma causa puramente natural, outras d’uma intervenção sobre-natural sobre o aspecto natural é muitas veses uma doença física e moral.

Física porque é uma especie de depressão nervosa, que torna mais difficil a acertada apreciação das coisas moraes, e tende a produzir sem motivo serio, o pensamento de que se está em pecado.

Moral que produz o mesmo resultado; um espírito mal esclarecido que se representa [ilegível] como um juiz não somente severo mas implacável que nos atos humanos confunde a impressão com o consentimento, e imagina ter pecado.<sup>330</sup>

A constância das leituras piedosas, aliada ao conteúdo das pregações dos sacerdotes, tornava difícil livrarem-se do sentimento de culpa e de pecado. Diante de ensinamentos rígidos e exemplos santos, era penoso livrar-se dos “escrúpulos”, e o pecado parecia rondar na consciência como um fantasma, acusando-as por sua natureza fraca. O fato de serem mulheres, com pensamentos e desejos nem sempre em sintonia com o tom piedoso das hagiografias, e carregarem consigo a ânsia de conhecer um mundo de sensações que lhes era negado pela Igreja, parecia causar-lhes perturbação.

A leitura não deveria despertar sonhos e fantasias carnavais e mundanas, tampouco despertar impressões místicas e devocionais extremadas. Desta forma, a biblioteca da Pia União merecia cuidados até mesmo com as obras piás modelares, devido aos efeitos exagerados que esse tipo de literatura podia suscitar. Em seu estudo sobre os hábitos de leitura nos claustros dos séculos XVII e XIX, Leila Mezan Algranti verificou que as leituras de vidas exemplares eram temidas pelos excessos que podiam suscitar,

[...] havia certas obras que, embora permitidas pelos órgãos censores, eram temidas justamente pela forma como poderiam ser lidas. Nesse caso incluem-se as que podiam despertar nos fiéis excessos que fugiam ao controle da Igreja, como no caso dos livros de mística ou vidas exemplares, que incentivavam o visionismo, os autoflagelos e os idéias de santidade.<sup>331</sup>

Em meio às mudanças sociais, não eram apenas as leituras do acervo da biblioteca que atraíam as associadas. A biblioteca da Pia União das Filhas de Maria não era o único espaço de leitura que elas podiam dispor na cidade.

Na década de 1930, a cidade de Limoeiro também passou a contar com uma livraria. Nas prateleiras da Livraria São Sebastião, as possibilidades de leitura eram novas. Lá encontravam-se os livros direcionados às Filhas de Maria, como o *Manual da Pia União* e os livros doutrinários e de oração. Mas também outras leituras, entre elas livros e revistas que apontavam para os “ares modernizadores”. Novos mundos, novas imagens de mulher, novas

<sup>330</sup> Ata de Reunião Mensal da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. 01 de julho de 1934.

<sup>331</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura [...]*. Op. cit. p. 218-219.

formas de pensar o papel dela na sociedade chegavam através dessas páginas. Namoros e amores perturbadores que povoavam as páginas dos romances mexiam com a visão que essas mulheres tinham de comportamento ideal e de ser mulher.

A respeito dessa livraria, parece que seu acervo se constituía de livros que atraíam pelas capas e letras douradas e atualidade das publicações vindas do Rio de Janeiro, São Paulo e outras praças ditas mais desenvolvidas. Do acervo se observa uma miscelânea de gêneros, com destaque às leituras amenas das revistas *Tico-Tico*, *Noite Ilustrada*, *Seleções*, *o Malho*, além de um específico *Jornal das Moças*, indicativo de um público feminino na cidade. Vista como uma novidade, a chegada da Livraria São Sebastião na cidade também entrou para o anedotário local como “a sapataria de livros de Zé Lucas”.

José Celestino Amorim, apelidado Zé Lucas, de espírito progressista, não hesitara nessa época em dotar Limoeiro de uma livraria, a “Livraria São Sebastião” (a 1ª. instalada na cidade) Enriqueciam-na muitos livros de capa dura, com lombadas douradas, além de jornais da Capital, revistas como Tico-Tico, Noite Ilustrada, Seleções, o Malho, Jornal das Moças, etc. [...] “Zé Lucas agora botou uma sapataria de livros, que é uma beleza” registrara o anedotário da cidade, com a história de um matuto que ao visitar a livraria, boquiaberto, pronunciara aquela frase<sup>332</sup>

Não bastasse a livraria ter sido aberta no centro da cidade, seu proprietário, buscando uma maior clientela, saía de porta em porta oferecendo as novidades literárias, vindas de fora: “Era incansável no seu empenho de estimular o povo a ler, a ponto de sair pela rua, de casa em casa, oferecendo seu “precioso produto”<sup>333</sup>. Os empreendimentos de “Zé Lucas” pareciam manter sempre uma ligação com o universo do impresso, visto que, na década seguinte, em 1948, ele fundou também a Tipografia Modelo, que colaborava com a impressão de pequenos jornais locais, de curta circulação. Suas filhas, Risete e Risalva Amorim, eram Filhas de Maria, sendo que a segunda ocupou o cargo de presidente da associação, no início da década de 1940.

As revistas, pela variedade, pareciam ser bem aceitas na cidade e eram vistas pela Igreja como concorrentes das leituras piedosas, por isso não

<sup>332</sup> FREITAS, Maria das Dores Vidal & OLIVEIRA, Lenira de. (Org) *Limoeiro em Fotos e Fatos*. Fortaleza: Edições do Autor, 1997. p. 90.

<sup>333</sup> *Idem. Ibidem.*

eram recomendadas. Mesmo aquelas que não eram vistas como “más leituras”, eram classificadas como “inúteis”, visto que tomavam o lugar daquelas que “exercitam na educação domestica e social”. Essas leituras “frívolas” roubavam o público católico, que gastava com elas o dinheiro que deveria ser aplicado em livros religiosos, como as hagiografias e os catecismos explicados.

REVISTAS FRIVOLAS – há tantas, e entram em tantas casas! E os chefes de familia deixam-nas entrar sem reflectir na leviandade que ellas favorecem e sem considerar que da leviandade para o vicio a distancia não é grande.

E gastam assim o dinheiro que tanto aproveitaria si fosse empregado em vidas de santos, catecismos explicados, etc.

Infelizmente ainda há catholicos que não comprehendem o papel importantíssimo que os bons livros e bons jornaes exercitam na educação domestica e social e por isso preferem-lhe folhetos que, si não se podem chamar máos, são pelo menos inúteis.<sup>334</sup>

No acervo da pequena livraria, a tensão entre o que a Igreja recomendava e o que a leitora desejava ler. Em meio às leituras “sans”, arriscar-se com uma leitura não recomendada – como as revistas – era resistir, ainda que timidamente, às indicações da Igreja. Dentro da Livraria São Sebastião a leitura deixava de ser apenas uma atividade devocional, ligada à pureza espiritual, e podia ser uma atitude de liberdade e resistência.

Certamente, ao adquirirem um romance – mesmo os não condenados – ou uma revista mais ousada, diferente dos exemplares das revistas *Maria* e *A Cruz*, cuja leitura na irmandade era habitual, essas mulheres não alardeavam sua aquisição. Mas, algo em suas atitudes perante o mundo certamente se modificava. E, neste momento, as resistências se insinuavam.

As práticas de leitura das Filhas de Maria situavam-se no interstício entre a cultura oral e a cultura escrita. No cruzamento de mundos, a cultura oral trazia “os causos” fantasiosos e as “histórias de trancoso” transmitidas de pais para filhos, enquanto a cultura escrita trazia os sonhos alimentados silenciosa e solitariamente na leitura de romances.

De todo modo, a imagem da leitora no discurso católico aparecia como desprovida de senso crítico e discernimento entre o lido e o vivido. Diante dessa “incapacidade” feminina de distinguir a vida real da vida de papel e tinta

---

<sup>334</sup> “Notas à margem”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 31 mai. 1928. p. 02.

a tutela de suas leituras deveria ser cuidadosa, evitando os desvios, mesmo aqueles ocasionados com a leitura de obras recomendadas.

Mesmo envolvidas com o medo do pecado e o cuidado com a pureza do corpo e da alma, as Filhas de Maria não estavam imunes à tentação dos pequenos delitos. O livro aparece ao grupo como objeto de desejo, o mesmo desejo que acomete parte dos leitores que, ao manuseá-lo, estabelecem com ele uma relação íntima que aguça todos os sentidos. Alberto Manguel afirma que

O ato de ler estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua [...]. Tudo isso, muitos leitores não estão dispostos a compartilhar [...]<sup>335</sup>

Tudo isso combinado às sensações que os enredos e descrições iam despertando, fazia com que as associadas da Pia União, ao tomarem livros de empréstimo em sua biblioteca, se sentissem tentadas a tomá-los para si, adiando a devolução de algumas obras. Assim, desejavam prolongar a posse transitória de um livro cuja leitura lhes propiciou prazer, relendo incontáveis vezes as partes mais marcantes e que causaram mais emoção.

Sonhar a cada leitura e guardar para si uma obra que, no momento dessa, embalou sonhos. Conservar em seu poder - por mais um dia, uma semana ou um mês - páginas que narram peripécias, como se a leitora, em sua fantasia, lesse uma história que ela deseja como sua.

Dessa forma, o desejo da posse do livro crescia à medida que a leitura se tornava uma atividade mais constante no grupo e, assim os livros, discretamente, sumiram das estantes da Pia União.

O acervo da biblioteca da Pia União foi sendo desfalcado aos poucos, em virtude da não devolução dos livros. O controle de empréstimos das Filhas de Maria era ineficiente, de modo que, no início da década de 1940, a redução de obras no acervo da Pia União obrigou a presidente da associação a tomar medidas enérgicas de controle.

---

<sup>335</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Op. cit. p. 277.

Aparentemente, as obras iam sendo levadas pelas associadas sem que houvesse um registro preciso. Assim, depois de um levantamento nominal das obras ausentes do acervo, foi listado, pela presidente Risalva Cabral de Amorim, um montante de setenta e cinco livros faltantes. Dos setenta e cinco títulos desaparecidos, a maioria era de Romances, pois eram as leituras mais apreciadas pelo grupo.

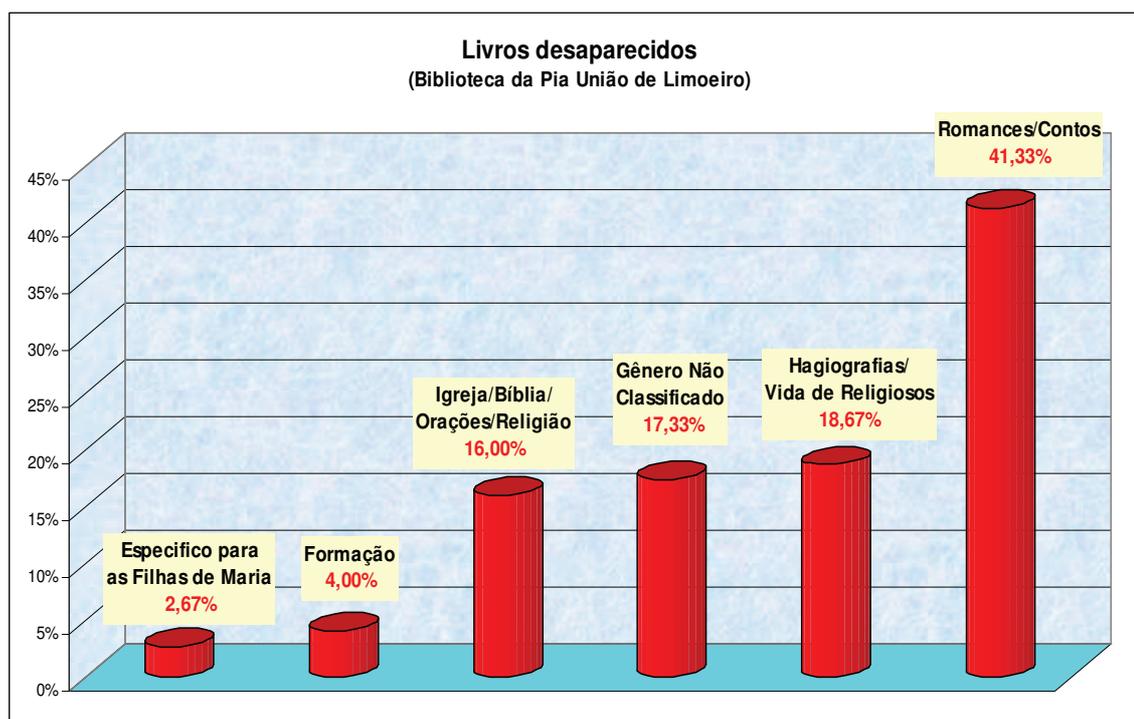


Gráfico 05 – Livros desaparecidos da Biblioteca da Pia União, por gênero. Fonte: Caderno de Anotações da Biblioteca da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro.

A partir da listagem de livros desaparecidos, pode-se afirmar que os romances e os contos eram os mais procurados pelas Filhas de Maria. Se o encanto na leitura de um romance, ou mesmo o fetiche do livro, ajudavam a apaziguar o sentimento de culpa por se apossar de um livro da biblioteca do grupo, o mesmo não ocorria com as leituras piedosas.

O sistema de controle de empréstimo da biblioteca da Pia União era falho, e não havia regras definindo prazos de devolução. Nesse sentido, o tempo de permanência com o livro variava de acordo com os critérios de leitura de cada associada. Uma vez verificado o acentuado desaparecimento de livros, o controle de empréstimos passou a ser feito com mais cuidado e foi estabelecido um prazo máximo de permanência com as obras. Essa mudança

foi anotada nos cadernos de controle de empréstimo, pela presidente da associação:

Nota - As pessoas que retirarem livros da “Biblioteca da Pia União” terão o prazo máximo de 1 mês para devolvê-los. Risalva C. de Amorim (Presidente)<sup>336</sup>

Na biblioteca da Pia União de Limoeiro, a presença hegemônica era de traduções do francês e romances de conteúdo religioso. Clássicos da literatura – exceto uma adaptação: *O Dom Quixote da Juventude* – não aparecem no acervo das Filhas de Maria.

Da lista de duzentos e treze títulos, não há nenhuma obra dos autores consagrados da literatura nacional. Certamente pelo fato de que esses autores eram vistos com desconfiança – em virtude do seu “humanismo exagerado” – e a qualidade de sua prosa era ignorada, pois não condizia com os valores morais esperados das Filhas de Maria. Para a Igreja, os romancistas brasileiros reconhecidos pela “crítica literária” escreviam com o intuito de corromper os leitores, acusando os críticos de reconhecerem como bons apenas aqueles que escreviam romances “licenciosos” e “picantes”

Hoje se escreve o romance a novela no Brasil com o propósito de depravar a alma dos leitores. O escritor que não escreveu em seus romances páginas atrevidas, licenciosas, picantes, que não pintou ao vivo as cenas brutais da vida humana, que não escarpelou (sic) as chagas mais hediondas da sociedade viciada em que vivemos, é um escritor destinado ao desprezo da crítica literária, ao esquecimento dos leitores, um escritor fora do seu tempo, sem expressão, sem a compreensão do sentido de brasilidade que a literatura do tempo deve possuir. [...] <sup>337</sup>

A Igreja não desprezava a colaboração feminina no universo da escrita. O que é possível verificar na biblioteca da Pia União é que vários livros eram escritos ou traduzidos por mulheres. A tradução, aliás parecia ser uma tarefa comum ao universo das escritoras católicas do início do século. Nos folhetins publicados n’*O Nordeste*, ou nas obras de origem estrangeira na biblioteca da Pia União, era comum encontrar traduções feitas por mulheres.

Nas obras dessas escritoras, o que prevalece é o tom de exortação, aconselhando a mulher católica a assumir o papel de redentora da sociedade,

<sup>336</sup> Caderno de Anotações da Biblioteca da Pia União das Filhas de Maria de Limoeiro. p. 02.

<sup>337</sup> *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 1, março-junho 1941. p. 95-96.

embora não deixe de exaltar que seu principal apanágio deveria ser a obediência.

Foram felizes, Adão e Eva no paraíso; e continuariam a sê-lo, se não tivesse cedido à tentação, mulher! Vê! És tu a única responsável pelo crime humano: que sejas, pois a redemptora, que com teu sacrifício regeneres o homem de hoje, pervertido e insensível. Oh! Mulher! Nasceste para a obediência; obedece.<sup>338</sup>

Além das preocupações sobre o que o público feminino não deveria ler, a Igreja cuidava do que deveria ser lido. Diante da importância e da influência que a leitura podia ter na vida de uma mulher, ela se transformava numa eficiente ferramenta de formação e, por isso, além das obras piedosas, as leituras que orientavam as mulheres sobre o seu papel na sociedade, de acordo com as prescrições católicas, eram difundidas e tinham sua leitura incentivada.

### 3.3.2. *Formando a mulher-esposa-mãe*

[A Pia União das Filhas de Maria] quer formar FILHAS dedicadíssimas a seus pais e ESPOSAS verdadeiramente cristãs, que fomentem em suas casas o amor, a virtude e a piedade, e eduquem os seus filhos no santo temor de Deus.

Manual da Pia União das Filhas de Maria

O foco da educação moral e religiosa das Filhas de Maria se ligava à preservação da virtude e da pureza, mas o casamento era incentivado nos círculos católicos, que viam no destino das mulheres, marido e filhos ou o convento. Por isso as jovens associadas da Pia União também sonhavam com o casamento. A reputação e recato das Filhas de Maria eram atrativos que as associadas procuravam exaltar aos jovens pretendentes, como virtudes de uma

---

<sup>338</sup> “As Feministas”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 17 nov. 1928. p. 01 e 05.

boa esposa. Isso as diferenciaria das “moças modernas”, cujo comportamento - e cabelos curtos - assustava a sociedade conservadora cearense.

E, agora, diga com franqueza. Entre a melindrosa que veste maillot para todo um populacho contemplar e uma donzella que põe o véo de Filha de Maria e usa mangas compridas, vestidos serios, tem modos commedidos, qual dellas merecia a tua escolha para companheira, no lar que sonhas constituir?

- Ah! Nem se discute. Digam o que disser, façam o que fizer, ninguém pôde tirar da cabeça do homem que a verdadeira, a boa, a digna esposa não pôde sair desse meio de frivolidades em que desejam sacudir a mulher. Não meu amigo, as melindrosas são muito boas para o flirt, para o passatempo. Mas quando se trata de dar o nó serio do casamento ah! Tem paciência, eu prefiro uma miss Filha de Maria. Pelo menos há mais possibilidades de acertar.<sup>339</sup>

O modelo feminino católico das Filhas de Maria, não era o único em voga, e essas mulheres se viam às voltas com modelos dissonantes das práticas exigidas pela Igreja. Diante dos ventos da “modernidade”, com suas modas ousadas e divertimentos não recomendados, as Filhas de Maria iam se transformando, para os adeptos das novidades e dos novos tempos, em arquétipos de obsolescência feminina.

Vítimas de uma espécie de preconceito, que as estereotipava como “vitalinas”, cobertas por “vestidões brancos”, que só sabiam falar de religião, as associadas marianas tornavam-se figuras desinteressantes para o sexo oposto que, diante dos avanços da moda e dos comportamentos, parecia preferir as “Evas melindrosas”. Muitas vezes objeto de chalaças, a Igreja passou a encorajar suas antípodas de Eva a defenderem suas fitas azuis e mostrarem-se aptas a despertar o interesse do sexo oposto, com ajuda de sua retidão moral e pureza impoluta.

Como forma de apoiar as jovens marianas e tentar desconstruir a imagem pejorativa que se formava em torno das “vitalinas” Filhas de Maria, o Jornal *O Nordeste* iniciou a publicação de uma série de pequenos artigos e notas onde a Filha de Maria aparecia como uma figura feminina atraente, bela, que despertava a admiração masculina e arrebatava corações, mesmo com seus figurinos conservadores e seu comportamento recatado.

A Filha de Maria, que o jornal *O Nordeste* mostrava nos contos, era capaz de “desarmar” o sexo oposto, no campo da beleza e também do

<sup>339</sup> “Miss Filha de Maria”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 25 abr. 1929. p. 04.

intelecto, sem, no entanto se deixar abalar pela opinião preconceituosa que se construiu em torno de sua imagem. Ela encantava sem se deixar seduzir, e se trocava olhares com algum pretendente, era de forma incidental, pois sua postura deveria ser modesta e indiferente, desviando-se de flertes, agindo como *“se nada neste mundo tivesse visto de novidade”*.

[...] Acho, afinal, que não tens razão no teu modo de pensar das Filhas de Maria. São todas ellas gente muito mais sabia e muito mais prudente do que pensas. Olha aquella moça, por exemplo. - Qual? - Aquella que vem ali na direcção do “omnibus”. Antonio quedou-se attento. O seu olhar, um instante, encontrou-se com o outro, que passava perto. Um instante somente, como se fôra num momento de descuido, pois a moça, ao verificar que era notada assim, immediatamente baixou os olhos, indiferente, como se nada neste mundo tivesse visto de novidade. Antonio desaprumou-se, contrafeito.<sup>340</sup>

No modelo de beleza católico, o “roupão branco” exalta sua beleza, pois ajuda a compor a imagem angelical, de recato e pudor. Culta e sensata, a Filha de Maria não era para qualquer um, seu pretendente devia compreender e respeitar a religião. As armas de sedução das marianas eram a pureza, a modéstia e o apego às coisas do espírito, afinal ela não era como as outras...

[...] - Rapaz, deixa as beatas, que não são para ti. Vejo que bem as queres. Ellas, porém...  
- Mas viste como é linda? Que diabo! e aquella roupão branco até lhe assenta. Onde mora? Conheces? - Sim... sim... respondeu o outro, gaguejando de tanto rir. Mas é inútil dizer-te. Ella não é como as outras... é aquella mesma que viste, outro dia, de costas, ao sair da igreja, conversando commigo e de quem me disseste: Quem é essa vitalina? E continuou a rir, deante da cara desconfiada do collega, que procurava seguir com o olhar a direcção do “omnibus”. É, é vitalina, Antonio.... repetia Aloysio. Não te preocupes. Afinal ellas são assim. Incomprehendidas, e, por isso mesmo, bem felizes. Não é só nesse terreno, menos nobre, que sabem desarmar. Entre ellas, tambem, há muita gente culta, que parece beocia para o mundo.<sup>341</sup>

Nesses contos, por não se deixarem corromper pelas modas e costumes modernos, e também pela firmeza de seu caráter, a Filha de Maria acabava por conquistar um “bom partido” e casar-se, sem abrir mão dos princípios morais e religiosos nos quais fora educada e que a faziam uma moça de grande valor.

<sup>340</sup> “Aos Domingos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 03 mar. 1929. p. 01 e 12.

<sup>341</sup> *Idem. Ibidem.*

O que sei é que estou apaixonado, e de verdade. Também a moça merece. Uma joia. Linda. Sim muito linda. Que olhar! Doce, manso, cheio de effluvios pacíficos e quase místicos.<sup>342</sup>

As características da Filha de Maria, na fala masculina dos contos, se transformavam em manifestações de coragem e resistência às cobranças estéticas dos tempos “modernos”:

Ella possui cabellos compridos. Nesta época da garçonismo, é aviz-rara, bem sei. Mas, meu amigo, amo-a por isso mesmo. [...] porque tem a coragem de affrontar todos os dictames da moda e não corar ante a sociedade que a interroga como alma do outro mundo.<sup>343</sup>

Na literatura católica, as Filhas de Maria são apontadas como educadas e cultas, tendo como atrativos a bondade e a inteligência, desconstruindo a imagem de que não sabiam travar interessantes diálogos com seus interlocutores. Em uma das histórias publicadas em *O Nordeste*, no mesmo instante em que tenta convencer seu cético noivo das “verdades da fé”, Zelita, uma Filha de Maria, torna-se encantadora e irresistível, retrato avesso àquele que mostrava essas jovens como “beatas” de “roupão branco”, “atrasadas e anti-sociais”.

Zelita é um anjo. Um anjo de bondade. E, com essa bondade, uma cultura vasta e sólida. Sim, não te rias. Cultura da qual eu mesmo me admiro. Discute commigo os maiores philosophos e os mais applaudidos pensadores. E possui uma lógica. Eu, muitas vezes, me dou por vencido ante as suas observações. [...] Zelita é filha de Maria. E por isso, tenta com ardor que não conhecia igual, chamar-me da heresia em que vivi, para o seio vasto e amigo da sua religião.<sup>344</sup>

Conquistar o mundo para a Igreja, e dar-lhe boas obras a ler. Enquanto constrói a imagem da Filha de Maria atraente e instruída, culta o suficiente para espantar a imagem de futilidade associada ao gênero feminino, a imprensa católica vai agregando às ações das associadas marianas, deveres com a religião, entre eles o de converter os que se afastavam da Igreja.

Zelita era uma jovem instruída e até excepcionalmente instruída. No entanto, ninguém mais religiosa e conscienciosamente religiosa. Os ensinamentos de Zélia iam cavando fundo nos alicerces da minha

<sup>342</sup> “Às Quartas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 mar. 1929. p. 01 e 03.

<sup>343</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>344</sup> *Idem. Ibidem.*

philosophia. Interessei-me pela leitura de obras catholicas. E, meu amigo, que jazida inesgotável de grandezas e magnificencias doutrinarias encontrei. Foi um deslumbramento. E, desse deslumbramento, estou saindo um crente. [...] E é por isso que mais amo a Zelita. [...] Cada dia que se passa é mais um motivo para eu lhe querer. [...]<sup>345</sup>

Ao passo que mostrava a Filha de Maria como mulher ideal para casar, a Igreja dirigia-se às leitoras de seu jornal, procurando orientá-las acerca do casamento, aconselhando sobre como comportar-se para conquistar um marido.

Os conselhos eram os mais variados, e a leitura não saía do foco, sendo apontada como um dos requisitos a serem observados na hora de buscar um pretendente. Em uma de suas pequenas notas, o jornal católico apresentava à suas leitoras a “*receita para achar um bom marido*”, nela, recato e preparo para as tarefas domésticas pareciam ser os principais pontos a serem trabalhados na busca por um “bom partido”. Como aliados nessa preparação, eram apontados a leitura de “livros de educação” e o abandono dos “romances da moda”.

- Ter mais senso commum e menos galanteio.
- Mais occupações úteis e menos musica.
- Aprender melhor os serviços domésticos e menos a dança e os cantos de salão.
- **Ler livros de educação e abandonar as revistas e os romances da moda.**
- Não ostentar luxuosos vestidos, que espantam as algibeiras dos ajuizados candidatos ao matrimônio.
- Mais cabellos e menos tacão.
- Menos janella e mais costura.
- Menos tagarelice e mais juízo.<sup>346</sup> [Grifo meu]

O jornal apontava a “falta de pudor feminino” como causa para a ausência de relacionamentos sérios e duradouros. Por isso, cabia à mulher tomar a defesa do matrimônio e reparar as falhas que acarretavam a crise dos noivados e casamentos, tornando-se respeitável e sendo zelosa com o que lia e via.

Que é que procuráveis na leitura de livros que assassina a língua e apunhalam a pureza? [...] Tomae, queridas moças a defesa do matrimonio sob as bênçãos da Igreja e dos paes. Defendei-o em vós

<sup>345</sup> “Às Quartas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 mar. 1929. p. 01 e 03.

<sup>346</sup> “Receita para achar um bom marido”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 08 jul. 1933. p. 05.

mesmas, guardando religiosamente o vosso mais formoso atractivo, o pudor. [...] julgae [...] os romances que lerdes, as fitas conematographicas a que assistirdes, os prazeres que vos seduzem.<sup>347</sup>

Uma vez orientadas por boas leituras que as ajudariam a bem administrar a casa, as Filhas de Maria tornavam-se candidatas ideais ao matrimônio. Visto como “uma loteria em que os noivos jogam para tirar o premio ou a sorte”, o sucesso no casamento tornava-se uma questão de saber escolher a moça certa, já que, como o jornal católico alertava: “são as mulheres que edificam ou arruinam a casa”.

A Filha de Maria era a imagem da mulher séria e digna, sem frivolidades. Por seu caráter ponderado, era a escolha apropriada para o casamento, pois, ao contrário das “melindrosas”, as jovens marianas não eram mulheres para namoros de “passatempo”, e sabiam encantar o sexo oposto com suas qualidades morais.

A escolha da esposa era decisão séria e, por isso, o homem deveria escolher com cautela, observando inclusive os hábitos de leituras das pretendentes à esposa, pois aquelas que descuidavam da sua “verdadeira instrução” podiam ser a ruína do lar e do marido.

Há mulheres que, desvairadas por leituras desmoralizantes e maus conselhos, imaginam e proclamam bem alto que o culto do arranjo, da economia é apanagio dos cerebros deficientes, dos espíritos inferiores... Que disparate!<sup>348</sup>

A missão de cuidar da casa, e os conhecimentos necessários à esta tarefa eram, portanto, talentos “naturais” das jovens bem educadas e orientadas por leituras edificantes.

De facto, a mulher nasceu para ser o anjo da guarda do seu lar. Da sua direcção depende o bem estar, a felicidade e o futuro da familia.<sup>349</sup>

Para as associadas marianas, suas leituras deveriam converter os maridos, trazendo-os ao seio da religião. Desse modo, a filha de Maria

<sup>347</sup> “Arte de Namorar”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 29 jun. 1937. p. 07.

<sup>348</sup> “São as mulheres que edificam ou arruinam a casa”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 29 jun. 1937. p. 03.

<sup>349</sup> *Idem. Ibidem.*

casadoira cumpria seu papel evangelizador. É o que ocorre com Zelita, personagem do conto:

Os ensinamentos de Zélia iam cavando fundo nos alicerces da minha philosophia. Interessei-me pela leitura de obras catholicas. E, meu amigo, que jazida inesgotável de grandezas e magnificencias doutrinarias encontrei. Foi um deslumbramento. E, desse deslumbramento, estou saindo um crente. Vê tu, um crente. Parece que percorri uma estrada de Damasco, como a do Apostolo. E é por isso que mais amo a Zelita. E é por isso que mudei completamente a respeito das minhas antigas theorias. Cada dia que se passa é mais um motivo para eu lhe querer. Já estou pensando até em transformar o dia do casamento em dia de conversão.<sup>350</sup>

A leitura de formação, ensinando à mulher o papel que dela se esperava, era um fator importante e deveria preencher o tempo que as jovens “desperdiçavam” com os romances. Para a Igreja, na vida real, e no casamento, não havia espaço para romantismo e sonho. A paixão e os sentimentos arrebatadores dos romances não eram apropriados para um noivado e casamento bem sucedidos.

Isto de “nosso amor e um ranchinho” e “basta-me o teu olhar e o teu amor” é muito bonito no cinema, no romance, no sonetinho de salão. A realidade é outra, meninas. “Com teu olhar e teu amor” não se paga a venda, nem açougue, nem a costureira, nem o verdureiro.<sup>351</sup>

Os sacerdotes escreviam no jornal católico mostrando às jovens como o casamento era diferente dos contos de fadas, e para isso extrapolavam em descrições pouco lisonjeiras do cotidiano do matrimônio.

É um delírio! Noivados, flores, passarinhos e rolas, trepadeiras e bananeiras, rouxinoes e fadas, luar e tardes de abril. Até um xuxu e um pé de couve tecem poesia. Casam-se. Lua de mel. Depois... a vida se aperta. A “jararaca” mostra o veneno. O “jaracussu” dá o primeiro bote. E a primeira briga. Depois... depois é o inferno. Lá se foram os amores, os derriços, as juras eternas. Lá se foi toda a poesia.<sup>352</sup>

Os amores dos romances eram menores, pois se alimentavam do “sensual”, do “carnal” e de sonhos. Os sonhos eram feitos de matéria pecaminosa, suscitavam os prazeres não recomendados às jovens católicas.

<sup>350</sup> “Às Quartas”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 27 mar. 1929. p. 03.

<sup>351</sup> “Três semanas, três meses e trinta annos...”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 29 nov. 1937. p. 08.

<sup>352</sup> “Noivados e Casamentos”. Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 13 jan. 1938. p. 03.

Eram amores “grosseiros”, “impuros”, os quais deveriam ser combatidos em nome de um amor cheio de pudor e inocência, o verdadeiro amor “nobre e cristão”.

E a realidade é que se ama, hoje, verdadeiramente, muito menos que outrora. Este amor sensual, grosseiro, carnal, que respiram a poesia e o romance modernos, são a negação do amor verdadeiro. Este é puro e são, delicado, nobre e christão.<sup>353</sup>

Em sintonia com os valores difundidos na imprensa católica, um tipo de livros chama a atenção na Biblioteca da Pia União: as leituras de ensinamentos e instruções práticas. Essas leituras visavam a formação para o casamento e a maternidade, instruindo as associadas para tornarem-se esposas e mães exemplares, aptas a assumir a educação dos filhos e os cuidados com a família. Embora representassem uma pequena parte do acervo, essas obras traziam ensinamentos muito específicos e apontam os papéis que as Filhas de Maria eram incentivadas a assumir após saírem da associação.

---



---

### **Livros de Formação Feminina** (*Acervo da Biblioteca da Pia União de Limoeiro*)

---



---

*As portas do Casamento*  
*Casa de Pais, Escola de Filhos*  
*Diário de uma mãe*  
*Escola de Maria*  
*Imitação de Maria*  
*Minha filha no colégio*  
*O Livro da Dona de casa*  
*O livro da Educadora*  
*O Livro da Mãe*

---



---

*Tabela 03 – Obras direcionadas à Formação Feminina – Biblioteca da Pia União de Limoeiro*

Títulos como *Diário de uma mãe*, *O livro da Dona de Casa*, *O livro da educadora*, *O livro da Mãe*, visavam instruir as jovens Filhas de Maria para assumirem os papéis esperados: Esposa-Mãe-Educadora, enfim o “legítimo”

---

<sup>353</sup> “Noivados e Casamentos”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 13 jan. 1938. p. 03.

lugar social da mulher, em cujas mãos eram depositadas “as responsabilidades das gerações futuras”.

“A mulher que educa um filho, educa apenas um homem; a mulher que educa uma filha, educa uma família”. À mulher educadora cabem as responsabilidades das gerações futuras, porque os destinos de um povo dependem da sua formação cultural, do aperfeiçoamento do carácter dos seus filhos. Essa responsabilidade cabe, não há duvida, a mulher educadora. Educando, tem ela a excelsa missão civilizadora, realizando, num halo de idealismo, uma obra de moral e de civismo; [...]

A função de educar os filhos transformava-se em “obra de moral e civismo”. Como um “dique” de contenção para as inconveniências morais da época, à mulher caberia um nobre e decisivo papel: reorganizar a família, a “celular mater da sociedade”.

A mulher mãe, a mulher educadora são as únicas forças que podem ser opostas á descrença e á desordem, o único dique que poderá conter a tempestade de certas reivindicações injustas que conturbam o mundo contemporâneo.

Realizam, não há duvida, as mais nobilizantes missões na terra. A primeira reorganizará, pelos conselhos e assistência a célula mater da sociedade que é a família, “esse viveiro mimoso onde as gerações se empluma”. Na sua imaginação ardente, embalada pela canção ideológica dos apóstolos, acastela-se a esperança alviçareira e doirada do porvir.<sup>354</sup>

Esposas exemplares, mães amorosas, educadoras católicas, catequistas do cotidiano, eram os papéis esperados das Filhas de Maria no momento em que deixavam a associação para contrair o matrimônio. Crescer e multiplicar para que, no futuro, a fita azul pudesse continuar, como nas palavras do Monsenhor Luiz Rocha, a “pontilhar o mapa do Brasil” e, como desejava o Cardeal Dom Leme, “dominar o mundo”.

No universo que a Igreja imaginava para a Filha de Maria, o “sensual” podia macular a formação feminina. Antes de serem mulheres, sujeitas às tentações e prazeres da carne, essas jovens casadoiras deveriam conquistar o mundo para a Igreja, multiplicando-se através dos filhos, convertendo os adultos, e catequizando os pequeninos. Com tal missão apostólica, a felicidade que a Igreja lhes ensinava, estava no paraíso, que elas deveriam conquistar

---

<sup>354</sup> “A Mulher na civilização contemporânea”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 18 ago. 1939. p. 03.

com sacrifícios e lágrimas. Perspectiva bem diferente daquela que quem encontravam nas páginas delicadas dos romances e folhetins que elas tanto apreciavam...

Neste sentido, as obras presentes na biblioteca da Pia União marcaram o processo de formação das Filhas de Maria em Limoeiro. Ora falando-lhes de exemplos a seguir, ora instruindo-as sobre o papel feminino na sociedade, as obras que iam lendo, pautavam a opinião e visão de mundo dessas mulheres.

A biblioteca da Pia União era um lugar de leitura tutelada, entretanto, as associadas foram encontrando brechas na formação do acervo, exercendo alguma liberdade na escolha e aquisição de livros. Espaço de vigilância e disciplina, e também um lugar onde puderam agir, escolhendo o que desejavam, e não exatamente o que deveriam ler.

Conforme E. P. Thompson, podemos ver como um único grupo pode ser deferente e rebelde ao mesmo tempo. A identidade do grupo das Filhas de Maria é assim: ambígua. Não são deferentes o tempo todo, mas também não se constituem apenas em atos de rebeldia<sup>355</sup>, ao contrário, iam interagindo na sociedade limoeirense da época, ocupando espaços, acumulando papéis e identidades, impossibilitando portanto, definições simplistas de sua identidade enquanto grupo.

Como modelos de comportamento, eram exaltadas pela Igreja e sua imprensa. Socialmente ativas nos acontecimentos mais importantes da cidade, se faziam representar como grupo distinto. Instruídas, diferenciavam-se por sua ligação com a leitura, e essa ligação com a cultura escrita alargavam-lhes os horizontes, ocasionando cuidados por parte da Igreja, que se utilizava de sua imprensa para orientá-las em suas práticas de leitura.

Com o advento de novas escolas no município, muitas se ocuparam do magistério, transformando-se em mestras das gerações futuras. Nas salas de aula tornavam-se também catequistas do cotidiano, num sistema escolar onde a Igreja e o catolicismo exerciam fortes influências.

O acervo da Biblioteca da Pia União aponta suas principais orientações de leitura. O hábito da leitura deveria lapidar seu comportamento e caráter através de hagiografias, biografias de religiosos e obras de piedade. Para além

---

<sup>355</sup> Ver THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

desses livros piedosos, a documentação da biblioteca aponta para as obras que realmente as agradavam: os romances.

Nem sempre obedientes aos preceitos da Igreja, os pequenos desvios e tensões na irmandade eram solucionados de forma discreta, para que os conflitos internos não viessem macular a imagem da associação que tornara-se referência no município.

Formadas para o matrimônio, para o claustro, ou ainda para viverem como “castas donzelas no mundo”, delas cobrava-se pudor e retidão moral, por isso, essas “filhas de Eva” eram concitadas a viverem “como se fossem anjos sobre a Terra”<sup>356</sup>, educando pelo exemplo.

---

<sup>356</sup> *Manual da Pia União das Filhas de Maria. Op. cit. p. 09.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a Pia União das Filhas de Maria foi um aprendizado constante. A cada encontro acadêmico, onde fragmentos dessa pesquisa foram apresentados, pude perceber como, o fato de ser uma irmandade religiosa, despertava nos ouvintes a idéia de que a análise não poderia ir além das práticas do grupo dentro dos rituais católicos. A perspectiva de história do livro e da leitura, apresentando a irmandade como um grupo de leitoras, não raro, causava surpresas, e trouxe ao trabalho uma nova dimensão: pensar as práticas de leitura do grupo como importante ferramenta de formação.

A pesquisa partiu da análise do modelo de Irmandade representado pelas Filhas de Maria, buscando percebê-la como parte de um projeto moralizador da Igreja Católica no Brasil das primeiras décadas do século XX. Nesse período, a Igreja Católica passava por um intenso processo de transformação, com a implantação do chamado catolicismo romanizado, que, entre outras ações, visava “purificar” as práticas devocionais do contingente católico no país.

Partindo desse novo modelo de Igreja Católica, que começou a se desenhar no Brasil desde fins do século XIX, a pesquisa centrou sua análise no arcabouço de normas e disciplina ao qual as associadas da Pia União deviam obediência, procurando, a partir daí, perceber possíveis sinais de transgressão.

No entanto, à medida que novas fontes se incorporavam ao corpus documental, tornou-se imperativo um olhar mais acurado. Percebendo a Pia União como um espaço de práticas diversas, articulavam-se outras dimensões à sua natureza devocional. Em um contexto local permeado por conflitos políticos envolvendo os membros do clero e a elite política da cidade, a Pia União se mostrou como um espaço que sofria influências das relações políticas locais.

Por ser um espaço normatizado, a Pia União das Filhas de Maria tinha regras específicas, e procurava formar suas associadas como modelos de pureza e virtude. As normas da Irmandade visavam preservar sua imagem

como espaço de donzelas puras e piedosas, para isso, tratava de combater as influências que pudessem desviar o comportamento das associadas.

Assim, *pari passu* das orientações espirituais, as fontes examinadas neste estudo apontaram normas de conduta e comportamento como parte da formação das associadas. Buscando combater as danças, os bailes e as novas modas, as regras da Irmandade estabeleciam uma tensão entre modelos de comportamento feminino. De um lado, a mulher mariana, virtuosa e de postura irrepreensível, do outro, a mulher dita moderna, pecadora e inconveniente.

Diante disso, a imagem modelar da Filha de Maria era apresentada no periodismo católico, enaltecendo as normas da congregação e produzindo um discurso de cunho doutrinário e moralizador. Assim, ampliou-se a perspectiva de análise, à medida que se adensava na consulta ao Jornal *O Nordeste*, um largo inventário de artigos, resenhas, anúncios de livrarias e outros indícios da influência da leitura no modelo feminino requerido pela Igreja. Nesse sentido a palavra dos articulistas do jornal na forma da crônica, inventando contos e fabulando histórias recolhidas na moral e nas virtudes, encontra eco na vida vivida pelas Filhas de Maria na Pia União.

Elas eram mulheres, “Filhas de Eva”, como a imprensa católica denominava o sexo feminino, mostrando que, no imaginário católico, a imagem de Eva não estava dissociada da imagem da mulher, mesmo que esta trouxesse consigo o título de Filha de Maria.

No entanto, a Igreja desejava que elas se comportassem “Como se fossem anjos sobre a Terra”: modelos da pureza, das boas ações e da piedade cristã. Filhas de Eva purificadas pela norma e disciplina católicas com o intuito de tornarem-se modelos angelicais. O título de Filha de Maria agregava-se à identidade da jovem mariana como uma segunda natureza. Ser Filha de Maria era sinônimo de respeitabilidade e de distinção social, sobretudo em Limoeiro.

A leitura se fazia presente no cotidiano das associadas marianas desde o ingresso na Irmandade. A medalha, a fita e o diploma de Filha de Maria se completavam no *Manual da Pia União*. De pequeno formato, e extenso quanto ao conteúdo de ensinamentos morais e religiosos, o *Manual* tornava-se o principal símbolo da Filha de Maria. De leitura sistemática e obrigatória, deveria pautar as práticas sociais das marianas, indicando os ramalhetes de virtudes a serem cultivados. Na pesquisa o *Manual* adquiriu relevo em sua dimensão de

escrita devocional, sem descurar do conteúdo simbólico que cerca o ritual de iniciação.

As *Atas das reuniões mensais da Pia União de Limoeiro* indicam que entre as funções do diretor espiritual estava a prescrição de leituras às associadas. Nas reuniões, os exercícios espirituais incluíam um variado conteúdo de pregação, apoiado no *Manual*, nos livros recomendados e na difusão dos periódicos católicos. Era também o momento em que o proselitismo em torno da leitura realizava a classificação entre o bom e o mau livro.

Nesse ponto, a pesquisa se apoiou, em grande medida, no discurso elaborado pelo jornal *O Nordeste*. Os embates entre leituras recomendadas e leituras perniciosas ganharam espaço neste trabalho, compreendendo os parâmetros morais que determinavam, em última análise, o veto ou a recomendação de uma obra.

Analisando as resenhas e artigos, tornou-se evidente o conteúdo classificatório possibilitando compreender os critérios que distinguiam a boa e a má leitura, demonstrando como, por vezes, era tênue a fronteira entre uma obra edificante e uma obra dita perniciososa.

A historiografia que trata do veto e da censura na Igreja Católica, demonstra as estratégias de censurar livros e perseguir certos gêneros literários presentes ao longo da história. No entanto, no século XX, essas estratégias apresentam peculiaridades. Devido à ampliação do circuito editorial brasileiro, a circulação do impresso experimentou um crescimento acentuado, principalmente quando comparada ao século anterior. Essa ampliação, segundo a Igreja, acarretaria o inconveniente da circulação da leitura perniciososa. Na imprensa católica, o argumento era repercutido em tom de denúncia e alerta ao público leitor, pois o mau livro estava por “toda parte”, ao alcance da “juventude mal orientada” que o encontrava “nas prateleiras das livrarias, ou junto á caixa do engraxador.”<sup>357</sup>

O grau de combate às leituras perniciosas atravessou as primeiras décadas do século XX e, em alguns lugares, ainda se observou o confisco e o

---

<sup>357</sup> Lê isto!...”. *Jornal O Nordeste*, Fortaleza, 01 jan. 1929. p. 02.

incentivo à fogueira, em praça pública, dos livros condenados pela moral católica.

O que se percebeu é que o jornal católico valorizava o papel formador da leitura. Diante da oferta de livros impróprios, a Igreja estimulava a publicação e difusão de obras moralizadoras, exemplares e piedosas, propagando um discurso que incentivava a leitura de vidas de santos e santas, biografias de religiosos e religiosas, missais e livros de oração.

O estudo revelou, no entanto, que tais obras pareciam não mais despertar o interesse do público leitor, o que tornou possível a recomendação da publicação e da leitura de romances, contos e folhetins, desde que devidamente moralizados e em sintonia com os preceitos da moral católica.

Ao lado do livro e do incentivo à boa leitura, a estratégia de formação valorizava a linguagem cinematográfica. Aqui também se observou igual procedimento de classificação e restrição. A escrita do periodismo católico compreendia o cinema como o livro em ação, que alcançava o imaginário e a fantasia femininos, influenciando comportamentos e estimulando novos hábitos e atitudes. O traje, o penteado, a pose sensual saíam dos livros para as telas do cinema e, assim, tornavam-se alvo dos dispositivos do veto e da censura.

Os mecanismos da leitura e da escrita presentes no cotidiano da Pia União das Filhas de Maria, em sua dimensão acentuada de formação dos papéis convencionais atribuídos às mulheres, definiram, no decorrer da pesquisa, a observação dos lugares de instrução e educação no contexto limoeirense. Nesse sentido abordou-se o sistema escolar no município que, em fins da década de 1930, teve um avanço significativo com o advento de duas escolas: o Grupo Escolar Pe. Joaquim de Menezes e a Escola Normal Rural. Até então, a cidade dispunha de escassas salas de aula, quase todas particulares, e que se limitavam a ensinar a “ler, escrever e contar”.

Desde as primeiras turmas, a Escola Normal de Limoeiro apresentou um percentual significativo de associadas da Pia União. O modelo de ensino proposto pela Escola Normal, voltado ao magistério e às prendas domésticas se enquadra no processo “feminização do magistério”, como observa Guacira Lopes<sup>358</sup>. As fontes indicaram que, a par desse processo em que as mulheres

---

<sup>358</sup> Ver LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: *História das mulheres no Brasil*. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

assumiam o magistério como profissão, a imprensa católica atribuía à professora a responsabilidade de catequizar seus alunos. A documentação da Pia União afirmou essa nova obrigação da Filha de Maria, em seu apostolado operoso.

Aquela associada que não se tornasse professora ou catequista, deveria preparar-se para o que, no futuro, deveria ser o seu papel: esposa virtuosa e mãe cristã, apta a educar seus filhos no “santo temor de Deus”. Para isso a leitura auxiliava na preparação para a maternidade e o matrimônio.

Os *cadernos de controle e de anotação da Biblioteca da Pia União* deram a conhecer a existência desse espaço de leitura. Uma biblioteca desaparecida nas fontes oficiais que adquiriu vida no curso desta pesquisa. Diante dos títulos anotados, dos empréstimos, das doações de livros, as Filhas de Maria fizeram de sua biblioteca um lugar onde experimentavam o manuseio dos livros, brochuras e jornais, cultivando a leitura individual ou aprendendo a ler em voz alta. Em meio a poucas prateleiras, onde mais de duas centenas de livros inscreviam no dorso, em letras douradas ou mais simples, os títulos de obras edificantes, manuais de catequese, livros da doutrina, vidas de santos, biografias exemplares, livros de cânticos e orações, encontrou-se também um considerável número de romances, doados pelas associadas da Pia União.

Embora não constem, nas listas do modesto acervo, os romances proibidos e as leituras perniciosas à maneira de Émile Zola e outros títulos vetados ou censurados, é possível perceber que as Filhas de Maria não acatavam completamente as recomendações de leitura veiculadas no periodismo católico e reiteradas pelo diretor espiritual. Contrariando as orientações, que viam na leitura de romances, mesmo aqueles tidos como “sãos”, uma leitura frívola e de perda de tempo, elas insistiam em trazer para a biblioteca esse tipo de leitura.

Essa dissertação apresentou uma possibilidade de abordagem da Pia União das Filhas de Maria. Entretanto, a documentação pesquisada, em sua riqueza possibilita novas questões. Por outro lado, fontes ainda não pesquisadas suscitam problemas que podem vir a ser objetos de novos estudos.

É o caso das revistas *Maria* e *A Cruz*, localizadas no setor de periódicos da Biblioteca Nacional, uma rica possibilidade de pesquisa, visto a

abrangência de sua circulação e seu conteúdo direcionado ao público feminino católico, em especial as Filhas de Maria, de todo o país.

*Maria*, revista mensal, veicula temas direcionados especificamente às Filhas de Maria. Editada em Olinda-PE, pela Imprensa Industrial, seu período de circulação inicia-se em 1913 e vai até, aproximadamente, 1977. A revista *A Cruz*, editada no Rio de Janeiro, e fundada em 1917, com periodicidade semanal. Nesta pesquisa, verificou-se que a irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro tinha acesso a essas duas revistas, e as utilizavam nas leituras do grupo.

Se é provisório o estudo historiográfico, ainda há muito que ser feito em torno da pesquisa histórica acerca das práticas de leitura das mulheres católicas e de seus espaços de leitura. Examinar as formas como a Igreja procurava normatizar as leituras do público feminino, em especial das Filhas de Maria, apontou uma história da leitura em construção, no que se refere ao Ceará das primeiras décadas do século XX. Espero, com essa pesquisa, participar do esforço de pesquisa que alarga o acesso às fontes e visita arquivos até então pouco conhecidos. Espero ainda, nesta fase de formação dos estudos de pós-graduação ter acolhido as contribuições historiográficas e participar deste “canteiro da história”.

## **FONTES**

### **1 . Fontes Manuscritas**

#### ***Arquivo da Diocese de Limoeiro do Norte (ADLN)***

##### **Livros de Ata da Pia União das Filhas de Maria:**

Livro I – Período: 08/12/1915 a 04/09/1924

Livro II – Período: 02/10/1924 a 10/11/1928

Livro III – Período: 12/11/1928 a 04/06/1933

Livro IV – Período: 02/07/1933 a 07/08/1938

##### **Livros de Chamada das Filhas de Maria**

##### **Livro de Registro das Filhas de Maria (Período: 1915 a 1962)**

##### **Caderno de Anotações da Biblioteca das Pia União das Filhas de Maria**

##### **Controle de Livros da Biblioteca das Pia união das Filhas de Maria**

##### **Caderno de Relatórios de Visitações das Filhas de Maria**

##### **Caderno de Anotações da Pia União das Filhas de Maria**

### **2 . Fontes Orais**

- ELIETE SARAIVA - Entrevista concedida à autora, em Limoeiro do Norte, no dia 17 de fevereiro de 2008.
- INÁCIO MENDES GUERREIRO - Entrevista concedida à autora em 06/01/2004, gravada na cidade de Limoeiro do Norte-Ce.
- MARIA MENAS DA SILVA - Entrevista concedida à autora em 08/01/2004, gravada na cidade de Limoeiro do Norte-Ce.

- NÔZINHA CONRADO DE SOUZA - Entrevista concedida à autora em 16/06/2005, gravada na cidade de Limoeiro do Norte-Ce.
- RAIMUNDA FRANCISCA ANDRADE - Entrevista concedida à autora em 22/11/2002, gravada na cidade de Limoeiro do Norte-Ce.

### **3 . Fontes Impressas**

#### **3.1. Periódicos**

##### **3.1.1. Jornais**

Jornal *O Nordeste*. Fortaleza (1922-1945). Disponível no Setor de Periódicos da Biblioteca Meneses Pimentel.

Jornal *O Ceará*, Fortaleza (1926-1930). Disponível no Setor de Periódicos da Biblioteca Meneses Pimentel.

##### **3.1.2. Revistas**

*Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*. Disponível no Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC)

Vol. 1, março-junho 1941;

Vol. 1, fasc. 3, setembro 1941;

Vol. 2, fasc. 1, março 1942;

Vol. 2, fasc. 2, junho 1942;

Vol. 2, fasc. 3, setembro 1942;

Vol. 2, fasc. 4, dezembro 1942;

Vol. 4, fasc. 1, março 1944;

Vol. 4, fasc. 2, junho 1944;

#### **3.2. Documentos**

Recenseamento Geral do Brasil (1º. De setembro de 1940). Parte VI – Ceará. Tomo I.

BESSA, Pompeu Bezerra. *A antiga freguesia do Limoeiro: Notas para sua história*. Fortaleza, 1998.

BRANCO, João Olímpio C. *O Limoeiro da Igreja: A história de Limoeiro do Norte a partir de seus párcos*. Minerva Indústria Gráfica, 1995.

*Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Planejada e Orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Instituto Brasileiro de Estatística: Rio de Janeiro, 1959. Volume XVI.

FERREIRA NETO, Cicinato. *Estudos de História Jaguaribana: Documentos, Notas e Ensaios diversos para a História do Baixo e Médio Jaguaribe*. Fortaleza: Premium, 2003.

FREITAS, Maria das Dores Vidal; OLIVEIRA, Maria Lenira (org). *Judite: centenário de nascimento 1906-2006*. Fortaleza: Premium, 2006.

\_\_\_\_\_. *Limoeiro em Fotos e Fatos*. Fortaleza: Edições do Autor, 1997.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Na Ribeira do Rio das Onças*. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

\_\_\_\_\_. *Sistema Escolar de Limoeiro do Norte: Da colônia à escola que revolucionou o município*. Fortaleza: Premium, 2002.

MALVEIRA, Antônio Nunes. *O Limoeiro de Dom Aureliano Matos*. Rio de Janeiro: 1998

SOUSA, Eusébio de. (org) *Álbum do Jaguaribe*. Belém-Pará: Empresa Graphica Amazônia, 1922.

### 3.3. Manuais e Romances

*A divina Eucaristia: Extratos dos Escritos e Sermões do Bem-aventurado Pedro Julião Eymard*. Trad.: Mariana Nabuco. Petrópolis: Vozes, 1934.

CASTRO, Pe. Jeronymo Pedreira de. *Zélia ou Irmã Maria do SS. Sacramento: vida exemplar de uma Mãe christã, que terminou seus dias junto a Jesus Sacramentado*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1923.

CAULY, Monsr. Curso de Instrução Religiosa: para uso dos catecismos de perseverança, das casas de educação e pessoas do mundo. Tomo I. Catecismo Explicado. Belo Horizonte: Livraria Paulo de Azevedo & Cia., 1924.

DRAKE, Emma F. A. O que uma joven esposa deve saber. Trad.: Manoel Victor. São Paulo: Livraria Liberdade, 1925.

KEPPLER, Paul W. von. Mais Alegria. Trad.: Frei Hugo Mense. Friburgo em Brisgau: Livreiros-editores pontifícios, 1923

Manual da Pia União das Filhas de Maria. Trad.: Ananias Corrêa Amaral. Rio de Janeiro: 1926.

MARYAN, M. O dote de Nicolette. Trad.: Honorina de Oliveira Machado. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas. 1927.

SAINT-OGAN, Claude. O segredo do velho Martin. Coleção Menina e Moça. Livraria José Olympio Editora, 1947.

SCHREINER, Georg. Horas Catecheticas. Trad.: Uma Catechista. 2ª. ed. Petrópolis: Typographia das Vozes de Petrópolis, 1930

SERRANO, Jonathas. Contra a corrente. Petrópolis: Typographia das Vozes de Petrópolis, 1914.

TEPPA, Padre. *Jesus falando ao coração das Filhas de Maria*. 6ª. ed. Pôrto: Edições do Apostolado da Imprensa, 1934.

VAESSEN, Guilherme. *O Pequeno Missionário*: Manual de instruções, orações e cânticos. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1958.

VON KRANE, Baroneza Anna. *Magna Peccatrix*: Romance do tempo de Jesus Christo. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, s/d.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Diferentes formas de ler*. Disponível na Word Wide Web: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio6.html>.

\_\_\_\_\_. *Os caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: Fapesp, 2003.

ABREU, Marta. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

*Acervo - Revista do Arquivo Nacional*. Dossiê: Leituras e Leitores. v. 8, no. 1/2 (jan./dez.1995). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia – Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

\_\_\_\_\_. *Livros de devoção, atos de censura: Ensaio de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec – Fapesp, 2004.

ALVES, Elza Daufenbach. *Nos bastidores da Cúria: desobediências e conflitos relacionais no intra-clero catarinense (1892-1955)*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2005.

AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido: Edição de Literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo: Edusp, 1999.

ANDRADE, Maria Lucélia de. *Nuanças de um ritual de fé: As procissões católicas em Limoeiro do Norte (1940-1980)*. Monografia de Graduação em História – FAFIDAM/UECE. Limoeiro do Norte, 2004.

\_\_\_\_\_. Por trás de uma fita colorida, o valor de cada um: As irmandades leigo-religiosas de Limoeiro do Norte-Ce. In: *Moanga. Revista dos Alunos da Pós-graduação em História Social da UFC*. v. 1, no. 1, 2006.

ANDRADES, Marcelo Ferreira de. *Fidelidade como receita de sucesso: um estudo de caso da editora Vozes nas primeiras décadas do século XX*. In: Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: 2004.

ARAÚJO, Erick Assis de. *Conservadorismo e Desordem na cidade de Fortaleza (1940-1945)*. Dissertação de Mestrado UFPe. Recife, 1995.

ARAÚJO, Pedro de Alcântara. *Capital e Santuário: miragens russano-nordestinas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986.

ARY, Zaíra. *Masculino e Feminino no Imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

BARATIN, Marc e JACOB, Christian (Org.s) *O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Trad. Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BENJAMIN, Walter. "O Narrador". In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

CAMPOS, Eduardo. *As irmandades religiosas do Ceará Provincial*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.

CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAVALLO, Guglielmo E CHARTIER, Roger (Org.s) *História da Leitura no mundo ocidental*. v.1. Trad. F.M.L. Moretto, G.M. Machado e J.A.M. Soares. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas da Leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros*. Trad. M. Del Pryore. Brasília: Ed. UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. *As práticas da Escrita*. In *História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. *Do livro a Leitura*. In: \_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. *Formas e Sentido*. *Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Trad.: Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado das Letras; associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

\_\_\_\_\_. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da "cidade da cultura": Crato (1889-1960)*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado - UFRJ, 2000.

COSTA E SILVA, Nilze. *Mulheres de Papel*. Fortaleza, 1987.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DARNTON, Robert. *Edição e Sedição: O universo da literatura clandestina no século XVIII*, trad. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Trad.: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária. Trad.: Hidelgard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *O grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *A mulher na História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo do século XIX*. 2ª. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

EL FAR, Alessandra. *O Livro e a Leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ENGEL, Magali Gouveia. Imagens femininas em romances naturalistas brasileiros (1881-1903). In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, Vol. 9, nº. 18. P. 237-258. Agosto/1989-Setembro/1989.

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão Nordestino*. In: *História das mulheres no Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

FONSECA, Cláudia. Solteironas de Fino Trato: Reflexões em torno do (Não-) Casamento entre pequeno-burguesas no início do século. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, Vol. 9, nº. 18. P. 99-120. Agosto/1989-Setembro/1989.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 38ª tiragem. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. Trad.: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *O queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOLDSCHMIDT, Eliana Maria Rea. Virtude e Pecado: Sexualidade em São Paulo Colonial. In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (Org.s) *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

GOULEMOT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: *História da Vida Privada, vol. 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HELLER, Bárbara. *Tuteladas ou letradas? Imagens de mulheres em textos escolares e literários de 1800 a 1930*. Disponível no site do Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio23.html>

HOLANDA, Cristina Rodrigues. *Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult, 2005 (Outras Histórias, v. 28).

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro (1550-1800)*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo, Ática: 1996.

\_\_\_\_\_. *A leitura rarefeita: Leitura e Livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: *História das mulheres no Brasil*. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Mulheres no mundo da casa: imagens femininas nos romances de Machado de Assis e Aluísio Azevedo. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (Org.s) *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-422.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Luiz. "La Donna di Garbo". Pintoras e Mulheres de Letras entre os Séculos XVIII e XIX. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, Vol. 9, nº. 18. P. 67-81. Agosto/1989-Setembro/1989.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *Gustavo Barroso: Um cearense "ariano"*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

MENEZES, Maria José de França. *Um mundo que se mostra por dentro e se recria por fora: a trajetória das casas de exibição de cinema em Limoeiro (1925-1980)*. Monografia de Graduação em História – FAFIDAM/UECE. Limoeiro do Norte, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, 1993.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: As vicissitudes do Tradicionalismo no Ceará, 1817-1978*. Fortaleza: BNB, 1992.

MORAIS, Mara Arisnete Câmara de. A Leitura de romances no século XIX. In: *Cad. CEDES*. [online]. Jul. 1998, vol. 19, no. 45, p. 71-85. Disponível na Word Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-36621998000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-36621998000200005&lng=pt&nrm=iso) .

OLINDA, Ercília Maria Braga de. *Tinta, papel e palmatória: a escola no Ceará do século XIX*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult, 2004 (Outras Histórias, v. 24).

PAIVA, Aparecida. A leitura Censurada. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad.: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. *Minha História das Mulheres*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. Práticas da Memória Feminina. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, Vol. 9, nº. 18. P. 09-18. Agosto/1989-Setembro/1989.

PINHEIRO, Francisco José. O processo de Romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone de (org.). *História do Ceará*. 2ª. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidade de "glamour" na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*, n. 14, São Paulo: PUC, fev. 1997.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*, n. 15, São Paulo: PUC, abr. 1997.

REIS, João José. As irmandades. In: REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SANTOS, Márcia Rita Araújo. *Os caminhos da missão: a diocese de Limoeiro do Norte, e o discurso social de Dom Aureliano Matos. 1940-1967*. Monografia de Graduação em História - FAFIDAM/UECE. Limoeiro do Norte, 1997.

SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Distrito Diamantino no Século XVIII*. São Paulo: companhia Editora Nacional, 1975.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Distinção, Instrução & Prazer: Uma tipologia dos gabinetes de leitura no Brasil Oitocentista. In: *História da Educação – Vitrais da Memória: Lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SOUZA, Simone de (org.). *Uma nova História do Ceará*. 3ª. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, s/d.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: Uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. *O Limoeiro da educação: A história da criação da Diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968)*. Tese de Doutorado. Fortaleza: UFC, 2006.

VENANCIO, Giselle Martins. *As Flores Raras do Jardim do Poeta: o catálogo da coleção Eurico Faço*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult, 2006 (Outras Histórias, v. 34).

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e. *História da Vida privada no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 331-386.

VOVELLE. Michel Os intermediários culturais. In: *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.